

ANDRÉA LIMA DE SOUZA COZZI



VOZES DO RIO E DA MATA

Saberes Ambientais em Narrativas Oraís





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

ANDRÉA LIMA DE SOUZA COZZI

VOZES DO RIO E DA MATA
SABERES AMBIENTAIS EM NARRATIVAS ORAIS

Belém

2021

Revisão
Affonso Henriques Real Nunes

Capa e design editorial
Waldelino Duarte Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C882v Cozzi, Andréa Lima de Souza.

Vozes do rio e da mata: saberes ambientais em narrativas orais / Andréa Lima de Souza
Cozzi. — 2021.

252 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e
Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém,
2021.

1. Ensino Fundamental. 2. Saberes ambientais. 3. Narrativas orais. 4. Contadores de
histórias. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 370

ANDRÉA LIMA DE SOUZA COZZI

VOZES DO RIO E DA MATA
SABERES AMBIENTAIS EM NARRATIVAS ORAIS

Tese doutoral apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas.

Área de concentração: Educação em Ciências.

Linha de pesquisa: Docência e diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

Belém

2021

VOZES DO RIO E DA MATA

SABERES AMBIENTAIS EM NARRATIVAS ORAIS

Tese doutoral apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas.

Aprovada em: 10/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva – Orientador
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares – Membro Externo
Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Amílcar Martins – Membro Externo
Universidade Aberta de Portugal

Prof.^a Dr.^a Silvia Nogueira Chaves – Membro Interno
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Iran Abreu Mendes – Membro Interno
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho
às vozes amazônicas,
fluidas como os rios,
e, *densas* como as matas.
Encarnadas na voz de Mestre Simeão.

AGRADECIMENTOS

Navegando neste caudaloso rio de memórias amazônicas, vozes foram ouvidas durante as muitas travessias, que, em cumplicidade, nos colocaram em comunhão como afluentes de um rio sentido, percebido, pelos movimentos das marés até o momento de preamar.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Aldemir Farias pela crença nas vozes que nos contam as histórias da tradição. Embarcamos juntos na travessia que nos levou à confiança, partilha, afeto e motivação. Gratidão, somos sobreviventes de um tempo de dor e muita tristeza com a pandemia de covid-19, as marés foram lançantes, mas a fé e a coragem embarcaram conosco.

Ao ArteNauta, Professor Doutor Amílcar Martins¹, voz de além-mar e ALMAzônica, que com sua alegria pulsante trouxe para os diálogos as artistagens do esperar. Peito estala, bate, peito estala, peito bate.

Ao Professor Doutor Iran Abreu Mendes, sempre presente nos diálogos sobre os caminhos das travessias durante a pesquisa, um olhar singular dos que tem a Arte e a Matemática entrelaçadas.

À Professora Doutora Josebel Akel Fares, Mãetinta de Matinta, guardiã das poéticas orais amazônicas, sempre esteve orientando meus ensaios de voos noturnos em busca de café e tabaco. Quem queeer?? Fiiiitttt.

À Professora Doutora Silvia Nogueira Chaves, que apareceu em meu caminho por meio da infovia durante a disciplina Ciência e Currículo, as tardes de quarta-feira foram tempos de re(s/x)istir. Gratidão por partilhar de seu infinito particular.

Aos cientistas que desenvolveram as vacinas contra o Sars-Cov-2, o vírus que causa a covid-19. Viva a Ciência! Viva o SUS!

Às crianças e à coordenadora Marcelle Assunção do Anexo Santo Antônio – Escola do Campo, das Águas e Floresta da Secretaria Municipal de Educação de Belém, por todos os saberes que generosamente ensinaram durante a pesquisa. Suas vozes ressoam e fazem morada cá dentro do peito.

Ao Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), pelo enredamento, apoio e construção de conhecimentos.

Aos profissionais da biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Belém pelo empréstimo do acervo para a pesquisa, permitir a circulação dos livros é um ato de afeto.

As companheiras do doutorado, estamos juntos e juntas a navegar...

¹ Os agradecimentos aos professores da banca examinadora encontram-se dispostos em ordem alfabética.

À Tatiana Maia, companheira de sonhos, afetos, lutas, com você aprendi que *“é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo a marca Maria, mistura a dor e a alegria.”*

Às minhas samaúmas, presenças fortes, generosas, que me geraram no ventre-coração, e com seus amorosos ensinamentos fizeram o caminho junto comigo. Vovó Mirica, Papai Jura, Mamãe Flor, tão cedo partiram desta vida, a vocês todo meu amor e gratidão.

Ao meu primeiro amor André Cozzi, impossível não te amar. Companheiro de vida desde os tempos idos, que sorte a nossa ter você como esposo e pai. Aos meus amados filhos, Sofia Cozzi, menina aquarelável, artista sensível, com a suavidade dos traços e cores nos mostra um mundo em expansão, sem fronteiras definidas. Andrezito Cozzi, menino sapeca, caboclo falador, contador de histórias, alegria de vida impulsionadora para nossos dias.

À Professora Ana Cristina Ramos e ao Grupo Tuerarup de Contadores infantis de histórias, juntos aprendemos a voar. Meu profundo respeito e gratidão. Em especial, à Camila Muniz e Marília Gabriela Saldanha, o tempo passou, hoje somos companheiras na docência.

À todas, todos e todes do Movimento de Contadoras e Contadores de histórias da Amazônia, seres das encantarias que creem e partilham as vozes ancestrais numa espiral de expansão sinuosa, com movimentos em que o ponto de chegada é também o da partida, num renovar-se constante, no ir e vir. Honrada, em fazer a palavra circular com afeto, compromisso e respeito junto a vocês.

Aos companheiros de trabalho do Núcleo de Artes, Cultura e Educação da Secretaria Municipal de Educação de Belém. Sigamos na utopia... “alerta, desperta, ainda cabe sonhar”.

RESUMO

Os saberes ambientais são construídos milenarmente a partir da observação e da experiência, passados de geração após geração pelas vozes. O exercício da escuta envolve a transposição do entendimento de outras formas de ver e explicar o mundo, expressas em práticas socioculturais dos humanos. As explicações para os fenômenos naturais vivenciados nas áreas rurais-ribeirinhas da Amazônia são elucidadas por conceitos formulados dentro da seara do imaginário, criações e representações, modos de dar significados às experiências cotidianas. O presente trabalho explora, a partir do amálgama das culturas amazônicas, essa zona difusa de interpretação em que o real e o imaginário se misturam. O tema de estudo construído apresenta-se por meio da seguinte pergunta: Como são tecidos os saberes ambientais enredados com o imaginário mítico expresso na voz do contador de histórias e como circulam na região insular de Belém? A hipótese construída diz da existência de significâncias nos saberes ambientais construídos e reconstruídos por meio do imaginário, contidos nas narrativas orais amazônicas evocadas a partir das memórias dos narradores, o que denominei de econarrativas. Os caminhos metodológicos aportam na abordagem qualitativa, etnográfica, por meio de entrevista narrativa, *photovoice*, diário de campo, caderno de atividades e oficinas. A tese se desenvolve em três partes: Portal - *Memórias de quintal* desvela minhas experiências significativas nos estágios da infância, vida profissional e acadêmica com a oralidade e o cuidado com o meio ambiente, enfocando como eles se entrelaçam e determinam a temática da pesquisa. O quintal como espaço da liberdade, do aprendizado e do pertencimento. O portal chama-se *Memórias do mundo* e apresenta os movimentos do ensinar e aprender a partir dos conhecimentos construídos pela humanidade, a contextualização do pensamento científico ocidental e a transição da vertente diurna para a noturna trazida por Bachelard. Apresenta as configurações do imaginário amazônico numa relação com as narrativas orais e os saberes ambientais que circulam na região insular de Belém, bem como os caminhos percorridos para tornar possível a pesquisa na perspectiva metodológica. Por fim, o portal intitulado de *Memórias de rio e floresta* nos conta sobre o encontro com o contador tradicional da ilha do Murutucu, Mestre Simeão, e as narrativas orais contadas em suas performances que falam do cuidado com o meio ambiente, das quais despontam a Zeladora, a Mãe d'Água e a Curupira, articulando com os saberes ambientais presentes no repertório das narrativas do contador de histórias das Ilhas. Na conclusão, apresento os resultados alcançados durante a pesquisa, além das contribuições que os passos dados na experiência vivida trouxeram como proposições de ampliação dos diálogos no ensino de Ciências nos anos iniciais no que diz respeito aos saberes ambientais contidos nas econarrativas.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Saberes ambientais. Narrativas orais. Contadores de histórias.

RESUMEN

El conocimiento medioambiental se construye milenariamente a partir de la observación y la experiencia, y se transmite de generación en generación a través de las voces. El ejercicio de la escucha implica la transposición de la comprensión de otras formas de ver y explicar el mundo, expresadas en las prácticas socioculturales de los seres humanos. Las explicaciones de los fenómenos naturales vividos en las zonas rurales de la Amazonia se dilucidan mediante conceptos formulados en el ámbito de lo imaginario, creaciones y representaciones, formas de dar sentido a las experiencias cotidianas. Lo presente trabajo explora, a partir de la amalgama de culturas amazónicas, esta difusa zona de interpretación en la que se mezclan lo real y lo imaginario. El tema de estudio se presenta a través de la siguiente pregunta: ¿Cómo se enreda el conocimiento ambiental con el imaginario mítico expresado en la voz del narrador y cómo circula en la región insular de Belém? La hipótesis construida habla de la existencia de significados en el conocimiento ambiental construido y reconstruido a través del imaginario, contenido en las narraciones orales amazónicas evocadas a partir de la memoria de los narradores, a las que llamé econarrativas. Las vías metodológicas se apoyan en el enfoque cualitativo, etnográfico, mediante entrevistas narrativas, *photovoice*, diario de campo, cuaderno de actividades y talleres. La tesis se desarrolla en tres partes: Portal - Recuerdos del patio trasero desvela mis experiencias significativas en la infancia, la vida profesional y académica con la oralidad y el cuidado del medio ambiente, centrándose en cómo se entrelazan y determinan el tema de la investigación. El patio como espacio de libertad, aprendizaje y pertenencia. El portal se llama Memorias del Mundo y presenta los movimientos del enseñar y aprender a partir del conocimiento construido por la humanidad, la contextualización del pensamiento científico occidental y la transición del aspecto diurno al nocturno aportada por Bachelard. Presenta las configuraciones del imaginario amazónico en relación con las narrativas orales y los conocimientos ambientales que circulan en la región insular de Belém, así como los caminos recorridos para hacer posible la investigación en la perspectiva metodológica. Por último, el portal titulado Memorias del río y de la selva nos habla del encuentro con el cuentacuentos tradicional de la isla de Murutucu, Mestre Simeão, y de las narraciones orales contadas en sus actuaciones que hablan del cuidado del medio ambiente, de las que destacan el Cuidador, la Mãe d'Água (Madre del Agua) y la Curupira (una criatura mitológica del folclore brasileño), que se articulan con el conocimiento medioambiental presente en el repertorio de las narraciones del cuentacuentos de la Isla. En la conclusión, presento los resultados alcanzados durante la investigación, además de los aportes que los pasos dados en la experiencia trajeron como propuestas para la ampliación de los diálogos en la enseñanza de Ciencias en los primeros años en relación al conocimiento ambiental contenido en las econarrativas.

Palabras clave: Escuela primaria. Conocimientos ambientales. Relatos orales. Cuentacuentos.

ABSTRACT

Environmental knowledge is built millennially from observation and experience, passed on from generation to generation through voices. The exercise of listening involves the transposition of understanding of other ways of seeing and explaining the world, expressed in human socio-cultural practices. The explanations for the natural phenomena experienced in the rural-riparian areas of the Amazon are elucidated by concepts formulated within the realm of the imaginary, creations, and representations, ways of giving meaning to everyday experiences. The present work explores, from the amalgam of Amazonian cultures, this diffuse zone of interpretation in which the real and the imaginary blend together. The study subject is presented through the following question: How is the environmental knowledge entangled with the mythical imaginary expressed in the voice of the storyteller and how does it circulate in the insular region of Belém? The hypothesis relates to the existence of significance in the environmental knowledge constructed and reconstructed through the imaginary, contained in Amazonian oral narratives evoked from the narrators' memories, which I called econarratives. The methodological paths are based on the qualitative, ethnographic approach, by means of narrative interviews, photovoice, field diary, activity notebook, and workshops. The thesis is developed in three parts: Portal - Backyard Memories unveils my significant experiences in childhood, professional and academic life with orality and environmental care, focusing on how they intertwine and determine the research theme. The backyard as a space of freedom, learning, and belonging. The portal is called Memories of the World and presents the movements of teaching and learning based on the knowledge built by mankind, the contextualization of western scientific thought, and the transition from the diurnal to the nocturnal aspects brought by Bachelard. It presents the configurations of the Amazonian imaginary in a relationship with oral narratives and the environmental knowledge that circulates in the insular region of Belém, as well as the paths taken to make the research possible in the methodological perspective. Finally, the portal entitled Memories of River and Forest tells us about the encounter with the traditional storyteller from the Murutucu island, Master Simeão, and the oral narratives told in his performances that speak of the care for the environment, of which the Caretaker, the Mãe d'Água (Mother of Water), and the Curupira (a mythological creature of Brazilian folklore) stand out, articulating with the environmental knowledge present in the repertoire of the Island storyteller's narratives. In the conclusion, I present the results achieved during the research, as well as the contributions that the steps taken in the experience brought as propositions to expand the dialogues in science teaching in the early years regarding the environmental knowledge contained in econarratives.

Keywords: Elementary school. Environmental knowledge. Oral narratives. Storytellers.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Mandala Artistagens do esperarçar – ArteNauta, **30**
- Figura 2** – Convite da primeira Roda de histórias realizada na escola EMEIF - Professora Terezinha Souza feita pelas crianças do grupo, **33**
- Figuras 3, 4** – Contadores infantis de histórias narrando para professores e escritores no Bosque Rodrigues Alves no dia do Meio Ambiente e na Universidade do Estado do Pará, **35**
- Figuras 5, 6, 7** – Embarque das alunas e professora para o Prêmio Escrevendo o Futuro e narração de histórias na Feira Pan-amazônica do Livro, **36**
- Figura 8** – Matéria no jornal *O Liberal* sobre as Tuerarup Geisiane Flor, Marília Gabriela e Lilian Silva, finalistas estaduais do Prêmio Escrevendo o futuro, **37**
- Figuras 9, 10** – Logomarca do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM) e III Nem te conto – Encontro de Contadores de histórias da Amazônia em parceria com a Fundação Cultural do Pará, **39**
- Figura 11** – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas nas ilhas do Combu e Murutucu, **40**
- Figuras 12 e 13** – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas no Assentamento Terra/Cabana do MST, **40**
- Figuras 14 e 15** – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas na Ilha do Maracujá, **41**
- Figura 16** – Cartografia da memória em tecido, **42**
- Figura 17** – Quadro vivo. Pinturas feitas em tempo real por arte-educador na entrega das Samaúmas para as comunidades – biblioteca comunitária na Ilha do Murutucu, **43**
- Figura 18** – Samaúma – biblioteca comunitária na Ilha do Combu, **43**
- Figura 19** – Samaúma – biblioteca comunitária na Várzea, **44**
- Figura 20** – Fruto do açazeiro e a peconha (Amarração similar a um cinto para a escalada em árvores, especialmente o açazeiro), **48**
- Figura 21** – Subida no pé do açazeiro com a peconha, **48**
- Figura 22** – *Photovoice* Douglas Richard, **68**
- Figura 23** – A vida margeada pelo rio nas comunidades ribeirinhas da região insular de Belém, **86**

- Figura 24** – Mapa de Belém-PA (1), **93**
- Figura 25** – Mapa de Belém-PA (2), **94**
- Figura 26** – Letra da canção manuscrita pelo professor Cecílio Trindade, **96**
- Figura 27** – Travessia: Belém continental e insular, **97**
- Figura 28** – Simeão de Souza Monteiro contando histórias na entrega das Samaúmas – bibliotecas comunitárias, **99**
- Figura 29** – Narrativa e vida, **102**
- Figura 30** – Casa do Mestre Simeão por detrás das árvores, **109**
- Figura 31** – Mestre Simeão a caminho do trapiche, **110**
- Figura 32** – Trapiche, **110**
- Figura 33** – Econarrativas no trapiche, **111**
- Figura 34** – Alça Viária. Ponte sobre o rio Guamá, **116**
- Figura 35** – *Photovoice* Isaías Cordeiro. Aqui não temos coleta de lixo, minha mãe queima o lixo, mas nem todo mundo faz o mesmo (Pedro Pimentel – 09 anos), **122**
- Figura 36** – *Photovoice* Pedro Pimentel. Ele ama pescar...aqui tem aracu, tem cangatá, tem mapará, tem mandii, tem matupiri, tem traíra, tem pescada, tem jacundá, tem jandiá, tem acari, tem muitos outros peixes, agora mesmo estou fritando para almoçar (RAIANE, mãe do aluno Pedro Pimentel), **123**
- Figuras 37, 38** – *Photovoice* Raiane, **123**
- Figuras 39, 40** – Sapopema e samaúma, **128**
- Figura 41** – Desenhos de Ketolyn Pereira, 10 anos, **130**
- Figura 42** – Desenhos de Isaías Cordeiro, 10 anos, **130**
- Figura 43** – Desenhos de Ketolyn Pereira, 10 anos, **130**
- Figura 44** – Desenhos de Isaías Cordeiro, 10 anos, **131**
- Figura 45** – Desenhos de Jaylson Santos, 09 anos, **131**
- Figura 46** – Desenho de Iris Martins, 9 anos, **133**
- Figura 47** – Desenho de Joyce Silva, 9 anos, **133**
- Figura 48** – No trapiche de histórias, **137**

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

GPSEM – Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática

GRPU – Gerência Regional do Patrimônio da União no Estado do Pará

GTEA – Grupo de Trabalho de Educação Ambiental

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IEMCI – Instituto de Educação Matemática e Científica

MOCOHAM – Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia

MST – Movimento dos Sem-Terra

OMS – Organização Mundial de Saúde

PPGECM – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação de Belém

SESAN – Secretaria Municipal de Saneamento

SETRAN – Secretaria de Estado de Transportes

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

VHF – Very High Frequency (Frequência Muito Alta)

SUMÁRIO

Viver para contar – ninho da memória	18
Portal – Memórias de quintal	23
No lusco-fusco as encantarias: imagens da infância.....	25
Fui crescendo, comecei a brincar em outros quintais.....	32
O rio-narrativo: os mergulhos nas memórias líquidas.....	44
Portal – Memórias do mundo	51
Travessias Eco-Imagéticas.....	53
Instrumentos de navegação.....	64
As significâncias e o conhecimento científico.....	73
Diurno e noturno em justaposição: o lusco-fusco do conhecimento.....	77
Portal – Memórias de rio e floresta	90
Belém, a flor das águas.....	92
O contador de histórias: protetor das significâncias.....	100
Mitos e ritos: diálogos da humanidade.....	103
Econarrativas: nas trilhas da Curupira.....	108
Almanaque Samaúma: saberes ambientais das Ilhas sul de Belém	139
No ir e vir dos portais (in)conclusivos	194
Referências	198
Apêndices	205
Anexos	236

As memórias fizeram com que eu criasse asas e raízes.



Viver para contar



Passarinho da janela. Sofia Cozzi, 2021. Técnica: aquarela.

VIVER PARA CONTAR – NINHO DA MEMÓRIA

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la (MÁRQUEZ, 2003).

O medo, aquele que paralisa, nos deixa com o ar curtinho, com as pupilas dilatadas e a boca seca, já o senti outras vezes como daquela vez que estávamos, nós, as mulheres da família, avó materna, mãe, irmã e eu, à noite na casa do vizinho com codinome Peixe Frito. Creio que nunca soubemos o seu nome na certidão de nascimento. Os moradores diziam que ele virava porco, mas, por algum motivo que não lembro, tivemos que passar a noite na sua casa. O que jamais vou esquecer são os sons que vinham do quintal: um porco fuçando, ora parecia distante, ora na porta da casa. O quintal não tinha cercas nem muros, o animal parecia percorrer todo o terreno para então cercar a casa e tentar arrebentar a porta. Eu tinha cerca de quatro anos, mas o medo sentido é memória viva.

O medo assume várias faces e chega de diversas maneiras. Agora, ao escrever, olho pela janela e vejo pessoas usando máscaras para se proteger de um vírus que tornou o mundo um lugar do não abraço. O distanciamento social é regra de sobrevivência, o medo tomou conta de grande parte da humanidade, o medo de algo que não vemos, mas que nos tira o fôlego de vida e a liberdade da convivência.

Sufrimento, dor e o medo caminham conosco desde 2020. Estamos em uma pandemia causada por um vírus chamado SARS-CoV-2¹, que provoca a doença covid-19, tantas vidas ceifadas... A tristeza faz morada. Os que não estão com a covid-19 podem ter desenvolvido as doenças da alma. Como foi difícil a caminhada do doutoramento em meio a uma pandemia, a luta pela vida veio acompanhada dos sentimentos de incerteza desesperança, desânimo, desejei deixar registrado o que os sobreviventes da pandemia passaram, e ainda passam.

É preciso conjugar o verbo esperar, não a esperança de esperar, mas a de se levantar, ir atrás, construir esperança e não desistir, levar adiante, juntar-se com outros para fazer de outro modo, como bem disse o grande mestre Paulo Freire. Reinventar-se a cada aurora, abrir-se para o novo, a experimentar outras formas de existir e de resistir no mundo.

No exercício de esperar, o condão da varinha tocou minha cabeça e o poder mágico se fez. A princípio não percebi, mas as sucessivas aparições chamaram a atenção. Entre o pé do laço de amor e o da Érica, que moram na minha janela, diariamente aparecia um pequeno passarinho; dias a fio cantou o passarinho. Achei estranho, ou talvez interessante. Comecei a

¹ O Brasil registrou no dia 7 de abril de 2021 o total de 4.195 vidas perdidas em 24 horas, em tempos que já se desenvolveu a vacina para o vírus.

observá-lo, posteriormente prestei atenção no que seu canto queria dizer, as notas do canto passarinho sussurravam uma palavra:

- *Memórias*

- *Memórias*

- *Memórias*

Parei um pouco para meditar sobre aquela aparição diária e sussurrante, e veio à iluminura três memórias: as de quintal, as do mundo e as de rio e floresta. Recordei o livro do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez (2003), intitulado *Viver para Contar*, e tudo fez sentido! Pego emprestados o título e a essência do livro para mergulhar em memórias e emergir com recursos narrativos que entrelacem tempos e espaços particulares e universais.

Recordo ainda das palavras de Daniel Munduruku no livro *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira* (1999) sobre memórias, histórias de vida e o quanto um número considerável de pessoas apreciam e se sentem inspiradas em conhecer os caminhos percorridos por outras pessoas. Por esse motivo, o autor, que é indígena, nascido no Pará, decidiu contar a sua história para que outros pudessem a partir das experiências do autor, pensar nas suas próprias vidas e nos caminhos que decidiram trilhar. Ele nos diz que somos a continuação de um fio que vem sendo tecido tempos atrás. Somos uma continuidade e, assim, parte de uma ancestralidade, de um passado que é costurado diariamente.

As *Memórias de Emília*, de Monteiro Lobato, foi o primeiro livro de memórias a que tive acesso na infância. Como foi incrível transitar no particular do *Sítio do Pica-Pau-Amarelo* e no universal das viagens feitas pela bonequinha de pano, por onde suas memórias inventadas a levaram. Pois bem, sabemos que tudo que não inventamos é falso, como bem disse Manoel de Barros. Creio que ali iniciou a admiração pelo encontro do individual e o coletivo nas memórias que nos habitam, traços da experiência humana em comunicar-se. Ou, como disse Conceição Evaristo (2017) no livro *Becos da memória*, há uma escrita ficcional se *con(fundindo)* com a da vida, escrita e vivência, *escrevivência*, feita antes da escrita na voz que conta e se mistura com a de quem escreve.

Aporto nas *Memórias inventadas* de Manoel de Barros a inspiração para pensar na força e no encontro que as memórias proporcionam. Caminhos existenciais percorridos por narrativas que convergem e se deixam correr. A inusitada poeticidade de Manoel de Barros aponta outras formas de existências tantas vezes renegadas, margeadas, tidas como desimportantes.

As reflexões tecidas até aqui foram a dose de reencantamento que precisava, e o lusco-fusco se fez como quando ouvia as histórias de Vovó Mirica, às 18 horas, após a ave-maria no rádio. Abriu-se o portal das encantarias e voltei ao encanto, apesar de ver ao redor tantas partidas, dores, sofrimentos. Os portais são aberturas, possibilidade de trânsito; neste caso, em particular, para a circulação dos encantados.

Na Amazônia, os portais são encontrados especialmente nos rios e nas matas. Nas raízes da árvore da samaúma encontra-se um portal de proteção da mata. Segundo os povos originários e tradicionais, é a morada da Curupira, a guardiã da fauna e da flora. Ao lembrar das histórias que ouvi ao longo da vida, percebo que cada contadora e contador de histórias abriga

em si um portal e, ao soltar a memória-voz, ocorre a circulação das encantarias. São guardiões e guardiãs das memórias a atravessarem espaços e tempos.

Viver para contar das múltiplas vozes que nos constituem, ao mesmo tempo em que sou narradora-personagem, sou também narradora-testemunha. Sinto a grande responsabilidade de contar as memórias, especialmente as do Mestre Simeão, narrador de histórias, sábio homem que nos seus 81 anos de vida acumulou saberes sobre o rio e a mata e faz a partilha dos saberes também por meio das narrativas orais. Como escriba de suas memórias, preciso percorrer os furos, igarapés, preciso andar pelas matas, ouvir os sons que chegam até mim pela voz de um guardião da palavra.

A busca para encontrar a profundidade das experiências de vida envolve sucessivos e constantes mergulhos em águas ora tranquilas, ora revoltas, num fluxo de existência formada por imagens nem sempre perceptíveis à primeira vista. No oculto, podem residir sentidos necessários para o entendimento dos caminhos escolhidos nos diversos campos em que transitamos, nossas perspectivas, olhares, decisões.

Procuro nos mergulhos *as imagens que se mostram e que se ocultam*, expressão utilizada por Bachelard (2018b) na obra *A água e os sonhos, ensaio sobre a imaginação da matéria*. Nela, o autor exorta a busca da raiz da força imaginante. Aqui, a expressão é utilizada para tematizar o mergulho nas águas do pertencimento da pesquisadora, no intuito do entendimento das conexões que nos constituem seres integrais nas diversas áreas da vida: pessoal, profissional, acadêmica, e assim por diante.

A escolha por entrelaçar o texto com as experiências que constituíram minha existência nos ensaios de mergulhos, nas imagens que se mostram e que se ocultam, com outras memórias, sobretudo por avistar percepções orgânicas e sistêmicas, foram determinantes para que eu chegasse até aqui propondo pesquisar narrativas orais, especialmente as que se aproximam dos saberes ambientais e ensino de Ciências.

Aqui apresento as experiências significativas nos estágios da infância, na vida profissional e acadêmica com a oralidade e o cuidado com o meio ambiente, enfocando como eles se entrelaçam e determinam a temática da pesquisa. Peço licença ao leitor(a) para fazer um pedido, leia a tese sem a necessidade de seguir uma rota linear, a materialidade da pesquisa segue o ir e vir como o movimento das marés. Os três portais aqui apresentados em forma de memórias se ligam, mas são autônomos e livres para cumprirem seu papel do mesmo rio fluente, mas sendo o outro a cada dia, em transformação e renovação constantes.

A metáfora da teia de histórias da humanidade nos remete à visão perceptiva de uma composição de fios da memória. Aquele que narra, tal qual a aranha que secreta de suas entranhas a substância que gera o fio, também secreta de sua memória os fios-palavra tecidos no ir e vir constante, passado e presente em um fluxo constante de substância-vida secretada pela aranha-narradora, transformando em memória-fio. Tecer teias de histórias por meio das memórias nos coloca em comunhão com incontáveis outras memórias que compõem a teia.

A memória é o entrelaçamento, a interligação dos povos por diversas vezes presentificada pela voz do narrador. Na tessitura da teia, os fios ora se juntam, ora se afastam, perspectiva abraçada nos estudos sobre a memória, pois a lembrança e o esquecimento são fenômenos

atribuídos à memória. Jerusa Pires, no livro *Armadilhas da memória*, desfaz os nós da ilusória incongruência entre memória e esquecimento, pois ambos são imprescindíveis para o nascimento da narrativa.

Os estudos sobre a memória assumem diferenciadas abordagens. Irei destacar dois pesquisadores: Maurice Halbwachs e Pollack. Segundo Maurice Halbwachs (2004), o conceito de memória passa pelo campo social e coletivo, emana das vivências coletivas. Para o pesquisador, as memórias da infância estão em constante movimento, o entendimento das coisas que temos hoje não é o mesmo de ontem, pois passamos por transformações a partir do contato com os diferentes grupos. As memórias são frutos do reconhecimento e reconstrução.

Com Pollack (1989), a palavra silenciamento é acrescentada aos estudos da memória e esquecimento, e o lembrar envolve um campo de conflito e tensão. O que lembrar e o que esquecer, e o porquê? O ponto pulsante é o que determina a formação das memórias e sua legitimação, na proporção do desencontro entre a memória oficial e as subterrâneas, marginalizadas e silenciadas.

Nas minhas memórias-fio, encontro as reminiscências da infância de quintais, com brincadeiras e brinquedos inventados; elas dizem de um tempo singular. A convivência com crianças e adultos da vizinhança foram fios da tessitura cultural e social de que fui partícipe. As culturas orais da infância ocorreram em espaços performativos e de cultivo: casa, rua, escola. Nas brincadeiras nos quintais, explorávamos plantas, bichos, águas, fogo, ar, terra, corporeidade, movimentos, palavras, processos exploratórios ricos em aprendizagens que o livre brincar proporciona. E o que fazemos com todas essas experiências? Nas palavras de Bachelard (1991, p. 76): “foi dito frequentemente que a criança reunia todas as possibilidades. Crianças, éramos pintor, modelador, botânico, escultor, arquiteto, caçador, explorador. E o que aconteceu com tudo isso?”.

A tese se desenvolve a partir de três portais. A divisão se deu pela força do número 3, símbolo da criação, da comunicação e da alegria, que nos remete à perfeição, à força cíclica das existências: começo, meio e fim. Três portais mobilizadores dos territórios invocadores da memória, são eles: Portal – *Memórias de quintal*: desvela minhas experiências significativas nos estágios da infância, na vida profissional e acadêmica com a oralidade e o cuidado com o meio ambiente, enfocando como se entrelaçam e determinam a temática da pesquisa. O quintal como espaço da liberdade, do aprendizado e pertencimento.

O portal *Memórias do mundo* apresenta os movimentos do ensinar e do aprender a partir dos conhecimentos construídos pela humanidade, a contextualização do pensamento científico ocidental e a transição da vertente diurna para a noturna trazida por Bachelard. Apresentam as configurações do imaginário amazônico numa relação com as narrativas orais e os saberes ambientais que circulam na região insular de Belém, bem como os caminhos percorridos para tornar possível a pesquisa na perspectiva metodológica.

Por fim, o portal intitulado *Memórias de rio e floresta* nos conta sobre o encontro com o contador de histórias tradicional da ilha do Murutucu, Mestre Simeão, e as narrativas orais contadas em suas performances que falam do cuidado com o meio ambiente, das quais despontam a Zeladora, a Mãe d'Água e a Curupira, que articulam com os saberes ambientais

presentes no repertório das narrativas do contador de histórias das Ilhas e os diálogos com os conhecimentos das Ciências da Natureza trabalhados na Unidade Pedagógica Santo Antônio. Neste momento, será desenvolvido o conceito de econarrativa, tantas vezes encontrado nas relações entre os idosos e os mais jovens nas comunidades. Trata-se de ensinar o cuidado com o meio ambiente por meio das narrativas que habitam o imaginário das populações rurais-ribeirinhas da Amazônia, geralmente narradas por idosos que passam de geração a geração por intermédio da oralidade, validando os saberes ancestrais e identitário dos grupos.

A partilha do livreto no formato de almanaque dos saberes ambientais, *Samaúma – almanaque dos saberes ambientais das ilhas sul*, foi proposta para ser utilizado pelas escolas e pela comunidade em geral. Esse almanaque é um ensaio lítero-imagético dos saberes trazidos pelas vozes das Ilhas sul de Belém.

No ir e vir dos portais (in)conclusivos, apresento os resultados alcançados, além das contribuições que os passos dados na experiência vivida trouxeram como proposições de ampliação dos diálogos no ensino de Ciências nos anos iniciais, no que diz respeito aos saberes ambientais contidos nas econarrativas, e a proposição pedagógica nas escolas ribeirinhas.

A watercolor painting of a young girl with dark, curly hair, wearing a light blue t-shirt and shorts, sitting on a large rock in a garden. She is holding a pair of scissors and looking towards the viewer. The background features a brick wall, a wooden bench, and lush greenery. The overall style is soft and painterly.

Portal Memórias de quintal

Andréa no quintal. Sofia Cozzi, 2021. Técnica: aquarela.

Sofia. 20
Cozzi. 21

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

NO LUSCO-FUSCO AS ENCANTARIAS: IMAGENS DA INFÂNCIA

De mãos dadas a vida girava numa brincadeira de roda...

*Senhora Dona Sancha,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto,
Que nós queremos ver
Que anjos são esses
Que andam me rodeando,
De noite e de dia
- Padre Nosso, Ave-Maria.*

Os cachos de açaí viravam vassouras para varrer as folhas espalhadas pelo chão. As latas de leite em pó viravam poços cavados no fundo do quintal. Enterrava as latas, enchia de água para o uso nas alquimias gastronômicas, ou, nas “comidinhas”, tinha como especialidade fazer o tacacá² com o pé de papoula. As folhas eram o jambu³, o pistilo os camarões e a flor da papoula, a goma, pois quando macerada é possível extrair uma goma. Por fim, a água retirada do poço de lata virava o tucupí⁴. Estava pronto então o tacacá! Até amarrava um lenço na cabeça, como fazem as tacacazeiras de Belém.

O chão do quintal era a tela a ser desenhada, um graveto na mão e um mundo de possibilidades se abria à minha frente, rabiscos de gentes e bichos, de números e letras. Às vezes olhava para o céu e desenhava as formas das nuvens. Paulo Freire vem à memória, a lembrança das suas experiências de leitura do mundo passou também pela tela-chão a ser espaço da palavra-imagem-mundo, ou como ele nomeou, “palavramundo”. Ao ter contato com o livro *A importância do ato de ler* (1992), de Freire, percebo as experiências brincantes e imaginativas da infância e seu início no seio da família, da comunidade a que pertencemos.

A tela-chão que vivenciei fazia parte dos impulsos brincantes da infância, mas também da observação do cotidiano de minha mãe e sua relação lúdica com o quintal. Em nosso lar

² Culinária. Iguaria típica do Pará, que consiste num caldo espesso, feito com goma de mandioca, camarões, tucupí, jambu e pimenta. Disponível em: <dicionariocriativo.com.br>. Acesso em: 29 fev. 2020.

³ O jambu é mencionado pelo padre jesuíta João Daniel (1722-1776) em seu tratado sobre a região amazônica, no qual o cita como a hortaliça mais usada no estado do Pará. Ainda nos tempos atuais, o jambu continua sendo muito apreciado e consumido, merecendo destaque na culinária local. Cita-se que o consumo de jambu se intensifica nos períodos festivos. Por exemplo, no Círio de Nazaré, principal evento do Pará, o consumo do jambu é ainda maior em pratos típicos como o pato no tucupí, o tacacá e a maniçoba. Disponível em: file:///C:/Users/Andrea/Downloads/folder-jambu.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020.

⁴ O tucupí é um líquido amarelado extraído da mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), planta tipicamente brasileira. O estado do Pará é o maior produtor nacional do tubérculo. É adorado pelos paraenses e usado como ingrediente em uma infinidade de pratos regionais. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 29 fev. 2020.

sempre foi aceitável a livre expressão, cantar, dançar, rir, contar, costurar, cozinhar, eram momentos de partilha e aprendizado.

Lavar roupas e colocá-las para quilar no varal do quintal era um dos momentos mais alegres da manhã. Talvez por essa razão até hoje sou encantada por varais, a maneira como as roupas são colocadas, a corda levantada por uma vara gera uma sinuosidade, o vento batendo nas roupas parecem bailarinas numa profusa coreografia, as cores das peças de roupas... Penso ser uma experiência artística compor e apreciar os varais, há uma estética neles!

Ao observar as etapas da lavagem de roupas por minha mãe, presenciava momentos curiosos, pois ela falava com o sol e nem sempre a conversa era cordial, nos dias nublados lembro dela desenhando com um graveto o sol no chão do quintal e dentro do círculo do sol eram escritos vários xingamentos para o astro-rei. Em seguida voltava a cabeça para cima e colocava as mãos na testa como uma forma de conseguir ver e dialogar com ele, e continuava a conversa nada cortês. Ela voltava seu olhar para mim e dizia: - Agora ele (o sol) vai ficar tão zangado comigo e vai lançar seus raios mais quentes e assim todas nossas roupas vão secar bem rápido!

O sol, um ser anímico, com emoções humanas, como a raiva, a alegria, a tristeza. A interação, os diálogos eram possíveis aos olhos de minha mãe.

A hora da chuva da tarde também era um acontecimento brincante no quintal. A primeira vizinha que percebesse a chuva caindo, dizia em bom e alto som: - Olha a chuuvuuva, vizinha! Corre para tirar a roupa do varal!!!

E todas as crianças também corriam para ajudar a tirar as roupas do varal e, se tivéssemos sorte, nossas mães até deixavam tomarmos banho de chuva. Aí as brincadeiras eram outras: bolinho de lama, barco de papel, fazer de conta que a calha era cachoeira, ou pescar folhas-peixes nas poças formadas pelas águas da chuva.

Desbravar os quintais, criar aventuras, descobrir os segredos escondidos no pé de limão, de taperebá⁵, açazeiro, nos tajás, samambaias, papoulas, e tantas nuances de verde, faziam daquele quintal maior que o mundo, aquele era meu desimportante mundo, lugar das invenções da minha infância, era uma apanhadora de desperdícios.

O quintal como signo de ousadia e libertação. O conto *Chuvas e trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros (2003, p. 153-156), nos apresenta um recorte temporal da educação das meninas na Belém de outrora, um universo dicotômico em que o ensinar e o aprender atendiam aos requisitos de formar mulheres para serem donas de casa prendadas para suprir as necessidades da família. Mas como a liberdade é um pássaro em pleno e alto voo, ou, então, um galo a cantar no quintal – aumentando a lista, pode ser também um cascalheiro com seu triângulo encantatório como a flauta do flautista mágico –, as costureirinhas da turma da alinhada professora de corte e costura, entre um ponto e outro, abriam seus ouvidos para os chamamentos da rua.

Peço a sua atenção para uma menina, a de cabelos encaracolados, que na sua essência infantil de liberdade, ousava, a princípio, sutilmente quebrar regras como deixar os pezinhos fora dos sapatos, ou pedir para ir ao banheiro fora do único horário estipulado, até chegar no momento clímax de alçar seu voo e jogar para cima agulhas, linhas, dedal, alfinetes, abrir a

⁵ Fruto amarelo, muito aromático, suculento e azedo; cajá. Disponível em: <dicionariocriativo.com.br>. Acesso em: 29 fev. 2020.

porta e mergulhar na chuva grossa que caía lá fora. A menina de cabelos encaracolados, filha do professor de filosofia, agora passa suas tardes encharcada nas águas devaneantes dos livros, das histórias, até apaixonou-se por Robinson Crusóe.

Ao ler o conto de Maria Lúcia Medeiros, voltei minha atenção para o tempo da infância e percebi que os adultos que conviviam comigo tinham a compreensão da importância do brincar, o passaporte para a fabulação, imaginação e o devaneio recebia o carimbo! Pés descalços, sujar as roupas, comer fruta no pé, banho de chuva, andar em bandos para explorar outros quintais, ouvir e contar histórias, brincar de roda, pira esconde, pira alta, cemitério, casinha, elástico, futebol, campeonato de adivinhas e trava- língua, entre outras peraltagens, tornavam as relações mais próximas.

É certo que devem saber que tais experiências nutrem a infância e revelam potentes trocas de saberes na teia da vida. Aprendemos com todos os elementos, ou fios que os constituem, percepções introdutórias e marcantes dos contextos sociais e culturais dos grupos. Sendo assim, a infância é o tempo propício às descobertas, a conhecer visceralmente, tateando, cheirando, provando, observando, sentindo, vivendo...

O poeta pantaneiro Manoel de Barros nos fala da experiência do aprender por meio das descobertas, das vivências imaginativas e brincantes do cotidiano infantil, protagonizadas por experimentações lúdicas potencializadas pela curiosidade, por perguntas, questionamentos, verificações, hipóteses, situações vivenciadas desde a primeira infância, muitas vezes antes da chegada da criança na escola.

Compreender o mundo que habitamos, e do qual ao mesmo tempo somos parte, impulsiona os descobrimentos repletos de sentidos e significados na contramão da escola com proposições estereis, desprovidas de vivacidade e estímulos, desconectadas dos desejos e aspirações infantis. Nas palavras poéticas de Manoel de Barros, a lição ensinada é a do aprender nas vivências, nas interações com o meio ambiente, habitar um território investigativo de aproximação curiosa e prazerosa no campo das percepções dos fenômenos.

Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.
 Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
 No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.
 No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
 Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
 Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.
 E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só serve pra poesia.
 No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.
 Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros
 E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.
 Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas (BARROS, 2013, p. 366).

Nas minhas reminiscências de quintais, atesto a afirmação do poeta. Os adultos e crianças com os quais convivi antes do ingresso na educação formal foram mediadores dos saberes inicialmente construídos. No entanto, ressalto a importância de uma pessoa que tinha o poder encantatório, o poder da palavra narrada, histórias que ensinavam sobre a vida e seus elementos: minha avó materna. Suas “bem-ditas” palavras narradas fizeram dela a contadora de histórias da rua onde residia. Muitos de nós, nascidos e criados na Amazônia, ouvimos as histórias na primeira pessoa, os fatos aconteceram com o narrador ou alguém muito próximo a ele.

Dessa maneira, os contos chegaram até mim pelos fios matizados entre o encarnado, laranja e o azul cinzento do lusco-fusco da Amazônia, ou crepúsculo como comumente é conhecido em outras regiões. Desde bem pequenina, ouvia as histórias contadas pela Vó Mirica. Inicialmente, as histórias chegavam quando ela estava entre linhas e tecidos, na sua velha Singer, e eu ficava sentadinha ao pé da máquina de costura em puro deleite.

Em outros momentos, as narrativas brotavam como as plantas do quintal da casa da vovó. Naqueles mágicos momentos, parecia que o tempo ficava em suspenso. Passava devagar para os ensinamentos dela sobre as ervas e plantas que serviam para curar as dores do corpo e da alma, como o chazinho de capim-santo que ela fazia para aplacar os dias tristes.

Vovó morava sozinha e ao lado da escada da porta de entrada de sua casa ela plantou uma espada-de-são-jorge e “curou” regando o tajá com o sangue lavado da carne que usamos para cozinhar. Ao realizar este ritual, liberta-se o guardião que habita na planta e ele passa a mostrar-se no mesmo lugar onde o tajá foi plantado, como um caboclo forte de olhar amedrontador; seu papel é proteger a casa. O tajá encantado, a proteção que chegava por meio do sincretismo religioso, a ave-maria e as encantarias, forças de fé e proteção enredam diferentes saberes, comungando como em Carta de Amor, composta por Maria Bethânia.

...Mexe comigo que eu não ando só
 Eu não ando só, que eu não ando só
 Mexe não.
 ...Mexe comigo, que eu não ando só
 Eu não ando só, que eu não ando só.
 Eu tenho zumbi, besouro o chefe dos tupis
 Sou tupinambá, tenho erês, caboclo boiadeiro
 Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris
 Zarabatanas, curarês, flechas e altares.
 A velocidade da luz no escuro da mata escura
 O breu, o silêncio, a espera
 Eu tenho Jesus, Maria e José
 Todos os pajés em minha companhia
 O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
 O poeta me contou.
 Não mexe comigo que eu não ando só
 Que eu não ando só, que eu não ando só
 Não mexe não...

E com o conhecimento das plantas e suas propriedades medicinais, vinham as histórias que geralmente diziam do cuidado necessário com as formas de vida existentes como a histó-

ria do Igarapé encantado⁶ que narra a convivência de duas irmãs muito diferentes na personalidade, no caráter, diferença refletida no modo como elas levavam a vida, determinando suas atitudes e cuidados com o meio ambiente.

Ao ouvir as histórias narradas com vivacidade e riqueza de imagens criadas, o entendimento sobre a necessidade do cuidar alojava-se com maior profundidade. As verdades contidas nas histórias reverberam com força nas pessoas, em especial nas crianças. O conto narrado ficava por longo tempo ecoando dentro de mim, levando meus pensamentos para a reflexão dos fatos que eram determinados pelas escolhas e atitudes das irmãs.

O segundo momento vinha acompanhado de outros ouvidos. A criançada da rua de areia branquinha começava a chegar e aninhar-se na escada alta da porta da frente da casa da Vó Mirica, aguardando o final da ave-maria transmitida pela rádio. Era preciso reconhecer a chegada do lusco-fusco para ter a permissão das histórias. Segundo dizia Vovó Mirica, o crepúsculo era o limiar da despedida do dia e a chegada da noite, reverência mútua para, então, abrir-se um portal de trânsito entre os mundos das encantarias e o que vivemos.

Reconhecer a mágica presença da transição envolve adquirir saberes, permitir receber os ensinamentos para ver com os olhos do poético os fenômenos ocorridos na natureza no instante da partida do dia e chegada da noite. Os passarinhos começam a se recolher com seus últimos gorjeios; as formigas invertem sua marcha, preparando-se para descansar; as cigarras cantam alto; o vento e as águas dos rios acalmam seus movimentos. Então, o narrador tem a permissão de chamar os seres encantados que moram nos contos.

Esse foi meu primeiro enredamento com as narrativas orais e os ensinamentos sobre o cuidado com os recursos naturais, o meio ambiente e as relações de interdependência entre natureza e sociedade. Conceituei-as como histórias crepusculares, ou narrativas do lusco-fusco, por possuírem características específicas, ou talvez ritualísticas, para ocorrerem. Na infância, tais experiências com a palavra marcaram o meu olhar sobre o mundo e influenciaram minhas escolhas profissionais. Optei pela educação, mas, no amplo universo, as temáticas ligadas à educação, cultura e biodiversidade.

O conceito de ArteNauta, de Amílcar Martins, me faz pensar na infância brincante que vivenciei, nas viagens feitas sem sair do quintal, nos inúmeros lugares em que embarquei pela voz-passaporte de Vó Mirica e o quanto senti a ausência de encontrar professores com impulsos de ArteNautas na escola. Foi durante uma longa entrevista concedida a Carlos Aldemir Farias, em 2017, publicada na revista *ExperimentArt*, que Martins discorreu sobre o conceito de ArteNauta a partir dos trabalhos que desenvolveu na formação inicial e continuada de professores em Portugal e como esse conceito o acompanhou nas atividades docentes ao longo de quatro décadas. No significado de nauta (viagem), encontramos o sentindo lúdico das relações vivenciadas na infância, que nos constituem e reverberam no modo de ver e ser no mundo com a arte na criação e recriação do mundo interior e exterior dos que se permitem ser arte-contadores, arte-brincadores, arte-animadores, arte-curadores, arte-pesquisadores, arte-educadores. Na entrevista, Martins oferece uma síntese sobre o conceito.

⁶ A narrativa do Igarapé encantado foi recontada e publicada na coletânea *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (COZZI, SANTOS, 2012).

O ArteNauta é um arte-contador – A viagem dá o que contar. Exercita o tanto que se deseja contar. Somos HistóriaNautas e contadores de histórias. O ArteNauta é um arte-brincador – brincar é o território de ação por excelência para experimentar e criar a aventura de imaginar e ler o mundo. Somos BrincaNautas e LudoNautas ao longo da vida. O ArteNauta é um arte-animador – animar que nos permite impregnar as ideias da nossa alma, as coisas, os lugares, os objetos que são fonte inspiradora dos nossos processos de animação. O ArteNauta é um arte-educador – educar é trazer para a ação uma das mais nobres missões do ser humano. Educar com e para a Arte. O ArteNauta é um arte-curador – curar/cuidar o que importa modelar no sentido da seleção, da recuperação, da preservação, da gestão das condições ótimas de se apresentar a coisa, de se apresentar e fomentar o uso do lugar, do museu, da exposição, talvez mesmo de uma performance e/ou espetáculo. O ArteNauta é um arte-pesquisador – sempre! Pelo óbvio enriquecimento de uma trajetória humana e comunitária que se revela na pesquisa em si, mas, sobretudo, no que ela proporciona aos seus utilizadores e à comunidade. A ArteEducação do ArteNauta impõe e exige que o arte-investigador se exponha, se revele e se aproprie criativamente, criticamente, das propostas que resultam do universo da investigação, da busca e criação do conhecimento (FARIAS, 2017, p. 117-118).

Figura 1 – Mandala Artistagens do esperarçar – ArteNauta



Fonte: Amílcar Martins, 2020.

A imagem da mandala das artistagens do esperarçar construída coletivamente durante a pandemia da covid-19 pelo pesquisador Amílcar Martins e por seus alunos da Licenciatura em Educação da Universidade Aberta de Portugal merece ter sua história contada por nos indicar um caminho de esperança a partir de tempos que a humanidade sucumbiu ao medo e à desesperança.

O fenômeno ocasionado pela refração da luz solar sobre as gotas de água pendidas no ar é conhecido como arco-íris. A nossa limitada visão humana compreende sete cores, do vermelho ao roxo; no entanto, o arco multicolorido tem uma infinidade de cores. A percepção das inúmeras possibilidades e variações foi experienciada pelos idealizadores da mandala das artistagens ao observarem o esperançar dos italianos em meados de março e abril do ano de 2020, quando o mundo viu uma explosão de infectados pelo Sars-CoV-2, tornando a Itália o epicentro da doença mundial naquele momento. Foi preciso resiliência, pois pouco se sabia sobre a doença.

Segundo o ArteNauta Amílcar Martins, o grupo de alunos observou que o povo italiano, mesmo em face a tantas incertezas e sofrimentos, elegeu o arco-íris e a expressão “Andrai tuto benne” (vai ficar tudo bem) como fôlego de vida e inspiração para continuar a caminhada. Dessa forma, os graduandos elaboraram textos e poemas com entusiasmo criador que culminaram na síntese da mandala a esperançar a existência trazida por Paulo Freire e enredada pela escolha de verbos em ação: *brincar, amar, criar, cuidar, artistar, esperançar e viajar*.

Os verbos indutores da ação e da intervenção encontram-se na parte superior do círculo. Na parte inferior, as competências são refletidas no que deve ser desenvolvido por um ArteNauta: arte-viajante, arte-contador(a), arte-brincador(a), arte-animador(a), arte-educador(a), arte-curador(a), arte-pesquisador(a). O meio da mandala é atravessado pela palavra ArteNauta.

O esperançar inspirado em Paulo Freire esteve presente na construção da mandala para nos mostrar a importância do notável educador que foi. Sua obra atravessou o oceano e inspirou outros educadores. No livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), Freire afirma que a esperança é uma necessidade ontológica, de outra forma ficamos paralisados, sucumbimos à desesperança. Ao cedermos à descrença, perdemos a força, o elã, e deixamos de criar inventivamente, nos percebermos como sujeitos históricos. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 1992, p. 1)

A arte, juntamente com os verbos nas cores do esperançar são reveladores dos desejos de novas e outras viagens. Como ArteNauta, a imagem da refração da luz solar sobre as gotículas de água suspensas no ar retroalimenta minhas lembranças e atestam um especial interesse nos fios da memória presentes na voz do narrador através dos tempos e como suas palavras reverberam nos ouvidos em que chegam as histórias. O compartilhar dos percursos feitos desde a infância é um testemunho, ou uma contextualização, das experiências que me constituíram.

Daí porque é importante narrarmos nossos percursos de autoformação, incluindo a vivência no ambiente familiar, as experiências em situação de aprendizagem extraescolar, as relações de amizade, os laços de afetos e desafetos, as situações traumáticas, as violências sofridas, os obstáculos impostos por diversas esferas do mundo social. Se nenhuma experiência pode ser transferida, ela pode ser compartilhada. E, se compartilhada, pode permitir a emergência dos processos mentais de identificação e projeção, essências na vida em comum, em grupo (ALMEIDA, 2017, p. 163).

Sou nascida e criada em um mundo de águas doces e correntes, margeadas por matas. Por isso, tenho interesse em ouvir os segredos dos rios, dos ventos, das florestas e de todas as encantarias presentes nestes elementos. Compreender o que envolve os conceitos de saberes ambientais e narrativas orais faz parte das minhas intenções pessoais, profissionais e acadêmicas.

A influência direta dos contadores tradicionais aqui na Amazônia com os ensinamentos e cuidados com a teia da vida⁷ é o fio da meada. Como um pescador tecendo sua rede para posteriormente jogá-la no rio em busca do alimento, procuro também ouvir as narrativas e aprender dessa voz ancestral a essência do contar e cuidar, observando cada ponto dado, a fim de formar a rede de saberes em que estou enredada e na qual sou nutrida. “Para nós, contar história é um ato vital, já que nelas reside nossa identidade cultural, nossa maneira de ser, estar e compreender o mundo e nossa herança mítica [...]” (COZZI; SANTOS; SIQUEIRA, 2015, p. 453).

Fui crescendo, comecei a brincar em outros quintais...

Tornei-me professora e no exercício docente na educação básica busquei trazer as vivências narrativas para a sala de aula, interligando as áreas de conhecimento que a grade curricular apontava com as histórias do imaginário amazônico. O quintal tinha ficado bem maior...

Trago a vivência na Escola Municipal Professora Terezinha Souza, no bairro da Castanheira, comunidade que vive às margens do Utinga, com pescadores, lavadeiras e outros que utilizam o rio como referência. No imaginário daquelas pessoas, habitam diversos encantados, especialmente os ligados ao rio, como a Cobra Grande, a Iara, o Boto etc. Mas as matas também contavam suas histórias, trazendo a Matinta Perera e o Curupira como parte do acervo narrativo da comunidade.

A experiência teve princípio no ano 2000. A escola estava recém-inaugurada, a comunidade escolar iniciava a construção das relações humanas e de trabalho, e, durante a I Jornada Pedagógica, duas professoras (Ana Cristina Ramos e Andréa Cozzi), que assumiriam as turmas dos Ciclos II, cogitaram a possibilidade de interligar os saberes do rio e da mata aos da escola. As professoras tomaram a iniciativa de propor um projeto voltado para o trabalho interdisciplinar. Após algumas pesquisas, surge o projeto “A ciência do povo na escola”, objetivando “integrar o conteúdo sistematizado do Ciclo Básico II ao conhecimento trazido pelo aluno, de modo a contribuir para a formação do aluno-pesquisador com foco no imaginário amazônico e sua relação com o ecossistema aqui encontrado” (COZZI; RAMOS, 2000, p. 5).

⁷ Abordagem trazida pelo doutor em Física Teórica Fritjof Capra que trata de uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Será explicitada no capítulo que trata sobre os diálogos econarrativos com a escola.

Figura 2 – Convite da primeira Roda de histórias realizada na escola EMEIF - Professora Terezinha Souza feita pelas crianças do grupo



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Olga Pombo (1993) trouxe iluminura no entendimento de interdisciplinaridade ao dizer que não se trata de uma nova proposta pedagógica, *mas uma aspiração emergente no seio dos próprios professores*, são experiências iniciadas pelos docentes visando a integração dos saberes. É o modo de ser e estar no mundo que impulsiona o professor a pensar e a agir no seu fazer pedagógico enredado. Os diálogos sobre uma temática são construídos a partir do olhar de diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo as suas relações de forma que possam favorecer a aprendizagem. Para isso, é necessária uma atitude interdisciplinar, pensar propostas curriculares integradas com a participação ativa dos sujeitos envolvidos no cotidiano educativo.

O trabalho interdisciplinar nos nossos primeiros voos consistia em, a partir da língua portuguesa, explorar outras áreas do conhecimento. No texto do Boto, recolhido por um aluno, por exemplo, foi possível abordar o modo de vida dos povos ribeirinhos, animais mamíferos, os cetáceos, o uso de partes do animal como amuleto (ameaça de extinção), a pesquisa de outros animais ameaçados de extinção, a análise da letra da música “Foi boto, sinhá!”, do compositor Waldemar Henrique, a performance da narrativa do boto, entre outras ações.

A proposta citada tinha como eixo a compreensão das interligações entre o cotidiano da comunidade que, ao mesmo, tempo tinha uma relação forte com o rio e a mata, localizados no final da rua da escola; a urbanidade, simbolizada pela construção de um *shopping center* nas proximidades da escola; e os conhecimentos necessários para as problematizações observadas no dia a dia da comunidade.

De antemão, enquanto docentes, foi imprescindível refletir sobre a nossa relação com os saberes encontrados nas visitas à comunidade e como faríamos a mediação do processo de ensino e aprendizagem. Qual seria a nossa postura diante de tudo que vimos e ouvimos? Qual a nossa relação com os demais saberes, já que o desejo era realizar um trabalho integrado, em teia? Como as ações a serem planejadas poderiam enredar várias áreas do conhecimento levando em consideração os outros fios disciplinares? Tais questionamentos foram determinantes no desenrolar do projeto pedagógico.

É importante pontuar que o projeto “A ciência do povo na escola” não se resumiu ao livro-texto, feito a partir dos registros das narrativas trazidas pelas crianças. Essas narrativas

foram corrigidas coletivamente, ilustradas pela turma e utilizadas como o livro didático. A partir dos textos das crianças, as aulas eram planejadas. Paralelamente, foram desenvolvidas mais duas ações: O jornal do CB II e o grupo de contadores infantis de histórias. O jornal objetivava construir um espaço para a divulgação das produções escritas dos alunos, além de apresentar questões relevantes em relação à comunidade escolar e à região amazônica.

Outra ação do “Ciência do povo na escola” foi a formação do grupo de contadores infantis de histórias, também pensado por meio de um desejo: ver as crianças compartilharem as histórias do livro-texto com outras alunas e alunos da escola, assim como recuperar a prática de contar e ouvir histórias. Naquele momento, uma voz ecoava na minha cabeça, a de Zumthor.

Dizendo qualquer coisa, a voz se diz. Por e na voz a palavra se enuncia como memória de alguma coisa que se apagou em nós: sobretudo pelo fato de que nossa infância foi puramente oral até o dia da grande separação, quando nos enviaram à escola, segundo nascimento. Não se sonha a escrita; a linguagem sonhada é vocal. Tudo se diz na voz (ZUMTHOR, 2000, p. 100).

O caminho foi percorrido desde o momento em que percebemos a “separação” de nossos alunos e alunas com a oralidade até o momento no qual o grupo era convidado a participar de vários eventos para contar histórias (feiras de livros, encontro de professores, abertura de congressos, eventos em escolas públicas e particulares e até para o embaixador da Palestina). O compromisso, labor, desejo, encantamento, descobertas, construção, resistência, cooperação, reversibilidade são palavras que, entre outras, nos impulsionavam e nos salvaguardavam diariamente. Paralelamente, procuramos participar de eventos culturais como exposições, trilhas ecológicas, encontros com autores paraenses, feiras de livros, museus, oficinas, palestras etc. E o que foi para eles esse encontro com as narrativas orais e escritas? Suas vozes nos dizem (COZZI, CORDEIRO, 2002, p. 39-40).

“Não é só adulto que conta histórias, criança também tem a sua vez... Quando eu começo a contar histórias, às vezes eu começo mal, falando baixo, depois eu vou me soltando aos poucos, me sinto dentro da história, eu me sinto uma personagem”.

Keile Anne Gusmão, 12 anos

“Antes eu não gostava de índios, agora quando eu entrei no grupo, que é como um grupo indígena, passei a gostar de tudo relacionado à cultura”.

Raul Sérgio, 11 anos

“Eu não sabia nem pegar na caneta, nem no lápis para escrever, não estou estas maravilhas, mas no grupo contadores de histórias estou aprendendo muito. Um dia desses o professor de História perguntou sobre a Palestina, eu fui lá e peguei tudo que estudamos e contei a História” (referindo-se às pesquisas sobre o povo palestino para contarmos histórias ao embaixador daquele país).

Allan Ricardo, 13 anos

“A primeira vez que eu contei histórias foi na UEPA dia 19 de abril de 2002, às 7h30 da manhã. Essa foi a hora mais emocionante da minha vida!”

Marília Gabriela, 10 anos

“Quando estamos contando histórias, o olhar das pessoas chama muita atenção, o jeito delas falarem com a gente, quando elas aplaudem. A gente dá alegria para aquelas pessoas que estão ouvindo”.

Dimily Dayse, 14 anos

As vozes infantis indicaram como o projeto reverberou nas crianças e em suas famílias: autoestima, conhecimento e reconhecimento da produção cultural amazônica, estreitamento de laços familiares, desenvolvimento da aprendizagem, com destaque para a oralidade, leitura e escrita.

Lembro que, naquele tempo de formação do grupo de contadores infantis de histórias, fizemos a leitura em doses homeopáticas, cada dia um pedacinho do livro de Daniel Munduruku *O banquete dos deuses: conversas sobre ancestralidade brasileira*. Ouvir a voz narrativa do autor fortaleceu o grupo e passamos a ter maior entendimento da beleza e da força que habitam nas vozes ancestrais. Daniel passou a ser uma voz presente para nós, ouvimos na beira do igarapé imaginário que ficava na sala de aula o seguinte convite:

Gosto muito de contar histórias. Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram (MUNDURUKU, 2001, p. 7).

Figuras 3, 4 – Contadores infantis de histórias narrando para professores e escritores no Bosque Rodrigues Alves no dia do Meio Ambiente e na Universidade do Estado do Pará



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2001.

Figuras 5, 6, 7 – Embarque das alunas e professora para o Prêmio Escrevendo o Futuro e narração de histórias na Feira Pan-amazônica do Livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2002.

A experiência vivida com o Projeto “A Ciência do povo na escola” foi essencial para nossos primeiros voos na escola citada com o trabalho interdisciplinar, tomando como base as narrativas orais, a língua portuguesa, a arte e o ensino de Ciências. Os resultados foram consistentes e possíveis. As crianças aguçaram o desejo de conhecer e investigar os fenômenos que ocorrem nas suas cercanias, os quais muitas vezes passavam despercebidos. Além disso, desenvolveram autonomia como pesquisadoras e desenvolveram as linguagens escrita e oral.

Três crianças foram semifinalistas do Prêmio Escrevendo o Futuro, hoje chamado de Olimpíadas da Língua Portuguesa. Os textos⁸ premiados foram nas categorias: Poemas, com o texto *Bela Belém*; Artigo de Opinião, com o texto sobre a falta de saneamento básico no bairro da Castanheira; e, por último, a categoria Reportagem Turística, com o texto *Vem Ver-o-Peso*. Com a premiação, as três alunas e uma professora ganharam uma viagem para Manaus, com direito à participação em programações turísticas na capital do Amazonas, oficinas de produção textual e o recebimento de *kits* de livros literários.

Alunos e alunas, antes com dificuldades de aprendizagem, demonstravam interesse e expertise na leitura, escrita e na área de Ciências, que eram nossos focos no projeto. O uso das narrativas orais religou os fios da teia! Desde então, as práticas pedagógicas por mim desenvolvidas bebem dessa fonte.

⁸ Ver os textos em anexo.

Figura 8 – Matéria no jornal *O Liberal* sobre as Tuerarup Geisiane Flor, Marília Gabriela e Lilian Silva, finalistas estaduais do Prêmio Escrevendo o futuro



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2002.

Ao olhar para trás e perceber a passagem de vinte anos (2000-2020), desde a concepção do projeto com o uso das narrativas orais à preparação de contadores infantis de histórias, lembro que muitos profissionais da educação não viam com bons olhos o trabalho com a oralidade. Não raras vezes, as duas professoras foram questionadas sobre a eficácia de uma prática pedagógica que utilizava as narrativas orais como fio condutor do trabalho pedagógico interdisciplinar.

Na decisão da não utilização do livro didático pronto e acabado enviado para a escola, e, sim, na construção coletiva do livro-texto com as histórias registradas pelos alunos do bairro Castanheira, tínhamos como base para as aulas o estímulo à formação do aluno pesquisador, o reconhecimento e o respeito aos saberes da comunidade, entre outras possibilidades que pareciam ousadas ou causavam estranhamento na escola naquela época.

Os pequenos contadores e contadoras de histórias hoje são adultos, a maioria cursou graduação. Duas delas são colegas de profissão e participam do Movimento de Contadores e Contadoras de Histórias (mais detalhes em seguida). Ambas fizeram o trabalho de conclusão de curso sobre suas experiências como crianças contadoras de histórias do grupo Tuerarup. Marília Gabriela, uma das finalistas do Prêmio Escrevendo o Futuro com o poema *Bela Belém*, é formada em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará e atua como professora concursada no município de São Domingos do Capim, estado do Pará. Fiz parte da banca examinadora de seu trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado *Tuerarup: o imaginário nas lendas dos pequenos contadores*, apresentado no ano de 2017.

Marília Gabriela entrevistou alguns dos antigos participantes do grupo Tuerarup. Ler suas impressões, agora adulta, nos ajuda a pensar na reverberação do trabalho com a oralidade, leitura e escrita de maneira interdisciplinar. Vejamos três falas retiradas do seu TCC.

O Tuerarup me deu a chance de descobrir quem eu era, e o que eu gostava de fazer além de jogar bola, claro. Contar histórias. E como eu gostava de contar, e gosto até hoje, sou labioso (risos). Aprendi com meu pai, que as coisas que ouvimos precisam ser contadas, porque se ouvimos somos capazes e temos o dever de passar adiante. Eu acreditava em tudo que eu contava, e me divertia com a cara de espanto dos colegas. Eu não contava histórias por contar, eu vivia cada palavra que eu contava, eu tentava viajar o mais profundo que eu pudesse para encontrar com aquilo que eu contava. Para mim, ser contador Tuerarup é não deixar morrer, não deixar acabar, não deixar de acreditar em tudo que contamos. Só assim será para sempre, como diz a palavra dos Tembé. Não vejo a hora de ver minha filha contando essas histórias, porque ouvir ela já ouviu cada coisa de mim (risos), e assim de um em um vai sendo de verdade *Tuerarup* (Relato de Allan Silva, 2017, Empreendedor) (SALDANHA, 2017, p. 57).

O grupo Infantil de Contadores de Histórias TUERARUP.. A minha infância não teria tido o mesmo encanto, nem a mesma alegria; os estudos, a leitura, a escrita, a aprendizagem, enfim, a vida escolar não teria ganhado muito sentido se não fosse o poder vindo das histórias ouvidas, contadas e escritas através do grupo Tuerarup! O amor aprendido pelas histórias me ensinou o amor pela escola!

Tempo de ler, ouvir, ou contar história era tempo de ser feliz, e continua sendo, porque é “Tuerarup” mesmo, é para sempre mesmo, o que as histórias fazem em nós e através de nós! Nossa vida não teria o mesmo encanto sem as histórias que povoam nossas memórias desde esse tempo... É TUERARUP, é PARA SEMPRE! (Relato de Geisiane Flor, 2017, Psicóloga). (SALDANHA, 2017, p. 68).

Ao fim deste trajeto, percebo que as experiências que tive como ouvinte e contadora de histórias no Tuerarup me marcaram de maneira tão profunda, que nem mesmo eu poderia imaginar. Durante a construção do trabalho, pequenos filmes passaram diante de meus olhos, e me arrancaram lágrimas. O choro não foi de pesar, foi de contentamento. Passei por tanta coisa maravilhosa, quantas experiências únicas tive oportunidade de viver. Minha saudade é real, e me impulsiona a nunca deixar de viver o Tuerarup. Como contadora, ouvinte, professora, quero levar adiante o que me foi ofertado com tanto amor de dedicação. Pude rever amigos de infância, amigos de roda de histórias, pessoas que se eternizaram em mim, que fizeram parte de uma das melhores fases de minha vida. Minha infância. As reminiscências que trago de lá são puras e carregadas de encantamentos, hoje percebo que lá no passado todos nós definimos nossos futuros. Mergulhar nas narrativas orais, nos conceitos de imaginário, memória, performance, foram essenciais para minha formação como pesquisadora. Conhecia as histórias, mas as fundamentações teóricas foram-me apresentadas para embasar minha pesquisa, e solidificar meus anseios de permanecer nesta linha. As histórias que contamos deram voz aos seres encantados, aos caboclos que repassaram seus causos para que possamos contar. Ser Tuerarup é isso, dar voz ao imaginário e ser a voz dos encantados. Contar histórias é trazer pessoas para perto, viajar junto com elas e mostrar que há sempre um fundo de rio para visitar, uma floresta nova para conhecer, um céu para explorar, e um mundo repleto de possibilidades encantatórias (SALDANHA, 2017, p. 74).

Hoje, a oralidade tem seu lugar. Muitos professores trazem para seu cotidiano docente as narrativas orais buscam ampliar seus repertórios de contos, têm a preocupação com a performance, buscam contar com percepção e atenção ao corpo, à voz e à memória; desejam pesquisar, ler, estudar e vivenciar a temática.

Em 2011, um grupo de professores, poetas, escritores, entre outros, decidiu se unir enquanto grupo sem vínculos institucionais para potencializar a prática de ouvir e contar histórias, assim surgiu o Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM). O grupo desejava realizar o I Encontro de Contadores de Histórias da Amazônia nos seus primeiros impulsos, a fim de iniciar um espaço de discussão sobre a arte de contar histórias na região por meio de palestras, mesas-redondas, relatos de experiência, rodas de histórias etc. Desejavam congregar contadores, arte-educadores, pesquisadores, professores, alunos e o público em geral que se identificassem com a arte de contar histórias e sua importância para a sensibilização da sociedade contemporânea com suas diversas possibilidades e potencialidades.

Figuras 9, 10 – Logomarca do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM) e III Nem te conto – Encontro de Contadores de histórias da Amazônia em parceria com a Fundação Cultural do Pará



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 11 – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas nas ilhas do Combu e Murutucu



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figuras 12 e 13 – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas no Assentamento Terra/Cabana do MST



Fonte: Acervo MOCOAM, 2021.

Figuras 14 e 15 – Imagens das bibliotecas comunitárias – samaúmas na Ilha do Maracujá



Fonte: Acervo MOCOHAM, 2021.

A organização em Movimento possibilitou avanços nas práticas ligadas à oralidade, tanto para os que diretamente compõem o MOCOHAM quanto para as demais pessoas que participam das ações propostas, como os encontros de contadores, festivais de histórias com a participação de contadores tradicionais das ilhas de Belém e os moradores da parte continental. O contato com a diversidade de narrativas e narradores fortaleceu o trabalho com a oralidade em vários locais além do espaço escolar.

Atualmente, contamos com uma teia de contadores de histórias de várias regiões do país, que se identificam com o imaginário mítico amazônico. Nascer na região Norte não é um pressuposto para fazer parte do Movimento, pois não se trata somente de um espaço geográfico, mas um modo de ser e narrar com a fluidez das águas e o enredamento rizomático da samaúma. As pesquisas e o trabalho dos contadores e contadoras de histórias da Amazônia são reconhecidos no Brasil, alguns premiados por suas práticas narrativas e com artigos publicados internacionalmente para nutrir a palavra narrada e os ensinamentos nela contidos.

As ações do Movimento têm como alicerce a tríade oralidade, leitura e escrita. A implantação de bibliotecas comunitárias, inicialmente na região insular de Belém, consiste em uma das ações batizadas de Samaúmas⁹, por sua importância e simbologia para os povos da floresta, que têm a crença de que a samaúma é a mãe de todas as árvores. Em sua sapopema, há um portal por onde transitam os seres encantados da floresta. O intuito é disponibilizar para as comunidades uma caixa-estante com um acervo inicial de 300 livros. Um morador fica responsável por abrigar na sua casa a Samaúma, realizando empréstimos e atividades com os leitores.

⁹ Maior árvore da Amazônia e uma das maiores do mundo. Chega a ter 60 metros de altura e 40 metros de copa e o seu tronco é muito volumoso, até 3 m de diâmetro. É uma planta tropical nativa do México, América Central, e Caraíbas, norte da América do Sul e da África Ocidental. Essa árvore consegue retirar a água das profundezas do solo e trazer não apenas para abastecer a si mesma, mas também para repartir com outras espécies, pois suas raízes, conhecidas como sapopema, arrebentam em determinadas épocas do ano irrigando toda a área em torno dela. Disponível em: <https://www.iguieciologia.com/samauma/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Figura 16 – Cartografia da memória em tecido



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A inauguração da biblioteca comunitária é feita com a participação dos contadores de histórias das ilhas juntamente com os contadores que vivem no continente, incluindo oficinas com arte-educadores sobre arte e meio ambiente e mediação de leitura, além das rodas de histórias. Na “plantAÇÃO” das três primeiras Samaúmas – bibliotecas comunitárias, que consiste na entrega do acervo para a comunidade, o arte-educador e artista plástico Apolo Neves realizou a ação por ele intitulada de “Quadro vivo” em que a tela vai sendo pintada em tempo real da ação. Assim, os quadros seguintes são a visão do que ocorreu na entrega das bibliotecas.

Figura 17 – Quadro vivo. Pinturas feitas em tempo real por arte-educador na entrega das Samaúmas para as comunidades – biblioteca comunitária na Ilha do Murutucu



Figura 18 – Samaúma – biblioteca comunitária na Ilha do Combu



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 19 – Samaúma – biblioteca comunitária na Várzea



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

O rio-narrativo: os mergulhos nas memórias líquidas

Negar a essencialidade do uso das narrativas orais num lugar chamado Amazônia – cuja população rural-ribeirinha, e mesmo a que vive na região urbana, narra em primeira pessoa, testifica e tem crença no imaginário aqui encontrado – *é negar os saberes que nos constituíram social e culturalmente. Saberes passados de geração para geração que impulsionam o cuidado com o meio ambiente.*

Na região amazônica, encontramos um significativo acervo de narrativas. O imaginário é fertilizado pela presença *estetizante* das águas e das matas. Conforme atesta Loureiro (2015), as longas horas que o ribeirinho passa nos rios e na floresta proporcionam um estado de meditação ativa. Sentado na embarcação à espera do peixe, ou à espreita da caça, a *contemplação devaneante* assume a função de enredamento entre homem e natureza.

As relações estabelecidas entre homem e natureza na Amazônia envolvem a sua sobrevivência percebida e vivida a partir do meio ambiente. A manutenção da vida ribeirinha depende, em grande escala, da rede tecida com os elementos constitutivos do lugar. O conceito de cultura amazônica chega por meio do olhar de João de Jesus Paes Loureiro.

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam mais vivas se mantém as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos etc. (LOUREIRO, 2015, p. 79).

As narrativas são o ponto de partida e chegada do imaginário das populações ribeirinhas da Amazônia, o mito como o alfa e o ômega para atribuir sentido explicativo aos fenômenos

naturais observados pelos que vivem as comunidades rurais-ribeirinhas. Possuem a função estabilizadora da reciprocidade entre homem e meio ambiente. Trata-se de explicações que são fruto de entendimentos organizados e reorganizados ao longo dos tempos, transmitidos em forma de narrativas das gerações anteriores para as atuais.

Devaneando à beira dos rios, acorçado à soleira da porta de sua morada debruçado no peitoril da janela, fumando no trapiche ou à cabeça da ponte em frente às águas, navegando após as fainas da pesca, o caboclo devaneia diante do rio e da floresta, desenvolvendo audaciosas personificações estéticas, convive com os sonhos, repousa no tempo sem pressa no mundo sonhado. Um mundo que ele constrói em repouso, após as jornadas da pesca ou da lavoura, exatamente quando cessam as tarefas do trabalho, diante desse mundo físico que ele já encontrou construído. Balançando-se na rede que herdou do índio, o caboclo refaz o universo em sua imaginação emocionada. O caboclo também cria seus mitos balançando-se na rede. Refaz o seu mundo a partir do breve movimento dessa estrutura de leveza rendada e suspensão no ar (LOUREIRO, 2015, p. 202).

Nas ilhas que compõem a parte insular de Belém, são recorrentes os relatos das aparições da Curupira. Para os moradores, ela é a guardiã da floresta, espírito que cuida da fauna e da flora, a mãe da mata. A ela cabe o papel de proteção de toda forma vivente da floresta. Os que ousam retirar da mata mais do que o necessário para a sobrevivência são mundiados¹⁰, ficam perdidos por longas horas na mata. A necessidade do cuidado com o meio ambiente chega pela voz dos que contam as narrativas para as crianças e adultos da comunidade. Desde tenra idade, as histórias fazem parte dos ensinamentos do educar e do cuidar, da forma como explicam os movimentos de vida a partir do imaginário.

As explicações para os fenômenos naturais vivenciados nas áreas rurais-ribeirinhas da Amazônia são elucidadas por conceitos formulados dentro da seara do imaginário, criações e representações, tentativas de entendimento, de dar significados ao vivido, que, na Amazônia, encontra-se numa zona difusa de interpenetração em que real e imaginário se misturam, formando o amálgama das culturas amazônicas.

Loureiro (2015) nos ajuda no entendimento do conceito de imaginário por meio de Leonardo da Vinci e suas experimentações com a pintura ao trazer o *sfumato*, ou seja, a zona difusa de sombreamento no desenho, efeito conseguido por meio do uso da estopa e não do pincel, que causa uma fusão sutil, não determinada com linhas, demarcando e separando os desenhos, um jogo de luz e sombra que causa nos apreciadores da obra de arte um impulso poético. “O conceito de *sfumato* remete à interseção do cotidiano com os fenômenos poéticos, gerando um entre-lugar característico da cultura amazônica, o espaço do devaneio, da contemplação” (LOUREIRO, 2015, p. 203).

O narrador na Amazônia testifica a veracidade dos seus ensinamentos em forma de histórias ao utilizar a primeira pessoa – “eu vi, aconteceu comigo” – ou em relação a alguém muito próximo a ele, como um vizinho, parente etc. O real e o irreal ocorrem num diálogo

¹⁰ Mundiado: causar torpor a; encantar, magnetizar. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mundiar/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

narrativo, criando e recriando sentidos e significados aos tempos e espaços habitados como testemunho, registro de ser e viver entre as águas e a floresta.

A escuta do acervo narrativo envolve a percepção da teia de símbolos tecida pelas experiências de comunicação entre as pessoas e materializadas por meio da voz. Aqui, cabe um questionamento: Qual a percepção da instituição escolar diante do acervo narrativo das populações rurais-ribeirinhas amazônicas?

A região das ilhas possui escolas sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém, as quais são denominadas de Unidades Pedagógicas, administrativamente vinculadas às escolas sede EMEIF Milton Monte e EMEIF Sebastião Quaresma, localizadas na Ilha do Combu. O corpo docente divide-se entre professores que fazem a travessia diariamente de Belém e outros moradores das ilhas.

O registro das narrativas orais teve início no ano 2013 por ocasião do desenvolvimento da pesquisa de mestrado em Educação na Universidade do Estado do Pará (UEPA), no Programa de Pós-Graduação em Educação – linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, sob a orientação da professora Josebel Akel Fares. A dissertação intitulada *Tessituras poéticas: educação, memória e saberes em narrativas da Ilha Grande, Belém – Pará* abordou um ensaio cartográfico por meio das vozes de moradores da Ilha Grande, com a identificação e análise das seguintes categorias: saberes do lugar; saberes ambientais; saberes escolares e saberes mitopoéticos (COZZI, 2015). A constatação da recorrência e importância em que surgiram na pesquisa os saberes ligados ao meio ambiente trouxe a necessidade do foco sobre o olhar, a reflexão e compreensão dos fenômenos observados e analisados pela própria comunidade.

O desejo em aprofundar a pesquisa iniciada no mestrado em Educação, na UEPA, teve continuidade no ano de 2019 com o foco nos saberes ambientais a partir do meu ingresso no doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM), da UFPA. As pesquisas desenvolvidas nesse programa têm como foco o ensino a partir de duas áreas de concentração, quais sejam: Educação em Ciências e Educação Matemática. Assim, esta pesquisa encontra-se vinculada à Educação em Ciências, na linha de pesquisa Docência e Diversidade, sob a orientação do professor Carlos Aldemir Farias da Silva, que tem as relações entre Antropologia e Educação como foco de pesquisa, a partir dos *saberes da tradição* como afirmação do contato com as memórias e a cultura de povos tradicionais e suas práticas socioculturais, incluindo conhecimentos de uma *ciência primeira*, em conformidade com Claude Lévi-Strauss (1997).

Pela aproximação das minhas pesquisas e vivências com as narrativas orais, encontrei no referido programa de pós-graduação as pesquisas desenvolvidas pelo professor Carlos Aldemir Farias que dialoga com a temática desta pesquisa e, assim, a sintonia se estabeleceu a partir do projeto de pesquisa do meu orientador¹¹ em diálogo com as minhas pesquisas nas ilhas sul de Belém do Pará, em especial, sobre os “saberes ambientais e as narrativas orais”.

¹¹ “Histórias da Tradição na Educação: contribuições para a formação de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” (FARIAS DA SILVA, 2019). De acordo com informações extraídas das conversas com o meu orientador, o referido projeto de pesquisa atualmente em desenvolvimento na Universidade Federal do Pará é um desdobramento e uma ampliação de um projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na linha de pesquisa Estratégias de Pensamento e Produção de Conhecimento no ano 2000 (FARIAS DA SILVA, 2000). Ao longo dos anos, a pesquisa com as histórias da tradição foi ganhando novos contornos e direcionamentos.

Como pedagoga, atuo na formação de professores e no assessoramento e acompanhamento das escolas da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), e este trabalho consiste, entre outras competências, nos diálogos com professores e coordenadores por meio da formação continuada. Como já citado anteriormente, a SEMEC abriga escolas na região insular em sua rede.

Nas travessias para os diálogos com as escolas e com a comunidade, a observação feita é de saberes ambientais sistematizados pelos ribeirinhos. Ao ouvi-los, percebe-se a definição da hipótese, o levantamento de dados, o compartilhamento das descobertas com toda a comunidade, a produção de conhecimento de maneira própria, peculiar. Esses sujeitos compreendem e interpretam o meio onde vivem com estratégias específicas que subsidiam não só a compreensão dos fenômenos, mas também a própria sobrevivência. Como aponta Almeida:

Ao lado do conhecimento científico, as populações rurais e tradicionais têm, ao longo de suas histórias, desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder a problemas de ordem material e utilitária tanto quanto tem construído um rico *corpus* da compreensão simbólica e mítica dos fenômenos do mundo. Apesar de se valerem dos mesmos atributos cognitivos que constituem o pensamento humano, essas duas formas de conhecimento – cultura científica e saberes da tradição – se pautam por distintas estratégias de pensamento: uma mais próxima da lógica do sensível, outra mais distante dela (ALMEIDA, 2017, p. 47).

Os *saberes da tradição*, conceito desenvolvido por Maria da Conceição de Almeida (2017), referem-se aos saberes construídos pelas populações rurais e tradicionais para explicar os fenômenos naturais e sociais e responder às questões do cotidiano e são acumulados e transmitidos aos mais jovens. São as formas de se organizar e reorganizar, tanto nos aspectos materiais quanto simbólicos. Nesse sentido, as comunidades ribeirinhas encontram a sua própria ciência para o manejo das questões sobre as práticas produtivas. Almeida nos apresenta a figura daquele com aptidão para a transmissão dos saberes:

Trata-se de um patrimônio comum a todos os indivíduos, mesmo que em todas as sociedades, algumas pessoas ou grupos se destaquem pela maestria em sistematizar, reorganizar e lapidar as representações que criamos sobre o mundo. Esses criadores e lapidadores de representações recebem denominações distintas nas diversas sociedades e tempos históricos: xamãs, pajés, curandeiras, conselho de anciãos, sacerdotes, cientistas. Em algumas culturas eles estão mais próximos do conjunto da sociedade; em outras, mais distantes do cotidiano da população. Em algumas sociedades e grupos, os construtores de conhecimento se ocupam também de tarefas práticas do cotidiano comum (ALMEIDA, 2017, p. 48).

Para exemplificar, um dos moradores da ilha é tido como referência pela comunidade por ser o contador de histórias. Sendo assim, alguém que se preocupa em ouvir com maestria as vozes do rio e da mata narra o seu ressentimento em relação à postura do IBAMA que havia proibido a extração do palmito sem apresentar justificativas ou proposições. Segundo os *saberes da tradição*, por ele apresentados sobre o manejo e a extração do açaí, é necessária a derrubada das velhas palmeiras para dar espaço ao desenvolvimento e fortalecimento das

mais novas. Esse tipo de manejo advém do conhecimento da comunidade como forma de subsistência: a derrubada para o consumo, “matar a fome”.

Figura 20 – Fruto do açazeiro e a peconha (Amarração similar a um cinto para a escalada em árvores, especialmente o açazeiro)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Figura 21 – Subida no pé do açazeiro com a peconha



Fonte: <www.agroecologia.org.br>

Os *saberes da tradição*, construídos a partir da observação e da experiência segundo o contador de histórias, são repassados pela oralidade de geração a geração. Ao serem estudados por pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), foi observada a sintonia entre a forma de manejo apresentada na voz do contador e as pesquisas científicas legitimadas, apreciando as etapas do semeio, as mudas, o roçar e os desbastes dos estipes¹² até o raleamento das matas¹³; tudo isso são estratégias da agricultura por eles praticada.

Esse exemplo apresenta-se apenas como um dentre vários encontrados pelos que sabem ler a natureza e anunciam a necessidade do desenvolvimento sustentável para o meio em que vivem. São os saberes sobre o plantio, a semeadura da terra como garantia da sobrevivência. O sentido de interligação com todos os seres e o desejo de religar os fios que compõem a teia da vida para a geração presente e as vindouras mostram-se como pertinentes preocupações.

Perceber se ocorre o diálogo entre a escola e a cultura expressa na dinâmica de vida dos moradores da ilha nos incita a percorrer os caminhos que nos mostrarão os saberes ambientais através das narrativas orais imersas nas práticas cotidianas dos amazônidas. Segundo Farias (2006), as narrativas são parte integrante da prática pedagógica.

Todo educador deveria estar atento aos recursos cognitivos possibilitados pelas histórias. Longe de servirem apenas como algo lúdico e recreativo, tais narrativas abrem novos universos de significação para a vida e costuram conteúdos de diversas disciplinas em direção a um conhecimento totalizador (FARIAS, 2006, p. 46).

O exercício da escuta das histórias contadas na comunidade envolve a transposição do entendimento de outras formas de ver e explicar o mundo, que não encontram ressonância na escola em muitas situações por envolver a rede de saberes expressa nas visões de mundo, na prática social cotidiana e nas histórias de vida de cada grupo.

A partir das reflexões feitas, o objeto de estudo construído apresenta-se por meio da seguinte pergunta: **Como são tecidos os saberes ambientais enredados com o imaginário mítico expresso na voz do contador de histórias e como circulam na região insular de Belém?**

A hipótese construída diz da existência de significâncias nos saberes ambientais construídos e reconstruídos por meio do imaginário contido nas narrativas orais amazônicas evocadas a partir das memórias dos narradores.

Na pesquisa aqui apresentada, as narrativas orais encontradas na ilha são o fio da meada para acessarmos a diversidade de saberes ambientais produzidos por homens, mulheres e crianças ao longo das gerações.

¹² O desbaste é realizado na maioria das touceiras, deixando-se de um a três estipes jovens e também de um a três estipes adultos. Essa prática é feita no momento da roçagem do açai. A função dos estipes jovens é de substituir os estipes adultos ou aproveitá-los para a produção de palmito. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/409228/1/23.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

¹³ É um termo empregado em agricultura que consiste em retirar as plantas em excesso, deixando o espaçamento ideal para o desenvolvimento das demais. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/raleamento/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Os homens, mais afeitos às longas caminhadas para o trabalho, sabem ler a natureza, compreender a linguagem dos animais e das plantas, os segredos da mata. Desenvolvem um rico conjunto de técnicas agrícolas, extrativistas, de pesca e de conhecimento sobre o ecossistema, mesmo que não registrem essa sabedoria por meio de palavras escritas em livros. Essa enciclopédia de saberes milenares corre o risco de se perder pelo ar a menos que os registros da oralidade se propaguem por gerações seguidas ou que algum apreciador dessas cosmologias de ideias as eternize por meio de palavras (ALMEIDA, 2017, p. 50).

Além das vozes do rio e da floresta, outras vozes se juntaram para dar alicerce ao texto. São as seguintes: Almeida (2017), com as problematizações sobre os saberes científicos e *saberes da tradição*; Bachelard (1990a, 1990b, 2018) e as bases lançadas sobre a ruptura epistemológica entre Ciência contemporânea e o senso comum, a poética do devaneio; Brandão (2002) e as pesquisas sobre o enredamento dos sujeitos com a cultura; Capra (2006a, 2006b), que aborda a alfabetização ecológica e a nova compreensão científica dos sistemas vivos; Fares (1997, 2008a, 2008b, 2010), sobre as poéticas orais; Farias (2003, 2006, 2011, 2013, 2020, 2021), sobre as vozes ancestrais que emanam das *histórias da tradição* e a religação dos temas das histórias com os conteúdos escolares na sala de aula; Freire (1987, 1992, 1995) e suas contribuições acerca da educação; Leff (2006, 2009), sobre o saber e a racionalidade ambiental; Loureiro (2015), com a cultura e o imaginário amazônico; Morin (2001, 2005, 2019), Morin, Ciurana e Motta (2003), Morin e Kern (2003) e os saberes necessários à educação, os conhecimentos contextualizados e o pensamento complexo como método de aprendizagem; Santos (2005, 2018a, 2018b), sobre a diversidade epistemológica e as epistemologias do sul; Zumthor (1994, 1997, 2010), sobre memória, oralidade, narrador e performance.

A bússola, ou a agulha de marear, utilizada pela pesquisadora para o ir e vir das travessias metodológicas será a abordagem qualitativa. A escolha se deu pelas características da pesquisa aqui apresentada, como, por exemplo, a participação dos sujeitos no processo investigativo. O método utilizado foi a Etnografia. A pesquisa de campo apresenta-se como eixo norteador dessa metodologia. As inserções constantes e prolongadas no cotidiano dos grupos pesquisados apontarão as pistas para as descobertas e compreensões do fenômeno estudado.

Entre as idas e vindas entre o continente e as ilhas, as técnicas entrevista, *photovoice*, diário de campo, caderno de atividades foram companheiras das viagens metodológicas. Na entrevista, a escuta dos sujeitos da pesquisa é a base para a utilização da técnica. As perguntas são abertas, com o mínimo de interferência do pesquisador, deixando a fluidez para a narrativa dos sujeitos.

A técnica de *photovoice* envolve a utilização de imagens capturadas pelos sujeitos da pesquisa, objetivando o desvelamento de situações da comunidade de que fazem parte por meio das fotografias e posterior problematização. As demais técnicas usadas serão exploradas posteriormente no Portal – *Memórias do mundo*.



Portal
Memórias do mundo

Lusco-fusco Sofia Cozzi, 2020. Técnica: aquarela.

Aprendimentos

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer.

Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que não sabia de nada.

Não tinha as certezas científicas. Mas que aprendera coisas di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente aprender o idioma que as rãs falam com as águas e ia conversar com as rãs.

E gostasse mais de ensinar que a exuberância maior está nos insetos do que nas paisagens. Seu rosto tinha um lado de ave. Por isso ele podia conhecer todos os pássaros do mundo pelo coração de seus cantos. Estudara nos livros demais. Porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar.

Chegou por vezes de alcançar o sotaque das origens. Se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno grilo, podia desmontar os silêncios de uma noite!

Eu vivi antigamente com Sócrates, Platão, Aristóteles — esse pessoal.

Eles falavam nas aulas: Quem se aproxima das origens se renova. Píndaro falava pra mim que usava todos os fósseis linguísticos que achava para renovar sua poesia. Os mestres pregavam que o fascínio poético vem das raízes da fala.

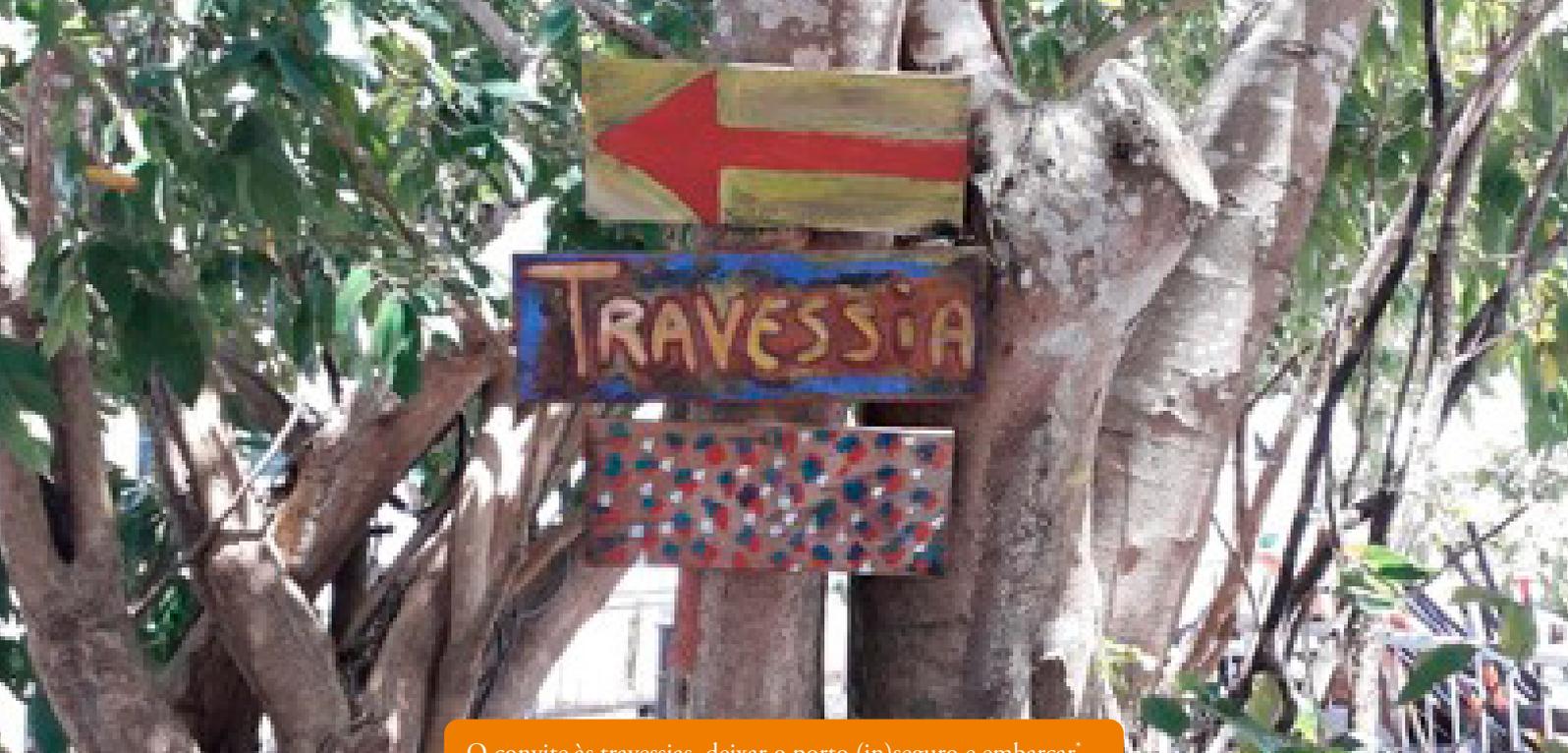
Sócrates falava que as expressões mais eróticas são donzelas. E que a Beleza se explica melhor por não haver razão nenhuma nela. O que mais eu sei sobre Sócrates é que ele viveu uma ascese de mosca.

Manoel de Barros

TRAVESSIAS ECO-IMAGÉTICAS

SEMEAREI O RIO
 Semearei o rio
 Que é o lugar
 Onde posso ter
 O verso que me escapa
 E o tempo
 Que não quer ficar
 Semearei o rio
 Que é o lugar
 Onde a morte
 Detém-se em alguma parte
 E ligeiras, suas
 Águas movem
 Do tempo, a fria Eternidade
 Que a deixarei
 Em alguma margem.
 Benilton Cruz

É em alguma margem, ou em todas elas, que as paisagens se expressam durante as travessias rumo à ilha das encantarias, entre-lugar do ontem e do hoje, compreensível aos dispostos a olhar e de ouvidos generosos. Em cada captura imagética somos convidados a percorrer caminhos nunca navegados, mergulhar nas profundezas dos rios e adentrar a mata densa, talvez, assim, possamos ir mais distante do que o corriqueiro embarque e desembarque nos permite. Sigamos em busca deste porto tão (in)seguro e (in)constante como as marés que banham o imaginário amazônico.



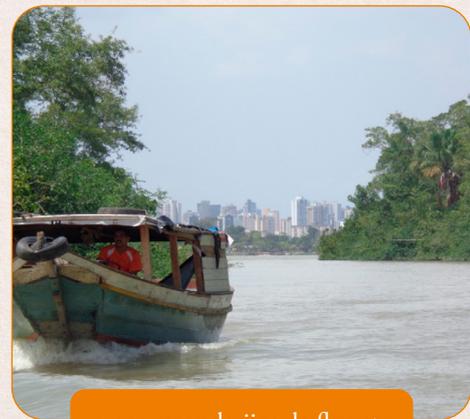
O convite às travessias, deixar o porto (in)seguro e embarcar*...



... no sem rumo das águas para alguém ancorar**



...do pô-pô-pô, a cidade dança na fluidez das águas.



e nos esconderijos da floresta

* Poetaria de coautoria – Iran Abreu Mendes e Andréa Cozzi.

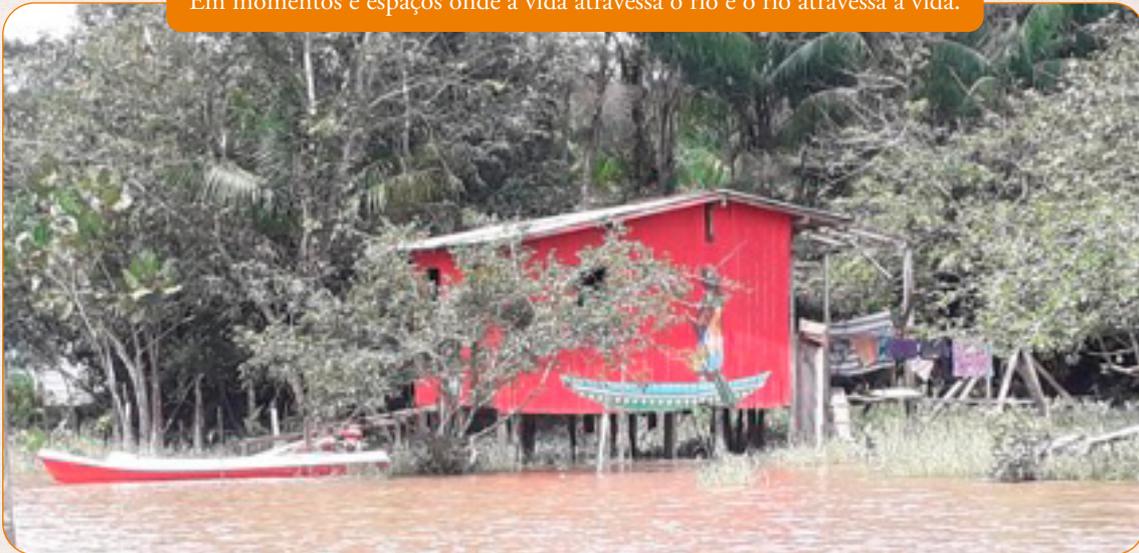
** Ancorar aqui tem o sentido de ancoradouro ou porto transitório.

Os fios da memória tramam a rede que pescam as histórias.

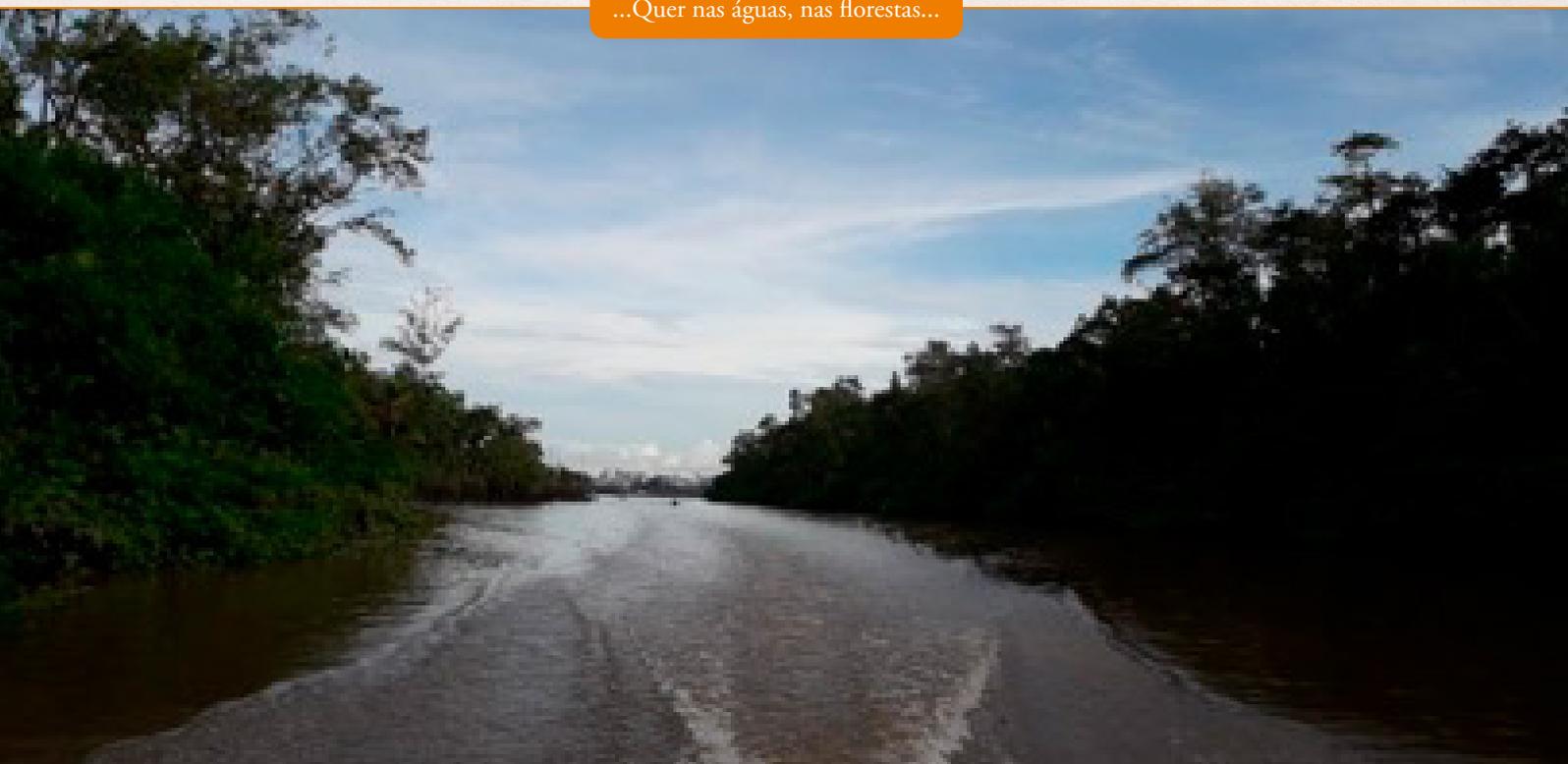


... na passagem pelos rios e pelas matas.

Em momentos e espaços onde a vida atravessa o rio e o rio atravessa a vida.



...Quer nas águas, nas florestas...





E nas geometrias dos emaranhados vegetais das raízes que emergem para falar de si.

É assim o rio se expressa que é preciso brincar...



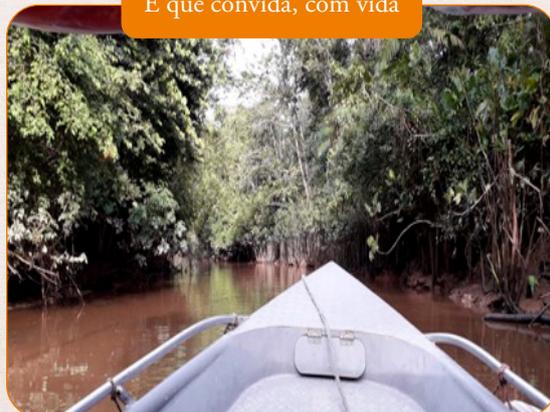
Tomar as águas como mar,
um doce mar – um rio mar.



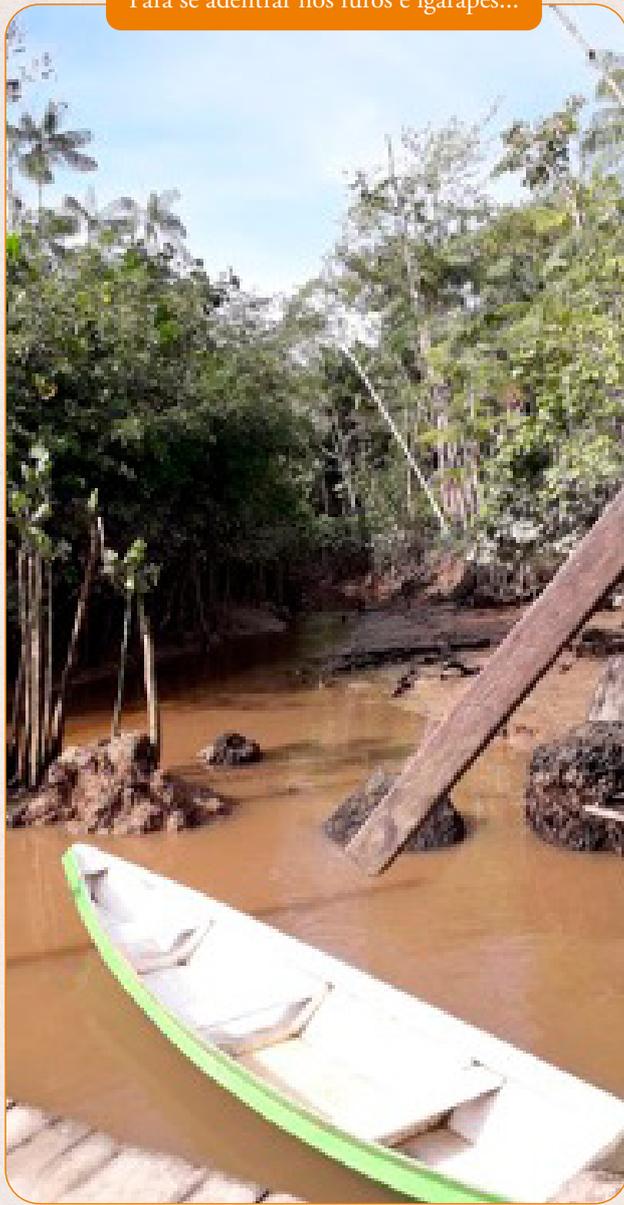
Em que a floresta também reflete um poetar...



E que convida, com vida



Para se adentrar nos furos e igarapés...



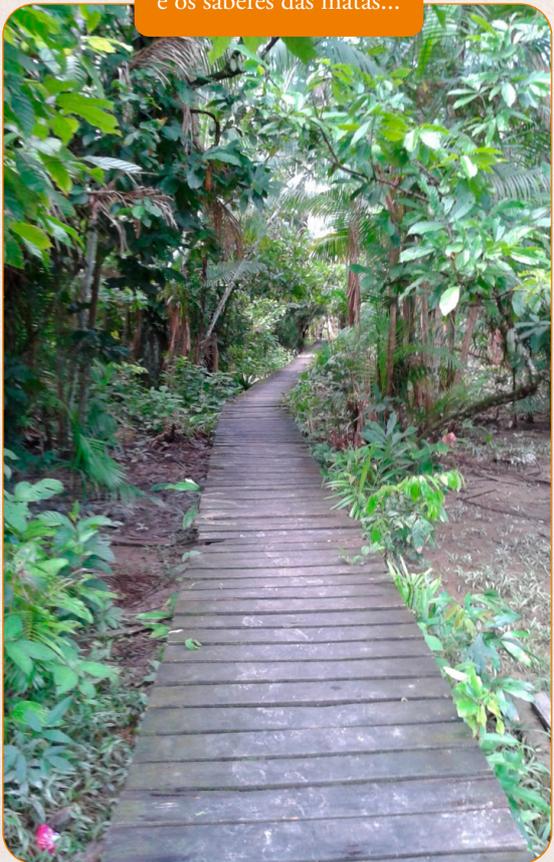


Nos portos e portas abertas.

Das fontes que levam ao gapuiar dos saberes das águas...



e os saberes das matas...





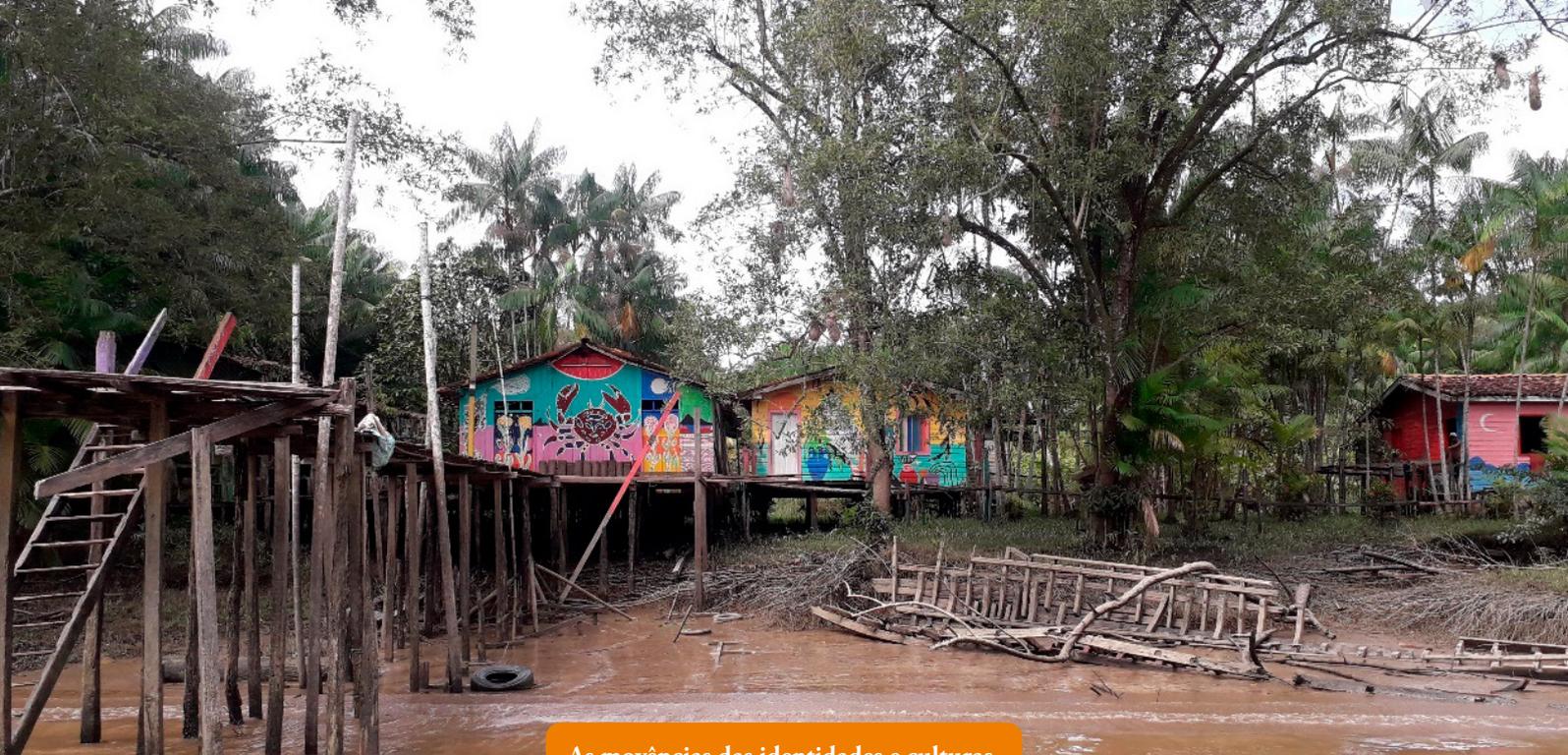
No entanto, é preciso ouvir e contar...





Para assim deixar ecoar as vozes das margens...





As movências das identidades e culturas.



Como o ir e vir das marés.

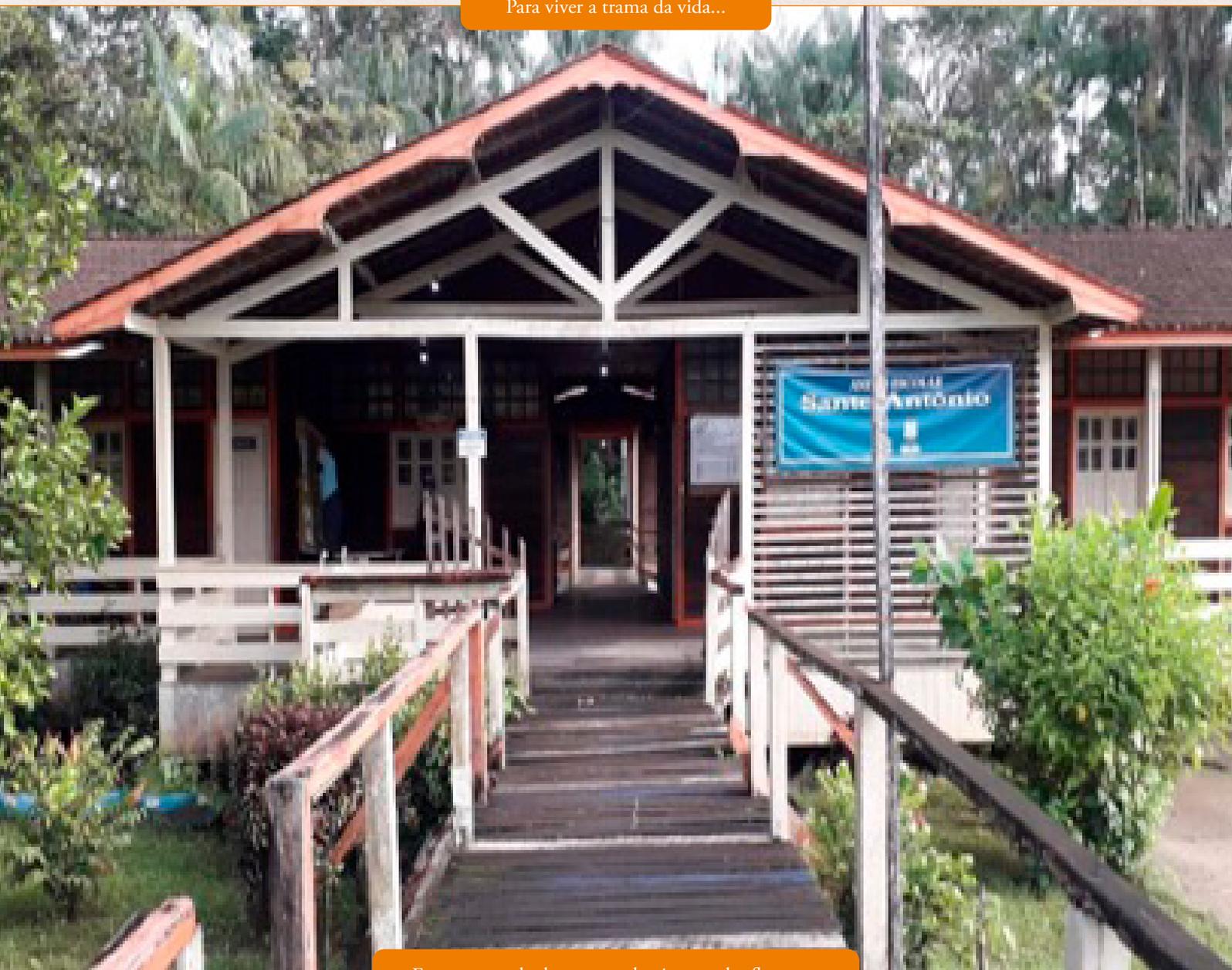




O que nos move? Inquieta? Nos faz atravessar um rio todos os dias?



Para viver a trama da vida...



Em uma escola do campo, das águas e das florestas.

Instrumentos de navegação¹⁴

O professor é alguém que fez a viagem e voltou. Ele foi até terras desconhecidas e teceu suas teias. Ao voltar, mostra-as aqueles que não foram. Ele lhes diz como é o mundo. Suas teias de palavras são mapas que mostram os caminhos seguros e indicam as trilhas que não levam a lugar algum. Ensinar é mapear o mundo, fazer visíveis, pelo poder da palavra, os lugares desconhecidos [...] sem mapas a vida seria muito difícil, o mundo seria permanentemente desconhecido, impossível de ser apreendido (Rubem Alves).

Quis dizer das coisas que vi e ouvi nos movimentos de vida de ensinar e aprender, dos caminhos que escolhi para percorrer e tornar possível a partilha de tais trilhas; com outro nome, diríamos ser os procedimentos metodológicos da pesquisa. É preciso lançar-se às águas da formação doutoral, deixar o porto, embarcar rumo às travessias eco-imagéticas e epistemológicas e perceber as limitações, entraves e dificuldades do percurso, bem como as potencialidades que abrigam o pesquisador com o arcabouço investigativo vivenciado na sua trajetória de pesquisa. Esses são sustentáculos que, ao mesmo tempo, firmam a filosofia, a epistemologia e a metodologia considerada pelo pesquisador, como também o colocam em rota de colisão com paradigmas a serem refeitos e revistos no processo de amadurecimento da travessia.

Os percursos da pesquisa têm como foco os saberes ambientais em narrativas orais, tanto as que trazem o imaginário quanto as histórias de vida da região insular de Belém do Pará, correlacionando os saberes ambientais expressos pela voz do contador de histórias com as práticas socioculturais da comunidade e as práticas pedagógicas da escola. Farias e Mendes (2014) nos indicam os conhecimentos produzidos pelas culturas e a necessidade de dialogicidade.

A compreensão da cultura se objetiva em uma noção-conceito importante na formação integral de qualquer profissional em educação. Estabelecer relações entre educação e cultura possibilita a construção de um pensamento, de uma atitude e de uma prática social e pedagógica capazes de respeitar e promover uma relação dialógica com a diversidade de expressões dos estudantes no âmbito da sala de aula, na vivência em ambientes de aprendizagem não formal e na sociedade de modo geral (FARIAS; MENDES, 2014, p. 15-16).

Realizar a travessia requer a utilização dos instrumentos de navegação. Como diz o ArteNauta viajante, a preparação tem início no planejamento da viagem. A metodologia será nossa carta náutica, a base da navegação pretendida. Com ela, podemos saber quais os caminhos navegáveis.

A bússola-abordagem, ou agulha de marear, será qualitativa. A escolha se deu pela necessidade de olhar os sujeitos da pesquisa a partir de suas multiplicidades e polifonia, com-

¹⁴ Informações sobre os instrumentos de navegação fornecidas por Leandro Quaresma, barqueiro e morador da Ilha Grande (compõe as ilhas sul da região insular de Belém).

preender as nuances trazidas pelos contextos do lócus da pesquisa, pelo contato estreito com os indivíduos, acolhendo a forma de compreender e explicar os fenômenos por eles vivenciados. Essa é uma característica da pesquisa qualitativa: ela considera relevante o corpo que, com sua gestualidade, narra os silêncios, os suspiros, os risos, as lágrimas, a disposição dos objetos que se encontram no local da pesquisa. As nuances serão consideradas e comporão as análises do texto de pesquisa.

Para Carmo e Ferreira (2008, p. 198), uma das características da abordagem qualitativa é a perspectiva holística. “Os investigadores têm em conta a ‘realidade global’. Os indivíduos, os grupos e as situações não são reduzidos a variáveis, mas são vistas como um todo, sendo estudado o passado e o presente dos sujeitos de investigação”.

A escolha pela abordagem qualitativa reflete a postura do pesquisador diante do mundo, seus posicionamentos e práticas e a habilidade de estabelecer diálogos com os sujeitos da pesquisa. Dialogar essencialmente envolve ouvir o outro ou os grupos, considerando respeitosamente suas visões e entendimento sobre os fenômenos.

O pesquisador participa ativamente do processo, tem interesse nas particularidades. Para alcançar os objetivos propostos, investe nas descobertas e na compreensão do que lhe é apresentado na pesquisa de campo. Não cabem, portanto, generalizações, confirmações de hipóteses, padronizações.

Os caminhos percorridos são inicialmente traçados de acordo com as hipóteses levantadas, elaboração e reelaboração a partir do que constitui a compreensão do investigador sobre seu modo de ser e estar no mundo. Morin (2005), no livro *Ciência com consciência*, nos apresenta a Ciência não somente como postulados cristalizados, mas como ideias e proposições enraizadas em contextos sociais, históricos e culturais. Fala-nos das ciências das coisas, das origens, como as ideias surgiram, organizam-se e reorganizam-se. Nesse aspecto, podemos dizer que a decisão por uma determinada abordagem de pesquisa envolve sua construção cultural, a teia simbólica em que estamos enredados desde o nascimento.

A relação entre o fazer científico, a pesquisa e o enraizamento cultural apresentados por Morin (2005) proporcionam a aproximação, o diálogo com o desenvolvimento do conhecimento considerando as demandas da Ciência, da tecnologia, da sociedade, do meio ambiente e da biodiversidade de forma conectada.

A orientação investigativa do pesquisador reflete, em sua gênese, o enraizamento cultural por ele habitado, que o faz ter percepções peculiares no campo da pesquisa. A teia que compõe o pesquisador vai se constituindo no decorrer da vida; ela inicia-se no campo pessoal com as influências da família e da comunidade tecendo o que somos.

As relações vivenciadas no cotidiano explicitam diferentes formas de se colocar no mundo. A clareza desse pressuposto no campo da pesquisa nos ajuda a compreender que pesquisa em educação envolve a tomada de consciência de que há um capital cultural, segundo Bourdieu (1998), que hierarquiza e legitima uma cultura em detrimento de outra, construída com base em disputas, dominação e violência simbólica.

Nosso perfil pessoal, intelectual, profissional, ético e político determinam as escolhas no campo da pesquisa. Consciente ou inconscientemente, somos levados a objetos de estudos que de alguma forma nos afetam, que têm sentido e significado e indicam pistas do compromisso que temos com concepções, causas, povos, identidades, por meio das escolhas filosóficas, epistemológicas e metodológicas. Reflexão pertinente e poucas vezes feita por quem se lança nas travessias da pesquisa.

A partir da bússola-abordagem qualitativa, o método previsto para a pesquisa com os saberes ambientais e as narrativas orais é o ensaio etnográfico, eles funcionam como um sonar que nos ajuda a saber a profundidade e a detecção de objetos nas rotas navegadas.

A Etnografia como método de pesquisa nasce no campo das Ciências Sociais, particularmente na Antropologia, tendo como pressuposto o entendimento da cultura, os modos de ser e agir dos grupos sociais. Cabe à Etnografia, por meio da observação, diálogo e registro do pesquisador, chegar à compreensão dos fenômenos vividos na pesquisa de campo.

O etnógrafo, por definição, é alguém que não se contenta com visões panorâmicas, que não se satisfaz com as categorias já existentes de descrição do mundo social (categorias estatísticas, categorias de pensamentos dominantes ou padronizados). Por princípio, manifesta ceticismo diante das análises “generalistas” e dos recortes preestabelecidos do mundo social. O etnógrafo reserva-se o direito de duvidar *a priori* das explicações já prontas de ordem social. Preocupa-se sempre com o ir *ver mais de perto* a realidade social, livre para ir de encontro às visões oficiais, a opor-se às forças que impõem o respeito e o silêncio, àquelas que monopolizam o olhar sobre o mundo (BEAUD; WEBER, 2014, p. 11, grifos dos autores).

Nesse sentido, o método de pesquisa aqui apresentado se vale fortemente da Etnografia enquanto um modo de compreender os saberes ambientais que circulam na região insular de Belém e que são transmitidos por intermédio das narrativas orais, em especial, pela voz do contador de histórias.

Nessa perspectiva, as técnicas são o rádio VHF, instrumento utilizado nas embarcações para manter contato com outros navegantes, a entrevista narrativa e a *photovoice*. Essas técnicas dialogam no sentido de incentivar os sujeitos a se pronunciar, contar as suas experiências, proporcionando o exercício da comunicação humana pautada na verticalidade das relações.

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

A entrevista narrativa é uma técnica centrada na escuta das histórias dos grupos, narrativas quase sempre relegadas ao esquecimento por não encontrarem ouvidos. A prática da entrevista narrativa requer perguntas abertas que proporcionem a expressão livre dos pensamentos com o menor grau de interferência do entrevistador. As perguntas organizadas pelo

pesquisador conduzem a conversa por searas determinadas pelo entrevistado. Ele encaminha o que é importante ser dito a partir dos questionamentos feitos.

Ao optar pela entrevista narrativa, o pesquisador precisa ter ciência das peculiaridades da técnica que envolve os rituais dos sujeitos, como o respeito aos silêncios, às emoções, às pausas para passar o café ou o chá. No caso específico das ilhas, a espera para a retirada dos camarões no matapi, entre outras intercorrências, ou, o termo mais apropriado, os movimentos da vida cotidiana.

A entrevista narrativa foi realizada com Mestre Simeão, 81 anos, morador do furo do Bijogó, na Ilha do Murutucu, apontado pelos alunos da Unidade Pedagógica e pela comunidade como referência na prática de narrar histórias. As histórias ouvidas e contadas na Ilha do Murutucu, Ilha Grande, circulam a partir da voz do Mestre. Ele receberá a nomenclatura de intérprete nas páginas da pesquisa, conceito utilizado por Paul Zumthor, crítico literário e historiador da literatura, para dar nome aos que fazem uso da oralidade para semear os saberes. Conforme aponta o referido autor, “o intérprete é o indivíduo que se percebe na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (ZUMTHOR, 2010, p. 239). Por meio de suas histórias, mestre Simeão interpreta a realidade vivida na ilha.

A *photovoice* foi desenvolvida no ano de 1997 pelas pesquisadoras da Universidade de Michigan, Caroline Wang e Mary Ann Burris (1997), empregando o uso da fotografia em estudos na área da saúde. A captura imagética pelos próprios sujeitos é utilizada com o intuito de desvelar situações, práticas, compreensões cotidianas expostas pelo olhar perceptivo dos participantes na pesquisa. Experiência de comunicação humana, a imagem capturada pelo olhar do participante por algum motivo ganha a voz do entendimento, na medida em que são desveladas a escolha e a importância da imagem.

Inicialmente, lança-se a temática norteadora do olhar a ser apreciado na captura da imagem. A pesquisa aqui apresentada tem interesse nos saberes ambientais da região insular de Belém. Portanto, *meio ambiente* foi o tema proposto a duas famílias de diferentes pontos da região insular (Ilha do Murutucu e Ilha do Maracujá). A escolha das famílias se deu porque são agentes de leitura nas bibliotecas comunitárias Samaúmas e pela localização geográfica de suas moradias em diferentes pontos da região insular.

Posteriormente, as fotografias foram impressas para serem utilizadas nas rodas de conversa. As imagens ganham voz pelos sujeitos, que lançam suas explicações e problemáticas sobre o que veem e percebem diante dos fenômenos que chamaram sua atenção a respeito do meio ambiente. Os diálogos são transcritos para a criação das categorias de análise.

No entanto, em virtude da pandemia de covid-19 e da necessidade do isolamento social, um dos protocolos de saúde instituídos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), não tivemos como realizar as rodas de conversa. Então, foi necessário a reinvenção, os diálogos foram feitos por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Os participantes da pesquisa enviaram as imagens, explicações e problemáticas por áudios no aplicativo e, dessa maneira, se desenrolava a “roda de conversa”.

A técnica da *photovoice* assume um *status* de narrativa das imagens. Ela perpassa a esfera documental, por se tratar de registros no processo investigativo, mas assume o caráter estético

a partir da escolha de uma imagem dentre tantas na paisagem. Da janela da percepção dos sujeitos, ocorre o diálogo entre as paisagens internas e externas em busca de um registro.

No fluxo de saberes dos sujeitos, tomemos como exemplo o trabalho com *photovoice* (será abordado com ênfase nas *Memórias de rio e floresta*) realizado com Douglas Richard Silva, da Ilha do Maracujá, com a temática *meio ambiente*, a fim de descortinar a situação-problema a partir da percepção da comunidade. A proposta começa com a captura da imagem, com a fotografia que chega até o pesquisador, e, em sequência, ouvindo as elucidações dos sujeitos. Ao apresentar a fotografia (figura 21), Douglas apontou o tratamento dispensado ao lixo pela comunidade como uma das questões que o incomoda.

Figura 22 – *Photovoice* Douglas Richard



Fonte: Douglas Richard, 2020.

A grande maioria despeja o lixo no rio. Inclusive, eu já presenciei cenas do pessoal jogar aquelas latas de conserva, um monte delas, no rio. A grande maioria faz isso, despeja no rio, como se o rio fosse a lixeira. E tem o lixo que vem, que a maré traz (DOUGLAS RICHARD, 2020)¹⁵.

Ao apontar o descarte do lixo como uma das questões-problema da comunidade, o morador coloca-se no lugar de estranhamento, desconforto causado pela situação por ele observada e vivenciada. Ao dizer que as pessoas da própria localidade despejam o lixo no rio como se ele fosse uma lixeira, demonstra que o sinal de alerta é acionado em sua consciência para as consequências dos atos de alguns moradores. E, assim, apresenta, por meio de *photovoice*, sua organização e reorganização sobre o espaço vivido.

¹⁵ Narrativa de Douglas Richard Silva registrada pela pesquisadora.

Permitir vir à tona as diferentes visões e vozes envolve possibilitar o entrelaçamento das linguagens visual e verbal, corroborando outras formas de produção do conhecimento que considerem a voz, a memória e o imaginário. Conforme discorre o pesquisador da antropologia das imagens Etienne Samain:

O que pode oferecer a um historiador ou a um antropólogo uma imagem, geralmente considerada e conotada, em termos heurísticos, como sendo secundária ou, pelo menos, “sem grande importância”? Inquietante, no entanto, na sua capacidade de subverter as palavras, a imagem não é somente um terreno de “estudo”, mas, sobremaneira, o espaço dado ao “imaginário humano”, individual e social, para ousar reivindicar e roer – também - um pedaço da realidade (SAMAIN, 2003, p. 1).

A perspectiva icônica que a *photovoice* nos apresenta, ou seja, a imagem enlaçada pelos sujeitos como simbologia de uma temporalidade histórica e suas problemáticas, revela, por meio do jogo de luz e contraste, o olhar reflexivo, criador de imagens a partir do fulgor, da leitura do tempo e do espaço vivido. A *photovoice* nos revela paisagens evocativas e, quiçá, elucidativas dos percursos comuns de um grupo, no entanto, nem sempre observados e problematizados.

Apurar os sentidos no campo da pesquisa para o pesquisador e os sujeitos se faz necessário, e as estratégias de método apresentadas privilegiam o aguçamento do ouvir e do olhar como sentidos exploratórios de significação do mundo e que por muito tempo foram destituídos do processo investigativo.

É preciso aproximar os distintos saberes, Ciência e *saberes da tradição* que dialogam na pesquisa como caminhos possíveis de entendimento, em conformidade com Almeida (2017). Ainda que a historicidade do conhecimento científico os tenha afastado e até os colocado em oposição e confronto.

Sem um canal de comunicação que possa aproximar linguagens distintas e sintonizar mensagens estranhas, os saberes da tradição só se integram à rede informacional do conhecimento na qualidade de dado bruto, da matéria-prima a ser transformada, traduzida. Por outro lado, se é verdade que os conhecimentos científicos chegam até o meio que onde habita a tradição, eles chegam na forma de produtos finais como as tecnologias modernas para fins de consumo, ou de informações e conteúdos a serem passivamente assimilados por meio do sistema educacional oficial (ALMEIDA, 2017, p. 59).

A partir da tentativa de religar os saberes, o intuito da pesquisa reside em mapear os saberes ambientais das ilhas sul de Belém do Pará, norteado pelos seguintes passos: (1) Levantamento bibliográfico para fundamentar conceitos sobre educação e cultura, memória, imaginário, performance, subsistência, biodiversidade, ecossistema, entre outros; (2) Revisão de literatura; (3) Elaboração das perguntas norteadoras da entrevista narrativa e da *photovoice*; (4) Recolha das narrativas e das fotos; (5) Seleção das fotos; (6) Transcrição das falas; (7) Análise dos dados registrados na entrevista narrativa e na *photovoice*; (8) Elaboração do Almanaque Samaúma – Saberes ambientais da região insular de Belém (ilhas sul).

Ao nortear a pesquisa, algumas questões surgem para nos dizer a maneira que as vozes do rio e da mata reverberam na comunidade. **Perguntas-frutos das reflexões suscitadas nas travessias:** Quem são os responsáveis na comunidade pelo repasse dos saberes ambientais, além do contador de histórias? Ocorre o diálogo entre os saberes ambientais presentes no repertório das narrativas do contador de histórias da região insular e os demais pontos de saberes da comunidade como a escola, por exemplo? A escola enreda os diferentes saberes? Como os moradores da região insular de Belém percebem e explicam os fenômenos biológicos, químicos e físicos que ocorrem ao seu redor?

Para tornar as águas navegáveis, o percurso investigativo necessita de intenções. O pesquisador, ao lançar-se nas travessias, revela o que pretende desenvolver e alcançar a partir do objeto identificado e das questões norteadoras. O objetivo geral é o timão do barco, ele vai conduzir a embarcação a bombordo ou a estibordo, no virar de bordo que são os objetivos específicos.

O timão que nos conduzirá rumo às ilhas sul da região insular de Belém apresenta-se da seguinte maneira: compreender como as populações tradicionais da Amazônia, especialmente os moradores das ilhas sul de Belém, constroem e reconstróem os saberes ambientais a partir das narrativas orais do contador de histórias da comunidade.

Os movimentos feitos a bombordo e a estibordo são:

- Elencar dados sobre meio ambiente e biodiversidade no repertório de narrativas orais;
- Verificar se há diálogos entre os saberes ambientais presentes no repertório das narrativas do contador de histórias das ilhas com os conhecimentos das Ciências da Natureza trabalhados na Unidade Pedagógica Santo Antônio;
- Produzir um almanaque dos saberes ambientais cartografados nas narrativas orais e nos diálogos com a comunidade e com a escola.

Para navegar nessas águas, fui consultar outras cartas náuticas. Assim, a revisão da literatura (estado da arte) foi feita inicialmente no banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no site do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM) do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da UFPA. Não especifiquei um determinado período, pois a temática ainda não é amplamente pesquisada. Ao lançar os descritores *narrativas orais* e *ensino de Ciências*, encontrei três dissertações de mestrado com a abordagem supracitada, que estão resumidas nas linhas seguintes com título, palavras-chave, instituição e um breve relato da pesquisa realizada, quais sejam:

1. Contos de tradição oral e a Educação ambiental: uma prática interdisciplinar em aulas de Ciências.

Palavras-chave: Contos de tradição oral, meio ambiente, interdisciplinaridade em Ciências.

Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica.

A pesquisa teve como intuito a recuperação da cultura local por meio dos contos de tradição oral e a mobilização de atitudes reflexivas sobre o meio ambiente, especificamente as questões ligadas aos recursos hídricos. A pesquisadora optou pela abordagem qualitativa, utilizando o método da História Oral por trazer a memória e o registro das narrativas orais com a temática água contadas pelos avós e pais dos alunos e alunas do 4º ano da Educação Básica da Escola Monsenhor Azevedo, situada no bairro da Condor, em Belém do Pará, bairro que fica nas proximidades do rio Guamá. Muitos alunos da escola são oriundos da região das ilhas. As narrativas registradas serviram de base para a organização das sequências didáticas utilizadas com a turma.

2. Narrativas da floresta nacional de Tefé: expressões do saber do aluno ribeirinho e a sua transposição didática para o ensino de Ciências naturais.

Palavras-chave: Narrativas amazônicas, transposição didática, aprendizagem significativa, ensino-aprendizagem, ensino de Ciências.

Universidade do Estado do Amazonas.

A pesquisa objetiva evidenciar como as narrativas (mitos, contos e lendas) atuam como despertadores cognitivos para a construção dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais por meio da transposição dos conhecimentos científicos e os saberes tradicionais encontrados nas narrativas da população da Floresta Nacional de Tefé.

Pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo, com enfoque estruturalista, amparada nos pressupostos da Antropologia, Biologia, Literatura, Psicologia e Pedagogia. O produto da dissertação foi a proposição de uma estratégia metodológica que enrede as narrativas e as experiências prévias dos alunos para a mediação da cadeia de transposição didática dos conteúdos de Ciências Naturais e os alunos e alunas das turmas multisseriadas.

3. Vivências na natureza, produção e contação de Histórias das aves do pantanal: estratégia pedagógica para o ensino de Ciências e Educação ambiental.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, sensibilidade ambiental, avifauna.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Pesquisa qualitativa que visa investigar as contribuições para a aprendizagem dos estudantes da Educação Básica de duas escolas pantaneiras localizadas no município de Corumbá-MS a partir de vivências na natureza, da produção de textos autorais e da contação de histórias sobre as aves pantaneiras e do ensino de Ciências Naturais e educação ambiental.

Após a busca de pesquisas com a temática narrativas orais e ensino de Ciências, a observação feita é a da escassez de trabalhos que tratem de histórias, imaginário, oralidade, meio ambiente e iniciação científica. Nas dissertações aqui apresentadas, observa-se a preocupação em entrelaçar os saberes ambientais em forma de narrativas e o ensino de Ciências.

Por meio das cartas náuticas aqui mobilizadas, observa-se o movimento entre as narrativas orais e o ensino de Ciências, calcado na permissão da entrada na instituição escolar, nas

salas de aula, das vozes do imaginário. Vale ressaltar que as dissertações anteriormente citadas são de lugares onde a natureza possui presença marcante com importantes reservas de biodiversidade. São elas: a região amazônica (Manaus e Belém) e o Pantanal.

Este é um campo fértil e vasto a ser explorado, especialmente na Amazônia, lugar de imaginário pulsante, de narrativas entrelaçadas ao cotidiano das populações que vivem entre o rio e a mata, e esse amálgama entre homem e natureza constitui seu modo de vida. A ciência por eles elaborada e reelaborada pelas vivências e experimentações dos fenômenos pelos sujeitos amazônicos é que mantém vivos os saberes por meio das histórias narradas.

Creio que esse ponto seja a força da pesquisa aqui apresentada: ouvir as *histórias da tradição*, os sons que ecoam da vida ribeirinha pela memória e performance de mestre Simeão, um narrador amazônico, e sua maneira de interligar e construir os saberes sobre o meio ambiente por intermédio das histórias ouvidas e contadas. Memórias expressas por meio da voz com a força das águas grandes, água-vida, útero da existência.

O narrador na Amazônia apreende o meio a partir de um estado profundo de contemplação dos elementos da natureza. Razão e imaginação conversam na presença dos que encontram o suporte para a manutenção da vida na memória. Trazer para o centro do debate epistemológico a voz narrativa dos sujeitos, movimentar o conhecimento sem reducionismos requer ouvidos aguçados.

Creio que as palavras geradas em uma tarde chuvosa do inverno amazônico durante uma das atividades propostas no curso *(Re)criação de caminhos na pesquisa qualitativa* representam a essencialidade e o diferencial da pesquisa ora registrada no relatório doutoral. O curso foi ministrado pela professora Maria do Socorro de Sousa na III Escola de Estudos Avançados, promovido pelo GPSEM, que abordou a pesquisa em Cultura, História e Educação Matemática¹⁶.

Ampliar o olhar
 Abrir as janelas da empatia
 E ver...
 As águas barrentas dos sedimentos
 Dissolvidos
 Decompostos
 Águas cor de chá
 Da vida
 (re) nascida
 (re) feita
 Dos ciclos amazônicos
 Águas da memória
 Das profundezas
 Do tempo

¹⁶ Trata-se de um evento de ensino e extensão promovido anualmente pelo Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA. Disponível em: <www.gpsem.online>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Do espaço
 Da imagem
 Ouvir os sutis sons que ecoam das matas
 Dos ventos tocando nas folhas das árvores
 Deixando desabrochar o verde com todas as suas nuances
 No encontro da diversidade dos tons
 A multiplicação das formas das folhagens
 Forma & cor
 Do verde floresta
 Encontram o significado
 Ouvido
 Sentido
 Experimentado
 Vivido
 Dos cientistas das águas e das matas
 De ser e saber na Amazônia.
 (Andréa Cozzi)

As significâncias e o conhecimento científico

O homem se renova como ser pensante na medida em que pensa sobre seu fazer científico (Bachelard)

Certa vez li o pensamento de Bachelard das linhas acima. As palavras ficaram reverberando e pensei nos conhecimentos adquiridos na escola, tanto como aluna quanto como professora, o quanto foram importantes. Alguns muito significativos, especialmente pela forma como chegaram até mim, por meio de investigações, experimentações, performances, entre outras metodologias usadas no caminhar desde a educação infantil até a formação continuada, já como docente.

Lembro de uma experiência ocorrida na então 5ª série do primeiro grau, em que a professora da disciplina de História passou a prova em forma de perguntas e respostas e tínhamos que estudar a partir de um questionário. Ao receber a nota da avaliação, percebi o fracasso que foi, para mim, tentar responder as questões como estavam no questionário, pois eu havia respondido de acordo com a minha interpretação e não segui rigidamente o padrão da resposta esperada. A professora resolveu dar uma chance aos que tiraram nota abaixo de cinco e eu estava entre os com nota baixa. Ela formou grupos e deu as temáticas que seriam a base da pesquisa e da apresentação dos grupos. Faríamos um seminário, aquela palavra parecia um monstro tão pavoroso quanto as intermináveis folhas de perguntas e respostas.

Após a professora desvendar o enigma do seminário, as temáticas foram sorteadas e a equipe que eu fazia parte ficou com o tema “A Cabanagem”. Nos reunimos e fizemos a pes-

quisa na biblioteca do CENTUR¹⁷ e de lá seguimos para o Memorial da Cabanagem¹⁸ para concluirmos a pesquisa e ter contato com as peças do memorial e a visita guiada. Recebemos o apoio e dicas para apresentarmos o seminário, cada um com sua “parte” no trabalho. Fizemos a apresentação e nos saímos muito bem a ponto de conseguirmos a almejada nota, mas, para mim, o que guardo na memória foi a professora dizer: - Andréa, você se saiu muito bem, é muito comunicativa, você vai ser professora!

Eu tinha apenas 11 anos, mas as suas palavras e a experiência vivida são reminiscências que chegam sempre que leio as palavras de Bachelard, o quanto a renovação faz morada ao pensar no fazer científico. Esse pensar faço agora durante as travessias da pesquisa, nas rotas do fazer científico trilhadas pela humanidade. Nessa trajetória, fomos confrontados por períodos de mudanças marcados por fatos históricos. As revoluções ocorridas incitaram transformações na vida dos homens. Entre os séculos XV e XVIII, período que compreende a Idade Moderna, deu-se o acúmulo de um volume significativo de transformações.

Dentre as transformações ocorridas entre os séculos XV e XVIII, destacam-se: as grandes navegações; o enfraquecimento da Igreja pelas reformas protestantes, quando a visão teocêntrica dá lugar ao antropocentrismo; a Ciência ganha força e a curiosidade faz germinar a busca por entendimento dos fenômenos observados no universo. Ciente de que a tentativa de periodizar os acontecimentos com marcos históricos apresenta-se como uma armadilha da linearidade, tenho por ora o intuito de ressaltar o momento histórico dos passos iniciais da revolução científica do século XX.

Certezas começam a ruir. A colisão de paradigmas demonstra que o velho tecido do pensamento epistemológico não tem mais como receber remendos. Exemplo disso é a contração aos conceitos da Física aristotélica. A teoria da gravidade desenvolvida por Aristóteles defendia que os corpos se movem para o centro da Terra e os gasosos afastavam-se do planeta em direção ao céu na velocidade proporcional à massa do objeto.

A teoria foi refutada por físicos mulçumanos já na Idade Média, tendo continuidade na Europa por Galileu Galilei com a descoberta de que a velocidade dos corpos em queda livre não está atrelada ao peso de tais corpos. Isaac Newton propôs a lei da gravitação universal e Albert Einstein formulou a sua teoria da relatividade.

Nesse caminhar, a ressalva feita é a percepção do afastamento da rigidez anterior que promoveu a busca de respostas aos questionamentos, proporcionando o adentrar em novas e outras rotas científicas. Mesmo com a proposição das reformas do pensamento científico ocidental, este foi formatado a partir dos princípios cartesianos com abordagens reducionistas e binárias.

As quantificações, padronizações, generalizações, inflexibilidade, centrismo e relativismo epistemológico fazem parte do paradigma científico construído e legitimado como esperança para a humanidade. Ao longo da história, a sociedade alicerçou-se em pilares nos quais o referido conhecimento é o único construído e validado pela racionalidade científica.

¹⁷ Biblioteca Pública Arthur Viana da Fundação Cultural do Pará.

¹⁸ Inaugurado em 7 de janeiro de 1985 em virtude das comemorações dos 150 anos do movimento que ocorreu na província do Grão-Pará durante a época imperial no Brasil, o monumento foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Conhecimento e poder têm intrínseca relação e constituem o paradigma estabelecido, definido e unificado nas relações humanas e com a totalidade do universo. O alcance explicativo é cíclico, repetitivo.

Ouçõ uma voz que sussurra a narrativa mitológica de Procusto que, na mitologia grega, era um salteador que vivia na região da Ática, na antiga Grécia. Conhecido por sua extrema crueldade, assaltar os viajantes que passavam pelo local onde cometia os delitos era apenas o início das atrocidades perpetradas. Em seguida, as pessoas eram sequestradas e colocadas em uma cama de ferro, denominada de leito de Procusto, pois tinha sua exata medida. Sendo assim, as suas próprias dimensões eram o padrão utilizado para medir as pessoas que ele deitava no leito.

Os que estavam sob seu jugo eram deitados na cama de ferro e sobreviveriam se tivessem a medida exata do leito. Os prisioneiros amarrados na cama eram alvos de um sanguinário ritual: os que tivessem a estatura maior que o leito tinha seus membros decepados; os que fossem menores eram esticados até atingirem a medida pretendida. Como ninguém tinha a medida exata imposta por Procusto, não havia sobreviventes.

Segundo a narrativa mítica, os gritos de dor, os clamores dos mutilados chegaram aos ouvidos de Palas Atena, deusa da sabedoria, da guerra, das artes, da estratégia e da justiça. Ao buscar com Procusto respostas para a barbárie, recebeu a justificativa de que seus atos agiam em conformidade com a justiça, pois visavam a igualar os homens e pôr fim às diferenças.

As atrocidades de Procusto seguiram até o momento em que foi capturado por Teseu, o grande herói da região de Atenas, que o sentenciou ao mesmo castigo aplicado às vítimas do leito de ferro. Como o leito tinha a medida exata de Procusto, Teseu o amarrou lateralmente, cortando a cabeça e os pés. Assim, o herói pôs fim ao sofrimento infligido por Procusto sob o nome de justiça e igualdade.

O mito de Procusto ou o leito de Procusto nos coloca na posição reflexiva e testificadora da mitologia como titular de uma sapiência profunda. A verticalidade da sabedoria dos mitos reverbera na humanidade por gerações. A mentalidade de Procusto aparece recorrentemente nos pensamentos e atitudes dos homens. A história da humanidade testemunhou as mutilações físicas e mentais que foram infligidas às diversas formas de vida no planeta em nome da justiça.

Em quantos paradigmas com medidas padronizadas tivemos que nos deitar? Que mutilações sofremos para que caibamos em medidas homogeneizadoras? O espírito de Procusto assombra a humanidade cada vez que a intolerância e a padronização em todos os seus aspectos são legitimadas sob a égide da justiça. A expressão em latim *dura lex sed lex*, “a lei é dura, mas é a lei”, apresenta o preceito do cumprimento irrestrito da lei. Mesmo que seja austera, rigorosa e exija sacrifícios, a lei deve ser aplicada.

O espírito de Procusto habita a humanidade? Ele se reinventa na modernidade em vários aspectos. Um deles assume a forma do mito da padronização da Ciência homogênea e com características únicas, protocolos autenticados, instituições validadas, produzidas por um *corpus* com titularidade. Algo que se afaste deste padrão é desconsiderado e não é investido de legitimação científica.

O positivismo de Augusto Comte coloca o conhecimento científico postulado e institucionalizado como o único caminho a se chegar às teorias aceitas. Deixa de lado as especulações primárias na construção do conhecimento para percorrer caminhos que consolidam o vínculo entre Ciência e política, enlace apresentado em seus escritos de 1822, *Plano de Trabalho Científico Necessário para Reorganizar a Sociedade*, a Ciência a serviço da política positivista.

Sob a luz da racionalidade, o conhecimento, segundo Comte, na obra *Discurso preliminar sobre o espírito positivo*, de 1844, tinha ultrapassado os estágios iniciais da evolução intelectual: o teológico, a dissertar acerca do mundo e seus fenômenos a partir de deidades; o metafísico, com explicações fundadas nas essências, na origem e nos destinos das coisas; e, por fim, no estágio mais evoluído, o positivista, caracterizado pelo uso da razão e da observação como base da Ciência.

A Ciência moderna se desenvolveu alicerçada no ideário positivista, a propor o progresso como caminho para o bem viver entre os povos. Por tão nobre objetivo, a doutrina do progresso pelas vias das descobertas científicas trouxe o futuro como esperança de inovação tecnológica, a marca de novos tempos.

Remeter-se ao futuro ofertado pela modernidade significava o culto ao necessário progresso pretendido e almejado. Portanto, ao associar as descobertas científicas ao progresso e, conseqüentemente, à felicidade humana e ao bem-estar global, cria-se uma blindagem para as Ciências modernas. Não cabem questionamentos aos seus métodos e procedimentos, isso engendra uma capa de proteção que as impedem de ser julgadas, tornando-as a própria verdade, absoluta e soberana. A Ciência é o próprio algoz de si mesma “[...] ao aprisionar-se numa trama de informações cristalizadas e distorcidas que destoam da movência da natureza e dos fenômenos”, conforme Almeida (2017, p. 75).

A crença no futuro promissor em que o progresso e o desenvolvimento econômico e tecnológico salvaguardariam a humanidade foi amplamente propagada. Esta foi a promessa feita pela Ciência. E, assim, se vive no devir, na espera fiel, porém incerta, do cessar das desigualdades, da exploração, da fome, das doenças e das guerras pelas vias do desenvolvimento. A ideia ocidental amplamente propagada de desenvolvimento tecnológico, do progresso por viés científico, incutiu, em grande parte da humanidade, a crença no devir do bem-estar e da prosperidade na promessa da industrialização e do crescimento econômico como avanço.

Os ideais do progresso, com suas promessas, terminaram por mergulhar a humanidade em profundas contradições, miséria, exclusão, incutindo nas populações a ideologia de que a sobrevivência do homem é dependente do arcabouço científico produzido pelas instituições. Padroniza-se o modo de vida possível e aceitável em contraposição à diversidade de formas de habitar nossa morada: o planeta Terra, com sua multiplicidade de espécies, climas, ecossistemas, práticas sociais e culturais.

Diurno e noturno em justaposição: o lusco-fusco do conhecimento

Nessa senda, a historicidade epistemológica revela-nos que a construção do conhecimento sempre foi alvo de discrepâncias com diferenças de opiniões e pensamentos. Para o entendimento da passagem da Ciência Moderna para a contemporânea, um recorte histórico será necessário, uma vez que um de meus interesses consistem em focar na reestruturação epistêmica que se instalou no século XX, a partir das pesquisas de Gaston Bachelard (físico, poeta e filósofo). Sua obra apresenta características peculiares ao ser dividida em: *diurna*, reveladora de aspectos ligados à Ciência e suas descobertas, à razão; e *noturna*, contemplando os aspectos do despertar da imaginação, do devaneio, o poético.

Bachelard teve como berço a França rural de 1884. Cresceu no espaço campestre e sofreu as influências do meio. No livro *A água e os sonhos, ensaio sobre a imaginação da matéria*, Bachelard discorre sobre os elos com suas primeiras vivências. As memórias do autor chegam para nos fazer pensar sobre a construção do conhecimento: “[...] sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água... não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura” (2018, p. 09). Suas experiências iniciais vividas no campo foram marcantes na obra noturna, conforme veremos mais adiante. No entanto, a Paris industrializada também fez parte das suas experiências, pois o estudioso viveu a transição dos séculos XIX e XX.

As rupturas fizeram parte da sua trajetória pessoal e de pesquisador, e são o cerne da sua obra. O conhecimento científico é validado não por justaposição e, sim, por rupturas que refletem uma análise cabal dos conceitos anteriores retificados durante os processos de interrupções epistemológicas. A ruptura com o conhecimento comum é um dos divisores de águas nas ciências contemporâneas. Cabe ao novo espírito científico romper com o senso comum, com o conhecimento vulgar, elementar ou imediato, com as diferentes nomenclaturas para caracterizar todo e qualquer conhecimento que venha saturado de subjetividade, de dados do cotidiano, de opiniões empíricas.

As ciências físicas e químicas, no seu desenvolvimento contemporâneo, podem ser caracterizadas epistemologicamente como domínios de pensamento que rompem nitidamente com o conhecimento vulgar. O que se opõe à constatação desta profunda descontinuidade epistemológica é que a educação científica, que julgamos suficiente para a cultura geral, não visa senão a física e a química mortas, no sentido em que dizemos que o latim é uma língua morta. Não há nisso nada de pejorativo, se apenas quisermos fazer notar que existe uma ciência viva (BACHELARD, 1971, p. 18).

As ciências contemporâneas, particularmente a Física e a Química, precisam ultrapassar as experiências primeiras ligadas ao que Bachelard chama de estado pré-científico do conhecimento, atrelado ao modo de vida diário em que o saber é construído com base na superficialidade, na intuição, sem a utilização das técnicas para a objetivação do conhecimento. No livro *A formação do espírito científico* (1996), divide em períodos históricos o pensamento científico para obter clareza e entendimento da historicidade epistemológica. Para ele, os três grandes períodos são o estado *pré-científico*, da Antiguidade Clássica, passando pelo Renascimento e

os séculos XVI, XVII e até XVIII; o *estado científico*, que compreende o fim do século XVIII, XIX e início do século XX; e, finalmente, a chegada do *novo espírito científico*, datando o ano de 1905, com o conceito de relatividade de Einstein.

O autor pontua de igual maneira o conhecimento geral como obstáculo ao conhecimento científico. Trata-se das generalizações apressadas e fáceis, herança do pensamento aristotélico permeado por observações empíricas e experiências primeiras determinantes na criação de verdades absolutas e inalteráveis. Bachelard (1971) exemplifica seu pensamento com as grandes generalidades científicas: na Mecânica, todos os corpos caem; na Biologia, todos os seres vivos são mortais; na Ótica, todos os raios luminosos se propagam em linha reta. Para ele, há de se pesar na balança epistêmica as verdades absolutas, os conceitos imutáveis que bloqueiam o pensamento e necessitam de rupturas e reconstruções.

A ciência, na sua necessidade de aperfeiçoamento como no seu princípio, opõe-se radicalmente à opinião. Se, por acaso, sobre um ponto particular, legitimar a opinião, será por razões diferentes das que fundamentam a opinião, de modo que a opinião, legitimamente, nunca tem razão. A opinião *pensa* mal; ela não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela sua utilidade, coíbe-se de os conhecer. Nada se pode fundar a partir da opinião; é necessário, antes de mais destruí-la. Ela constitui o primeiro obstáculo a ultrapassar. Não bastaria, por exemplo, retificá-la nalguns pontos específicos, mantendo como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório. O espírito científico proíbe-nos de ter uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular claramente. É preciso antes de tudo saber formular problemas. E, diga-se o que se disser, na vida científica os problemas não se formulam a si próprios. É precisamente o sentido do problema que dá a marca do verdadeiro espírito científico (BACHELARD, 1971, p. 166, grifos do autor).

A citação na íntegra do trecho do livro *A epistemologia* (BACHELARD, 1971), que trata dos *obstáculos epistemológicos* ou da constituição da inércia científica, o estado de torpor da ciência, faz-se mister para pontuar a veemência das palavras do autor para diferenciar o *verdadeiro espírito científico* do *conhecimento vulgar provisório* pautado no empirismo, nas opiniões, no senso comum, através de sua precipitação em generalizar e estacionar em verdades absolutas colhidas nos dados da realidade comum.

Dessa forma, Bachelard apresenta-nos, em sua obra diurna, especialmente nos livros *O novo espírito científico* (1934), *A formação do espírito científico* (1938) e *A Epistemologia* (1971)¹⁹, o que ele crê, a partir das suas pesquisas, ser a instauração de uma nova mentalidade no conhecimento científico ou a constituição de *um novo espírito científico* nascido da ruptura com o senso comum. “A experiência *científica* é, portanto, uma experiência que *contradiz* a experiência *comum*” (BACHELARD, 1996, p. 14, grifo do autor).

Instaura-se uma renovação epistemológica no século XX: a revolução científica, ocorrida precisamente, segundo Bachelard, em 1905, com a teoria da relatividade de Albert Einstein, a grande ruptura com as experiências primeiras, um salto do conhecimento ocorrido em

¹⁹ A epistemologia (1971) consiste em uma obra publicada a partir da reunião de textos de Gaston Bachelard. A seleção foi feita pelo filósofo francês Dominique Lecourt.

um curto tempo de espaço. Um fato marcante são as mudanças nos conceitos da Física na compreensão do tempo, espaço e matéria, até então alicerçados e absolutos. A relatividade do tempo e a proporcionalidade das condições de espaço, gravidade e velocidade abrem novas perspectivas de compreensão do universo e a relação com o conhecimento científico.

[...] consideraríamos o ano de 1905 como o início da era do novo espírito científico, momento em que a Relatividade de Einstein deforma conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre. A partir dessa data, a razão multiplica suas objeções, dissocia e religa as noções fundamentais, propõe as abstrações mais audaciosas. Ideias, das quais uma única bastaria para tornar célebre um século, aparecem em apenas vinte e cinco anos, sinal de espantosa maturidade espiritual (BACHELARD, 1996, p. 9).

A florescência epistemológica (BACHELARD, 1996, p. 13), nascida no berço da revolução científica do século XX e avessa à lógica aristotélica e à Geometria euclidiana, celebra a teoria relativista. O átomo, a Física Quântica, a Matemática como norteadores das ciências contemporâneas, das novas Física e Química. Razão e técnica aos moldes apurados dos métodos racionais que foram alicerçados no padrão teórico-matemático, a configurar uma Ciência instrumentalizada por intermédio do racionalismo aplicado com ordenamento, classificação, método, técnica, teoria. A isso, Bachelard dá o nome de *fenomenotécnica*, não há mais lugar no *novo espírito científico* para a subjetividade e o sensível, para a simples observação e descrição do fenômeno. É necessário cavar mais fundo até atingir a objetividade científica.

Ao buscar o mundo dos microfenômenos, o autor coloca o conhecimento científico em uma redoma acessada por um seletivo grupo de pesquisadores e pontua que a Microfísica, com os elétrons, prótons e nêutrons, se encontra distante do senso comum, dos impulsos empíricos de produzir conhecimento, porque exigem equipamentos científicos para a realização de pesquisas.

O universo da Microfísica requer outra atitude diante dos fenômenos: o *impulso racional* em contraposição ao *impulso mágico*. As abordagens da Ciência clássica não encontram mais espaço. O rompimento chega com a racionalidade das experiências e não com o imediatismo e generalizações dos pensamentos e definições na pesquisa. Por isso, faz-se mister o refinamento e a racionalidade dos métodos.

Ao apresentar em sua obra diurna a importância da revolução científica do século XX como divisora de águas na ruptura epistemológica, o autor defende uma Filosofia das Ciências diferenciada, capaz de “[...] captar o pensamento científico contemporâneo na sua dialética e mostrar assim a novidade essencial [...]” (BACHELARD, 1990, p. 17). Assim, quebra paradigmas e reconstrói as estruturas do novo espírito científico pautado na razão como linguagem da Ciência – precisa, instrumentalizada, técnica, exata, objetiva – e a racionalização de ordem matemática como mediadora das experiências com rigor, fundamentações, classificações. Tais proposições apresentadas na obra de Bachelard buscam garantir e legitimar a autenticidade do conhecimento científico.

É preciso, pois, aceitar uma verdadeira ruptura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico. Achemos ter demonstrado, ao longo de nossas críticas,

que as tendências normais do conhecimento sensível, cheias como estão de pragmatismo e de realismo imediatos, só determinam um falso ponto de partida, uma direção errônea. Em especial, a adesão imediata a um objeto concreto, considerado com o um bem, utilizado com o valor, envolve com muita força o ser sensível (BACHELARD, 1996, p. 294).

O novo espírito científico da razão objetiva, da experimentação e da Matemática propõe ao homem se relacionar com o mundo de outra maneira, deixando para trás as experiências primeiras, a sedução pelo conhecimento sensível. Pretende-se reformar o pensamento a partir das rupturas pelas quais o conhecimento científico vem passando desde o período pré-científico e avançar para o conhecimento construído, recriador de um novo homem, de um novo tempo. Eis a essência da edificação do pensamento diurno de Bachelard, um dos mais importantes filósofos contemporâneos a influenciar a Modernidade com o postulado da retificação do conhecimento como formador do novo espírito científico.

Porém, encontramos no pensamento de Bachelard aspectos ligados à imaginação poética, aos sonhos, devaneios, à criação artística, que recebem o nome de obra noturna. Alguns questionamentos encontram ressonância nesses dois aspectos de seu pensamento, o diurno e o noturno: É possível conciliar razão e imaginação? A poética e a subjetividade da criação das imagens dialogam com a proposição crítica que o pesquisador deve adotar no pensamento do novo espírito científico? Como ponto de reflexão, observaremos alguns trechos de duas obras bachelardianas nas vertentes diurna e noturna, que nos incitam a refletir sobre a possível complementaridade da razão e da imaginação como construtoras de conhecimentos.

Uma ciência que aceita as imagens é, mais que qualquer outra, vítima das metáforas. Por isso, o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas (BACHELARD, 1996, p. 36).

É *contra* essa estereotípia de origem afetiva e não perceptiva que o espírito científico deve agir (BACHELARD, 1996, p. 45, grifo do autor).

Compreendi isso tarde demais. Tarde demais conheci a tranquilidade de consciência no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas tranquilidades de consciência que seriam a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma (BACHELARD, 2018, p. 52)²⁰.

Ao afirmar na obra *A formação do espírito científico* que a Ciência deve lutar contra as imagens, não ser vítima de metáforas e do movimento repetitivo de origem afetiva, o autor defende um pensamento epistemológico do conhecimento objetivo associado ao maravilhamento pelos avanços científicos do século XX, bem como a luta, explicitada em suas obras diurnas, por tudo o que acarretasse obstáculos ao florescer epistemológico. Contudo, ao observar a obra noturna do autor, percebe-se o aparecimento de um homem noturno da poesia, além do anterior homem diurno da Ciência. Na obra *A poética do devaneio* (2018), o

²⁰ Estamos cientes de que, conforme às normas da ABNT, somente citações a partir de quatro linhas devem ficar em um parágrafo com margem de 4 centímetros. Valemo-nos do artifício acima apresentado apenas com o fim de destacar as passagens mencionadas do pensamento do filósofo em pauta.

autor entrega-se à confissão de que o homem é razão e imaginação, num enlace de imagens e conceitos.

As vertentes diurna e noturna entrelaçadas mostram-se num momento em que as rupturas chamam uma nova formação do pensamento científico, em que a racionalidade requer a imaginação criadora e provocativa, a ousadia e a curiosidade que sempre foram os impulsos dos cientistas.

Estaríamos diante da construção epistemológica de uma razão criadora? Seria movida pela necessidade de reflexão e fazer crítico do pesquisador, sem deixar de lado o devaneio propulsor da imaginação criadora que provoca no homem o imaginário, a criação e espontaneidade? Como as ciências organizadas e reorganizadas pelos povos tradicionais, suas formas de apreensão e explicação do mundo são vistas num cenário tensionado, fragmentado e indesejável para os rigores e padrões da pureza científica?

Segundo Paes Loureiro (2015), cabe a problematização do lugar dos saberes tradicionais, especialmente na Amazônia, por ser uma realidade poética influenciadora do modo de vida dos habitantes com a singularidade da relação homem e natureza e os processos criativos de convivência construídos a partir dessa simbiose.

Conforme observamos anteriormente no texto, homogeneizar a sociedade por meio do conhecimento apresenta-se como ambição e impulso do centrismo científico desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje. Essa premissa é apresentada por Serres que discorre sobre a formatação a partir da qual os homens “escrevem” a Grande Narrativa ao longo do tempo:

Nos dias de hoje, leis mais regulares do que as inventadas pelas eras passadas, destinadas a organizar ou submeter as coletividades, compreender e dominar o planeta, salvar ou subjugar as almas, formatam a Grande Narrativa do mundo inerte e dos seres vivos, antes do nascimento das culturas e, por isso, na ausência da intenção humana (SERRES, 2008, p. 34).

O que o conhecimento científico escreve está diretamente relacionado à padronização, da qual a sociedade é alvo, ao tratar de forma homogênea e harmoniosa as diferenças, ao assumir uma abordagem que nega as contradições, ao não questionar os interesses ideológicos construídos a partir das metanarrativas, dos grandes discursos, que sugerem uma única verdade ou concepção. Exemplo disso é a Grande Narrativa, apresentada pelo iluminismo, de que a razão e o progresso científico e tecnológico conduziram a humanidade à emancipação e à felicidade, discurso que chega sob a égide dos consensos universais, opondo-se às tentativas de reescrita das narrativas dominantes.

Serres (2008) se vale da metáfora dos ramos de uma planta para nos conduzir à reflexão sobre o conhecimento e sua construção. A haste central, ou o formato-pai, é exatamente a padronização de tal conhecimento com posicionamentos enraizados e imutáveis. Todavia, chega um tempo na história das sociedades em que a figura do pai é questionada. É, então, chegada a hora da idade filial. “Um novo saber filho”, conforme Serres (2008, p. 40), brota, ramifica e “um grande número de filhos supera o pai”.

O autor, ao abordar os inúmeros ramos arborescentes que brotam com a chegada do saber-filho, esclarece não haver uma brusca ruptura, a eliminação por completo da figura do pai. O formato ainda vive, mas agora com a invenção, com a urgência da reinvenção. Pai e filho comungam, pois o filho sempre nasce do pai. Porém, crescem em meio às intempéries, falíveis e inventivos!!

O filho nasce, mas não reinará jamais. Não há ciência sem nascimento, sem novidade, sem uma perpétua invenção, sem uma renovação da paisagem... sem ramificações. Se uma noite o pai retornar de seu retiro aposentado, não reconhecerá mais nada, pois tudo mudou. Se, com intuito de se manter, quiser se aferrar ao dogma, ele arruína o futuro... ou, então, se adapta e torna-se filho inteiramente novo e belo. Ele renasce (SERRES, 2008, p. 64).

Somos levados a pensar na efetiva necessidade do novo. A novidade surge do formato como o ramo brota do caule: ocupar o lugar das intersecções, da miscigenação, das interconexões entre os diversos ramos do conhecimento. Essa é uma tarefa sublime, mas com exigências nem sempre apreciadas ou compreendidas no campo das Ciências. O deslocamento entre os diversos ramos do conhecimento requer adentrar em paisagens desconhecidas, outros e novos rumos, além de vivenciar conflitos, estranhamentos, instabilidades, transmutar o conhecimento: “o verdadeiro conhecimento transforma o corpo e a palavra de quem o recebe, ao oferecê-lo, transforma-se e transforma o corpo dos outros por meio de sua invenção [...]”, afirma Serres (2008, p. 68).

Angariar conhecimentos pressupõe lançar-se a viagens (pela natureza, sociedade, Ciências), cientes de que as águas nunca são tranquilas. As tempestades chegam para refinar o buscador. A constância na travessia, a coragem em desbravar o desconhecido tornam-no um novo ser. Ao metaforizar a Grande Narrativa da história da humanidade na “arborescência universal de acontecimentos contingentes e de novidades” (SERRES, 2008, p. 62), o autor apresenta a raiz que sustenta os acontecimentos. Mesmo com seus ramos interceptados, a ramificação encontra uma maneira de crescer, renascer. Dá-se através da invenção, da ousadia, da inquietude, criadas e recriadas na existência humana.

Para o autor, algumas narrativas têm o poder de transformação. O ponto de mutação está proporcionalmente atrelado ao reconhecimento das nossas próprias histórias. Contá-las e ouvi-las envolve a complexidade de relações construídas a partir das tradições e heranças que expressam as culturas. *A palavra cria*, ramifica a alma. Somos transformados pelas histórias, convertemo-nos, morremos e renascemos. Há um realinhamento do tempo íntimo.

Esse é o poder das fábulas, a energia da narrativa: atrair a atenção é certo, mas também metamorfosear o povo inconstante em combatente. De onde provém o milagre? Um conto que faz dormir acordado subleva uma população e a conduz até as muralhas, diante do inimigo [...]. Enquanto discorria sobre a Grande Narrativa, eu só dava atenção à verdade objetiva. Ela me apaixonou, mas não atraiu muita gente. Sua energia decorre menos de sua verdade do que desse poder apaixonante da narrativa. La Fontaine avalia essa energia ao demonstrar que um orador transforma a atenção da audiência ao revelar, ele mesmo, a ramificação que descrevi: no

lugar em que o caule se parte, ele faz um enxerto. Enxerta. O poder extraordinário que produz esses milagres reside no ramo. A narrativa coloca-o em cena. Como? Pelo menos por meio da palavra (SERRES, 2008, p. 134).

Ao trazer as narrativas para um lugar de significância, observa-se um movimento de interligação e legitimação de outros campos do conhecimento por intermédio da partilha das histórias que foram perdendo sua importância com o passar do tempo e da permissão para que as narrativas que circundam as instituições possam encontrar ouvidos. Memórias que circulam entre gerações passam de boca em boca, contando como os saberes dos povos são construídos, como suas vivências com o meio ambiente são elaboradas e reelaboradas a partir de experiências concretas.

A escuta do acervo narrativo envolve a percepção da teia de símbolos tecida pelas experiências de comunicação entre as pessoas e materializadas por meio da voz. Conhecer, dar ouvidos às histórias que transitam no âmbito da oralidade significa, em primeira instância, não desconsiderar os elementos constituintes do meio e do modo de vida de mulheres, crianças e homens com suas explicações sobre os fenômenos vivenciados em suas comunidades. Há vozes silenciadas no percurso da humanidade, sons da sabedoria própria de cada povo que ainda se mostram indizíveis, riquezas de saberes a explicar o cotidiano e suas conexões com toda forma de vida.

A importância das narrativas contadas revela a essência das memórias de povos tradicionais e denota a estruturação de seus pensamentos, a construção dos elementos relacionais e atitudinais. Ao ouvir e contar as histórias, somos chamados a uma compreensão mais profunda dos processos e dinâmicas da vida no grupo.

De todas as expressões que emanam de uma cultura, os conhecimentos sobre a natureza configuram uma dimensão especialmente notável, uma vez que refletem a sagacidade e a riqueza de observações sobre o entorno realizadas, guardadas, transmitidas e aperfeiçoadas no decorrer de longos períodos de tempo, sem as quais a sobrevivência dos grupos humanos não teria sido possível. Trata-se dos saberes, transmitidos oralmente de geração para geração, e especialmente dos conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33).

A partilha comunicativa das histórias nos coloca em estado de comunhão com toda forma de vida e permite aprender a ser humano com toda a carga que envolve viver num momento planetário em que a cobiça e o poder apartam homem e natureza, incitam ao esquecimento das nossas memórias ancestrais, das identidades que foram um porto seguro do que se viu, ouviu e viveu por meio da oralidade!

Uma das questões nevrálgicas que atingem diretamente a relação entre o homem e natureza é o que Boff (2000) nomeia de ética ecológica ou a sua acentuada ausência na contemporaneidade. A visão utilitarista da biodiversidade permeia os pensamentos e ações da humanidade. A serviço dos homens, toda forma de vida se encontra. Ele é o centro e, portanto, pode explorar o meio ambiente conforme seus desejos!

A volúpia pelo progresso, praticada sem fronteiras ou medidas, levou os recursos naturais do planeta Terra à exaustão. Crimes ambientais vestidos de tragédias são noticiados com frequência. Mineradoras, madeireiras e refinarias entram no rol das geradoras da degradação do meio ambiente.

As discussões paradigmáticas²¹ no campo científico negam a existência de outros conhecimentos que não venham da matriz validada, codificada, mensurada, quantificada, padronizada. A multiplicidade de interpretações e descrições dos fenômenos aponta para a necessidade de um outro paradigma que considere as tantas maneiras de se pensar e produzir Ciência. Um olhar único do fazer científico segrega e reduz a teia da vida composta por todas as formas viventes a serviço da lógica utilitarista, a matéria-prima é submetida aos processos produtivos para o consumo.

A forma de construir e conceber o conhecimento, segundo Santos (2002), de maneira desencantada e triste, anula as heterogenias, os diferentes modos de compreensão dos fenômenos. Homem e natureza encontram-se em polos distintos de importância, a pluralidade de saberes e práticas são subalternizadas em nome de um cânone científico.

Sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato [...]. Este aviltamento da natureza acaba por aviltar o próprio cientista na medida que o reduz o suposto diálogo experimental ao exercício de uma prepotência sobre a natureza (SANTOS, 2002, p. 72-73).

Os saberes locais, frutos da organização e reorganização dos grupos a partir do meio em que habitam, constituem uma maneira peculiar de dimensionar os fenômenos. A organicidade se manifesta no modo de ser e saber das populações rurais-ribeirinhas, dos povos originários que vivem entre o rio e a mata. Há, para esses povos, uma relação sistêmica com a biodiversidade, um parentesco com os animais, as plantas, o rio, o fogo, para citar apenas alguns.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak (2019) nos conta do rio Watu que banha as terras de seu povo. O nome foi dado por eles por acreditarem que o rio é um parente, personificado na figura do avô. Portanto, não se trata de um recurso utilitário. O mal feito ao rio afeta diretamente seus netos.

Ao trazer o sentido de organicidade, de parentesco, Ailton Krenak se lembra do rompimento da barragem do Fundão, ocorrida em 2015, e do lançamento de materiais tóxicos no meio ambiente, o que afetou diretamente o Watu, que agoniza junto de seus descendentes.

A compreensão do enredamento entre todos os elementos do organismo vivo que damos o nome de planeta Terra não encontra ressonância na Ciência Moderna, que se agarrou ao pragmatismo, à tecnologia, à produção, ao progresso e afastou-se da transcendência, do imaginário, das outras formas de conceber o mundo.

²¹ Tomamos o conceito de paradigma de Thomas Kuhn (1997), segundo o qual se trata de um conjunto de opiniões, valores, métodos e modelos que são organizados por uma determinada sociedade.

Ouço a canção *Oricuri (O segredo do sertanejo)*, de João do Vale, músico, cantor e compositor maranhense, e ela fala dos saberes do meio ambiente construídos pela observação cotidiana e diz que poucas pessoas conhecem a grafia das palavras no sertão, mas são exímias leitoras da natureza. Pelo contato direto com o meio, aprenderam a reconhecer os sinais fornecidos pela fauna, flora, águas, ventos. Essa relação estabelecida os ajuda a conviver com os demais elementos da biodiversidade e a recriar seu próprio dia a dia.

Oricuri²²

Oricuri madurou
 E é sinal que Arapuá já fez mel
 Catingueira fulorou lá no sertão
 Vai cair chuva a granel
 Arapuá esperando
 Oricuri madurecer
 Catingueira fulorando
 Sertanejo esperando chover
 Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
 Um ou outro que lá aprendeu ler
 Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor!
 Que antecipa o que vai acontecer
 Catingueira fulora: vai chover
 Andorinha voou: vai ter verão
 Gavião se cantar: é estiada
 Vai haver boa safra no sertão
 Se o galo cantar fora de hora:
 É...

Os saberes locais encontram um porto seguro exatamente na interligação. Tudo ao seu redor é alvo do olhar observador, das experimentações das populações originárias e tradicionais. Por longas gerações, o conhecimento construído por esses povos atendeu às suas necessidades.

Os homens, mais afeitos às longas caminhadas para o trabalho, sabem ler a natureza, compreender a linguagem dos animais e das plantas, os segredos da mata. Desenvolvem um rico conjunto de técnicas agrícolas, extrativistas, de pesca e de conhecimento sobre o ecossistema, mesmo que não registrem essa sabedoria por meio das palavras escritas em livros. Essa enciclopédia de saberes milenares corre o risco de se perder pelo ar a menos que os registros da oralidade se propaguem por gerações seguidas ou que algum apreciador dessas cosmologias de ideias as eternize por meio de palavras (ALMEIDA, 2017, p. 50).

²² Disponível em: <https://www.letras.mus.br/joao-do-vale/1546761/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Na região amazônica, saber ler a natureza faz parte das habilidades necessárias a serem desenvolvidas. Conhecer a movimentação das marés, da pesca e da caça, o período de plantio e de colheita, o conhecimento das plantas que curam, a construção das moradias fazem parte do alfabeto que possibilita a leitura da natureza.

Figura 23 – A vida margeada pelo rio nas comunidades ribeirinhas da região insular de Belém.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Mestre Simeão, nas suas leituras da natureza, registra na memória o que ouviu dos mais velhos e o que construiu de conhecimentos, ou *significâncias*, ao longo da vida às margens do rio. Por meio da prática do narrar, ensina a comunidade a relacionar-se com a natureza.

Quando dá muito maruim, é sinal de camarão... agora presta muita atenção como o maruim vem. Quando a água vai fazer sepacuema seis horas da manhã... Sepacuema é a maré que dá às seis horas da manhã... É que dá maruim. São três dias, antes dela encher, eles vêm. A pessoa não pode nem ir na beira que está fumaçando de maruim. Passou essa fase, já vai terminar, a maré vai dobrar. Quando já dá 8 horas, aí já vai terminar, acabou (MESTRE SIMEÃO, 2020)²³.

Nossa maré é viva. Ela traz, ela leva. A pessoa não percebe, mas ela que traz a fartura. Porque uma maré grande dessa a gente reclama, mas ela traz muita fartura, traz o peixe, o camarão, porque se não existir a maré grande, o lançante grande, não tem fartura nem de camarão, nem de peixe. Tem que ter maré grande para cavar, limpar o rio. Para nós, é uma limpeza, uma correnteza dessa limpa tudo, ela cava, vai limpando. A maré viva, ela tem força! Porque tem a maré viva e a maré morta. Água ela tem significância, ela tem o movimento dela (MESTRE SIMEÃO, 2020)²⁴.

²³ Narrativa do Mestre Simeão ouvida pela pesquisadora.

²⁴ Idem.

A pessoa mesmo faz destruir, por exemplo, um igarapé desse dava muito peixe. Quando vieram fazer esse linhão aí, primeiro eles roçavam, depois sabe o que eles fizeram? Inventaram um veneno muito forte para jogar no capim para matar, e não roçavam mais. Prejudicou nós, aquilo caiu para dentro do igarapé, morreu peixe, acabou camarão. Olha, descia urubu direto para o igarapé, pois matou cobra, matou poraquê, matou tudo que ia pegando, o veneno era muito forte. Não sei que veneno era esse, mas até o capim morria. Borrifavam no capim, e até de helicóptero eles passavam jogando o veneno para matar o capim, mas matou muita coisa.

Tinham lagos aqui dentro dessa ilha que dava muito peixe, acabou com tudo. Onde tem marisco, onde tem o peixe, onde tem o camarão ali não seca, fica preservado (MESTRE SIMEÃO, 2020)²⁵.

Conhecer e compreender o movimento das marés e os fenômenos que acompanham o ir e vir das águas significa criar subsídios para viver de forma sistêmica. As explicações advêm da observação do cotidiano, não como algo recente, mas como uma cadeia de conhecimentos que atravessam as gerações. Os fenômenos recebem nomes, são quantificados, classificados. Respostas são encontradas. Quando não, são tidas como mistérios a serem desvendados. São as significâncias que dão sentido às relações dos fios que compõem a teia da vida.

O fenômeno da maré das 6 horas e o que a acompanha implicou observações, levantamento de hipóteses, reflexões, avanços e recuos, até se chegar à caracterização e nomeação da maré da aurora, a sepacuema, e as características trazidas por essas específicas águas. A percepção de que o aumento dos maruins vem acompanhado do aumento de camarão significa, entre outras coisas, saber do tempo propício para a colocação dos matapis²⁶.

“Nossa maré é viva... é a Mãe d’Água que protege, porque a água é viva” (MESTRE SIMEÃO, 2020)²⁷. A vida e proteção das águas são apontadas por mestre Simeão como mais uma das significâncias. Pelos caminhos líquidos dos rios, furos e igarapés amazônicos, as narrativas relacionadas às águas são recorrentes e têm a força da pororoca²⁸. A Mãe d’Água (a narrativa na íntegra será vista nas Memórias de rio e floresta) toma conta das águas quando vem na forma das águas grandes, marés lançantes, ela limpa o rio com a correnteza.

Os rios fazem parte da vida e sobrevivência dos povos tradicionais. Eles são vivos e personificados para os que vivem às suas margens. Nas águas, esses sujeitos encontram o lazer, os caminhos de ida e vinda, a manutenção do cotidiano, a garantia de atividades diárias como lavar roupas, louça, banhar-se, retirar o alimento para consumo e comercialização. O rio é um parente, como observamos nas falas do Mestre Simeão e do povo Krenak, que até hoje se encontra pranteando a morte de Watu, seu rio-avô, que os alimentava e nutria, e hoje é um rio

²⁵ Narrativa do Mestre Simeão ouvida pela pesquisadora.

²⁶ Armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de miriti, utilizada para capturar camarão nos rios da Amazônia. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/matapi/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

²⁷ Narrativa do Mestre Simeão ouvida pela pesquisadora.

²⁸ A palavra pororoca é de origem indígena (tupi) e significa estrondo (forte barulho da natureza). A pororoca é um fenômeno natural que ocorre quando há o encontro entre as águas de um grande rio com as águas do oceano. No Brasil, a pororoca mais importante ocorre na Amazônia, quando as águas do rio Amazonas se encontram com as águas do Oceano Atlântico na foz deste rio. Ocorre um forte barulho e a força do fenômeno provoca a derrubada de árvores e alterações nas margens do rio. Durante o fenômeno, formam-se ondas que podem atingir até 3 metros de altura e velocidade de até 20 km/h. Disponível em: https://www.suapeso_que_e/pororoca.htmquisa.com/. Acesso em: 23 fev. 2020.

de lama tóxica. O rio doce dos Krenak era também o lugar das trocas simbólicas. À beira do rio, com a fogueira acesa, os rituais desse povo originário eram transmitidos aos mais jovens em forma de dança, canções e histórias.

Tirar o rio do povo Krenak significou destituí-los dos sentidos que sustentam suas existências. Segundo o relato dos Krenak, idosos adoeceram e morreram de tristeza após o rompimento da barragem do Fundão. O relato de Mestre Simeão sobre os processos utilizados na abertura da floresta para a construção das linhas de transmissão de energia elétrica nas ilhas sul de Belém demonstra como o prometido progresso chega arrancando o cotidiano das formas viventes em nome do desenvolvimento.

No relato do intérprete para contextualizar o que significou “fazer esse linhão aí”, ele reconhece os benefícios da chegada da energia elétrica às ilhas. O custo alto com a compra do combustível para o gerador era um ponto muito negativo. Além da possibilidade da utilização de equipamentos que necessitam de energia elétrica, ele cita a plaina para as tábuas usadas nas construções de casas na comunidade.

No entanto, o preço a pagar pela chegada da luz foi a morte do igarapé e de toda forma de vida que nele habitava. Mestre Simeão acrescenta que, antes da energia elétrica, as pessoas da comunidade iam até ele para ouvir histórias ao anoitecer. Depois, a televisão tornou-se o lugar solitário de interação entre as famílias da ilha. A tragédia do desenvolvimento, como pontuou Morin (1995), anuncia o bem-estar homogeneizador, com um modelo único de sociedade, desconsiderando as diferenças culturais, sociais, econômicas, geográficas. E o resultado? A massificação, a exploração e o extermínio para assegurar o desenvolvimento!

Ao lado do conhecimento científico, as populações rurais e tradicionais têm, ao longo de suas histórias, desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder a problemas de ordem material e utilitária tanto quanto tem construído um rico corpus da compreensão simbólica e mítica dos fenômenos do mundo (ALMEIDA, 2017, p. 47).

Considerar unicamente os preceitos produzidos pelos cientistas atende a uma demanda parcial. Os saberes ambientais das comunidades precisam encontrar espaço, germinar e se fortalecer além dos locais onde o saber ficou restrito. Há múltiplos caminhos para se chegar ao conhecimento. Os *saberes da tradição* ligados à memória e à oralidade nos falam de uma imaginação criadora e devaneante, tão característica das populações que habitam entre o rio e a mata. O contato com esses elementos impulsiona a criação de imagens, o exercício da imaginação, para compreender e explicar as significâncias encontradas em si e no mundo.

Esses enigmas encontrados no universo da poeticidade amazônica somente a Ciência, de mãos dadas com a poesia, consegue ousar descobrir. O homem diurno da Ciência precisa do homem noturno da poesia. Não há como separar razão e imaginação, pois ambas são partes constituintes do ser humano.

Como escreve Bachelard em sua obra noturna, a Ciência precisa da imaginação criadora para sobreviver ao caos instalado, e assim apreender o mundo exercitando o devaneio,

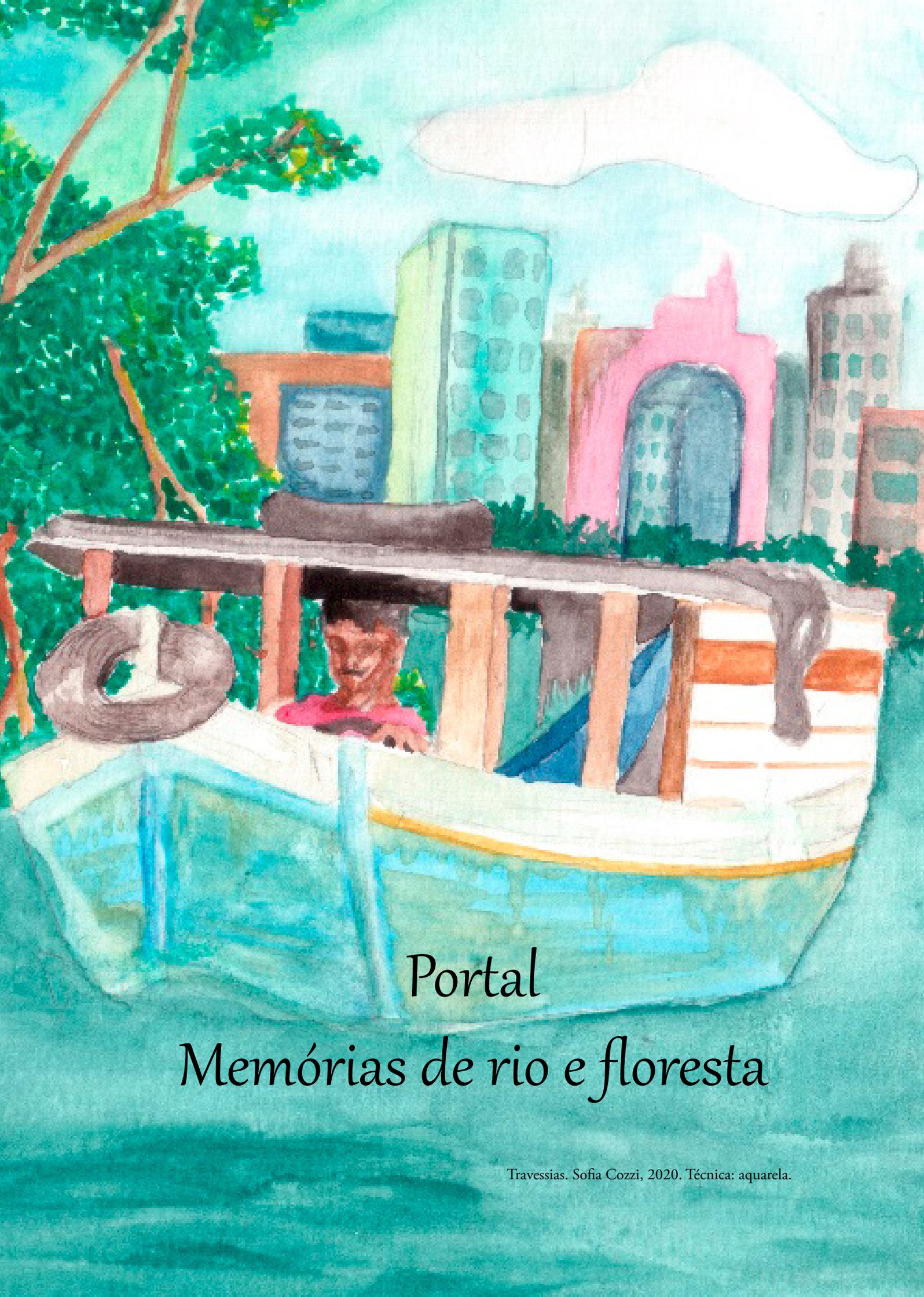
o sonho acordado, que Bachelard afirmou ter descoberto tardiamente que revelou que as imagens e os conceitos dialogam na medida em que o homem aceita o lado noturno da alma.

A gente conta para certas pessoas e eles ainda dizem que não existe, porque eles nunca andaram de noite e nunca viram. Eu já vi muitas cobras no rio. Ali no Tucunduba, vinha uma correndo em cima da água como eu nunca tinha visto, correndo igual a um barco na água. Quem anda de noite vê as coisas, quem não anda não vê, de dia é mais difícil (MESTRE SIMEÃO, 2020)²⁹.

Como bem disse Mestre Simeão, é preciso crer e andar pela noite. Quem anda à noite vê as coisas. À luz do dia é mais difícil a contemplação que fecunda o imaginário e permite o nascimento da razão criadora a transcender as limitações da percepção dos fenômenos a partir do olhar unilateral e homogêneo.

Entrelaçar os saberes locais com a escola, as universidades e as demais instituições de pesquisa configura um outro paradigma emanado da multiplicidade do saber, reinventando a lógica padronizadora do conhecimento centrado em velhos e únicos paradigmas. A contrariar tal organização epistêmica, não há uma instituição ou um único saber que funcione como eixo e, sim, uma rede de conhecimentos que pode ser acessada a partir de vários pontos, de maneira a promover o rompimento de fronteiras entre os *saberes da tradição* e os saberes científicos, fortalecendo os diálogos à proporção que a Ciência amplia seu olhar e se entrelaça no cotidiano.

²⁹ Narrativa do Mestre Simeão registrada pela pesquisadora.



Portal

Memórias de rio e floresta

Travessias. Sofia Cozzi, 2020. Técnica: aquarela.

Cântico VI

Quem comanda o rio?
 A lei?
 A lenda?
 O mapa, onde se perdeu o portulano?
 Em que meridiano, norte ou sul,
 ou em que polo?
 Amazônia
 Amazônia
 Quem te ama?
 Quantas vezes no tempo, o rio encheu-se,
 E, quantas outras, vazou?

O rio não tem consciência
 de si mesmo,
 no ermo de existir
 que é ser corrente.
 O rio-em-si não é bom, nem mau.
 É rio.
 E sendo rio
 inunda e seca,
 pois, inundar e secar
 é ser do rio
 e sua incons/ciência de si mesmo.

A notícia ovula-se poema,
 e nem sequer ou canto ou melopeia
 Quer olhar e dar voz ao que se mostra,
 mais que real aqui, agora e sempre...
 Mas Tirésias atônito pergunta
 aos pálidos pajés sobreviventes:
 -Se o rio nada sabe de si mesmo
 quem saberá do rio e de seus homens?

Paes Loureiro

BELÉM, A FLOR DAS ÁGUAS

Tanto geográfica como historicamente, a cidade floresceu em função da água. “Flor das águas” – eis uma antonomásia que se ajustaria muito bem à capital paraense, tal significação do elemento hídrico na sua vida (Eidorfe Moreira).

Nasci em Belém, capital do estado do Pará, cidade que possui uma geografia hídrica com aproximadamente 39 ilhas com o corpo líquido muito maior do que de terra firme: 34,36% correspondem à área continental, e 65,64%³⁰ compreende a parte insular. Talvez por essa razão o geógrafo Eidorfe Moreira a tenha batizado de “flor das águas”. Os rios serpenteiam a cidade, formando um cenário amazônico predominantemente de águas, rios, furos, lagos, igarapés que formam uma ímpar riqueza líquida, liquidez doce, representativa deste espaço e constitutiva das relações entre o homem e o meio, a presença do rio, a água como o elemento dinamizador da cidade.

Confesso a vocês que até o ingresso no curso de graduação nunca tinha feito a travessia para a região insular de Belém que compreende as ilhas Sul (ilhas do Combu, Grande, Murutucu, Maracujá e Ilhinha), as aventuras eram restritas às ilhas de Mosqueiro, Caratateua e Cotijuba. Essa era uma parte de Belém que poucos habitantes tinham acesso ou interesse em conhecer. Muitos ignoram que Belém, como outras cidades que compõem o estuário amazônico, têm em seu dia a dia a influência direta dos rios.

Os caminhos líquidos são percorridos por ribeirinhos que encontram nos portos o ponto de encontro entre idas e vindas para o trânsito de pessoas e a comercialização de mercadorias. Essas trocas materiais e simbólicas quase sempre são invisibilizadas para uma parte significativa da população belenense, que desconhece, ou desconsidera, a cartografia das águas encontrada na cidade.

Ao observarmos a cartografia de Belém do Pará, realizada por Moreira (1989), constatamos a relação da cidade com as águas. A cidade é circundada de ilhas. A água é um traço forte e característico em razão de sua localização geográfica.

³⁰ Fonte: Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – CODEM.

Ao analisarmos o mapa, atestamos a supremacia do corpo hídrico em relação ao continente. Na outra margem do rio Guamá, existem comunidades que habitam entre o rio e a floresta, e assim possuem características específicas de ser e ver o mundo com suas crenças, saberes, imaginário. Essa relação com o meio é cultivada pela observação do cotidiano, o tempo das águas grandes, o plantio e colheita das frutas, em especial a do açaí, o período da proliferação dos carapanãs, o conhecimento das plantas e ervas que ajudam esses sujeitos no tratamento das doenças.

Um cotidiano diferente vive a Belém urbana, que cresceu de costas para o rio e deixou de desenvolver uma relação sistêmica e enredada com as águas e a mata como fizeram os moradores das ilhas. Há relativamente pouco tempo, com o advento de bares e restaurantes na região das ilhas sul de Belém, os habitantes da parte continental começaram a descobrir as ilhas enquanto possibilidade de exploração turística, mas sem atentar para os moradores e seu modo de vida. Ainda continuam com as janelas fechadas para o rio. Ousamos dizer que as janelas da alma ainda se encontram fechadas para as características socioculturais dos que vivem na Belém dos furos e rios.

Figura 25 – Mapa de Belém-PA (2).



Fonte: <https://expedicaopara.com.br/>

Ao realizarmos a travessia pelo rio Guamá nas pequenas embarcações, entramos no Furo da Paciência rumo ao Furo do Bijogó. Finalmente, aportamos na Ilha do Murutucu, local de morada de Simeão de Souza Monteiro, 81 anos, nascido em 5 de janeiro de 1940, em Itacoã-Miri, comunidade quilombola do município de Acará. Mudou-se para a ilha ainda criança em companhia da irmã, que se casou com um rapaz da região das ilhas de Belém. Por seu apego à irmã, o menino Simeão passava as férias na Ilha e depois retornava para casa em

Itacoã. Depois da enfermidade de sua mãe, Simeão, ainda menino, mudou-se permanentemente para a casa da irmã e, no Furo do Bijogó, estabeleceu sua moradia até os dias atuais.

Mestre Simeão guarda na memória muitos fatos e acontecimentos da infância no Acaará. Relata as narrativas com riqueza de detalhes, como a história da Zeladora do Areal, que será contada posteriormente. Ele é referência na comunidade como um contador de histórias. Notoriamente, observamos a alegria e o prazer que tem em contar histórias. Seu acervo narrativo inclui histórias ligadas ao imaginário amazônico, como Matinta, Mãe D'Água, Boto, Curupira, Cobra Grande e outras encantarias do rio e da floresta.

Assim como Mestre Simeão, encontramos muitos outros e outras narradores(as) na região das ilhas. Alguns são rotulados de mentirosos, por contarem as histórias ligadas ao imaginário amazônico, mas a esperança ainda se faz presentificada nos ouvidos generosos das crianças. Foi por meio delas que soube da existência do Mestre e foi assim que tudo aconteceu... Iniciarei as lembranças com trechos do diário de bordo que registrava nas minhas travessias durante as idas à região insular pela Secretaria Municipal de Educação de Belém para as formações de professores ou os assessoramentos das escolas do outro lado do rio. O diário teve continuidade nas travessias do mestrado e agora segue no doutoramento.

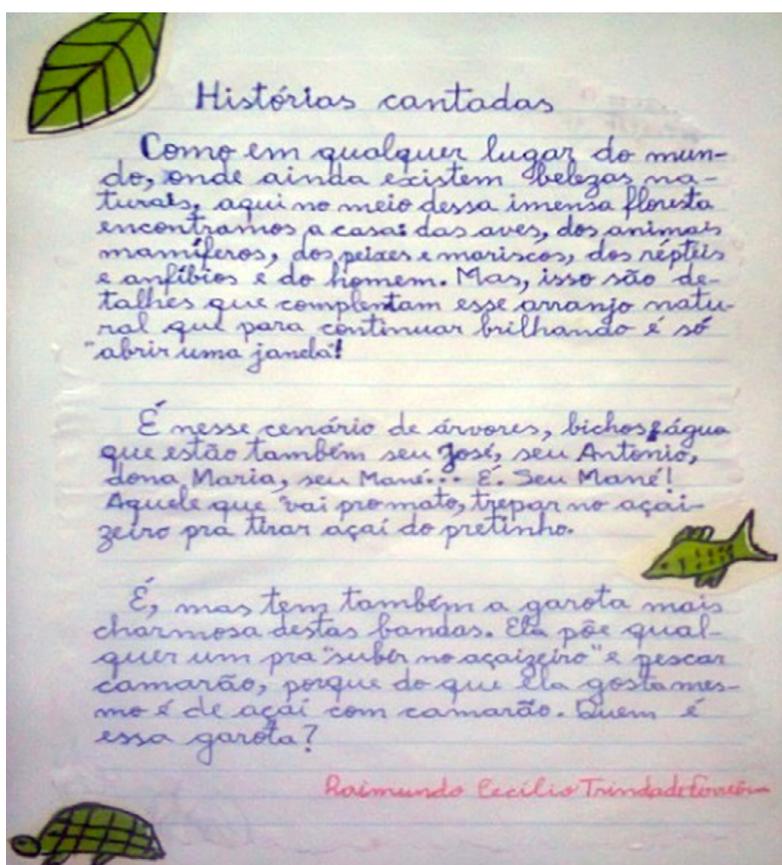
Os ventos sopraram... Atendemos o chamamento das águas! O barco aportou. Chegamos para contar e ouvir histórias. O grupo de contadores de histórias, Cibrandeiros da Palavra, com Rodrigo, o filho do Grilo Falante, Juraci Siqueira, o filho do Boto e eu, filha dos retalhos das linhas e dos bordados, aprontamo-nos para a festa das palavras. As crianças foram chegando... Algumas mães se sentaram no lado esquerdo do barracão ao lado da Unidade Pedagógica São José na Ilha Grande (Diário de Bordo, 2014).

Manhã ensolarada na Praça Princesa Izabel, no bairro da Condor, 6 horas e 30 da manhã. Estávamos nós e as professoras à espera do barqueiro para nos levar rumo à ilha Grande. Embarcamos e, ao entrarmos no Furo da Paciência, olhei para a cidade, e um outro/novo ângulo se apresentava. Do rio, avistei a cidade com seus prédios, a imagem ficou guardada em mim. Daquele lugar, meus olhos enxergavam a cidade dançando no ritmo das ondas que movimentavam o barco, esse é o movimento de vida com que os ribeirinhos diariamente convivem. Ao aportarmos no trapiche da escola, fomos recepcionados pelos professores e as crianças; assim como elas, estávamos ansiosos para ouvir e contar histórias.

A manhã começou com uma cantiga composta pelo professor Cecílio Trindade da Unidade Pedagógica São José e algumas crianças da turma prepararam uma coreografia para dançar e celebrar aos elementos encontrados na Ilha Grande: a água, a mata, os bichos e as pessoas.

Professor Cecílio afinou o violão e dedilhou as primeiras notas de uma canção inédita que tivemos o prazer de ouvir, as meninas com suas saias de chita giravam ao som do carimbó, os meninos eram o Seu Mané, apanhador de açai. A canção dizia assim:

Figura 26 – Letra da canção manuscrita pelo professor Cecílio Trindade



Fonte: Imagem retirada do Diário de bordo, 2014.

Com essa atmosfera, sentimos que, a poucos minutos da Belém urbana, encontramos um coro de passarinhos a cantar seu cotidiano e a nos fazer esperar. Cantamos e contamos, a palavra girou com beleza, cores e liberdade, como as saias de chita das dançarinas de carimbó, foi uma roda de cantos e contos. Ouvimos as histórias do Boto, pois seu filho estava lá, o filho do Boto, Antônio Juraci Siqueira³¹. Não demorou muito para que as crianças comesçassem a narrar. Ouvimos sobre a Cobra Grande que foi parar na rede de uma moradora, a Matinta também apareceu e lançou seu assvio estridente. As histórias eram muitas e tão bem contadas que logo imaginei: por aqui bem perto deve ter um Mestre narrador. A pergunta saltou dos meus pensamentos e fugiu pela boca:

- De quem vocês ouviram essas histórias?

Um coro e um gesto apontando para uma casa do outro lado do rio.

- Foi o Seu Simeão que nos contou!!!

Naquele momento, nossos fios de vida se enredaram, eu e Mestre Simeão. Desde aquele dia já se passou quase uma década que faço a travessia rumo à ilha das encantarias, morada

³¹ Poeta, trovador, contador de histórias. Publicou mais de 60 títulos entre folhetos de cordel, livros de poesia, contos, crônicas, tem mais de 200 premiações em concursos literários no Brasil.

de um grande mestre narrador. Meu desejo era conhecer sua história de vida e as ligadas ao imaginário, inicialmente na pesquisa do mestrado e atualmente no doutoramento.

Na direção em que os dedos, corpos, olhares, almas apontaram, segui. Fui conhecer o guardião da palavra das ilhas Grande e Murutucu. As histórias tiveram início com sua chegada na ilha, ainda pequeno, depois voltaram para a Itacoã, lugar onde nasceu. Narrou sobre os acontecimentos da ilha e da Belém urbana, incluindo o surgimento da Universidade Federal do Pará onde, segundo o narrador, antes era apenas uma trilha aberta na mata. Contou sobre os portos do bairro da Condor, sobre a fartura de peixes e camarão e a escassez de hoje, seu casamento, a chegada dos filhos, netos e bisnetos, entre outros assuntos ligados ao seu cotidiano.

Um traço característico dos narradores tradicionais é que estes não passaram por formação de contadores de histórias. Já os contadores urbanos atuam em diferentes espaços, como escolas, bibliotecas, hospitais, aniversários, espaços culturais. Mestre Simeão, em sua performance, tece o fio narrativo, entremeando os acontecimentos do dia a dia com as histórias ligadas ao imaginário com a sensatez dos que creem nas encantarias como verdades da vida, dos que caminham de dia e de noite, buscando a metáfora da obra de Bachelard.

Figura 27 – Travessia: Belém continental e insular



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

As vozes do rio e da mata pedem passagem por intermédio das histórias do Mestre Simeão, que, em seus 81 anos de existência, pouco ou quase nenhum acesso teve à cultura letrada. No entanto, sabe ler a natureza com maestria, por ter ouvidos abertos e sensíveis à

escuta dos sons que ecoam da mata e do rio. Possui saberes sobre os fatos históricos da Belém continental e insular, sobre o meio ambiente, os tempos das marés, os períodos de plantio e colheita, entre outros assuntos. Sua memória é prodigiosa, seus relatos são detalhados e precisos. Ele é o intérprete da pesquisa aqui desenvolvida.

Conforme dito anteriormente, a pesquisa com Simeão de Souza Monteiro teve início no mestrado na Universidade do Estado do Pará (UEPA) com a cartografia de saberes pela voz do intérprete. Sua memória trouxe as categorias de análise por meio dos saberes do lugar, ambientais, escolares e, por fim, os saberes mitopoéticos (COZZI, 2015).

É nesse último saber – mitopoético – que encontramos os mitos ligados às águas e às matas nas histórias contadas por Mestre Simeão. Algumas histórias ouvidas na infância, outras vividas pelo próprio contador como palavra-testemunho das aparições. Ele é um contador de histórias legitimado pela comunidade e um guardião da memória das narrativas da ilha.

A intenção ao apresentar as categorias de saberes encontradas na memória do Mestre Simeão³² reside em mostrar os conhecimentos construídos por meio das observações, experimentações e verificações, que incidem na sua compreensão das questões que são confrontadas no cotidiano e nas estratégias do pensar que o orientam na resolução dos problemas. Os dados sobre os saberes mencionados anteriormente revelam a riqueza de informações guardadas na memória e são apresentadas detalhadamente como registro dos fatos ocorridos na ilha (COZZI, 2015).

A memória, a voz, enfim, a performance que suas narrativas nos contam são as reflexões necessárias para o entendimento da relação homem e natureza. Cara perspectiva, pois fomos ensinados que o conhecimento se faz na academia por pessoas tituladas egressas das fileiras uniformes da cientificidade. A elas cabe problematizar, compreender e decifrar os fatos e fenômenos de uma dada realidade, mesmo que sua passagem pelo lócus de pesquisa seja esporádica e até sazonal, comprometendo as análises, por obter visões parciais dos dados, diferentes dos que se encontram imersos nas práticas cotidianas.

Nas comunidades, como a ribeirinha da região insular de Belém, encontramos o fazer dos sujeitos aptos para ensinar para trocar conhecimentos com a instituição científica legitimada, especialmente com a instituição escolar, na qual ainda se opera a dicotomia entre os conhecimentos com veemência, de modo a consolidar a exclusão de outras formas de respostas às perguntas apresentadas pelos homens. Para Carlos Aldemir Farias (2006), existem outros alfabetos que ensinam as populações imersas na tradição oral. Esses alfabetos se expressam a partir das *histórias da tradição* do lugar onde são contadas e repetidas de geração a geração, cabendo ao contador de histórias o papel de guardião da memória mítica.

Ciente da operacionalização da Ciência para a humanidade, de forma alguma, o objetivo desta pesquisa é colocar mais um graveto na fogueira inquisidora que visa transformar em cinzas o conhecimento construído pelos cientistas, os intelectuais acadêmicos, mas, sim, trazer para o cenário os conhecimentos do Mestre Simeão como um legítimo representante de uma tradição dos *intelectuais da tradição*. Trata-se de um conceito problematizado por Con-

³² Assim foi batizado pelos contadores do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM), por tê-lo como referência na arte narrativa.

ceição Almeida (2017) que sistematiza, desde a década de 1980, a partir de suas pesquisas na Lagoa do Piató, no Rio Grande do Norte, os saberes da tradição construídos pelos *intelectuais da tradição*, que, por se encontrarem distantes das instituições acadêmicas, têm seus saberes silenciados, abafados e excluídos, e muitas vezes até ridicularizados, por se tratar de saberes que conectam o racional e o simbólico para elaborar explicações sobre os fenômenos naturais e sociais observados.

Figura 28 – Simeão de Souza Monteiro contando histórias na entrega das Samaúmas – bibliotecas comunitárias



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Almeida (2017) descortina os fazedores e fazedoras dos *saberes da tradição* ao dizer que eles se encontram espalhados no Brasil de norte a sul. Em uma de minhas viagens à Ilha de Florianópolis, Santa Catarina, observei que as idosas benzedeiras que vivem à beira-mar tratam de doenças como cobreiro, erisipela, quebranto, espinhela caída, entre outras. São conhecedoras das ervas e plantas que curam e proferidoras de bênçãos e rezas aos que necessitam, um costume açoriano que perdura até os dias atuais na região sul do país. Elas entoam canções sobre sereias e outros seres míticos das águas salgadas quando fazem os seus bordados.

Outro exemplo são os saberes dos vaqueiros nos vastos campos marajoaras no estado do Pará, que possibilitam a realização do ofício com suas estratégias construídas e reconstruídas para conduzir a malhada de bois. Fazer o laço, arrumar as rédeas, o uso da indumentária específica, o som cadenciado dos lábios estalando em harmonia com os gestos das mãos formam a sinfonia do vaqueiro marajoara a tocar o gado no extremo norte do Brasil.

Esses são exemplos de *intelectuais da tradição*, conhecedores das múltiplas linguagens dispostas pela natureza aos que têm ouvidos para adquirir a sutil compreensão do que ela ensina. Para Conceição Almeida, o *intelectual da tradição* é conceituado nos seguintes termos:

[...] sabem ler a natureza, compreender a linguagem dos animais e das plantas, os segredos da mata. Desenvolvem um rico conjunto de técnicas agrícolas, extrativistas, de pesca e de conhecimento sobre o ecossistema, mesmo que não registrem essa sabedoria por meio de palavras escritas em livros. [...] Sem acesso à cultura científica formalizada pela escola, os intelectuais da tradição têm, ao longo do tempo, sistematizado conhecimentos que permitem transformar o meio natural, de adverso, em aliado da sobrevivência de numerosas populações em seus territórios. A descoberta constante da multifuncionalidade de cada elemento da natureza; a percepção da dimensão relacional entre fenômenos físicos e os ciclos de vida e morte; a constatação do parasitarismo e dependência entre espécies vivas e matérias inorgânicas, entre outras construções intelectuais, servem de base para a sistematização de um saber experimental e, de modo mais alargado, para uma metacompreensão do mundo (ALMEIDA, 2017, p. 50-51).

As características de um *intelectual da tradição* apresentadas alicerçam os saberes de Mestre Simeão, habilitando-o para os diálogos conceituais da pesquisa. Neste fluxo, convidamos outros interlocutores com saberes, ou outras vozes do rio e da mata de diferentes pontos das ilhas, que também ecoam na comunidade com a representatividade das agentes de leituras das Samaúmas – bibliotecas comunitárias e seus familiares, moradores das ilhas do Murutucu, Combu e do Maracujá, professoras, alunas e alunos da Unidade Pedagógica Santo Antônio. Tais vozes compõem os fios da teia de saberes ambientais presentes nas ilhas sul da região insular de Belém.

O contador de histórias: protetor das significâncias

Sempre que uma catástrofe visitava seu povo, o velho homem da aldeia dirigia-se para um determinado lugar da floresta e, lá, ele fazia uma fogueira sagrada, e lá ele dizia uma oração especial e o infortúnio era assim evitado desaparecendo daquele povo. Longos anos se passaram e foi sempre assim. Um dia este homem morreu e esta tarefa coube a outro homem que o sucedeu, e sempre que um infortúnio visitava seu povo, ele conhecia tanto o caminho para a floresta quanto a oração especial, mas não sabia acender a fogueira sagrada. Mesmo assim a catástrofe os deixava. Assim foi durante longos anos. Tempos depois a responsabilidade recaiu sobre um terceiro homem que conhecia o caminho para a floresta, mas não sabia fazer a fogueira sagrada e não sabia dizer a oração especial, e, mesmo assim, seu conhecimento era suficiente para evitar o infortúnio. Um dia este homem morreu e em seu lugar ficou outro homem que não conhecia o caminho para floresta, não

sabia fazer a fogueira sagrada e não sabia como dizer a oração especial. Tudo o que sabia era contar a história dos seus antecessores. Mas isso era suficiente! (GIORDANO, 2007, p. 76).

Todas as vezes que leio ou ouço a história do *Narrador*, imagino pessoas aconchegadas ao redor de uma fogueira em noite de lua crescente. Bem ao lado da lua, uma estrela, a velha narradora a olhar para o céu em direção à lua e com os olhos fitando aquela aproximação de corpos celestes nos diz que tem casamento próximo para acontecer. A mente vagueia, a voz conta, a palavra, então, é encarnada pelo sopro da memória!

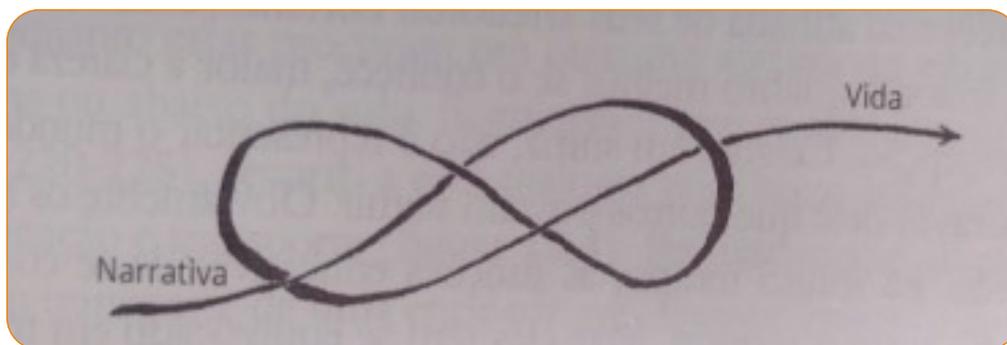
As histórias e suas mensagens arquetípicas acompanham a humanidade desde os primórdios. A simbologia encontrada nas narrativas da tradição oral foi o caminho, até o presente momento, para a compreensão do nosso universo interior e exterior, o desvelar de verdades profundas. Os mitos saem do imaginário dos povos e circulam pela boca e pelos ouvidos como experiências de comunicação, num fluxo espiral com os ecos e as vibrações que a função simbólica apresenta e assumem sentidos e significados com a palavra narrada.

A história *O Narrador* nos revela os caminhos percorridos pelos que têm a palavra bem-dita, a ele, o narrador, cabe ser o guardião da palavra narrativa, a que salva e liberta os que emprestam seus ouvidos aos ensinamentos que circulam neste espiral, que, a cada confabulação, evoca a memória de uma cadeia de outros narradores por meio do fantástico, ainda que as mudanças trazidas pelo tempo e pelas circunstâncias corroborem para o “esquecimento” dos ritos que constituem seu arcabouço encantatório.

A narrativa nos diz o que pode ser feito para o afastamento do infortúnio, mesmo nos descaminhos percorridos pela humanidade, nas decisões irrefletidas que foram tomadas pela espécie humana, no esquecimento do que é essencial para o bem viver coletivo, metaforizados na narrativa como o *não mais conhecer o caminho para a floresta*, não mais saber como fazer a fogueira sagrada, e o não saber dizer a oração especial.

Tais ações ritualísticas são necessárias, dizem dos que fizeram o caminho antes de nós e deixaram os ensinamentos para que pudéssemos evitar as *catástrofes*. Mas a humanidade tomou outros rumos, afastou-se dos rituais e, conseqüentemente, uma bruma instalou-se no caminho, fazendo com que nos perdéssemos nas andanças, no que realmente precisamos realizar para ocorrer o religamento dos fios que nos interligam. O que ficou para o religamento da humanidade foram as histórias de todo o percebido e o vivido das experiências.

Narrativa e vida entrelaçadas, o ontem e o hoje são contínuos, segundo Tim Ingold, e não se trata de um repasse de conhecimentos de uma geração para outra, mas um fio que tece vida e narrativa em movimentos e fluxos no sentido do infinito, conforme observamos na figura feita por Ingold (2017, p. 237).

Figura 29 – Narrativa e vida

Fonte: Ingold, 2017.

A potência da palavra narrada é temperada e servida pela voz do contador de histórias. Enquanto houver alguém disposto a entregar-se à poética das narrativas, encontraremos a revelação do mistério da vida entrelaçada, em contraposição ao egoísmo, ao individualismo e à descrença que nos ronda.

Conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer sua história, e ser capaz de juntar de juntar essa história à sua. No entanto, é clero, as pessoas crescem em conhecimento não somente através de encontros diretos com outras pessoas, mas também por ouvirem suas histórias contadas. Contar uma história é relacionar, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vivido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora. [...] Trilhando o caminho de um lugar a outro na companhia de outros mais experientes do que eles, e ouvindo suas histórias, os novatos aprender a conectar os eventos e experiências das suas próprias vidas às vidas dos antecessores, tomando recursivamente os fios dessas vidas passadas no processo de fiar a sua. Mas ao contrário do crochê ou do tricô, o fio que está sendo fiado agora e o fio tomado do passado são ambos o mesmo fio. Não há nenhum ponto em que a história termine e a vida comece (INGOLD, 2017, p. 236-237).

Podemos afirmar que o contador de histórias é, de fato, o protetor das significâncias ao nos colocar diante das revelações da vida, da essência que nos constitui e que muitas vezes fica para trás, esquecida em algum lugar que a correria do cotidiano, apenas para citar uma intercorrência, anula ou nos afasta da percepção das nossas origens, de quem somos, do fio que entrelaça história e vida para a compreensão das escolhas acertadas que precisamos tomar.

O contador de histórias e suas narrativas têm a função de salvaguardar, cuidar, libertar, aproximar, curar, entreter, ensinar, preservar, registrar, criar, transcender. Ações interligadas que deságuam no oceano da humanidade, que dizem da profundidade das experiências vividas e nos colocam diante de uma das mais antigas expressões de comunicação humana: o narrar. Existe uma interligação entre o contador e seu repertório de histórias, a palavra que sai da sua boca em forma de história contada recebe o cuidado, a preparação, desde a escolha da narrativa até a forma de contá-la. Por esse zelo e apreço pela palavra narrativa, alguns tornam-se referências em suas comunidades como *o contador de histórias*.

A fecundidade da palavra narrada se revela na voz dos que são guardiões da memória, aqueles que contam precisam compreender as simbologias contidas nas histórias, o repertório atende a uma necessidade de seus ouvintes, como fez Sherazarde ao narrar histórias nas mil e uma noites para o sultão Chahriar, acometido de doença da alma pela tristeza de ter sido traído por sua antiga esposa e seu irmão Chahzená. A partir do momento que soube da dupla traição, iniciou uma matança de belas jovens do seu reino, a cada noite desposava uma jovem para, então, degolar. Até casar-se com Sherazarde filha do grão-vizir.

Sherazarde tornou-se um símbolo daqueles que narram para salvaguardar a si e ao outro por meio do imaginário. As histórias por ela contadas nas mil e uma noites foram devidamente escolhidas do seu repertório por abordarem as questões dolorosas sofridas pelo sultão. Ele precisava ouvir e deixar reverberar em sua alma os assuntos que de outra forma receberiam a desaprovação de Chahriar se tocados por tratar das “feridas” ainda não curadas. Sutileza, criatividade e anos investindo na sua preparação como narradora foram ingredientes essenciais para o êxito obtido.

As histórias narradas por Sherazarde fazem parte de uma coletânea de contos populares oriundos do médio Oriente e do sul da Ásia, transcritos em árabe a partir do século IX. Os contos passaram a ser conhecidos no ocidente depois do trabalho de tradução do francês Antoine Galland, ocorrido em 1704. Segundo a obra *As mil e uma noites*, Sherazarde, uma moça...

Muito culta, era dona de memória prodigiosa que nada lhe escapava de tudo que havia lido. Aplicava com afincamento ao estudo da filosofia, da medicina, da história e das artes, e compunha versos mais lindos que os dos poetas mais famosos do seu tempo (GALLAND, 2001, p. 18).

Ao observarmos a declaração feita pelo sultão Chahriar sobre a beleza e força das narrações de Sherazarde, concluímos que o êxito se deu pelo empenho e atenção dispensados à arte ancestral de narrar. Por fim, ela é considerada a libertadora das jovens do reino que pereceriam pela cólera do sultão.

– Querida Sherazarde – disse-lhe –, vejo que sabeis maravilhosas histórias, e há muito que com elas me distraís. Foi-se a minha cólera, e é com prazer que a partir de hoje retiro a cruel lei a mim imposta. Tendes a minha proteção, e sereis considerada libertadora de todas as jovens que ainda seriam imoladas ao meu rancor (GALLAND, 2001, p. 539).

O entrelaçamento entre o narrador e a narrativa compõe a arte da palavra, o manancial de sabedoria para os que contam e os que ouvem, um mergulho mítico nos temas apresentados nos contos, experiências de partilhamento nutridas pela pesquisa do conto, estudo sério e atento aos símbolos nele contidos e revelados no processo de preparação dos que narram.

Mitos e ritos: diálogos da humanidade

As mitologias e os ritos coabitam povoando o mundo de existencialidades. A condição de ser vivente coloca o homem na constante busca pelo entendimento das ocorrências que o afetam e os sentidos, as explicações, fazem parte do *ethos* das comunidades. Ritos de iniciação,

de passagem, celebrações aos ciclos da natureza e de preparação para as intempéries colocam o homem no patamar de aprendente da organicidade dos sujeitos e de seu grupo. Esses são rituais que aparelham a comunidade para desenvolver a necessária força a impelir a sobrevivência em tempos aflitivos.

A história *O Narrador* revela o entrelaçamento dos rituais da humanidade e as simbologias contidas nos mitos. A palavra narrativa – a explicar, a descortinar as ocorrências do cotidiano, ao trazer os três rituais para o apaziguamento das catástrofes – observa o rito e o mito como afluentes do mesmo rio. Conhecer o caminho que leva o guardião ao lugar meditativo na floresta – do acender a fogueira, o fogo-oferenda, reminiscência ancestral da descoberta da chama – possibilitou a humanidade conhecer a luz após o crepúsculo, a ressignificar o alimentar-se, a sentir no corpo o afago do fogo que aquece e, por fim, a palavra sagrada que sai da boca como oração. E, mesmo que os três ritos fossem tirados da memória, conhecer as histórias dos ancestrais guardiões equivalia ao afastamento dos infortúnios na mesma proporção.

Campbell (1998) apresenta os mitos como rastros do despertar da humanidade para o espiritual, a experiência de vida sentida internamente e partilhada na comunhão da palavra evidenciada a partir do entendimento dos grupos. Essas são explicações das origens por meio das observações dos elementos constituintes da vida pulsante, a girar no movimento dos segredos revelados.

Segundo Farias (2021), os mitos nascem da necessidade de compreender a nossa própria existência a partir da palavra mítica.

Os homens precisam dos mitos, seja para expressar seu inconsciente, seja para explicar o inexplicável, seja para exprimir sua ludicidade ou para compreender o que não é explicável por outros modos de conhecer, como a ciência, por exemplo. Os mitos alimentam nossa alma, são elementos que nos dão coragem para continuar a viver, possuem forças de esperança, são uma forma de lidar com medos e desejos, uma maneira de entendermos a nós mesmos e a nossa realidade [...] Surgem da nossa necessidade interior de buscar outra realidade para, por meio dela, entendermos a nossa (FARIAS, 2021, p. 115).

O povo Axante, de Gana, país que compõe a África ocidental, nos conta um mito milenar sobre a origem das histórias³³: a brava luta travada por um ancião chamado Ananse, o homem-aranha, para pagar o preço das narrativas capturadas por Nyame, o Deus do céu, guardadas num baú. Esse é um mito que não sabemos por quantas bocas passou e chegou até nós na diáspora dos povos africanos.

Houve um tempo em que não existiam histórias na Terra, todas tinham sido guardadas num baú e levadas para o céu por Nyame. Ananse, o pequeno e frágil ancião, também conhecido como homem-aranha, não tendo mais histórias para contar, teceu uma teia de prata até a morada celeste do Deus Nyame, disposto a pagar o preço, cumprir com as três³⁴ difíceis

³³ No anexo, o mito Axante da origem das histórias recontado por Gail Haley com o nome de O baú das histórias.

³⁴ A recorrência do número três nos mitos e o significado simbólico para o entendimento de sua representação. Segundo o dicionário de símbolos, para o filósofo e matemático Pitágoras, o número três representa a perfeição, é a soma do um (unidade) com o dois (diversidade). Para os chineses, três é a união do céu com a terra, a junção que resulta a humanidade. Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/numero-3/>. Acesso: 22 set. 2020.

tarefas dadas por Nyame: trazer Osebo, o leopardo de dentes terríveis; Mmboro, os marimbondos que picam como fogo; e Moatia, a fada que nenhum homem viu.

Ananse usou sua sabedoria e conseguiu, não com a força física, mas com estratégias elaboradas, concluir cada uma das tarefas. De posse dos elementos que são o preço das histórias, o pequeno homem-aranha tece novamente a teia de prata da Terra até o céu e leva o pagamento para Nyame. O deus do céu, maravilhado com o feito extraordinário de Ananse, deu a ele a posse de todas as histórias aprisionadas no baú. Ao abri-lo, proporcionou a fecunda sementeira das narrativas por toda a humanidade. Por causa da sabedoria e heroísmo do pequeno homem-aranha, temos hoje histórias para contar!

Nos caminhos feitos pelo herói, que testam não somente sua resistência física, emocional, ou sua astúcia. Com a ajuda dos deuses, encantados talismãs corroboram para a passagem bem-sucedida pelas provas e armadilhas encontradas na jornada. Campbell nos mostra as trilhas da superação do herói.

O caminho de provas tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e proações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (CAMPBELL, 2000, p. 66).

Ou conforme nos apresenta Eliade, o eterno retorno do mito, num ciclo infundável dos que fizeram o caminho antes de nós, a repetição, herança dos ancestrais, *os rituais têm seu modelo mítico*, e circulam como um espiral que se projeta para o infinito.

Talvez seja proveitoso mencionar, de passagem, que, entre os povos primitivos, não apenas os rituais têm seu modelo mítico, mas os atos humanos, sejam eles quais forem, adquirem uma tal eficiência, a ponto de repetir, com toda a exatidão, um ato praticado no começo dos tempos por um deus, um herói ou um ancestral (ELIADE, 1992, p. 26-27).

Hampaté Bá, nascido em Mali, África subsaariana, mestre da tradição oral e escritor, revisita a sacralidade da palavra; sua origem é divinizada por se tratar de um presente do Deus *Maa Ngala*. O mito da origem do mundo e da humanidade para as tradições da parte sul do Saara diz que *Maa Ngala* criou *Maa*, o primeiro homem, e a ele foi dada duas heranças divinas: a memória e a palavra a serem disseminadas aos seus descendentes e, assim, segundo Hampaté Bá (2010, p. 171), se deu 'o início da grande cadeia de transmissão oral'.

A palavra narrada possui a sacralidade exatamente por sua origem divinizada e a tentativa de conduzir a humanidade à inteireza do religamento e à interação com toda forma de vida. "A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente, e sagrada no sentido ascendente" (BÁ, 2010, p. 6).

Na Amazônia, os mitos também deságuam nas águas divinizadas. Os deuses habitam os rios e a floresta no *Panteão caboclo*³⁵. Segundo Paes Loureiro (2015, p. 198), com a atitude contemplativa do caboclo amazônico, nas longas horas na mata ou nos rios, é plausível que se chegue a um estado devaneante criador e recriador de uma teogonia capaz de tornar possível a povoação “de deuses e mitos os rios e a floresta” (p. 198).

Na vida amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula, que flui como produto de uma faculdade natural, lavada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas. Nesse procedimento – de uma verdadeira metafísica poética – o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se crível, o sobrenatural resulta em natural. Trata-se de um estado poético que evolui do devaneio, da livre expansão do imaginário. [...] Sob esse estado é que o homem da Amazônia vai criando e habitando seu mundo, construindo uma realidade condizente com seu desejo, como se vivesse no processo de uma poética em ação (LOUREIRO, 2015, p. 29).

Para Loureiro, a linha histórico-social da Amazônia foi tecida germinalmente pelo mito, o cotidiano vivido pelas populações brota em explicações onde o *vetor mitológico*, a simbologia, é o arauto das fecundas experiências vividas entre o real e o imaginário. A compreensão das mitologias amazônicas requer o conhecimento dos ritos que chegam em forma de enlace entre homem e natureza. “Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram” (LOUREIRO, 2015, p. 121).

A estética poetizante do espaço que habita a população amazônica incita a apreciação e interação com as formas viventes, com os espaços percorridos por crianças, mulheres, homens que se encontram num templo meditativo. Isso é capaz de conduzi-los a explicações fertilizadas pelas águas turvas, pelos sons que ecoam da floresta, pelos cheiros exalados, pela multiplicidade de tons e formas dos verdes da vegetação densa a abrigar os mistérios que rondam a vida e a morte da medula líquida e doce do planeta Terra.

A região é batizada a partir do mito. Em suas crônicas, os primeiros navegantes relatavam ter encontrado um lugar cercado de mistérios e fantasias, cidades feitas de ouro, criaturas fantásticas, mulheres guerreiras, entre outras.

A voz do mito aparece em narrativas fundadoras da região, como crônicas de viajantes estrangeiros ou brasileiros, de séculos anteriores ao nosso. Estes textos inferem saberes sobre a Amazônia e constroem a história da região, como se observa nos mitos das amazonas e do eldorado. Assim, este complexo narrativo mítico representa as formas de pensar e indica os modos de agir dos habitantes das comunidades abeiradas do rio ou moradoras da floresta, próximas ou não, das zonas urbanas (FARES, 2008a, p. 102).

A chama mítica das narrativas é alimentada em cada geração, não como obsoleto, mas, sim, como lume revelador do tempo. Carlos Aldemir Farias elucida tal premissa.

³⁵ Expressão usada pelo pesquisador amazônico de origem ribeirinha Paes Loureiro (2015, p. 108).

As narrativas míticas não falam de um passado morto. Se considerarmos que em nenhuma cultura existe um cemitério dos mitos, será possível reconhecer que há um processo contínuo de reordenamento dos significados dessas narrativas. Tais narrativas falam das imagens arcaicas que vivem em nós e mantêm conosco relações de simbiose, de parasitarismo e de exploração mútua. Elas se autotranscendem a partir da energia psíquica que retiram de nossos desejos e temores, isto é, de nossas capacidades de dialogar com elas (FARIAS, 2006, p. 35).

Os mitos, enquanto diálogos da humanidade, nos permitem a experiência do autocohecimento, conexões com a essência de cada um a partir dos mergulhos profundos que as narrativas míticas nos trazem. As bases lançadas para o convívio dos povos, suas ancestralidades, suas culturas, proporcionam os ensinamentos que excedem territórios e tempos.

No ir e vir das narrativas cadenciadas, ritmadas pela voz dos guardiões e guardiãs da memória, encontramos aspectos que constituem o arcabouço da tarefa ancestral de dizer os contos. Aquele que narra não o faz sem compreender a importância do seu ato. Alguns carregam de credibilidade, ou um bom toque de humor, mas não o fazem sem lapidar o momento único da entrega da palavra, em uma existência quase efêmera e, ao mesmo tempo, eternizada pela recepção dos ouvintes na reverberação de sentidos pulsantes na alma humana.

Paul Zumthor, crítico literário, pesquisador das poéticas orais e historiador da literatura, esclarece quais as características que legitimam um contador de histórias para os ouvintes.

Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo lugar: a voz o proclama, emanação do nosso ser. [...] A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou àquilo com que o homem os representa).[...] É por isso que a performance é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença (ZUMTHOR, 2010, p. 166).

A presença marcante daqueles que narram envolve a competência de *saber-fazer, saber-dizer e saber-ser*. A palavra escorre de suas bocas com força e, por possuírem tais características, eles são reconhecidos, os ouvidos e os dedos se voltam e apontam para os guardiões e guardiãs da memória. Mestre Simeão possui as competências apresentadas por Zumthor, pois o seu narrar é fruto do que ouviu e viveu nos caminhos percorridos em seus 81 anos de existência. As histórias se entrelaçam no cotidiano do mestre narrador, há crença e respeito aos personagens míticos que abrigam o imaginário local. De fato, a sua performance revela a integração com as verdades ditas, fruto das memórias que por ele passaram, bem como a voz e o corpo na unidade da ação complexa que envolve o narrar.

O corpo, a voz e a memória em uma tessitura que envolve tantos os fios de quem conta quanto de quem ouve são a composição desta teia que atravessa tempos e espaços no ato generoso de endereçar ao outro a voz poética que alerta, cura, adverte, ensina, nutre, desperta,

alegra... vivifica. Assim como minha avó Mirica e outros narradores que tive o ‘prazer do ouvido’ (ZUMTHOR, 1993, p. 57), tais guardiões e guardiãs da palavra são vozes que circulam e se destacam nas comunidades, conforme escreve Zumthor (1993, p. 68), “a identidade de um intérprete manifesta-se com evidência tão logo abre a boca: ele se define em oposição às outras identidades sociais, que, com relação à sua são dispersas, incompletas, laterais, e as quais assume, totaliza, magnifica”.

Econarrativas: nas trilhas da Curupira

Mestre Simeão é detentor da memória da comunidade e sua voz já encontrou ressonância nas pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado na Universidade do Estado do Pará (UEPA), na linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, conforme visto anteriormente. Naquele momento, os indícios revelavam-se para a continuidade das travessias na perspectiva do doutoramento com os saberes ambientais. A força e a essencialidade dos saberes relacionados ao meio ambiente são recorrentes nas narrativas por ele contadas, alguns aspectos são reveladores como as três narrativas contadas sobre a figura feminina, zelosas cuidadoras da fauna, flora, do rio e os viventes das águas, são elas: a Curupira, a Zeladeira e a Mãe d’Água.

Encantarias femininas ligadas ao cuidar e proteger. Ouvi de Josebel Fares durante um seminário na Universidade Federal do Pará a expressão “*mães míticas da Amazônia*”, mães cuidadoras ligadas às águas e à mata, demarcadoras, delimitadoras dos passos humanos nos contatos feitos com a fauna e a flora amazônica. Cada uma das encantarias narradas pelo Mestre Simeão são a respeito de atributos que as conectam com os demais seres que habitam o meio ambiente, acolhendo e respeitando os ciclos e elementos existentes.

A representação da mãe é referendada por muitos povos, simbologias universais de fertilidade, nascimento, nutrição, cuidado e acolhimento. O próprio planeta que habitamos foi nomeado de Mãe Terra e recebeu vários codinomes. De acordo com os povos e culturas, um desses codinomes foi adotado em alguns países da América Latina: Pachamama, generosa mãe que determina os ciclos de plantio e colheita. Os povos latinos honram, celebram e buscam as conexões com essa mãe. Inúmeras narrativas sobre Pachamama são contadas pelos povos latinos, alimentando e retroalimentando a ligação, o respeito e o cuidado com o meio ambiente, que inclui também a nós, os seres humanos.

A continuidade dos diálogos entre os ritos e os mitos que circulam são representações das memórias dos povos. Ao contá-las, damos passagem aos saberes dos que vieram antes de nós, especialmente nos aspectos do conhecer e cuidar do meio ambiente. As mães míticas narradas na ilha do Murutucu pelo Mestre Simeão despontam nas suas essências com a ligação necessária com os demais seres do rio e da mata, e têm em suas matrizes a proteção e o cuidado. A cada história ouvida por seu intermédio, a percepção obtida reforça que os ensinamentos nas comunidades rurais-ribeirinhas passam pelo domínio da memória e oralidade.

Assim como as tantas histórias que ouvi de minha avó materna sobre como lidar consigo, com outros, enfim, com a vida e todas as suas formas de existência, o aprendizado teve continuidade com Mestre Simeão. Singelas e potentes trocas ocorreram: a primeira, por ser feita no seio da comunidade, nos quintais, à beira do rio, embaixo de uma árvore, na porta

das casas; e a segunda por demonstrar a força das histórias ouvidas e contadas, a ressonância que encontram nos ouvidos abertos e dispostos a acolher seus ensinamentos.

No livro *A vida secreta da natureza* (2007), Carlos Cardoso Aveline nos mostra o conceito de Ecologia profunda. Segundo ele, o conceito foi discutido inicialmente em 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess, em que se alarga a noção de que o meio ambiente precisa ser preservado em prol da existência humana. Para o autor, tal pensamento trata-se de “ecologia superficial”, que ressalta o homem como peça principal da biodiversidade, de maneira que as demais formas de vida estão no mundo para servi-lo. Na contramão, a ecologia profunda concebe a Mãe Terra de forma enredada.

O termo ecologia é alargado, estamos todos entrelaçados nos movimentos cíclicos da vida, e cabe a nós, especialmente os humanos, questionarmos os fundamentos que lançaram a base aos velhos paradigmas, mas também aos vigentes. Trata-se de uma escola filosófica sobre a ecologia que nos impulsiona a questionar sobre o pensamento e os valores difundidos sobre o homem e sobre o meio ambiente, questionarmos sobre a importância das outras formas de existências, ou as inexistências da vida não humana. Questões éticas entram no debate, uma vez que consideramos a necessidade de as Ciências e as significâncias caminharem juntas. Quais formas de vida podem ser sacrificadas em nome da Ciência beneficiadora da humanidade? Testes em animais e humanos, projeção de sistemas de armamentos, entre outros projetos científicos promovidos em nome do bem-estar humano?

A essencialidade das narrativas para se pensar uma ecologia profunda ressoa na beira do rio, no trapiche onde Mestre Simeão se senta e, generosamente, semeia o que denomino de econarrativas. Ensinar o cuidado com o meio ambiente por meio das narrativas que habitam o imaginário das populações rurais-ribeirinhas da Amazônia geralmente é tarefa de idosos e idosas, que passam de geração em geração, por intermédio da memória e oralidade, os saberes ancestrais e identitários dos grupos.

Figura 30 – Casa do Mestre Simeão por detrás das árvores



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 31 – Mestre Simeão a caminho do trapiche



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 32 – Trapiche.



Fonte: Acervo de Bosco Cruz, 2019.

Figura 33 – Econarrativas no trapiche.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No trapiche que Mestre Simeão construiu (segundo sua informação) para receber as pessoas para ouvir e contar histórias, tive os ouvidos alargados para o entendimento ou a percepção da força das econarrativas por ele contadas. Faço circular as econarrativas, movimento três delas. Quem tem ouvidos ouça as vozes do rio e da mata... Certa vez...

A Zeladeira

Quando eu era criança, eu ouvia falar no Areal, mas ali tinha uma significância do Areal. Eu nasci no Itacoã, que fica próximo do Areal, fica no Guajará.

Ali era uma significância. Os que moravam lá próximo contavam tudo. Ali tinha uma zeladora. Quando chegava lá, você ficava encantado de ver aquelas plantações tudo em linha, aquela terra linda, alva, aqueles arvoredos, aqueles ananais brabos. Tudo era em linha, parece que foi uma pessoa que plantou aquilo, fez aquele plantio, mas ali tinha uma pessoa que zelava, que quando era de manhã aparecia todo o lixo, as folhas, ficava tudo limpo.

A Zeladeira era uma moça muito bonita que zelava. Quando era meia noite, de três horas em diante da madrugada, botavam para funcionar, funcionava tudinho lá, fábrica apitava, cachorro latia, galo cantava, cavalo relinchava, boi urrava, era movimento que nem Belém, quando era quatro horas da madrugada parava tudo. Quando chegava o verão, secava tudo, ficava seco dava para andar, mas quando ia chegando para mês de janeiro, que já ia se aproximando o inverno, dava aqueles estrondos muito grande: - piiiinii, parece uma bomba que arrebentava, você ia de manhã, o Areal estava cheio de água, estava repleto, a água linda lá, vermelha, você

olhava a areia era branca ali no fundo, só significância. Às vezes a gente ia tomar banho lá, mas para você chegar na beira do Areal você tinha que chegar lá e pedir licença: - Olha, eu quero que se dê licença para eu brincar e tomar banho.

Se você não pedisse licença, com quinze minutos você estava ardendo em febre e dor de cabeça.

Lá tinha muita coisa, tinha um cavalo marinho que ficava nas águas do Areal, ele vinha passear para o Itacoã, ele só saía na noite de luar, vinha passear nos terreiros, você via ele lutando, brincando. Quando dava três horas da madrugada, ele ia embora, saía só numa carreira ia embora bater no Areal, ia para lá para o Areal.

Quando tinha iluminação no cemitério, iam buscar areia, aquela areia linda, alva para enfeitar a sepultura, mas quando terminava a iluminação você ia lá procurar não tinha um bago de areia, levavam tudinho. Levavam, não ficava nadinha, levavam tudinho! Podiam trazer enfeitar a sepultura, quando terminasse a iluminação não tinha um bago de areia, levavam tudo, ali era uma significância muito grande.

Engraçado que quando enchia você ia tomar banho lá você via pescada, você via camarão, mas a gente não mexia em nada, ia brincar lá, mas não mexia em nada.

Porque era do encanto, ali tinha um encanto muito grande. Quando foi um tempo, tinha um senhor que era caçador, ele gostava de matar caça. Ele contava que fez uma espera de pegar uma cotia para comer de madrugada perto do Areal, e ele via a moça, ela veio, ele estava sentado quando ele via aquela moça linda andando para o rumo dele, conversou com ele, perguntou se ele tinha coragem de desencantá-la, era uma coisa simples.

- Eu vou embora e venho, vou botar uma rosa grande na cabeça, no lado da cabeça, no penteado, é só para você tirar a rosa da minha cabeça para me desencantar.

Ele disse:

- Como? Se eu estou aqui em cima e você lá embaixo.

Ela respondeu:

- Não se preocupe, vou passar três vezes aqui. Passo a primeira vez por baixo e vou embora. Quando eu voltar, na segunda vez vou passar rente ao senhor e você tira a flor da minha cabeça e eu desencanto.

Ela sumiu. Quando ele viu, lá vem ela, moça bonita com uma rosa na cabeça, passou foi embora. Passava para lá e ele não via quando ela voltava, só via quando ela já vinha do rumo do Areal de novo.

Passou a primeira vez, foi embora, sumiu.

Passou a segunda vez, foi embora e sumiu, e quando ele viu, lá vem ela de novo.

Na terceira vez, ela veio e passou rente a ele, que tremeu e não teve coragem de tirar. Ela olhou para ele e disse:

- Ah ingrato agora meu encanto está dobrado, mas você verá uma coisa! E foi embora, sumiu.

Ele veio de lá doido de dor de cabeça e febre e disse ele morreu. Ele podia ter desencantado ela.

O Areal era uma grande significância, a água era vermelha, e era em cima, numa ladeira, uma coisa incrível, lá onde era o Areal era muito alto, tinha uma descida,

com uma pedra grande que de dentro da pedra escorria uma água linda, clara, de dentro da pedra, uma significância muito grande, varava por lá, todo tempo escorrendo. Diz o pessoal que até hoje ainda escorre água da pedra, ainda existe. Essa grande quantidade de areia que tiraram é de lá, esbandalharam, aquilo não era para deixarem esbandalhar, destruíram o areal. Passei um tempo desses lá de moto, ficou destruído, virou mata, venderam para tirar areia.

A zeladeira cuidava de tudo, o pessoal se admirava que ela zelava tudo, limpava tudo, a área era muito grande, mas ali era uma significância que só se a senhora visse. Eu era moleque, passava por lá e ficava encantado de ver a lindeza que era, as plantações tudo em linha e ela limpava tudo.

A areia ficava limpa, as folhas que caíam dos arvoredos, era tudo colocado no pé da planta.

Ela era uma mulher muito bonita, assim o homem falou, muito linda, uma zeladeira, zelava pelo areal.

Mestre Simeão nasceu na comunidade quilombola Itacoã, no Baixo Acará/PA. A pesquisadora Ana Pizarro, no seu livro *Amazônia, as vozes do rio* (2012), nos conta que, além do Itacoã, encontramos naquela localidade a comunidade Guajará, ambas são descendentes de três famílias de pessoas que foram escravizadas e fugiram: Galiza, Santana e Zecca.

Esse é um dado importante a ser registrado, pois o estado do Pará tem o maior número de terras quilombolas tituladas, segundo o estudo de caso do Movimento Regional por La Tierra no Brasil³⁶.

As comunidades quilombolas estão distribuídas por todas as regiões do País, ocupando biomas bastante diversos. Na sua maioria, encontram-se na zona rural, mas existem também grupos localizados em área urbana. Não existe um censo da população quilombola no Brasil. O governo brasileiro estima que a sua população seja constituída por 214 mil famílias e 1,17 milhão de quilombolas (SEPPIR, 2012). O Pará é um dos estados brasileiros que possui maior quantidade de comunidades quilombolas em seu território. Até 2015, 233 comunidades quilombolas paraenses eram reconhecidas pelo Governo Federal, por meio de certidão de autorreconhecimento expedida pela Fundação Cultural Palmares.

O Pará também tem o maior número de terras quilombolas tituladas pelo Estado brasileiro, com 57 títulos expedidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (órgão do governo federal) e Instituto de Terras do Pará (órgão do governo do estado) [...].

A presença negra na região do Baixo Acará inicia-se nos séculos XVIII e XIX. Por ser uma das principais áreas de produção de cana-de-açúcar no período escravocrata, a região concentrou grande quantidade de negros escravizados, cujos descendentes ali permaneceram até os dias de hoje.

A comunidade quilombola de Guajará Mirim possui uma origem comum ao quilombo vizinho de Itacoã-Miri. No final do século XIX, na região, existia uma fazenda chamada Itanquã, propriedade do capitão Antônio Maciel de Farias, onde funcionava uma olaria. Os herdeiros deste homem, após sua morte, arrenda-

³⁶ Fonte: <https://porlatierra.org/docs/3401810b6b3be81608bcfb4da89446c9.pdf>. Acesso: 22 maio. 2021.

ram partes da fazenda para os seus antigos escravos que, na falta de alternativas de subsistência em outras localidades, ali permaneceram.

Até o ano de 2002, o único meio de chegar à comunidade era pelos rios. A dificuldade de acesso corroborou para que, por mais de cem anos, os moradores utilizassem um modo próprio de vida, baseado na coletividade e solidariedade. As resoluções de problemas eram feitas por meio de assembleias, estendendo-se às tradições de seus antepassados. A herança *griot* os acompanhou na diáspora que chegou ao Baixo-Acará e se reinventou em um enredamento afro-amazônico das narrativas orais; a Zeladeira é um exemplo.

Elementos do imaginário amazônico são apresentados pela voz dos *griots* das comunidades quilombolas do Guajará e Itacoá como o pedido de licença aos encantados para adentrar as águas dos rios, lagos, igarapés, e demonstram a coragem na tentativa do desencante. Essas situações são recorrentes nas narrativas amazônicas.

Pizarro ouviu as narrativas dos moradores, que incluía homem que virava porco, Matintas, Lobisomens... Inclusive, houve a história do Areal. Na leitura do livro de Pizarro, tive o primeiro contato com as encantarias do espaço de areia branca onde ocorrem as aparições. Quando ouvi a história pela boca do Mestre Simeão, já tinha a referência. Os fatos ocorridos no Areal passavam de boca em boca, dificilmente se encontrava alguém da comunidade que não tivesse uma experiência vivida com a Zeladeira e os demais seres encantados.

O reconhecimento da existência de uma guardiã revela como as populações rurais-ribeirinhas estão imersas no imaginário amazônico. As histórias fazem parte de suas vidas. São experiências que nascem e jorram das culturas construídas e reveladas, organizadas e reorganizadas nos labirintos dos rios e das matas.

Nada está totalmente organizado em compêndios na cultura amazônica. É preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea, vagar pelas ruas das cidades ribeirinhas, enfim, procurar, na vertigem de um momento que se evapora em banalidades, a rara experiência do numinoso. Experimentar o frêmito de um caminhar errante que vai descobrindo com decoro a irrupção perene da fonte da beleza (LOUREIRO, 2015, p. 38).

Conforme percebemos, o próprio nome Zeladeira pressupõe alguém disposto a cuidar do espaço. O zelo envolvia manter as areias brancas sem as folhas caídas, parecia que alguém retirava os matos e varria, o que chamamos de capinação, quando as águas enchem e formava-se uma espécie de lago. Das águas avermelhadas, conseguia-se ver o fundo com as areias alvas e sem nenhum tipo de sujeira. Podia-se até ver os peixes, no entanto, não eram consumidos pela comunidade por se tratar de um espaço sagrado das encantarias, uma espécie de santuário. Sem aviso, misteriosamente, as águas secavam.

Os acontecimentos eram observados atentamente pelos moradores, que desde bem pequenos desenvolviam uma relação de respeito com o lugar, a fauna e a flora e a cuidadora. Por meio da narrativa da Zeladeira, a noção de pensamento sistêmico é construída no cotidiano dos habitantes que vivem no entorno do Areal. Capra, em *A teia da vida* (2006), nos fala de

redes de sistemas vivos que interagem com outras redes, formando a teia da vida. Para Capra, a imagem da teia vem de uma compreensão anterior.

A “teia da vida” é, naturalmente, uma ideia antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. Uma das mais belas expressões é encontrada no célebre discurso atribuído ao Chefe Seattle, que serve como lema para este livro (CAPRA, 2006, p. 44).

Nos gestos dos moradores das comunidades de Guajará e Itacoã em pedir licença para banhar-se nas águas do Areal, em não comer os peixes, por saberem do curto tempo de duração do lago, em conservar o espaço como é deixado pela Zeladeira, entendemos ocorrer o sentido de entrelaçamento muito vivenciado nas comunidades rurais-ribeirinhas.

A carta do Chefe Seattle³⁷, citada por Capra, reverencia a ligação existente entre todas as coisas. Repetidas vezes na carta, o Chefe diz a seguinte frase: *Há uma ligação em tudo*. E revela que somos filhos da terra, parte do tecido da vida como um dos seus fios. E faz uma advertência ao dizer que tudo que a humanidade fizer ao tecido, fará a si mesma!!

Engraçado que quando enchia você ia tomar banho lá você via pescada, você via camarão, mas a gente não mexia em nada, ia brincar lá, mas não mexia em nada. Porque era do encanto, ali tinha um encanto muito grande (MESTRE SIMEÃO, 2020).

Em outro trecho da história, Mestre Simeão nos conta o que foi feito com o Areal. O episódio citado se refere à chegada de empresários se dizendo donos do Areal, alguns com documentos falsos de propriedade, reclamando a posse das terras. O intuito era a retirada das areias por caminhões. O plano maior era a construção da Alça Viária, a ponte sobre o Rio Guamá.

Essa grande quantidade de areia que tiraram é de lá, esbandalharam, aquilo não era para deixarem esbandalhar, destruíram o Areal. Passei um tempo desses lá de moto, ficou destruído, virou mata, venderam para tirar areia (MESTRE SIMEÃO, 2020).

³⁷ Fonte: <https://cetesb.sp.gov.br/carta-do-chefe-seattle/>. Acesso: 17 maio 2021.

Figura 34 – Alça Viária. Ponte sobre o rio Guamá



Fonte: <https://www.systra.com.br>

O projeto surgiu com a intenção de ligar Belém ao sul, sudeste do Pará e Barcarena (polo industrial) por meio de pontes nos rios Guamá, Acará e Moju, e a construção de uma rodovia que adentraria a floresta. A ficha do projeto de gerenciamento da Alça Viária³⁸ disponível no site (www.systra.com.br) apresenta o desafio a seguir:

O Estado do Pará, por meio da Secretaria de Transportes do Estado do Pará – SETRAN/PA, iniciou na década de 1990 um extenso programa de implantações e melhorias em sua malha rodoviária, destacando-se o Sistema de Integração do Leste Paraense – SILP, composto por um conjunto de implantações rodoviárias visando estruturar o sistema viário principal da região, visto seu significativo potencial de expansão socioeconômica.

Mais adiante, no texto do referido projeto, são pontuados os objetivos descritos no documento:

Registra-se por oportuno, o Distrito Industrial de Barcarena, onde estão implantados os empreendimentos como a Albrás/Alunorte, Pará Pigmentos e Caulim da Amazônia, além de outros importantes núcleos geradores de transporte no Estado como a Região Metropolitana de Belém, o Distrito Industrial de Ananindeua e Icoaraci, o Porto de Vila do Conde, sem contar os emergentes polos do Sudeste e Sul do Estado, em processo acelerado de ocupação e expansão da fronteira produtiva, com destaque para Marabá, Parauapebas, Santana e Conceição do Araguaia e Tucuruí.

³⁸ https://www.systra.com.br/IMG/pdf/ficha_de_projeto_gerenciamento_alca.pdf.

Algumas palavras-chave são pontuadas no texto como: expansão socioeconômica, empreendimentos, ocupação, fronteira produtiva. Nesse contexto macro, encontravam-se as comunidades do Guajará e Itacoã, que sofreram os impactos econômicos, sociais, ambientais e culturais com as escavações do Areal e, conseqüentemente, o desaparecimento dos encantados que faziam daquele lugar a sua morada. Trago novamente o estudo de caso do Movimento Regional por La Tierra no Brasil, na parte que trata da “Devastação ambiental e expulsão das famílias de Guajará Mirim”. Peço permissão ao leitor(a) para disponibilizar o texto integral em virtude da força das palavras para o entendimento da situação instaurada pelo projeto de construção da Alça Viária. Novamente destaco que o documento completo se encontra no site já mencionado anteriormente.

Um evento que mobilizou a resistência dos quilombolas de Acará foi a construção da alça viária do Pará, conjunto de pontes e estradas que ligam a região metropolitana de Belém ao interior do estado, inaugurada em 2002. Havia uma grande demanda por areia para aterrar as áreas de várzea por onde passaria a alça viária. Guajará Mirim é um território com mais de 200 hectares de Areal, e sofreu pressões de terceiros para que, de lá, fosse extraída areia para fornecer ao empreendimento.

Antes disso, outros conflitos já vinham ocorrendo, e a organização para a luta pela terra em Guajará Mirim surgiu devido a uma disputa fundiária com pessoas que se diziam proprietárias das terras do quilombo.

Na década de 1990, os quilombolas da região se organizaram, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra e das Comunidades Eclesiais de Base, em busca da garantia dos seus direitos. Fundaram uma associação, procuraram a defensoria pública do estado do Pará e também o Instituto de Terras do Pará. Inicialmente, não sabiam que tinham direito à titulação coletiva de seu território, garantido pela Constituição Federal de 1988. Foi então que, na oficina realizada pelo Centro de Estudo e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa), souberam que, por serem quilombolas, tinham direito à titulação coletiva de suas terras.

Após a oficina, em 2000, foi aberto no Iterpa o processo de titulação de Guajará Mirim como terra quilombola. O órgão estadual realizou levantamento da cadeia dominial do território e constatou a inexistência de qualquer título de terra legítimo no território de Guajará Mirim, e que a comunidade, como muitas outras da região, foi vítima de grilagem de terra. Tal descoberta deu ainda mais força aos quilombolas de Guajará para lutarem por seus direitos.

Segundo explica José Carlos Galiza: “Eles não tinham documento, acho que fizeram o documento na hora da venda do terreno, foram no cartório, fizeram uma escritura pública e venderam para uma família de São Paulo, uma família chamada Bocaiúva. Maduros Bocaiúva. E esse pessoal chegou com o apoio do governo do estado, a secretaria de agricultura do estado, num projeto financiado pelo Banco do Brasil”.

Conflitos com fazendeiros também levaram ao desmate total do território de Guajará Mirim e à expulsão de muitas famílias da área do quilombo. Ficou só o céu e a terra, eles tiraram tudo – lembra Janete Tavares Galiza.

A única alternativa dada aos quilombolas era trabalhar para os fazendeiros, ou então desocuparem o território, como explica Marco Antônio Tavares Galiza: “Quem não foi morar em Belém, ficou trabalhando como se fosse um escravo.

Ou trabalhava pra eles, ou trabalhava pra eles. Porque não tinha uma outra alternativa”.

Muitos dos quilombolas de Guajará, se recusando a trabalhar para eles, partiram para a região metropolitana de Belém à procura de emprego e melhores condições de vida. Outros preferiram continuar nas terras que tradicionalmente ocupavam.

Leff (2006) nos conduz na direção da garantia de direitos das populações tradicionais e originárias desde a posse da terra, passando pelas culturas, pelo imaginário... Patrimônios materiais e imateriais que vêm sendo expropriados avassaladoramente. No estado do Pará, a luta pela posse da terra ceifa vidas e, em determinadas situações, é legitimada, como ocorreu no “Massacre de Eldorado dos Carajás”, curva do S, ocorrido em 17 de abril de 1996, que completou 25 anos em 2021 e demarcou a luta pela reforma agrária no Brasil.

As condições de existência das comunidades dependem da legitimação dos direitos de propriedade das populações sobre seu patrimônio de recursos naturais e de sua própria cultura, e da redefinição de seus processos de produção, seus estilos de vida e seus sentidos existenciais (LEFF, 2006, p. 466).

A Amazônia sempre despertou a cobiça por suas riquezas e sutis formas de exploração; até o fato citado anteriormente faz deste lugar um espaço em que não cabe a neutralidade, principalmente de educadoras e educadores. A canção de Vital Farias nos conta de uma saga, a da Amazônia, de um lugar que erroneamente foi construída uma falácia de uma natureza abundante com recursos naturais inesgotáveis, autorrecuperáveis e homogêneos, anulando a biodiversidade e legitimando a implantação de projetos que desconhecem, ou desconsideram, que não há apenas um modelo de ecossistema.

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d’água as Iaras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era: Fauna, flora, frutos e flores

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão-de-ferro, prá comer muita madeira
E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar
Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar
Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
 E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar?
 Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
 Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

Mas o dragão continua a floresta devorar
 E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar???
 Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá
 Tartaruga: Pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
 Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
 Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
 Afora os que já morreram como ave-de-arribação
 Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
 Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
 Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
 Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região
 Ficou tão penalizado que escreveu essa canção
 E talvez, desesperado com tanta devastação
 Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção
 Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
 Dentro do seu coração

Aqui termina essa história para gente de valor
 Prá gente que tem memória, muita crença, muito amor
 Prá defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta
 Era uma vez uma floresta na Linha do Equador.

(Vital Farias, Saga da Amazônia)³⁹

Trazer para as práticas pedagógicas tais problematizações sobre a Amazônia e seus ecossistemas requer uma nova compreensão do mundo. Requer desconstruir, refutar, refletir, re-fundamentar, destecer o que nos foi dito até hoje sobre cosmologias, conceitos, fundamentos, paradigmas, saberes... Tecer com fios da empatia, alteridade, da diferença, perspectivas que emergem do se reconhecer como amazônida.

A complexidade ambiental abre uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer; sobre a articulação de conhecimento na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade; sobre o diálogo de saberes e a inserção da subjetividade, dos sentimentos, dos valores, dos interesses na tomada de decisão e nas estratégias

³⁹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/vital-farias/380162/>. Acesso em: 02 out. 2021.

de apropriação da natureza. Mas também questiona as formas como os valores permeiam o conhecimento do mundo [...] (LEFF, 2006, p. 420).

O Mestre nos conta outra história de uma encantaria das águas doces, a Mãe d'Água que não é a mesma que seduz com seu canto como é amplamente conhecida. Na região insular de Belém, segundo o narrador, encontramos a Uiara que vive nos igarapés com seu batuque.

A Uiara revelada por seu Simeão não entoa canções, como costumeiramente é observado nas narrativas, ela toca tambor, uma espécie de batucada – segundo o intérprete – conserva os longos cabelos como nos arquétipos femininos da sedução das sereias, nereidas e ondinas, ao mesmo tempo em que não permite que vejam seu rosto (COZZI, 2015, p. 134).

Ainda no trapiche, observando a maré encher e o cachorro dos netos do Mestre Simeão se lançar ao rio junto com as crianças, ouço a história da Mãe d'Água, que começa assim...

A Mãe D'Água

Muita gente já viu a Mãe d'Água que toma conta do mar, porque a água é viva, tem quem tome conta dela, como a pororoca, ela é uma maresia, mas tem a proteção, são três caboclos que comandam a pororoca. Tem a ilha do Pernambuco paras bandas do Bujaru, ali é o encanto, elas moram lá, a pororoca. Lá é uma ilha bonita, já experimentaram fazer casa, aprontam a casa e quando vão ver está tudo no chão derrubada, não deixam fazer casa lá.

Nos trabalhávamos lá para cima apanhava açáí ia buscar para lá para esses terrenos.

A pororoca antes dela sair, meia hora ela dá três gritos, dá o primeiro grito, dá o segundo, no último ela arrebenta. Pense num banco de maresia grande, é a pororoca, ela vai rolando assim parece de beira a beira do rio, vai levando com tudo, a pororoca é horrível! Aquele grito faz piiiiviii, vai gritando, vai estrondando.

Aqui a Mãe d'Água apareceu, isso que aparecia correndo que chamavam de rabo da maré, era ela que vem trazendo, vem estrondando, ela passa aqui e parece uma “trevoada” e vai limpando tudo e leva, quando você vê, ela some, desaparece, é uma significância.

Logo quando eu vim morar para cá, tudo isso a gente via aqui, e agora acabou, ninguém viu mais por causa do movimento.

Esse rio era boto para todo lado, agora é difícil de se ver, porque eu acho que muita zoada de motor espanta os bichos, vão para longe. Como tinha boto aqui de primeiro, vocês via eles, olhava eles um atrás do outro, eles brincavam, pulavam, um jogava o outro, o boto é engraçado, uma vez a gente estava olhando aí e pensava que era peixe, mas não, era botozinho, parece pessoa quando brinca com criança, um jogava para o outro, o outro aparava e jogava para o outro, eu pensei, mas que negócio de arrumação é essa? Fomos ver era o botozinho, a bota com o boto brincando aí no meio do rio. Naquele tempo era muito boto, na boca desse igarapé tinha muito, a gente via boiar.

É uma significância do boto, esse boto preto que vira gente ele vem na água, vem assoprando, e quando ele sobe numa ponte já é virado em gente, idêntico com uma pessoa, vai andando igual a uma pessoa e quando pula na água já é boto. Tem gente que não acredita nessas coisas.

A cobra grande também não vimos mais, antes ela passava aqui, urrando parece um boi, eu vi ela boiando uma porção de vezes.

A forte relação do amazônida com as águas é percebida entre outros aspectos com os diálogos travados com o rio, que faz parte integralmente de suas vidas. Dos rios, são os caminhos para subsistência, para o ir e vir da bagagem comercial e simbólica. Desde cedo, aprende-se a compreender a geografia hídrica com seus tempos demarcados pelas marés, bem como conhecer e respeitar as formas de vida nele existentes.

O tempo é medido pelo ir e vir das águas, elas ditam os espaços e tempos de habitação, as cheias dos rios impelem a reinvenção do cotidiano, o rio, sem pedir licença, passa a morar nas casas dos ribeirinhos, quando não, toma como empréstimo a pequena casa de palafita e passa a viver até seu corpo fluido e corrente encontrar a calma (COZZI, 2015, p. 130).

Aprender os tempos das águas faz parte dos saberes adquiridos desde a tenra infância. Tempo medido pelas marés, com marcações que determinam o cotidiano dos que vivem às margens dos rios amazônicos. O rio é vivo. Frase que não precisa de complemento! A saúde do rio é a de todos, o cuidar das águas é coletivo e a inspiração vem de uma encantaria ligada ao rio: a Mãe d'Água, que, na narrativa contada por Mestre Simeão, não se trata da sedutora Iara que, com o doce canto, atrai os homens para o fundo do rio, conforme nos mostra Fares (2015).

A iara é uma espécie de sereia amazônica ou mãe-d'água brasileira. Na região norte do Brasil, ela aparece cercada de vitórias-régias e mururés, encanta pela beleza do corpo e dos cabelos e, principalmente, pelo canto. O caboclo, seduzido, segue o som do canto e conhece os mistérios do fundo do mar para onde ela o leva e não o traz de volta. E se volta é mundiado⁴⁰ (FARES, 2015, p. 73 e 74).

Sentada no trapiche de Mestre Simeão, o ouvi afirmar: *“A água é viva”*, sua vida está interligada com as demais do ecossistema daquele local. A Mãe d'Água, como guardiã das águas doces, realiza de tempos em tempos a limpeza das águas do rio. O narrador diz que ela *vem trazendo, vem estrondando, ela passa aqui e parece uma “trevoada” e vai limpando tudo e leva, quando você vê, ela some, desaparece.*

Os resíduos sólidos encontrados nos rios das comunidades que compõem as ilhas sul de Belém são a preocupação mais recorrente surgida durante a aplicação da técnica de *photovoice* com as crianças da escola (Anexo Santo Antônio). As imagens dizem do lixo despejado no rio e dos transtornos que ele acarreta para a comunidade. Na sequência, as falas e as imagens cap-

⁴⁰ Na Amazônia, usa-se a expressão para definir as pessoas encantadas por algum ente sobrenatural. Elas parecem entorpecidas ou magnetizadas por um mundo desconhecido (FARES, 2015, p. 74).

turadas pelos alunos(as) foram enviadas por intermédio do aplicativo de mensagem de WhatsApp. Conforme mencionado anteriormente, foi a forma encontrada para estabelecermos os diálogos no contexto de pandemia, ela substituiu as rodas de conversa, pensadas inicialmente para o trabalho a partir da técnica da *photovoice*.

Lixo no rio faz mal para os peixes e também faz mal para a gente. Os peixes não podem nadar e a gente também (ISAÍAS CORDEIRO - 10 anos).

Figura 35 – *Photovoice* Isaías Cordeiro. Aqui não temos coleta de lixo, minha mãe queima o lixo, mas nem todo mundo faz o mesmo (Pedro Pimentel – 09 anos).



Figura 36 – *Photovoice* Pedro Pimentel. Ele ama pescar...aqui tem aracu, tem cangatá, tem mapará, tem mandii, tem matupiri, tem traíra, tem pescada, tem jacundá, tem jandiá, tem acari, tem muitos outros peixes, agora mesmo estou fritando para almoçar (RAIANE, mãe do aluno Pedro Pimentel).



Figuras 37, 38 – *Photovoice* Raiane



O descarte do lixo afeta a comunidade, especialmente depois da “descoberta” do potencial turístico das ilhas sul de Belém. Nelas, restaurantes foram abertos, alguns até construíram piscinas nas propriedades para atraírem os visitantes que, em peso, fazem a travessia de Belém para as ilhas sul em busca de lazer nos finais de semana. O lixo é descartado no rio por alguns visitantes, além disso, há o problema do destino a ser dado pelos resíduos produzidos nos restaurantes das ilhas.

Mestre Simeão trouxe essa problemática, entre uma história e outra, e outras situações recorrentes na comunidade são entrelaçadas por ele.

O que serve para reciclagem não se queima, guarda e pode vender para reciclagem, mas o que não serve, arruma um lugar, e vai queimar. Tem o restaurante logo ali, aqui ela (dona do restaurante) funcionava, e era dia de segunda-feira, aí eu via e as sacolas passando no rio, eu saía e pegava para trazer para queimar, quando foi uma vez eu disse:

-Vou lá!

E a mulher disse:

-Olha, não vai que ela é braba.

Eu respondi:

-Eu vou numa boa.

Cheguei lá, ela me enxergou lá na beira, ela convidou para tomar um café, eu disse que não ia demorar, só daqui uns instantes.

Eu disse:

– Olha Dona “Fulana”, minha vinda aqui, não quero que tu leves a mal, tu junta muito lixo aqui, muito copo descartável, pratinhos, colheres. Tu enches numa sacola e eu tenho pegado na água. Não faça isso nós temos que preservar. Isso vai encalhar por aí e prejuízo, a pessoa tem que zelar pelo nosso povo, pelo nosso rio, se ficar encalhado, não fica bonito isso.

Um dia desses eu peguei um bocado fui e queimar. Tu tens teu quintal, o que tu faz? Dia de segunda-feira quando você faz a limpeza, arruma um lugar e queima, não jogue na água, nós temos que preservar a nossa natureza. E ela disse que não ia mais jogar na água. Graças a Deus não vi mais.

Nós aqui temos o lugar de queimar, eu tenho um queimador. Um morador vai dizendo para o outro não jogar o lixo na água. Nós temos paneiro de botar o lixo. Essa semana eu queimei, bota as palhas velhas arruma o lixo e queima, nunca fica nada.

As latinhas, eu separo, eu vou guardando achatando, tem um menino que vende e compra, a minha filha vem buscar e leva para ele. Os plásticos, eu coloco para queimar.

Chega uma época aqui que você coloca a malhadeira e colocava uma linha, o que vinha de saco plástico, esses copinhos descartáveis, porque aí não estava os peixes mais, agora graças a Deus você joga a malhadeira e não vem muito lixo, começaram a falar, um vai falando para o outro: – Não jogue o lixo na água, e mesmo lá do Ver-o-Peso jogavam muito lixo e vem tudo para cá, jogavam copos descartáveis, sacas velhas, a maré corre muito e vinha trazendo. Olha, eu quero que você visse

a boca desse igarapé quando dava um lançante, e você olhava na praia chegava a ficar branco daqueles copinhos descartáveis e daqueles pratinhos e agora graças a Deus você não vê mais.

Na época que trabalhávamos com a folha do guarumá, tudo era embrulhado com a folha do guarumá, você comprava uma carne, um peixe no Ver-o-Peso, chegava aqui normal, na folha de guarumá conservava, mas hoje em dia no saco plástico tem que chegar e tirar logo senão já era (MESTRE SIMEÃO, 2020).

Conforme observamos na fala do Mestre Simeão e das crianças, o destino do lixo é uma problemática que precisa de atenção, alguns moradores descartam no rio, outros queimam nos quintais, ou fazem a seleção para reciclagem e os que não podem ser reciclados são queimados.

Em fevereiro de 2021, a Secretaria de Saneamento do município de Belém (SESAN), Grupo de Trabalho de Educação Ambiental (GTEA), se reuniu com as lideranças das ilhas, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Belém e os donos de restaurantes para os debates sobre a coleta de lixo. Trechos do que foi tratado no encontro foram disponibilizados no site da Agência Belém⁴¹.

De acordo com o diretor-presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Belém, Pedro Ferreira, o principal problema é a ausência da coleta regular de lixo nas ilhas. Atualmente, apenas a ilha de Cotijuba e Mosqueiro recebem os agentes de coleta e, por isso, ele apresentou como demanda a urgência da elaboração e implementação de um plano efetivo de coleta e destinação de resíduos sólidos nas ilhas.

“O lixo muitas vezes é enterrado, jogado no rio, queimado, e sabemos que isso não é correto. Quem tem condições, paga a própria gasolina e leva no barco para locais de descarte no bairro da Condor, atravessando o rio”, afirma Ferreira.

Os debates devem se estender aos demais sujeitos e instituições das comunidades da região das ilhas. O movimento de teia pode ser feito puxando os fios, como os dos *intelectuais da tradição*, a comunidade escolar (conforme percebemos, as crianças têm muito a nos ensinar), pais/responsáveis, educadores(as), para citar apenas alguns. Novamente chamamos Leff (2006) para ampliar a nossa compreensão.

O saber ambiental se projeta para o infinito do impensado – pelo pensar – reconstituindo identidades diferenciadas na tensão de interesses e visões heterogêneas pela reapropriação do mundo. A complexidade ambiental traz consigo um reposicionamento do ser através do saber; emerge como uma potencialidade a partir da potência do real e da mobilização do desejo que transcende o mundo totalitário. O ambiente é o outro complexo na ordem do real e do simbólico, que transgride a realidade unidimensional na sua globalidade homogeneizante, para dar curso ao advento de um futuro sustentável aberto ao processo infinito de criação e diversificação (LEFF, 2006, p. 427).

⁴¹ Fonte: <http://agenciabelem.com.br/Noticia/218883/sesan-reune-com-liderancas-das-ilhas-de-belem-para-debater-coleta-e-destinacao-do-lixo>. Acesso em: 28 maio. 2021.

Nas sapopemas das samaúmas moram a Curupira... depois de um gole de café, Mestre Simeão suspira, aperta as mãos sobre as pernas e começa...

A Curupira

A curupira mora na raiz da samaúma, ela gosta da raiz da samaumeira, pois ali tudo quanto é samaumeira tem curupira, onde tem samaumeira tem a curupira. E para passar, tem que ter muito cuidado, que ela olhar para você, ficará pateta.

Elas tinham um negócio comigo, elas mexiam comigo, me experimentavam de tudo quanto é jeito, mas eu levava na brincadeira, conversava com elas. Eu nunca vi uma, vi o vulto passar assim no mato, ouvi ela assoviar, ela assovia, ela assovia forte tipo uma preguiça. Elas batiam palmas para mim, lá no tronco das samaúmas, nas raízes grandes, ela mora na sapopema.

Meu filho contou que também que viu. Aquele terreno que tenho ali, tinha muita samaumeira, e assim muito curupira, ali o camarada para ir lá ele tinha que ser muito conhecido senão ele vinha corrido de lá.

Uma vez eu peguei uma chuvada lá para o mato, eu vinha vindo, você escuta voz assim quando está chovendo. Parece que vem falando atrás de você, conversando com você, você escuta, quando dá chuva no mato você escuta vozes.

Meu filho disse que viu, pegou uma chuva para lá, parece que vinham conversando atrás de mim. Eu disse:

– Meu filho, já vi muito isso, agora só que eu não dava atenção.

Elas brincavam comigo, tiravam saca, vasilhas de dentro do meu panelo. Vinha passando uma vez com uma saca grande que eu catava açai, quando eu cheguei no lugar que eu vi, passei no tronco da samaumeira e quede a saca? Procurei no panelo e não estava, saí procurando, pode ser que em algum cipó engatou e tirou. Eu fui andando quando eu chego no caminho está lá, ela tirou e eu não vi e colocou lá. Ela me experimentou de muitas vezes! Uma vez eu fui de novo para lá, como eu estava contando, eu peguei uma preguiça. Naquele tempo, ainda comíamos preguiça, peguei uma preguiça grandona enquanto estava tirando bacuri para levar para vender, enchi o panelo de bacuris, quando eu olhei a preguiça estava assim. Eu digo, eu vou levar essa preguiça, agarrei e peguei, eu ia levar para uma senhora lá em Belém, que ela encomendou para mim. Agora que eu lembrei, essa preguiça era para levar para uma compradeira de açai.

Agarrei e amarrei a preguiça bem amarrada, coloquei no panelo, me ajoelhei e coloquei a corda do panelo na cabeça. Levantei, eu tinha força nesse tempo, levantei e vim me embora com a preguiça no panelo, quando cheguei em meio de viagem, a corda do panelo quebra e caiu espalhou bacuri para todo lado e quede a preguiça? A preguiça estava no panelo bem agasalhada e quede? Eu peguei e coloquei uma alça no panelo, a acorda no panelo de novo e fui atrás da preguiça, eu tenho que levar para a mulher a preguiça. Saí procurando, fui direito onde eu tinha colocado ela no panelo, atravessei um igarapezinho que tinha, cheguei lá onde eu tinha amarrado a preguiça e colocado no panelo, tiraram e colocaram ela lá, exatamente no mesmo lugar, acho que quando eu levantei, só tiraram e colocaram lá.

A curupira mundia a pessoa, e se você não souber se virar, ela fica lá olhando e você fica rodando só, você perde o caminho, você vai no caminho, o caminho

fecha para você, ela fecha o caminho, uma coisa incrível. Agora, quando a pessoa sabe que está mundiado por ela, você vai andando pelo caminho direto quando você vê o caminho finda, encerra, aí você volta vai de novo e pensa que vai embora, quando você pensa que vai embora, está no mesmo lugar! Agora como é essa significância? Você não sabe como está andando, você sabendo que ela está lhe mundiando, a gente agarra e corta um cipó cumprindo, enrola, enrola, enrola e vai trançando, trançando, trançando e esconde a ponta, vai andando no caminho e joga para trás, ela vem e pega a roda do cipó. Ela vai querer destrançar e desfoca de você, e você acerta ir embora.

Esse meu filho foi para lá e eu disse para ele ter muito cuidado que tem muita curupira. Ele foi tirar açaí, só ele lá no mato ele apanhou uns galhos de açaí e colocou assim no pé do pau, enxerguei outro e pensei: –Vou já tirar aquele galho de açaí. Quando chegou lá, não sabia mais onde estavam os galhos de açaí que tinha apanhado, aí ele andou procurando os pés de açaí, não sabia mais onde estavam, caminhou para todos os lados, ia para um lado, ia para o outro. Ele cismou que estava sendo mundiado por ela agarrou e fez o serviço, depois varou direito nos pés de açaí.

Para você saber o que a curupira faz com a gente no mato. Eu cortava seringa. Nesse tempo, trabalhava com látex, eu tirava leite, aí eu cortava a seringueira e passava rente a três pés de samaumeiras. Ali, eu passava pelo meio dos três pés, era tudo bonito, tudo limpo lá. Eu passava pelo meio e tinha umas seringueiras, eu cortava seringa, naquele tempo era aquelas vasilhas de zinco, que faziam a gente comprar para colocar na seringueira. Quando a gente chegava lá, não estava, eu colocava bem agasalhada e no outro dia não estava. Quando foi uma vez, ficou olhando, vou espiar no rumo dessa samaumeira; cheguei lá estava tudo lá, arrumadinho nos pés da samaumeira. Ela (curupira) tirava de lá e agasalhava na samaumeira.

Uma senhora que era conhecida do pessoal da Doca (esposa), no tempo tinha essa gente experiente, a senhora disse que se eu falasse alguma coisa, ela (curupira) ia malinar de mim, mas como eu não falava nada...

Essa senhora era uma experiente e não sabia de nadinha, ela veio em casa, ela sempre vinha, ela morava em Belém, no Guamá, era aquelas pessoas que benziam. Eu estava com uma dor de cabeça, e a senhora estava na casa da mãe de minha mulher que foi buscar a Dona Lourdes (benzedeira). Ela começou a benzer, benzer, benzer e disse:

– Essa dor de cabeça que você tem é de uma curupira que lhe olha.

E ela (benzedeira) não sabia de nadinha, mas perguntou:

– Você passa num lugar, assim, assim? Você passa na casa dela, ela brinca com você, esconde sua vasilha, você nunca apanhou dela, ela nunca lhe deu uma surra, porque o senhor não fala nada, ela está lhe vendo, não fale nada. Vou fazer um negócio aqui que ela não vai mais mexer com você.

Tem gente que não acredita, mas Deus deixou um dom para as pessoas assim, tudo isso Deus deixou.

Agora que eu estou me lembrando foi ela (benzedeira) que disse que a vasilha estava no pé da samaumeira, a curupira tira e esconde para ver se eu falo alguma coisa. Eu fui e estava tudo lá! Tudo arrumadinho como ela disse.

Olha, aqui andava uma curupira gritando, uma moradora dessa ilha aqui, a avó dela contava que muito tempo, mas depois que passou a luz ela parou de gritar, ela vinha gritando muito feio dali, todas essas casas ela passava gritando, vinha por aqui, ia até a ponta da ilha e voltava de novo. Uma noite eu me levantei, estava olhando para ir ao banheiro, aí ela estava gritando aqui para trás perto desse galinheiro que eu tenho. (MESTRE SIMEÃO, 2019).

Uma das narrativas mais contadas na Amazônia fala de um encantado que tem como tarefa a proteção das matas e de toda forma de vida existente nela. Os que já toparam com a Curupira relatam desorientação espacial e temporal, o caminho tantas vezes percorrido e conhecido vira um labirinto. Quando enfim conseguem encontrar a saída da mata, descobrem que ficaram andando em círculos por várias horas, sentem no corpo os efeitos do encontro, febre, dores de cabeça, moleza, o que os pajés e as benzedadeiras cuidam como *mundiação*. A Curupira, como a história conta, mora na sapopema da samaúma.

Figuras 39, 40 – Sapopema e samaúma



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No Caderno de atividades intitulado “Nas trilhas da Curupira”, os diálogos partiram dessa encantaria (ver anexo), para dialogarmos e refletirmos sobre as observações feitas pelas crianças do Anexo Santo Antônio. A proposta partiu do enredamento das atividades escolares com as econarrativas de Mestre Simeão. Uma parte significativa conhece o contador de histórias, alguns fazem parte de sua família, sua voz é conhecida na comunidade. Ele tem credibilidade, tanto por sua idade quanto por seu vasto conhecimento sobre os saberes das águas e da mata.

A econarrativa da Curupira foi o fio da meada para adentrarmos na mata e mergulharmos no rio que banha a comunidade do entorno da escola. A partir da leitura das palavras do Mestre Simeão, indagações foram feitas às crianças para obtermos as percepções construídas nos seus cotidianos como, por exemplo, situações adversas com o meio ambiente e a biodiversidade a partir da ação do homem. Novamente, a temática recorrente nas respostas das crianças diz respeito à poluição dos rios e da mata pelo descarte do lixo.

Suas significativas falas refletem a preocupação que têm com o destino dado aos resíduos sólidos produzidos tanto pela comunidade quanto pelos restaurantes instalados nos furos e igarapés das ilhas sul de Belém. As mesmas preocupações apresentadas pelas crianças foram também as do Mestre Simeão, pois o rio é vivo, fonte de sustento, lazer, caminhos que levam e despertam as trocas econômicas e simbólicas. Assim, suas vidas estão interligadas com a das águas.

O mesmo princípio dá-se com a floresta, pois as árvores, plantas e os animais fazem parte de seus cotidianos. Eles conhecem seus nomes, características e até seu cheiro, como, por exemplo, quando fui indagada por uma aluna da educação infantil se eu sabia a diferença entre o pituí⁴² do peixe e da cobra. Confesso que nunca tinha parado para pensar que havia diferença; a pequena menina é possuidora de um saber ambiental construído e repassado de geração em geração que muitos de nós adultos urbanos nem imaginamos existir. Diferenciar o odor do peixe e da cobra é uma questão de sobrevivência. Portanto, desde bem pequenos, aprendem que é preciso observar, conhecer e reconhecer que são parte de um todo.

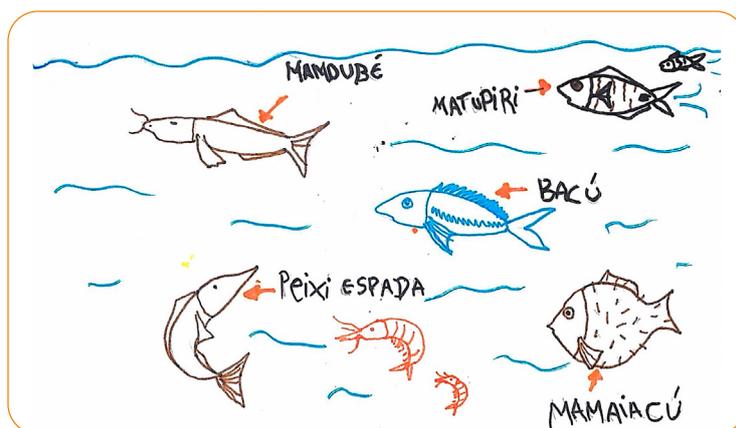
Uma das atividades do caderno consistia em “mapear” as árvores, os animais, especialmente os peixes, e desenhá-los. Cada um registrou a fauna e a flora existentes na ilha do seu jeito. Como desconsiderar tais saberes construídos a partir das vivências e observações? Qual a proposição para nós educadores e educadoras?

O que estou propondo é uma espécie de passagem do *cotidiano da escola* para a *educação do cotidiano*. Isto significaria, em primeiro lugar, o abrir as portas da escola e sair a buscar compreender os mundos circunvizinhos, antagônicos, próximos e remotos onde estão, onde vivem e convivem com suas culturas do cotidiano, os próprios personagens da vida escolar. Significaria, em seguida, o trazer para o campo da educação todas as interligações possíveis com todos os outros eixos internos e exteriores das experiências sociais e simbólicas da vida da pessoa, da sociedade e da cultura. Significaria, portanto um re-centrar da educação. Isto poderia parecer uma enorme perda “de seu lugar próprio”, para quem está acostumado a preservar a educação em um terreno cercado de muros e com raras portas abertas a tudo o mais (BRANDÃO, 2002b, p. 156 e 157, grifos do autor).

Desafio o leitor a dizer se conhece tais espécies: mandií, jandiá, aracú, cangatá, matupiri, jacundá, mandubé. As crianças respondem por meio dos desenhos.

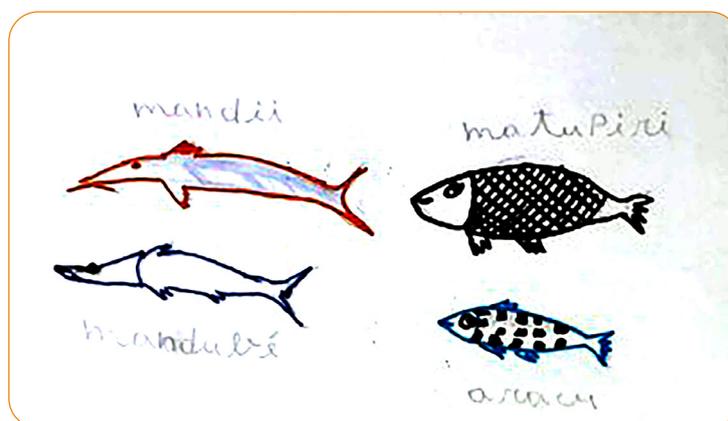
⁴² Cheiro próprio do peixe na salga. Qualquer cheiro que lembre este. Fonte: <https://www.dicio.com.br/pitui/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Figura 41 – Desenhos de Ketolyn Pereira, 10 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

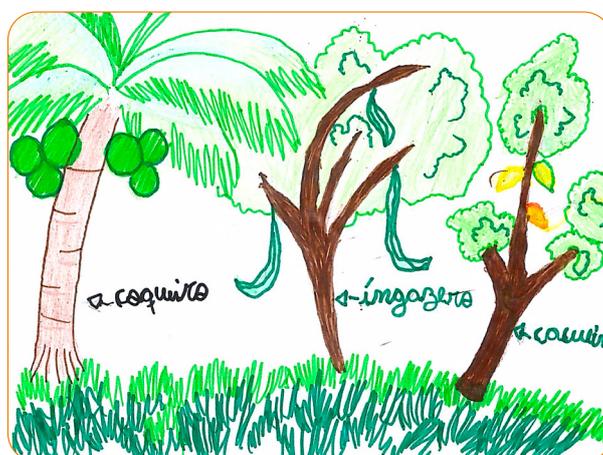
Figura 42 – Desenhos de Isaías Cordeiro, 10 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

As árvores também são registradas pelas crianças (figuras 43-45).

Figura 43 – Desenhos de Ketolyn Pereira, 10 anos



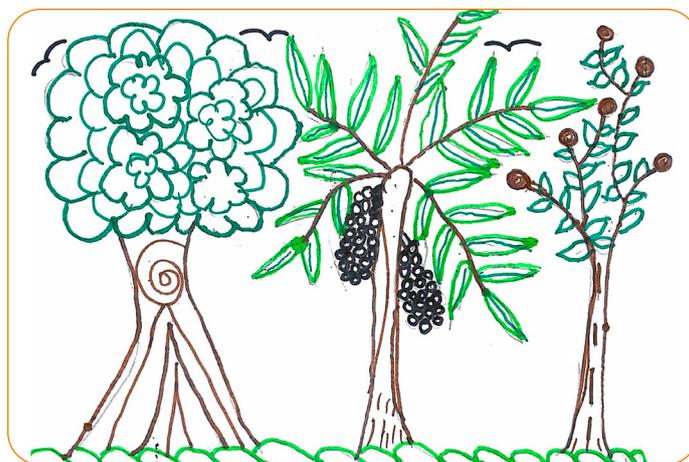
Fonte: Caderno de atividades, 2021

Figura 44 – Desenhos de Isaías Cordeiro, 10 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

Figura 45 – Desenhos de Jaylson Santos, 09 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

A riqueza de detalhes encontrada nos desenhos reflete o conhecimento que as crianças possuem acerca da fauna e da flora existentes em suas comunidades. Outra atividade proposta foi usar a imaginação e fazer de conta que somos Curupiras, e na condição de Curupiras escrevemos uma mensagem aos que maltratam a fauna e a flora.

Não maltratam os bichos e as plantas, vocês não vão gostar que façam o mesmo com vocês.

(ISAÍAS CORDEIRO, 10 anos).

Bom, vocês que maltratam os bichinhos e as plantinhas, já se colocaram no lugar deles? Eles são um ser vivo assim como a gente, ninguém gostaria de ser maltratado, então, faça o seu melhor e ajude os bichinhos.

(KETOLYN PEREIRA, 10 anos).

Eu peço que cada ser humano tenha consciência de que não devemos maltratar os bichinhos que vivem na mata e nem desmatar a natureza. Porque se fizermos isso, os bichinhos não terão como se alimentar das frutas das árvores.

(JAYLSON DOS SANTOS, 9 anos)

Não maltrate a floresta porque dela tiramos nosso sustento: do rio nossos peixes, a água nossa higiene. Cuide da floresta, preserve-a com muito cuidado, pois precisamos muito dela. A FLORESTA TAMBÉM PRECISA DE RESPEITO (escrito em caixa alta pela criança).

(JOYCE DA SILVA, 9 anos)

Ei, você que maltrata a floresta, quero que saiba isso é algo muito errado, pois quando seus filhos e netos crescerem não haverá floresta para eles, se continuar assim. Cuide mais da floresta, esse verdão lindo.

(LAURA FRANÇA, 9 anos)

Ao ler as mensagens das(os) pequenas(nos) Curupiras, observamos a preocupação com a biodiversidade como sustentação ecológica da vida, incluindo o chamamento para sermos empáticos: *...vocês que maltratam os bichinhos e as plantinhas, já se colocaram no lugar deles?* Como uma escola do campo, das águas e das florestas pode desconsiderar, deixar de ouvir as vozes do lugar? Assim como as marés, no seu constante ir e vir, essas são as moventes singularidades da vida na escola. Criar barragens que impeçam o fluxo das águas significa evitar a circularidade das experimentações, das criações, das mudanças; significa não permitir os modos de conceber o conhecimento, problematizá-lo, mobilizar em si e no outro os diversos modos de pensar, sentir e agir. É preciso permitir que as crianças usem “seus instrumentos de trabalho, 1 abridor de amanhecer... 1 esticador de horizontes” (BARROS, 2013, p. 297).

Aqui, paro e penso em uma reflexão seguida por uma pergunta feita pela professora Silvia Chaves durante a disciplina Currículo e Ciência: *O currículo pensado para a Educação Ambiental entope o corpo, o pensamento e a vida. Pensamos em um currículo que negue a vida ou que a afirme?* Torna-se necessário construir um currículo do ensino de Ciências na perspectiva da educação ambiental que proporcione tessituras e não a afirmação do medo e da vigília, assim como reescrever, subverter as inexistências como quem entoava a *Canção do ver*.

Por viver muitos anos dentro do mato
 moda ave
 O menino pegou um olhar de pássaro -
 Contraíu visão fontana.
 Por forma que ele enxergava as coisas
 por igual
 como os pássaros enxergam.
 As coisas todas inominadas.
 Água não era ainda a palavra água.
 Pedra não era ainda a palavra pedra.

E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e

podiam ficar em qualquer posição.

Por forma que o menino podia inaugurar.

Podia dar às pedras costumes de flor.

Podia dar ao canto formato de sol.

E, se quisesse caber em uma abelha, era

só abrir a palavra abelha e entrar dentro

dela.

Como se fosse infância da língua.

(BARROS, 2013, p. 195).

Pelo fato de o menino enxergar como os pássaros, precisamos aguçar os ouvidos para a canção do ver, melodia tão bem cantada pelos sujeitos que vivem “dentro do mato moda ave”. Cabe a nós aprender a canção e em coro cantar na escola. A partir das suas construções e reconstruções, as crianças apontam caminhos no caderno de atividades que creem ser possíveis para repensarmos a problemática do lixo.

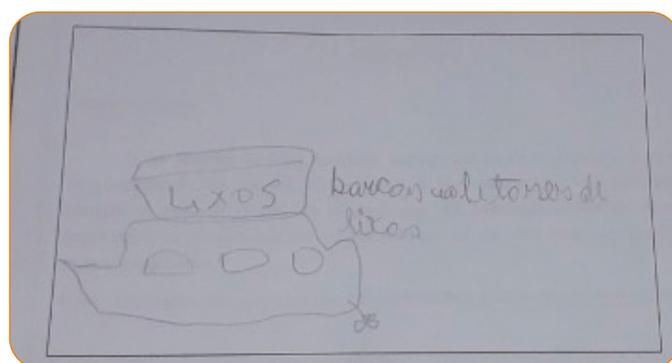
Você tem alguma ideia para solucionar o problema do lixo na sua comunidade? Desenhe sua ideia de solução.

Figura 46 – Desenho de Iris Martins, 9 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

Figura 47 – Desenho de Joyce Silva, 9 anos



Fonte: Caderno de atividades, 2021

Nas figuras 46 e 47 as crianças apontam propostas de soluções viáveis para a problemática do lixo na comunidade. De seus desenhos, recebemos o convite para a ação, para o movimento, na emergência de percorrer caminhos que levem ao equilíbrio de viver a beleza da coletividade, aquela que ultrapassa a visão utilitária das formas viventes e exalta a sociedade de consumo e sua imediatez. Nos desenhos das crianças, reconhecemos o pertencimento, visões de quem se percebe diretamente envolvido como ser que constitui a biodiversidade.

Formar um grupo de coleta que primeiro dialoga, se alinha, para depois percorrer a comunidade coletando o lixo demonstra uma atitude educativa que nos toca, despertada para o olhar da infância ribeirinha. Os pequenos leitores sensíveis ao ambiente nos mostram caminhos para a percepção de uma ecopoética das águas e da mata, sistêmica e dialógica.

O diálogo e a escuta nas relações vividas e refletidas no desenho, demonstram um campo propositivo de mudanças, nos remete aos fundamentos do diálogo apresentados por Paulo Freire no livro *Pedagogia do oprimido*. Ao pensar na composição da dialogicidade, Freire destaca palavras-chave que entrelaçam vidas e comunhão.

Ao fundar-se no amor, na fé, na humildade, nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia, seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2003, p. 81).

Ouvir as vozes do rio e da mata certamente envolve o estabelecimento do diálogo na relação horizontal alicerçada no amor, fé e humildade. Múltiplas vozes teceram este texto, especialmente as vozes da infância e da maturidade, idades que para firmarmos diálogos somente com o estabelecimento de um *clima de confiança entre seus sujeitos*, o deixar-se encharcar pelas águas dos saberes presentes nas comunidades amazônicas, substratos que nutrem a vida. Na narrativa *Epistola sobre o Rei e o Jardineiro*, Paes Loureiro nos conta de um país que o tirano rei proibiu o plantio de flores, e...

Certa vez,
num país de sol,
o Rei tentou proibir que se plantassem flores
e que os pássaros cantassem.
(E como o Rei era todo poderoso,
Centenas de cumpridores de ordens,
Que viviam sempre dizendo: sim, senhor!
usaram pressa em executar o que foi dito).
Não fora, apenas, o fato
de ser ingênuo proibir plantar-se flores
e aos pássaros cantar,
o Rei – todo poderoso – determinou o encarceramento

dos jardineiros desobedientes.
 E mais nenhuma rosa se fez...
 Morreram tantos beija-flores
 nesse país de sol,
 que houve um crepúsculo ao meio-dia
 só de pássaros agonizantes...
 Porém, cada pássaro que tombava,
 como folhas de um outono de penas,
 guardava no bico silenciado algumas sobras de pólen,
 ou sementes, de algumas outras flores e outros beijos.
 Assim, de cada pássaro enterrado uma roseira crescia
 e pouco tempo depois abria em seus galhos,
 como um pássaro de pétalas, o cântico das rosas...
 O Rei, Coroado com a fúria dos tiranos,
 submeteu o jardineiro ao mais severo processo que se tem notícia
 nesse país de sol:
 - Jardineiro, de que vivem os pássaros?
 - De flores e de cânticos...
 - Jardineiro, de que vivem as flores?
 - De perfumes e cuidados...
 - Jardineiro, quem plantou essas flores?
 - Os pássaros,
 Que vivendo delas, plantaram-se roseiras e quando mortos, foram
 sementes sonoras de outras rosas!
 E o Rei percebeu que havia alguma coisa que ele não podia fazer e
 se tornou tirano, porque se viu mais fraco.
 Compreendeu que podia esmagar o homem,
 Não a sua obra.
 Ordenou, novamente, encarcerassem o jardineiro, que poderia ter
 plantado aquelas flores...
 e nem percebia que nos campos de seu reino começava a ser verda-
 de a primavera.
 (LOUREIRO, 1968, p. 15).

Apesar das sucessivas tentativas de silenciamento das vozes do rio e da mata, elas ecoam, embora abafadas em instituições como a escola, por exemplo. Ainda assim, há pássaros que carregam em si a primavera, a capacidade da semente dialógica, mesmo em face do encarceramento.

Leff (2009) nos apresenta a crise ambiental não como uma catástrofe de cunho ecológico, mas, sim, do pensamento ocidental que produziu a fragmentação e a coisificação do mundo. Assim, ao trazer para o cenário as questões ligadas à crise instalada, o autor propõe a

apreensão da complexidade ambiental, ou seja, a destecer e a retecer o pensamento ocidental, refletir em busca da compreensão das origens e ensejos do enraizamento da racionalidade científica e a (re)descoberta dos sujeitos e seus saberes.

Como considerar intervenções que visem destecer e retecer a razão indutora da homogeneização dos saberes e práticas ambientais na Amazônia? De que maneira a educação pode ser protagonizada pelos sujeitos que compreendem seus espaços a partir de territorialidades distintas da concepção urbanocêntrica do conhecimento? Para Leff (2009), os problemas ambientais são da esfera do conhecimento, então, como dialogar com os diversos saberes construídos pelos povos originários, ribeirinhos, quilombolas, assentados da reforma agrária, extrativistas, pescadores?

São questões que emergem em meio à crise ambiental e nos impulsionam a pensar na complexidade ambiental como diálogos das construções epistêmicas, ou como Leff (2009) nos apresenta. “No saber ambiental flui a seiva epistêmica que emerge a reconexão do ser e do pensar para apreender a complexidade ambiental” (LEFF, 2009, p. 417). Peço novamente permissão ao leitor(a) para trazer na íntegra algumas proposições de Leff sobre a complexidade ambiental.

- A complexidade ambiental não é a evolução “natural” da matéria e do homem para o mundo tecnificado, economizado, mas o produto da intervenção do pensamento no mundo (LEFF, 2009, p. 418).

- A complexidade ambiental abre uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer; sobre a articulação de conhecimentos na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade; sobre o diálogo de saberes e a inserção da subjetividade, dos sentimentos, dos valores e dos interesses na tomada de decisões e nas estratégias de apropriação da natureza (LEFF, 2009, p. 420).

- A complexidade ambiental emerge como resposta ao constrangimento do mundo e da natureza pela unificação ideológica, tecnológica e econômica (LEFF, 2009, p. 420).

- A complexidade ambiental leva a uma reconstituição de identidades que se afastam do idêntico para forjar o inédito. Ali se forjam identidades híbridas e identificações solidárias em sua singularidade e diferença (LEFF, 2009, p. 424).

- A complexidade ambiental traz consigo um reposicionamento do ser através do saber (LEFF, 2009, p. 427).

- A complexidade ambiental gera o inédito no encontro com a outridade, no enlaçamento de diferenças, na complexificação de seres e na diversificação de identidades (LEFF, 2009, p. 442).

A observância das crianças sobre as questões ligadas ao lugar onde vivem são preocupações pertinentes que diz respeito a saberes que surgem de sua realidade, campo de reflexão e debate da educação. Somos impulsionados ao debate sobre o ambiente e a produção do conhecimento na escola, o lugar de escuta e fala dos sujeitos diretamente envolvidos no ambiente. Para Leff (2001, p. 17), “o ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de

poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento”, nos questionamos sobre as vozes do rio e da mata sobre os saberes ambientais e a produção de conhecimento na escola.

A pedagogia da complexidade ambiental é aprender um saber ser com a outriedade, que vai mais além do “conhece-te a ti mesmo”, como a arte da vida. O saber ambiental integra o conhecimento do limite e o sentido da existência. E um saber chegar a ser no sentido de saber que o ser é num devir no qual existe a marca do já sido, sempre aberto ao que ainda não é. É incerteza vista como impossibilidade de conhecer o sendo e a certeza de que o ser não se contém no conhecimento prefixado das certezas do sujeito da ciência, da norma, do modelo, do controle. É um ser que se constitui na incompletude do conhecimento e na pulsão de saber. (LEFF, 2001, p. 221)

Então, o que é existir na Amazônia? Já nas linhas finais desta tessitura de tantas memórias entrelaçadas no fio contínuo de narrativas e vidas, lanço a pergunta aos leitores e leitoras que, por algum motivo vieram comigo seguindo o fio de voz, possam refletir sobre viver em um lugar com uma das maiores biodiversidades do planeta e que por conta de tal condição é alvo de relações pautadas na exploração e na expropriação das culturas e identidades, nos saberes tradicionais, silenciados e invisibilizados.

Figura 48 – No trapiche de histórias



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Em um lugar em que as encantarias criam uma zona difusa, um *sfumato* entre o real e o imaginário, cabe a nós resistir!!! E resistir requer ousadia, pertencimento, percepção que as

memórias são vivas, pulsantes, estão em constante movimentação. Compreender que toda a educação é ambiental, pois nos conecta com a vida e somos parte desse entrelaçamento que desponta para uma educação pelo sensível, poético, pelo encantamento. Como nos chama Silvia Chaves, para uma “arte-cultura ancestral amazônica[...] que não tema se embrenhar, se perder e inventar outras combinações e novas aberturas no território sem fronteira da educação” (CHAVES, 2021, p. 98).

É chegada a hora do lusco-fusco, ouço as vozes da despedida do dia e o aparecimento da noite: os passarinhos começam a se recolher com os gorjeios do aninhamento, as formigas invertem sua marcha retornando para o formigueiro, as cigarras cantam alto. Volto ao quintal de minha infância e redescubro que o conhecimento é lusco-fusco, diurno e noturno num entrelaçamento, zona difusa de interpenetração entre ciências e significâncias. Bença, Vovó Mirica...

ALMANAQUE
Samaúma

“Saberes ambientais das ilhas sul de Belém”

ANDRÉA LIMA DE SOUZA COZZI
Organizadora



Almanaques

O que são? Tu sabes?

Na Amazônia existe uma árvore que penetra nas profundezas da terra e alcança o céu. Ela é a Samaúma (*Ceiba pentadra*). Nos registros da flora mundial, ela está catalogada como uma das maiores árvores da América Latina, atingindo em média de 60 e 70 metros de altura, algumas até maiores. De copa frondosa e espalhada, ao olharmos para cima, a sensação é de que o céu se encontra coberto por uma verde renda. Os indígenas dizem que sua raiz, a sapopema, é na verdade um portal onde transitam os encantados, por essa porta entram e saem os seres das encantarias.

Do seu tronco volumoso, ela retira água das profundezas do solo amazônico para hidratar não somente a si mesma, mas as outras espécies ao seu redor, por isso ela é chamada pelos povos da floresta de árvore da vida, mãe de todas as árvores.

Mestre Simeão nos conta que em todas as sapopemas das samaúmas vive uma Curupira. De lá, elas observam os movimentos da floresta, como aguerridas guardiãs. Que árvore impressionante, não é mesmo? Por tantos motivos, o Almanaque de saberes ambientais recebeu o nome, Samaúma, mas, você sabe o que é um almanaque?

Existem algumas hipóteses sobre a origem do termo 'almanaque', uma das mais conhecidas é a de que seja proveniente de duas palavras árabes, *al manakh*, que significa: a conta, pois traziam informações referentes aos calendários, as estações, as fases da lua, e assim por diante, ou seja muito interessante para quem plantava e colhia, assim, segundo o site *Jornal&Livros*, podemos compreender que:

De tudo isso, podemos depreender que a palavra almanaque e suas possíveis origens giram em torno das atividades de contar, no sentido de computar e medir o tempo, e, por extensão de sentido, narrar. Talvez esta seja a origem dos almanaques até como gênero literário, pois, se almanaque era o lugar onde os homens, ao parar para descansar seus animais, trocavam informações sobre a vida e sobre o tempo, numa diversidade de gêneros baseados no diálogo cotidiano, a mesma coisa acontece com os almanaques escritos.

No Brasil, os almanaques eram bastante apreciados e tinham uma expressiva circulação. O historiador Luiz Antônio Simas (2018), em sua obra *Almanaque Brasilidades: um inventário do Brasil popular* nos apresenta a referência do almanaque Lunário Perpétuo, o livro mais lido no Nordeste do Brasil por um período de duzentos anos; segundo o historiador, o Lunário é *um dos livros fundamentais do Brasil*.

Ensinava com vastidão de um almanaque, desde prognósticos meteorológicos até remédios estupefacientes; informava ainda sobre horóscopos, países da Europa, mitologia, doutrina cristã, conselhos veterinários, nomes de estrelas, biografias de papas, ladainhas fúnebres, rudimentos de física e química e dicas culinárias. Ainda explicava como agir em casos de terremotos, maremotos e demais catástrofes naturais. Era, por assim dizer, uma espécie de Google de tempos passados; divertido, esclarecedor, poético e preciso, diga-se de passagem. Educou gerações de brasileiros do sertão. (SIMAS, 2018, p. 247-248).

Dessa forma, nosso convite é para percorrer as páginas do Almanaque como quem segue o curso do rio atento aos ventos, marés... Aportar, e, mata adentro, continuar com a atenção voltada ao que as vozes têm para nos ensinar. Poéticas do lugar, registros vivos, pulsantes, das práticas e saberes que circulam e fortalecem as culturas e identidades.

Vozes de diversos cantos da região insular de Belém, e de várias idades se encontram para nos dizer do 'vivido' em meio às águas e às matas. "Venham conosco!" Mestre Simeão e a comunidade escolar do Anexo Santo Antônio da Secretaria Municipal de Educação de Belém fazem o convite.

Andréa Lima de Souza Cozzi*

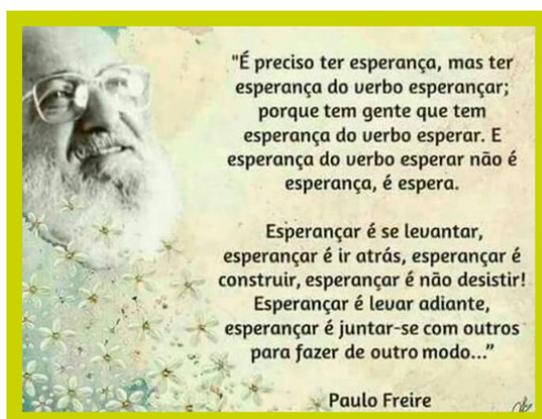
* Este Almanaque integra a tese de doutoramento de Andréa Lima de Souza Cozzi, intitulada *Vozes do rio e da mata: saberes ambientais em narrativas orais*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA.

Fonte: <https://jornalivros.com.br/2009/11/origem-dos-almanaques/>. Acesso em: 15 out. 2021.

JANEIRO

O primeiro mês do ano.

Dia 1º de janeiro é o dia da Paz, da Confraternização Universal, tempo de renovar as esperanças. Como disse o grande educador Paulo Freire, “é preciso ter esperança...”



Fonte: <https://br.pinterest.com>

Toró de palavras Adivinhas

O que é, o que é,
quando se perde,
jamais se consegue
encontrar de novo?

Resposta: o tempo

Dicionário da ilha

Os gitinhos dizem...

Igarapé – São caminhos, só que de águas! Eles cortam ilhas, cidades e floresta.

Pedro Pimentel
09 anos

Cuíra pra ler



Fotografia: José Arnaud

Artistagens do esperarçar



Aquarela: Sofia Cozzi

O livro “O defensor da floresta”, traz como personagem central uma lenda amazônica, o “Curupira”, e oferece dinamicidade visual, com texto em prosa e a presença de quadros e balões textuais, próprios da linguagem dos gibis. As ilustrações são assinadas pelos artistas gráficos Gizandro Santos e Andy Brito. Um diferencial na produção do livro é que foi todo impresso em papel reciclado, ou seja, feito com 75% de material reciclado, minimizando os impactos ao meio ambiente.

Escritor: José Arnaud



05 de janeiro – data de nascimento do Mestre Simeão, contador de histórias da ilha do Murutucu

Artistagens do esperarçar



Quadro vivo: Apolo Neves

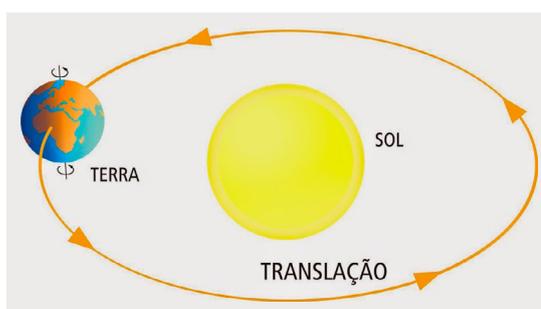
Significâncias

“Esse Porto da Palha aí era só um caminho, varava lá na Alcindo Cacela. No tempo do inverno a gente via o povo andando, uns pra cá, outros prali. Essa estrada aí, Bernardo Sayão, né, que vai varar na Copala, o pessoal ia é se deitar lá no meio da rua e dormir, porque só passava carroça, era... E agora, a gente cruza os braços porque não consegue atravessar... Meu Deus do céu, quem viu isso aqui, quem vê... O Porto da Palha ali era antigo, mas de primeira era só um aterro, nunca tinha visto, né, o Padre vira santo, né, o santo vira padre, agora como vê como foi, antes era só um aterro, aí virou Padre Eutíquio, se lembra?! Até um certo tempo chamavam de São Mateus... Foi o santo que virou padre...”
(Rua São Mateus virou Padre Eutíquio)

Mestre Simeão

Tu sabias?

A Translação é o movimento que a Terra faz em torno do sol. Ele dura aproximadamente 365 dias, 5 horas e 48 minutos.



Fonte: <http://geografianossadecadadia.blogspot.com/2014/08/movimentos-da-terra.html>

Fevereiro

O mês mais curto do ano, tem 28 dias, de 04 em 04 anos tem 29 dias, são os anos bissextos.



“O Menino e a Nuvem”, da escritora Ana Paula Freitas conta a história de um garotinho que percebeu a alegria se afastando do seu querido Vilarejo. Então resolve ir até a montanha mais alta para modelar as nuvens levando em sua maletinha as boas lembranças e a vontade de ver todos sorrindo novamente. Em sua jornada ele descobre o poder dos bons pensamentos e dos momentos simples da vida.

Escritora: Ana Paula Freitas

Chazinho da vovó

O chá de marupazinho serve para diarreias. Pegue dois bulbos e ferva em 500ml de água

Toró de palavras

Trava-língua

O tempo perguntou
ao tempo
Quanto tempo o
tempo tem.
O tempo respondeu
pro tempo
Que o tempo tem
tanto tempo
Quanto o tempo tem.

Tu sabias?

Qual a diferença
entre o pitiú da cobra
e do peixe?

Significâncias

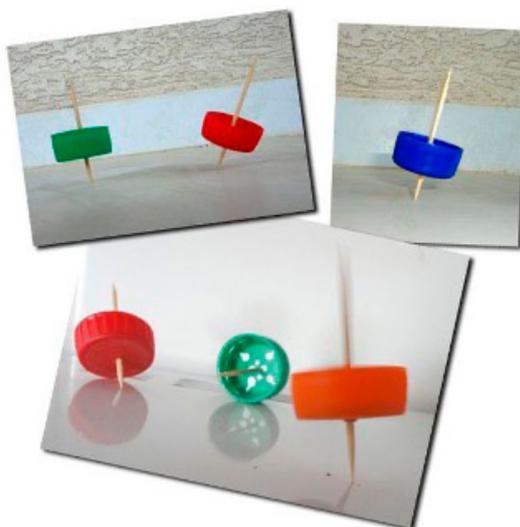
“Agora presta muita atenção como o maruim vem, quando a água vai fazer sepacuema seis horas da manhã, meu camarada... É a maré que dá seis horas da manhã... É que dá o maruim, são três dias... Antes dela encher eles vêm, a pessoa não pode nem ir na beira que tá fumaçando, o maruim, passou essa fase, já vai terminar, a maré dobrar, quando já dá oito horas, aí já vai terminar, acabou...”

Mestre Simeão

XAXADO / Antonio Cedraz



Já te perguntaste o que é POESIA? Pensa um pouco... Pensaste? O poeta José Paulo Paes também já se perguntou, pensou, e chegou à conclusão de que POESIA é brincar com as palavras. O convite está feito.



Fonte: www.viladoartesaio.com.br

Convite

Poesia é brincar com palavras
como se brinca com bola,
papagaio, pião.
Só que bola, papagaio, pião de
tanto brincar se gastam.
As palavras não: quanto mais se
brinca com elas mais novas ficam.
como a água do rio que
é água sempre nova.
como cada dia que
é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes, Poema para Brincar.
2ª- ed. São Paulo: Ática, 1991.

Bora brincar?

Vamos fazer um pião com as
tampinhas de refrigerante?
Vamos precisar de tampinhas
coloridas, cola e palitos de dente.
Importante pedir a ajuda de um
adulto para furar a tampinha.
Pingue uma gota de cola no furo
e passe o palito de dente para o
outro lado até uns 2 cm. Alinhe
bem o palito para fique bem
retinho. Espere secar.

Cantigas de roda

Roda pião

O Pião entrou na roda, ó pião!
O Pião entrou na roda, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Sapateia no terreiro, ó pião!
Sapateia no terreiro, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Mostra a tua figura, ó pião!
Mostra a tua figura, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Faça uma cortesia, ó pião!
Faça uma cortesia, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Atira a tua feira, ó pião!
Atira a tua feira, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Entrega o chapéu ao outro, ó pião!
Entrega o chapéu ao outro, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!



Março

é o terceiro mês do ano, seu nome vem de Martius, Marte, deus romano da guerra e também o quarto planeta do sistema solar.

Fonte: www.historiadeboaviagem.com.br/marco

Significâncias

“Porque a Matinta Perera é quem já se foi desse mundo, é a alma, é assombração... Porque tem a viva e tem a que já morreu; essas que são vivas são as piores, porque vem perturbar a gente...”

A gente via Matinta Perera, mas ela já conhecia a gente... Ela assobiava e a gente dizia, “Matinta Perera da onde? De tal lugar...” Aí ela achava graça... Aí eu disse, o que me impressionou mesmo foi que uma vez eu perguntei, “Matinta Perera da onde? Aí ela disse de Cametá...”

Mestre Simeão

“Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram.”

Daniel Munduruku

Artistagens do esperarçar



Histórias de
Cobra Grande na EMEC
Sebastião Quaresma
na Ilha do Combu

Foto: Andréa Cozzi.

Em 20 de março comemora-se o dia internacional das contadoras e contadores de histórias. As origens da celebração estão na Europa, mais especificamente na Suécia, em 1991. A data marca o início da primavera no hemisfério norte, e do outono no hemisfério sul. No ano seguinte um novo evento marcou a data mas perdeu a força até 1997, quando um grupo de contadores de histórias da Austrália resolveu organizar uma celebração que durou uma semana inteira. Na mesma época, no México e em outros países da América do Sul, o dia 20 de março foi declarado o Dia Nacional dos Narradores.

Fonte: <https://brasileirinhos.wordpress.com/2014/03/24/o-dia-do-contador-de-historias/>

Velho Simeão

(Douglas Richard, Furo do Maracujá)

O velho Simeão contou...
Criançada parou para ouvir,
É visagem, é assombração,
Cobra grande que vem por aí!

Ele mora na beira do rio,
A boiuna ele viu surgir,
E a canoa passou por cima,
Carregada de açai!

E se diz namorador...
Que até a Matinta ele namorou,
Se é verdade ou mentira,
Ou se é pura ilusão,
São muitas histórias do velho
Simeão!

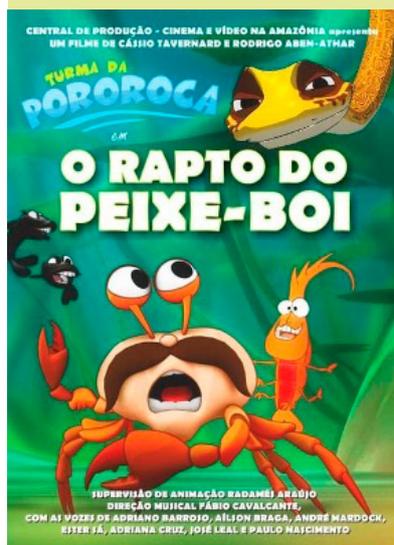
Simeão é o contador,
Suas histórias fazem viajar,
Por um mundo cheio de magias,
Que fazem os meus olhos
brilharem
Por um mundo cheio de magia,
Que encanta quem o escutar...

Cine Samaúma

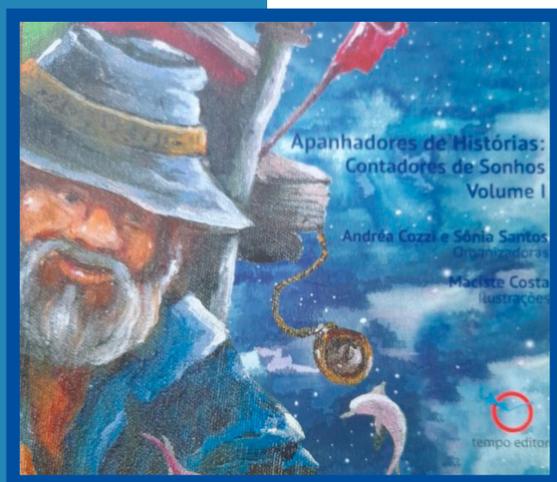
A Turma da Pororoca em
O Rapto do Peixe-Boi

Caranguejo, Camarão e Candirus partem em uma aventura para resgatar seu amigo, o Peixe-Boi, responsável por transportar o Pipipiramutaba, a grande aparelhagem de som! Que surpresas encontrarão no caminho? Será que vai dar tempo de preparar tudo para a próxima festa? Descubra nessa animação escrita e dirigida por Cássio Tavernard e Rodrigo Aben-Athar.

Fonte: www.paramazonia.com.br/portal/multimedia/curtas-paraenses/o-rapto-do-peixe-boi.htm



Cuíra pra ler



Imaginem oito contadoras e contadores de histórias reunidos para recontarem suas histórias preferidas. Assim nasceu o livro “Apanhadores de histórias”. Então, prepara tua peconha e vem apanhar histórias no pé da memória.

Organizadoras: Andréa Cozzi e Sônia Santos.
Ilustrações de Maciste Costa. Tempo Editora.

Abril

é o quarto mês do ano e tem 30 dias. Seu nome vem do latim Aprilis, que significa abrir. Uma hipótese é que se refira à germinação, a semeadura das terras.

Artistagens do esperançar



Desenho: Ketolyn Lorena, 10 anos

Toró de palavras

SEMEAREI O RIO

Semearei o rio
 Que é o lugar
 Onde posso ter
 O verso que me escapa
 E o tempo
 Que não quer ficar
 Semearei o rio
 Que é o lugar
 Onde a morte
 Detém-se em alguma parte
 E ligeiras, suas
 Águas movem
 Do tempo, a fria Eternidade
 Que a deixarei
 Em alguma margem.
 - Benilton Cruz -

Significâncias

“Tem que ter uma união que é pra fazer um movimento numa ilha dessa, que é pra ficar como era de primeiro, porque a pessoa não pode só desplantar, desfrutar, vamos fazer o plantio, assim como se tira vamos colocar, porque se tira e não põe, vai acabando... Se você derruba uma árvore, plante uma semente, duas, pode não servir pra nós, mas depois vai servir, serve para os netos...”

Mestre Simeão



Econarrativa

Conta a história que em tempos muito antigos o marido de uma curandeira foi picado por uma cobra venenosa, e ela nada pôde fazer para salvá-lo. Passado o luto, a moça se dedicou a pesquisar a cura para a picada de cobras. Ela descobriu que o tubérculo da planta jérgon sacha (*Dracontium lorettense*) não só curava as picadas, mas também dava à pessoa imunidade contra o veneno de outras picadas.

Infelizmente, um dia o filho da curandeira foi picado, e o remédio não funcionou. Desesperada, ela tomou uma medida radical: usando rapé, suplicou ao espírito da planta que deixasse seu filho viver. Em troca, a curandeira concordou em tornar-se espírito e viver para sempre na base da Samaúma.

Por isso é que hoje tem “Mãe Samaúma”, esse espírito que ocupa um lugar de honra no reino da floresta. É ela quem, com sua poderosa energia, olha e protege as plantas e os animais das matas e da natureza. Este texto é um excerto editado de “Um Conto Amazônico”, de Arnaldo Quispe, publicado em 2013 no Blog Terras Náuas, do jornalista acreano.

Fonte: <https://institutosokaamazonia.org.br/sumauma-a-gigante-da-amazonia/>





Tu sabias?

A curupira mora na raiz da samaúma, ela gosta da raiz da samaumeira, pois ali tudo quanto é samaumeira tem curupira, onde tem samaumeira tem a curupira. E para passar tem que ter muito cuidado, se ela te olhar, tu ficarás pateta.

Mestre Simeão

Nas trilhas da Curupira...

De acordo com o Instituto Brasileiro de Direito do Comércio Internacional, da Tecnologia, Informação e Desenvolvimento (CIITED), a biopirataria consiste no “ato de aceder ou transferir recursos genéticos e/ou conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade, sem a expressa autorização do Estado onde fora extraído o recurso, ou da comunidade tradicional que desenvolveu e manteve determinado conhecimento ao longo dos tempos”. Desta forma, a biopirataria (ou biogrilagem, versão mais atual do termo), pode ser descrita basicamente como a exploração ilegal dos recursos naturais e apropriação indevida de conhecimentos tradicionais.

Fonte: www.infoescola.com/biologia/biopirataria

Maio

Mês com 31 dias, é o quinto do ano. Seu nome vem de Maius, da deusa Maia.

Tempo de Decomposição		
Papel	→	3 a 6 meses
Panos	→	6 meses a 1 ano
Filtro de cigarro	→	Mais de 5 anos
Madeira pintada	→	Mais de 13 anos
Náilon	→	Mais de 20 anos
Metal	→	Mais de 100 anos
Alumínio	→	Mais de 200 anos
Plástico	→	Mais de 400 anos
Vidro	→	Mais de 1000 anos
Borracha	→	Indeterminado

Fonte: "Manual de Educação - Consumo Sustentável" - MMA, MEC e IDEC



Fotografia:
Isaiás Cordeiro - 10 anos

Veja o que pode acontecer quando o lixo é descartado de forma incorreta.



Fonte: Catraca livre

Significâncias

“Lixo no rio faz mal para os peixes e também faz mal para a gente. Os peixes não podem nadar e a gente também.”

(Isaías Cordeiro - 10 anos)

Caça-palavras

◆ Encontre nomes de materiais que podem ser reciclados:



P	R	T	D	W	G	P	M	E	T	A	I	S
A	J	L	A	T	A	S	W	H	T	L	Q	B
P	D	C	R	F	C	X	Z	S	Q	Z	D	G
É	J	N	J	Y	J	J	O	R	N	A	I	S
I	V	Z	Q	S	D	F	F	S	H	M	K	P
S	I	C	V	F	D	B	P	L	Y	N	H	C
B	D	V	P	L	Á	S	T	I	C	O	S	A
W	R	G	B	H	N	J	M	P	L	K	H	I
R	O	H	D	F	S	J	Y	P	N	M	H	X
B	S	T	G	A	R	R	A	F	A	S	Z	A
V	D	S	F	C	X	Z	Q	W	B	G	F	S

(metais, latas, jornais, vidros, plásticos, papéis, garrafas)

Fonte: <https://onlinecursosgratuitos.com/>

Significâncias

“Não tinha escola aqui, não tinha... Meus filhos pra estudar foram lá pra Boa Vista... Aí tinha Dona Maria José que veio morar aqui e ensinava. Meus filhos aprenderam um bocado com ela, mas não tinha... Aí quando ela saiu daí, só no Boa Vista, aí era muita dificuldade, hoje em dia tá bom, por que a criança, só não estuda, se não quiser, o barco vem buscar no porto, né? Naquele tempo se não tivesse canoa, às vezes molhava o livro, caderno, porque o barco era pequeno, tudo isso acontecia, era muito atrasado mesmo...”

Mestre Simeão



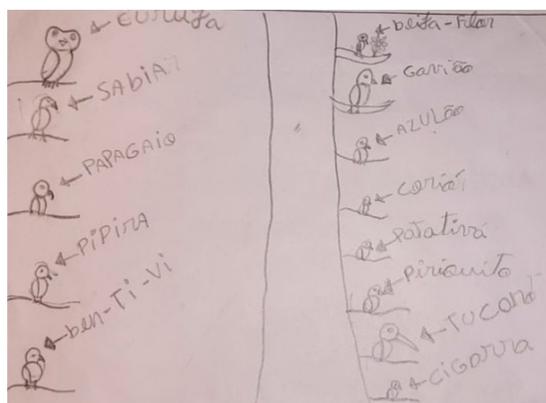
Os gitinhos dizem...

Trapiche – É onde as pessoas embarcam e desembarcam

Jaylson – 09 anos

Tu sabias?

Que a Iris Martins de 10 anos observou os pássaros da Ilha Grande e desenhou aqui para conhecermos.

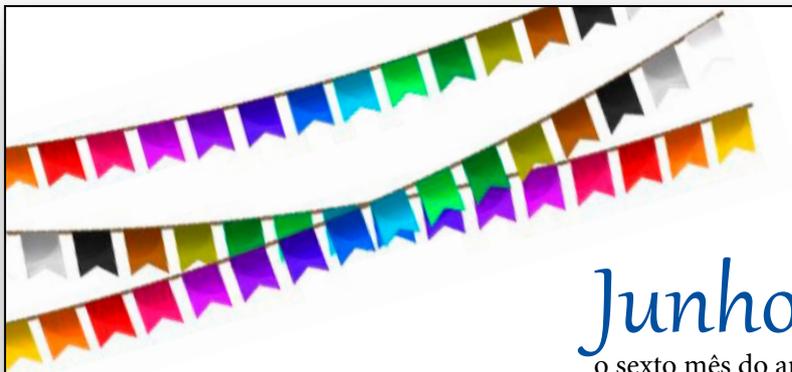


Toró de palavras

A Escola

Escola é ...
o lugar que se faz amigos.
não se trata só de prédios, salas,
quadros, programas, horários,
conceitos...
Escola é sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que alegre, se conhece, se estima.
O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo,
irmão.
Nada de “ilha cercada de gente
por todos os lados”

Nada de conviver com as pessoas
e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que
forma a parede
Indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só
estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de
camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!
Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil!
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar
a melhorar o mundo.
Poema de Paulo Freire



Junho

o sexto mês do ano com 30 dias.
Um mês de muitas festividades e alegria.



Oratório:
Família de Douglas Richard



Artistagens do esperarçar

No mês de junho, temos na nossa região

a festa de Santo Antônio, São Pedro e São João.

E lá no barracão temos muita alegria

para levantar a ramada que alegra nossa folia.

(Trecho do texto Pout pourri das festividades de Douglas Richard – Ilha do Maracujá)

Significâncias

“As festividades religiosas na Ilha do Maracujá, existem desde o final da década de 1950, sendo a que mais concentra festividades religiosas entre as oito ilhas do lado sul de Belém e se estende de junho a dezembro.

As festividades começam no mês de junho com os santos juninos: São Pedro, Santo Antônio e São João.”

Douglas Richard

Espia só...

Pudim de açaí

Ingredientes:

01 caixa de leite condensado

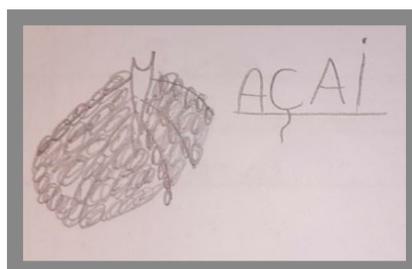
01 caixa de creme de leite

A mesma medida de leite integral
(caixa de leite condensado)

03 ovos

01 copo de açaí batido

01 colher de sopa de maisena



Modo de fazer:

Bata todos os ingredientes no liquidificador, depois coloque em uma forma caramelizada e leve ao banho-maria por uma hora e meia.

Receita de Iris Trindade Martins, 10 anos

Desenho do cacho de açaí de Ítalo Aires,
11 anos

Toró de palavras

Boi-bumbá

Waldemar Henrique

Ele não sabe que seu dia é hoje
 Ele não sabe que seu dia é hoje
 Ele não sabe que seu dia é hoje
 Ele não sabe que seu dia é hoje

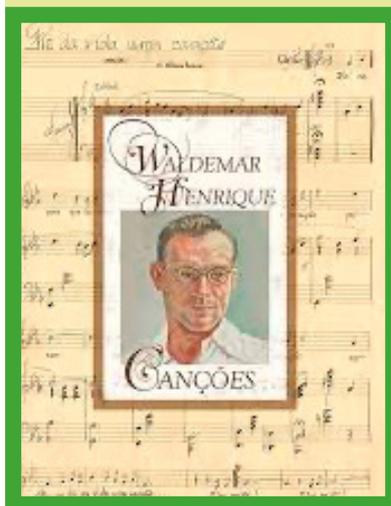
O céu forrado de veludo azul-
 marinho
 Venho ver devagarinho
 Onde o Boi ia dançar

Ele pediu pra não fazer muito
 ruído
 Que o Santinho distraído
 Foi dormir sem celebrar

E vem de longe o eco surdo do
 bumbá
 Sambando
 A noite inteira encurralado
 Batucando

E vem de longe o eco surdo do
 bumbá
 Sambando
 A noite inteira encurralado
 Batucando

Bumba meu Pai do Campo
 Bumba meu boi bumbá



Tu sabias?

O compositor da bela canção que acabou de ler foi o paraense Waldemar Henrique, nascido em Belém do Pará em 15 de fevereiro de 1905. Muitas de suas músicas falam dos mitos, lendas e crenças da Amazônia. Além da música do Boi-bumbá, ele compôs Foi Boto, Sinhá!, Cobra-Grande, Tamba-Tajá, Matinta Perera, Uirapurú, Curupira, entre outras. A obra de Waldemar Henrique é tão importante que até hoje é cantada e contada. Em Belém o nome de Waldemar foi dado a um teatro, uma praça e uma escola.

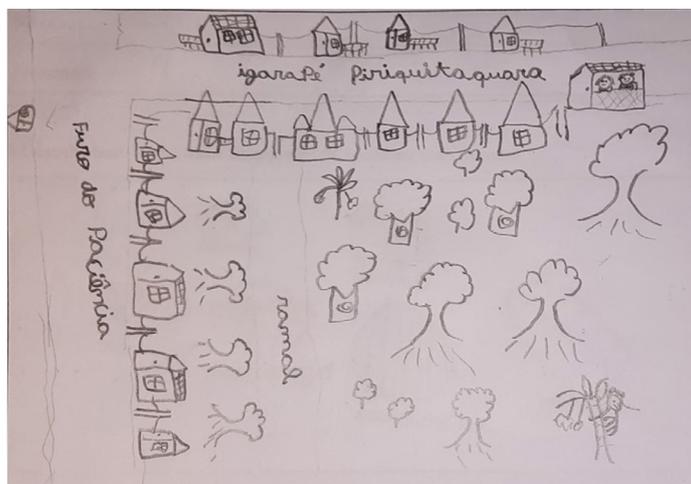


Fotografia: Douglas Richard

Douglas Richard junto com as crianças que moram na comunidade do Furo do Maracujá, criaram um Boizinho de fitas para brincarem especialmente no mês de junho.

Julho

Mês com 31 dias, é o sétimo do ano. Seu nome homenageia o imperador romano Júlio César. Mês das férias escolares. Tempo de brincar mais ainda!



O mapa do lugar onde mora Jhulie Melo de 09 anos. Ilha do Combu.

Espia só!

Torta de camarão

Ingredientes:

01 xícara de café de cheiro verde
 01 colher de chá de sal
 02 kg de camarão
 01 colher de chá de cominho
 ½ cebola
 01 dente de alho
 01 colher de sal de colorau
 Suco de 01 limão
 ½ xícara de água

Modo de fazer:

Lave bem os camarões. Em uma panela refogue os temperos, depois coloque os camarões e mexa de vez em quando. Junte a água e deixe ferver até reduzir o molho. Sirva com arroz branco

Receita de Jhulie Melo, 09 anos

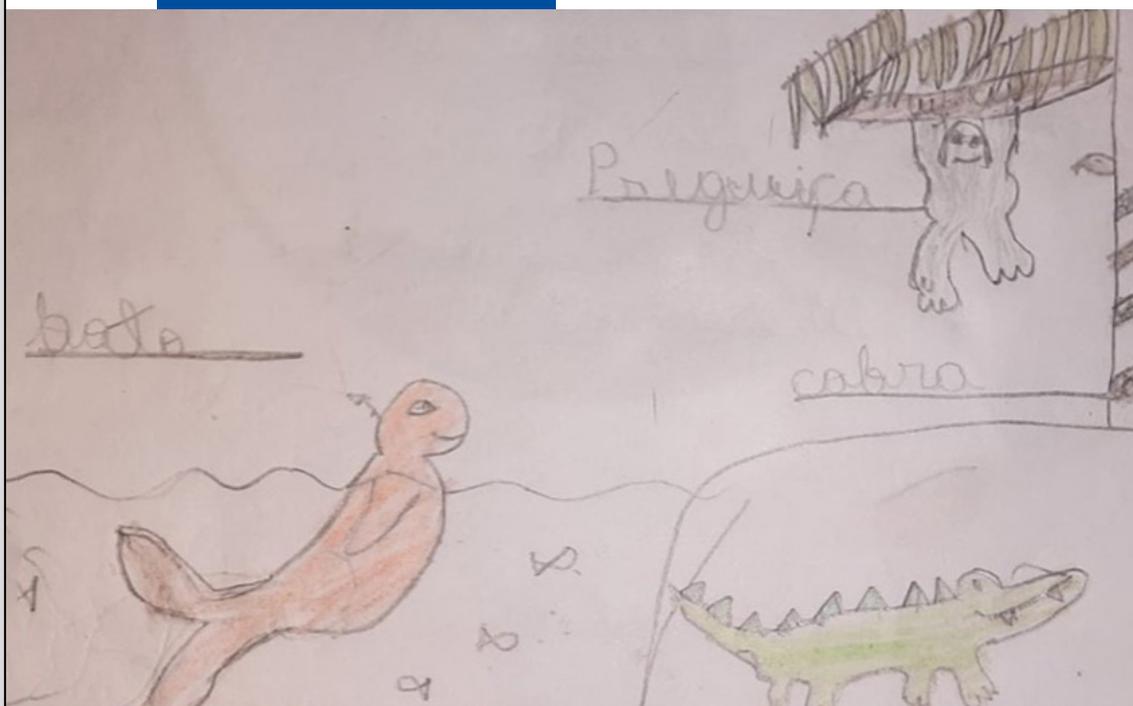
Os gatinhos dizem...

Furo: É um igarapé que serve de passagem de um rio para o outro.

Pedro Pimentel, 09 anos

Animais que encontro na ilha

Desenho de Ana Luiza Soares, 10 anos



Toró de palavras

Trava-língua

Olha o sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro,
O sapo batendo papo
E o papo soltando o vento.

Artistagens do esperançar



Fotografia: Andréa Cozzi

Nas trilhas da Curupira

“Lá no Itacoã tinha um respeito, as pessoas respeitavam os outros mais velhos. Meus pais, meus tios eram trabalhadores, lavrador, trabalhavam na roça. Você sabe o que eles faziam? Ensinavam para a gente pegar água e molhar bem a cabeça para depois pisar na água para não ter derrame, porque o sangue sobe, né? Você está com o corpo quente, pisa na água fria, o sangue sobe, vai para cabeça, mas se você pega água fria e molhar primeiro a cabeça e deixar passar um tempo pode pisar que não acontece nada.”

Mestre Simeão



Bora brincar?

Boliche de lata

Com latas recicladas, organize uma torre ou um triângulo. Em seguida, peça que o jogador dê pelo menos 5 passos para trás. O objetivo é lançar uma bola e derrubar o máximo de latas possível.

Fonte: escolaeducacao.com.br

Agosto

Vem do latim Augustus, recebeu esse nome por decreto em honraria ao imperador romano César Augusto, é o oitavo mês do ano com 31 dias.

Lua, luar
(Carimbó de Mestre Lucindo/Canarinhos)

A lua sai de madrugada,
ao romper do sol
Ela sai acompanhando
a namorada que estava só
(coro)
Oh! Lua, lua, luar
Me leva contigo pra passear



Fonte: <https://osr.org/pt-br/blog/astrologia-br/lua/>

Econarrativas

Há muito tempo, contam os índios Tembé, da Amazônia, havia uma grande aldeia nas margens do rio Capim, no estado do Pará. Nessa aldeia vivia um cacique que tinha uma filha muito bonita, olhos negros e cabelos lisos e longos, chamada Flor da Noite. Ela gostava de ficar às margens do rio, observando o pôr-do-sol. Em uma noite de lua cheia, a índia adormeceu na praia e foi acordada por um grande barulho que vinha do rio. Então, um rapaz saiu da água e eles passaram a namorar em todas as noites de lua cheia. O rapaz, porém, era um boto cor-de-rosa e, depois de engravidar Flor da Noite, nunca mais voltou. A índia deu à luz a três botos e, embora triste, ela decidiu soltá-los nas águas do rio, para que eles não morressem. Assim, quando sentem saudades da mãe, os três botos unem-se à procura dela, saltando sobre as águas, sempre na lua nova e na lua cheia, fazendo uma grande onda que se estende até as margens do rio, derrubando árvores e virando barcos.

Fonte: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n4/a23v64n4.pdf>



Nas trilhas da Curupira

Já olhaste para a Lua no céu e tiveste a sensação de que ela nos segue para onde quer que sigamos? A Lua é o satélite natural da Terra e gira ao seu redor de maneira sincronizada ao longo do mês, passando por um ciclo de fases que dura aproximadamente 29 dias. Conheces os nomes das fases da lua?

Tu sabias?

Que a Lua influencia (e muito!) o nosso planeta? A gravidade dela age sobre a Terra e provoca as marés, ou seja, o movimento de vai-e-vem dos oceanos que ocorre de 12 em 12 horas.

Fonte: <https://recreio.uol.com.br/planetario>

Cine Samaúma

Visagem!

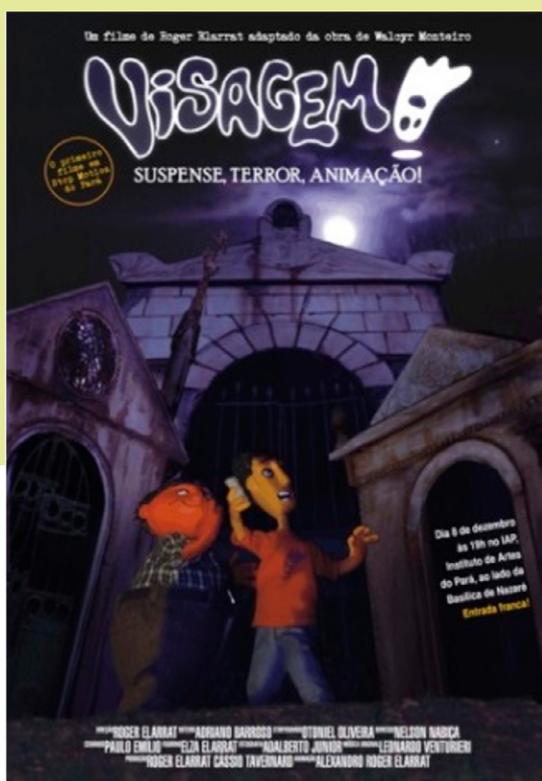
O filme é uma adaptação de sete contos do livro “Visagens e Assombrações de Belém” do escritor Walcyr Monteiro, livro este escrito a

partir de causos e lendas sobrenaturais da cidade de Belém:

Na história, dois jovens entram clandestinamente em um antigo cemitério de Belém para fazer uma aposta: quem

teria coragem de acender uma vela bem no centro do cemitério da Soledade, ao soar da meia-noite?

Na medida em que a madrugada avança, eles se deparam cada vez mais com situações fantásticas e assustadoramente surreais dentro do cemitério. Mesmo não acreditando nas antigas histórias de visagens, os jovens agora vão protagonizar uma nova lenda urbana da cidade.



Fonte: <https://nabissapictures.blogspot.com/2010/05/1-animacao-em-stop-motion-visagem.html>

Walcyr Monteiro

Nasceu em Belém no dia 27 de janeiro de 1940. É escritor e pesquisador da cultura amazônica. Suas publicações: Música: CD Na Rede dos Sonhos – Letras de Walcyr Monteiro e Músicas de Alcyr Guimarães (2004). Poesia: “Miscelânea ou Vida em Turbilhão” (2001); “Cosmopoemas” (2001). Prosa: “Visagens e Assombrações de Belém” (1ª edição: 1986, Gráfica Falângola, patrocinada pela SECDET; 2ª edição: 1993, Editora CEJUP; 3ª edição: 2000, Gráfica do Basa; 4ª edição: 2003, Editora Paka-Tatu); “As Incríveis Histórias de Caboclo do Pará” (1998; 2ª edição: 2002); “Histórias Portuguesas e Brasileiras para as Crianças” (co-autoria com o escritor português Fernando Vale, 2003); “Presente de Natal” (2004 - Edições em Português, Espanhol, Inglês e Japonês). E as revistas, “Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia”

Fonte: <https://www.skoob.com.br/autor/18228-walcyr-monteiro>

Fonte: www.sistemafloresta.com.br



Setembro

Seu nome traz a referência do número sete. No calendário romano era o sétimo mês do ano.

Artistagens do esperançar



Fotografia de Douglas Richard



Pororoca



Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/geografia/pororoca>

Significâncias

As áreas dos manguezais servem como berçário para as espécies de pássaros, crustáceos e moluscos. Na ilha do Maracujá não encontramos caranguejos e sim muitos sararás, que é uma espécie de caranguejo que vive nas praias de lamas ao redor da ilha.

Douglas Richard

Econarrativas

“Muita gente já viu a Mãe d’ Água que toma conta do mar, porque a água é viva, tem quem tome conta dela. Como a pororoca, ela é uma maresia, mas tem a proteção, são três caboclos que comandam a pororoca. Tem a Ilha do Pernambuco para as bandas do Bujaru, ali é o encanto, elas moram lá, a pororoca. Lá é uma ilha bonita, já experimentaram fazer casa, aprontam a casa e quando vão ver está tudo no chão derrubada, não deixam fazer casa lá.

Nos trabalhávamos lá para cima, apanhava açaí ia buscar para lá para esses terrenos.

A pororoca antes dela sair, meia hora ela dá três gritos, dá o primeiro grito, dá o segundo, no último ela arrebeta. Pense num banco de maresia grande, é a pororoca, ela vai rolando assim, parece de beira a beira do rio, vai levando com tudo. A pororoca é horrível! Aquele grito faz piiiiiii, vai gritando, vai estrondando.”

Mestre Simeão

Tu sabias?

Que o escritor Juraci Siqueira (é detentor) tem de mais de 200 prêmios em sua caminhada pela Literatura? Entre suas obras encontramos livros de Poesia e aqueles voltados para o público jovem, a saber: “Verde Canto” (1981), “Travesseiro de Pedra” (1986), “Piracema de Sonhos” (1987), “Canto Caboclo” (2008), “Incêndios e naufrágios” (2008). E estes em Poesia; “Paca, Tatu; cutia não!” (2008), “O Bicho Folharal” (2013), “O menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro” (2010), “O chapéu do boto” (2013), “Com amor e devoção” (2013).

Fonte: <https://memoriadaliteraturadopara.blogspot.com/2014/02/antonio-juraci-siqueira.html>





Toró de palavras

Arara amarela
Juraci Siqueira

No galho da aquariquara
Tem uma arara amarela.
Aquele alara amalera falará? –
Pergunte a ela.
Me fala alara amalera
Mas fala sem gaguejar:
O melão amarelou
Vendo a mala amarelar?

Cuíra para ler

Paca, tatu: cutia não!

A obra é composta de 20 poemas com o título de animais encontrados na região amazônica. O autor Juraci Siqueira faz uma linda brincadeira com as rimas e com a imaginação dos leitores. Ilustrações de Maciste Costa. Tempo Editora.

Fonte: www.skoob.com.br

Artistagens do esperançar



Fotografia: Andréa Cozzi

Outubro

É o décimo mês do ano no calendário gregoriano, tendo a duração de 31 dias. Outubro deve o seu nome à palavra latina octo (oito), dado que era o oitavo mês do calendário romano, que começava em março. Uma curiosidade é que outubro começa sempre no mesmo dia da semana que o mês de janeiro, quando o ano não é bissexto.

Fonte: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/outubro/>



Fonte: <https://culturamarapaniense.blogspot.com/2017/04/historia-do-carimbo.html>

Tu sabias?

Os temas (letras) das canções (do Carimbó), em geral, são alusivos a elementos da fauna e da flora da região, bem como ao dia a dia do trabalho e demais sociabilidades cotidianas. Geralmente, os compositores, cantadores e tocadores de carimbó são agricultores e/ou pescadores habitantes do interior paraense. Entrementes, a oralidade vai marcar, significativamente, a reprodução dos conhecimentos e saberes relacionados a esta manifestação. É recorrente, nas danças, referências ao movimento das marés e que representam o movimento dos animais da floresta, além de canções que falam da vida do pescador, do agricultor, enfim, de todo o vasto universo das comunidades urbanas, ribeirinhas e rurais da Amazônia.

Fonte: Dossiê registro Carimbo - IPHAN



Fonte: ecomuna.blogspot.com

CRUZA-FLORES

1- Rosa
2- Margarida
3- Girassol
4- Dália
5- Violeta
6- Cravo

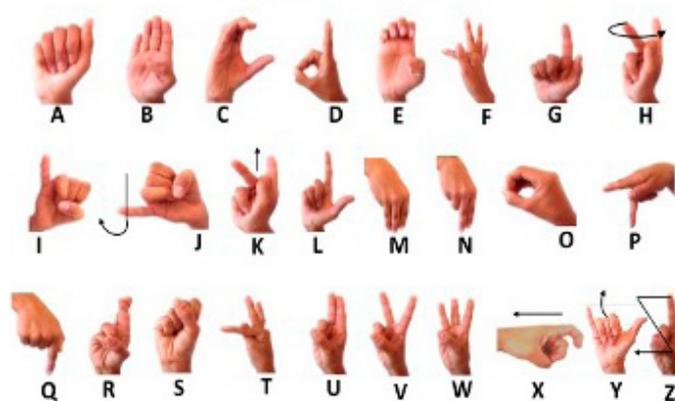
The crossword puzzle grid consists of the following words:

- 1- Rosa (3 letters)
- 2- Margarida (9 letters)
- 3- Girassol (8 letters)
- 4- Dália (5 letters)
- 5- Violeta (7 letters)
- 6- Cravo (5 letters)

Fonte: <https://onlinecursosgratuitos.com/>

*Vamos aprender o alfabeto em Libras?
A Língua Brasileira de Sinais.*

Alfabeto Manual



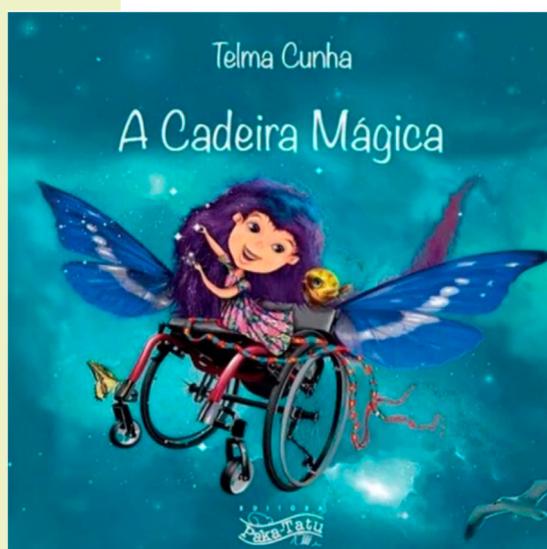
Números



Fonte: http://agenteeprofessor.blogspot.com/2017/06/alfabeto-em-libras_10.html

“A Cadeira Mágica”, foi escrita por Telma Cunha. O livro fala de Pititinha que tem a ‘Síndrome de des-feitiço do Tempo’. Lembrando que ‘Feitiço do Tempo’ é o nome do filme em que o protagonista acorda em um dia que se repete, se repete, se repete... Quem viveu o TERROR da poliomielite e consequentemente, da redoma, tem essa coisa ao contrário no dia-a-dia – quer mais do que acordar, comer, assistir TV, dormir e no máximo, ver a vida da janela. Ela tem uma sede eterna de viver! Não se prendeu na pretensão de querer ser perfeita. Relaxou em suas próprias (im)perfeições e se entregou à simplicidade do ato de SER. Ela tem encontrado tantas pessoas se questionando se estão felizes, que gostaria de te perguntar: em que momento da vida nós abandonamos o sonho da asa própria? Ela se permitiu o direito ser uma pessoa com a asa própria, o que não quer dizer que não tenha seus medos e inseguranças... mas abraçou a vida com medo mesmo. Te convido a fazer um voo nesse céu do sentir e a ouvir teu coração, te asseguro que automaticamente, vais sentir tuas asas se mexendo, doidas-para-se-libertarem!!!

Escritora: Telma Cunha





Fonte -imagem <https://obotanicoaprendiznaterradosespantos.blogspot.com>



Chazinho da vovó

Em uma panela, ferva 300ml de água por três minutos e depois cinco folhinhas de erva-cidreira, e deixe descansar durante cinco minutos.

Em seguida, coe e beba o chá ainda morno. A cidreira é calmante, ajuda na qualidade do sono, auxilia a digestão.

45 | Almanaque Samaúma

Novembro

É o décimo primeiro mês do ano no calendário gregoriano, tendo a duração de 30 dias. Novembro deve o seu nome à palavra latina novem (nove), dado que era o nono mês do calendário romano.

Fonte: dicionarioetimologico.com.br



Os gitinhos dizem...

Rabeta é uma embarcação pequena feita de madeira

Pedro Pimentel, 09 anos

Esse rio é minha rua, minha e tua mururé, piso no peito da lua, deito no chão da maré. Pois é, pois é, eu não sou de igarapé, quem montou na cobra grande, não se escanCHA em puraqué.

Trecho do poema

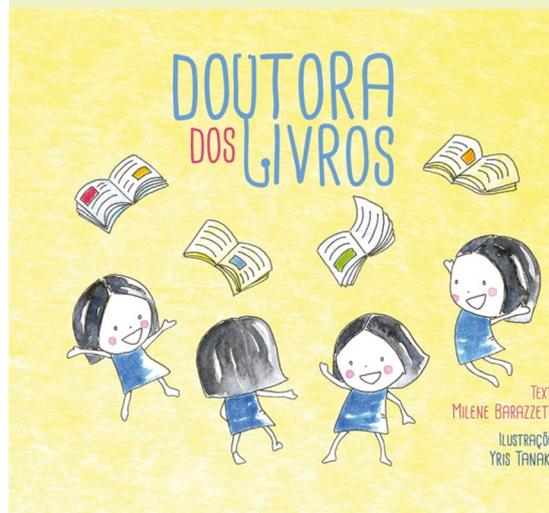
ESSE RIO É MINHA RUA

(Paulo André e Ruy Barata)

Cuíra para ler

“Doutora dos Livros” - Texto de Milene Barazzetti. Ilustrações de Yris Tanaka Editora: ALARTE. Uma casa encantada com livros por toda parte. Uma menina que se diz doutora de ler livros. Uma madrinha apaixonada pela leitura e uma personagem surpresa, companheiro da menina. Nesta história os livros ganham vida através do olhar da personagem que vive grandes aventuras através das histórias, na casa da madrinha. Um conto delicado sobre o amor pelos livros.

Escritora: Milene Barazzetti.



Espia só...

Bolinho de palmito

Ingredientes:

02 palmitos grandes e frescos
 01 ovo
 02 batatas cozidas
 Para o tempero:
 01 cebola
 01 dente de alho
 Pimentinha verde
 Óleo

Modo de fazer:

Junte todos os ingredientes refogue bem, depois tire do fogo, coloque as batatas e o ovo. Faça os bolinhos e frite em óleo quente.

Receita de Ítalo Aires, 11 anos



Chazinho da Vovó

Ferva em um litro de água 04 folhas de pariri, deixe esfriar e coloque na geladeira para beber. Usado para combater a anemia.

Artistagens do esperançar



Desenho de Jaylson Santos, 10 anos

Toró de palavras

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.

Nesse ponto
sou abastado.

Palavras que me aceitam
como sou — eu não aceito.

Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.

Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

Retrato do artista quando coisa

Manoel de Barros

Dezembro

É o décimo segundo e último mês do ano no Calendário Gregoriano, tendo a duração de 31 dias. Dezembro deve o seu nome à palavra latina decem (dez), dado que era o décimo mês do Calendário Romano.

Fonte: <https://www.dicionarioetimologico.com.br>

Artistagens do esperarçar



Fotografia: Andréa Cozzi

Toró de palavras

Minha mãe me deu um rio. Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear. Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido. Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura ou bolachinhas para me dar. Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio. Era o mesmo rio que passava atrás de casa. Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate. Meu irmão ficou magoado porque ele gostava do rio igual aos outros. A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão. Ela iria dar uma árvore para ele. Uma que fosse coberta de pássaros. Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao meu irmão e achei legal. Os pássaros ficavam durante o dia nas margens do meu rio. E de noite eles iriam dormir na árvore do meu irmão. Meu irmão me provocava assim: a minha árvore deu flores lindas em setembro. E o seu rio não dá flores! Eu respondia que a árvore dele não dava piraputanga. Era verdade, mas o que nos unia demais eram os banhos nus no rio entre pássaros. Nesse ponto nossa vida era um afago!

O menino que ganhou um rio
Manoel de Barros



<http://pierrecontacontos.blogspot.com/>

Biografia de Manoel de Barros

Manoel Wenceslau Leite de Barros (Cuiabá, Mato Grosso, 1916 - Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2014). Poeta. Concentrando-se em temas e situações do cotidiano, surpreende o leitor com uma linguagem simples e, ao mesmo tempo, inovadora. Principalmente nos livros publicados a partir dos anos 1960, sua escrita expande os limites da língua, ao reunir sentidos aparentemente incompatíveis em construções que extrapolam a gramática padrão.

Um de seus temas recorrentes é a infância. Realiza-se inicialmente pelo mergulho na memória, com

cenas e personagens que remetem à própria infância em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

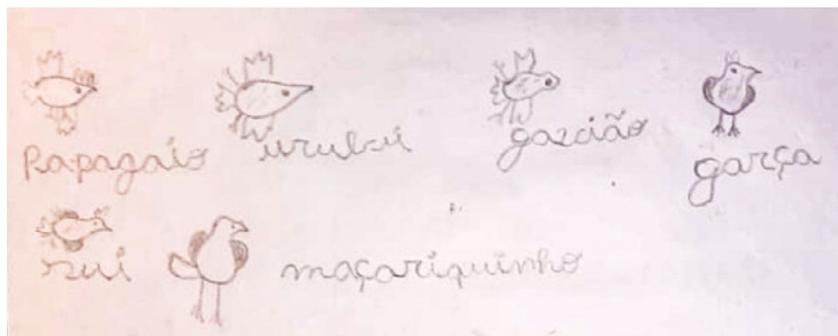
Com uma produção que soma mais de vinte títulos, traduzidos para diversos idiomas, como espanhol, francês e alemão, Manoel de Barros se consolida como o poeta das insignificâncias, conquistando interessados na maneira como seus versos promovem o reencantamento do mundo.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

Toró de palavras

Um passarinho pediu a meu irmão para ser uma árvore.
 meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
 No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol,
 de céu e de lua mais do que na escola.
 No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
 mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
 Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
 Seu olho no estágio de ser árvore, aprendeu melhor o azul.
 E descobriu que uma casa vazia de cigarra, esquecida no tronco das ár-
 vore só serve para poesia.
 No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores
 são vaidosas. Que justamente aquela árvore na qual meu irmão
 se transformara ,envaidecia-se quando era nomeada para o
 entardecer dos pássaros e tinha ciúmes da brancura que os
 lírios deixavam nos brejos.
 Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore
 porque fez amizade com as borboletas.

Árvore
MANOEL DE BARROS



Desenhos de Jhulie Melo, 09 anos

CAÇA PALAVRAS - MEIO AMBIENTE

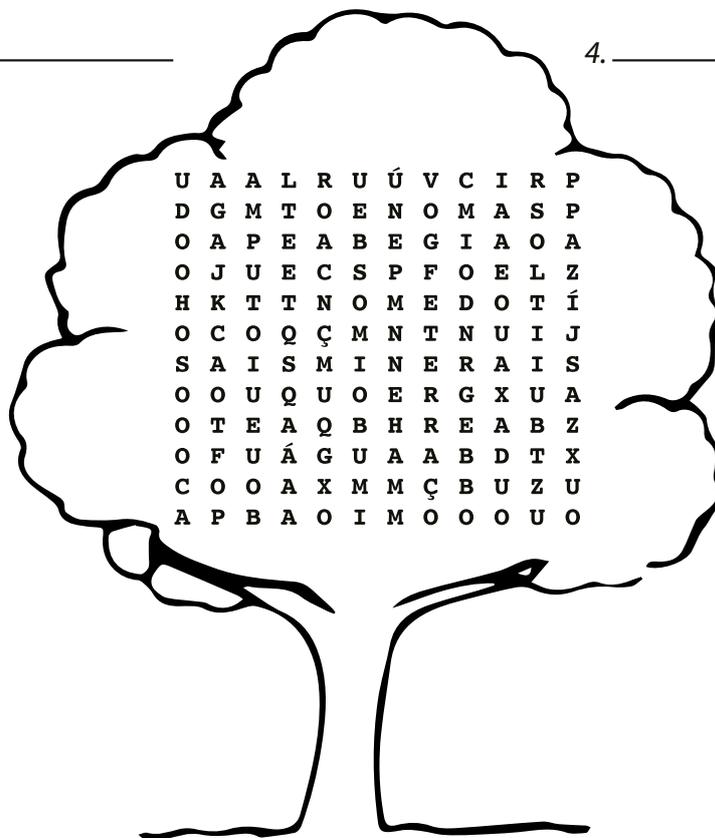
Encontre na árvore o nome de alguns componentes essenciais para sobrevivência das plantas.

1. _____

3. _____

2. _____

4. _____



Fonte: <https://onlinecursosgratuitos.com>

Espia só...

Creme de cupuaçu

Ingredientes:

01 caixa de leite condensado
01 caixa de creme de leite
Polpa de cupuaçu

Modo de fazer:

Coloque no liquidificador a polpa do cupuaçu, o leite condensado, o creme de leite e bata no liquidificador. Coloque em uma travessa e deixe gelar.

Receita de Raylla Vilhena,
09 anos



Desenho de Iris Martins, 10 anos





No ir e vir
dos portais
(in)conclusivos

NO IR E VIR DOS PORTAIS (IN)CONCLUSIVOS

Guardam suas velhas palavras desenhando-as e dão a elas o nome de história. Depois, ficam olhando por muito tempo para elas e acabam conseguindo fixá-las no pensamento. Então dizem a si mesmos: “*Haixopē!* Esse é o desenho das palavras de nossos maiores e o que eles nos ensinaram! Devemos seguir suas pegadas e imitá-los!”. É assim que os jovens brancos aprendem a pensar com as palavras que lhes deram seus pais. Assim acham que, como eles, serão capazes de fabricar máquinas e motores, ou que serão professores, enfermeiros ou pilotos de avião. É assim que eles começam a estudar... Nós somos habitantes da floresta. Nosso estudo é outro (DAVI KOPENAWA).

O Xamã Yanomami Davi Kopenawa, no livro *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami* (2015), nos conta que os dizeres de seus ancestrais nunca foram desenhados e, apesar de serem antigos, vivem presentificados na memória e são contados aos mais novos, para que possam continuar a dizer o que viram e ouviram dos mais velhos depois de sua partida. O povo Yanomami não sente necessidade de desenhar suas histórias por saber que elas vivem dentro de cada um, o sentido que elas assumem para o povo os impele a não deixar desaparecer os ensinamentos.

Quanto a nós, o Xamã diz que precisamos desenhar as palavras porque somos esquecidos, não conseguimos firmar a palavra dita por rapidamente sair do pensamento. Para o Xamã, nossos ancestrais criaram os desenhos para que os ensinamentos não fugissem de nós, para lembrarmos do que nos fora dito.

No texto que partilho como requisito de doutoramento com a comunidade acadêmica e demais pessoas interessadas na temática abordada, deixo as palavras desenhadas dos que vieram antes de mim, e do vivido durante minha existência humana entrelaçada com a profissional. Mesmo com o narrar como propósito, *pintei nessa pele de papel* um pouco do que aprendi no quintal, no mundo e nos rios e florestas, o que pintei aqui diz...

Como narradora-personagem que desenrola o fio contínuo da existência e nele entrelaça narrativa e vida, sou também narradora-testemunha com a responsabilidade de contar o que vi e ouvi das vozes dos rios e das matas dentro da profundidade que envolve o desafio das buscas, do adentrar a mata densa e do mergulhar nas águas barrentas dos rios amazônicos. Nesses movimentos constato a existência de significâncias nos saberes ambientais construídos e reconstruídos por meio do imaginário contido nas narrativas orais amazônicas evocadas a partir das memórias dos narradores.

Compreender como são tecidos os saberes ambientais enredados com o imaginário mítico expresso na voz do contador de histórias, e como circulam na região insular de Belém, tornou-se a busca para os deslocamentos epistemológicos tão necessários para o entendimento de outras maneiras de ver e explicar o mundo. Aqui reside a força da pesquisa apresentada, aguçar os sentidos e ouvir os sons que ecoam da vida ribeirinha pela memória e performance de mestre Simeão, um narrador amazônico, e sua narratividade que interliga e constrói os saberes sobre o meio ambiente por intermédio das histórias ouvidas e contadas.

Razão e imaginação dialogam com os que encontram o suporte para a reinvenção da vida na memória. Ouvir as vozes de Mestre Simeão, de Douglas Richard e das crianças do Anexo Santo Antônio foi percorrer múltiplos caminhos possíveis para se chegar ao conhecimento. Considerar unicamente os preceitos produzidos pelos cientistas atende a uma demanda parcial na complexidade ambiental encontrada na Amazônia. Mas é necessário o despertar da razão criadora capaz de transcender a dicotomia, a limitação de explicar os fenômenos por um único ângulo.

As vozes que constroem, explicam, conhecem os saberes ambientais de suas localidades são, segundo Conceição Almeida (2017), *intelectuais da tradição*, aptos às interlocuções porque sistematizam o conhecimento e desenvolvem a sapiência de ler a natureza. Mestre Simeão é um intelectual da tradição e, por meio de suas narrativas contadas, observamos a forte ligação das encantarias das suas histórias com o profundo respeito ao meio ambiente e suas formas de existência, por isso foram conceituadas de econarrativas.

Houve unanimidade nas respostas das crianças sobre o que os incomodavam na ilha por meio do *photovoice* e do caderno de atividades, o lixo despejado no rio é a preocupação recorrente pelos transtornos causados à comunidade. Ou seja, as crianças mostram que estão atentas e inquietas com o que as afeta e, especialmente, refletem e buscam soluções viáveis a serem consideradas. Demonstraram nas atividades dos cadernos conhecer muito bem a fauna e a flora local, reconhecendo as espécies, os tempos das safras e agindo como Curupiras em suas exortações sobre o que vivenciam.

O fortalecimento das identidades e culturas, o sentir-se pertencente, são proposições essenciais e urgentes a serem consideradas no campo da educação escolar. Como conceber uma escola do campo, das águas e da floresta sem a percepção da forte relação do amazônida com o rio e a mata por parte dos educadores e professores? Ao ouvir do mestre que a água é viva, e que há uma protetora das matas que vive nas sapopemas das samaúmas a observar e cuidar da fauna e da flora, como negar a presença do mítico nas relações estabelecidas dos sujeitos amazônicos com o imaginário?

Como a escola pode conhecer as questões que estão latentes fora das quatro paredes que compõem as salas de aula? O que podemos aprender ouvindo as vozes das crianças? O que sabem, sentem e pensam sobre a complexidade ambiental na Amazônia? Como organizam e reorganizam as situações sobre o meio ambiente vividas na comunidade? Como as econarrativas podem circular na escola? O que nós, educadores e professores, sabemos a respeito dos conhecimentos encontrados nas comunidades em que atuamos? Como a escola pode adentrar no universo mítico, lúdico, rico, movente do imaginário amazônico? Trago perguntas, elas nos movem, nos colocam a pensar...

O caminho que faço – já que não se esgota aqui, pois se trata da pulsão de vida que me move – faz crer, atravessar o rio, adentrar nas matas, esperançar o mundo e tudo que nele existe e resiste. Coloquei em vossas mãos minha vida inteira, estou desnuda e sei que assim deve ser, despir-se de dogmas, paradigmas, ancoragens, abrir meu peito e deixar que vejam quem sou como mulher, mãe, ouvidora e alinhavadora de histórias, professora, o que penso e sinto nesta breve jornada de existência. As minhas, as nossas, memórias ficarão como testemunhas do vivido.

Proponho o movimento dos conhecimentos apresentados até aqui, como o ir e vir das marés. Que outras pesquisadoras e pesquisadores possam puxar esse fio de vida e narrativa e ouvir outras econarrativas sopradas pelas vozes do rio e das matas...

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017.
- AVELINE, Carlos Cardoso. **A vida secreta da natureza**. Uma iniciação à ecologia profunda. São Francisco de Paula: Bodigaya, 2007.
- BÁ, Amadou Hampaté, **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1971.
- BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Tradução de Norma Teles. Organização e notas de Suzzane Bachelard. São Paulo: Brasiliense, 1990a.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Tradução de Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990b.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaios sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018a.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018b.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- BEAUD, Stéphane, WEBER; Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. 2. ed. Tradução de Sérgio Joaquim Almeida. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002b.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Organização de Betty Sue Flowers. Entrevista concedida a Bill Moyers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 6. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2000.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. Tradução de Carmem Fisher. São Paulo: Cultrix, 2006a.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Nilton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006b.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro. **Metodologia da Investigação**: guia para autoaprendizagem. 2. ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

CASTRO, Edna (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006.

CHAVES, Silvia Nogueira. **Infinito particular**: miríades de uma vida de professora. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2021.

COZZI, Andréa; RAMOS, Ana Cristina. **A ciência do povo na escola**. Belém: Projeto escolar digitalizado, 2000.

COZZI, Andréa; RAMOS, Ana Cristina. Tuerarup: um relato de experiência com contadores infantis de histórias. In: **Escola Cabana entre vivências e mudanças**: A construção da práxis pedagógica para a aprendizagem com sucesso, Caderno de Educação nº 06. Belém: SEMEC, MEC, FNDE. 2002.

COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia (Orgs.). **Apanhadores de histórias**: contadores de sonhos. Belém: Tempo, 2012 (v. II).

COZZI, Andréa. **Tessituras poéticas**: educação, memória em saberes e narrativas da Ilha grande/Belém-PA. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará: Belém, 2015.

COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia; SIQUEIRA, Antônio. Ciranda de palavras na Amazônia. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taíza Mara Rauen. **Contações de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

COZZI, Andréa. **Les voix des fleuves et des forêts**. La grande oreille: la revue des arts de la parole. Paris, v. 65, p. 48-50. 2016.

COZZI, Andréa. Travessias poéticas: saberes do rio e da mata em narrativas da Ilha Grande/Belém (PA). In: ANDRADE, Simeí; KELLERMANN, Mariana Marques (Org.). **Educação lúdica**: práticas reflexivas e criativas. Belém: Paka-Tatu, 2019.

COZZI, Andréa. **Imaginário e saberes ambientais**: diálogos amazônicos. Humanidades & inovação, Palmas, v.7, n. 23, p. 145 -155, set. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995 (v. 1).

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FARES, Josebel Akel. Cartografia poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: EDUEPA, 2008a.

FARES, Josebel Akel. Viagens e cartografias em Paul Zumthor: (re)leituras. In: **Boitatá** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. n. 5, jan./jul., 2008b.

FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de Antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

FARES, Josebel Akel. **Um memorial das Matintas amazônicas**. Belém: Fundação Cultural do Estado do Pará, 2015.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da alma**: histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FARIAS, Carlos Aldemir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: PRIETO, Benita (Org.). **Contadores de histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: SESC; Prieto Produções Artísticas, 2011. p. 18-22.

FARIAS, Carlos Aldemir. Mitos, fábulas e histórias da tradição: para além do tempo e do espaço. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Estudos de complexidade 5**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 51-64.

FARIAS, Carlos Aldemir. Dos jogos de imitação à estética corpórea da oralidade: entrevista com o ArteNauta Amílcar Martins. **Revista EXPERIMENTART**. Ano 3, n. 4, jan./jun. 2017. p. 79-129.

FARIAS, Carlos Aldemir. Histórias da tradição na escola: para além do tempo e do espaço. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 23, 2020. p. 271-282.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Joseph Campbell. O maestro dos mitos**. São Paulo: Palas Athena, 2021.

FARIAS DA SILVA, Carlos Aldemir. Histórias da Tradição e Educação. **Projeto de Pesquisa de Dissertação de Mestrado**. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

FARIAS DA SILVA, Carlos Aldemir. **Literatura como escola de vida**: a propósito das narrativas da tradição. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2003.

FARIAS DA SILVA, Carlos Aldemir. Histórias da Tradição na Educação: contribuições para a formação de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Projeto de Pesquisa**. Instituto de Educação Matemática e Científica. Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FARIAS DA SILVA, Carlos Aldemir. O mito na sociedade moderna. In: CHAVES, Silvia Nogueira; FARIAS DA SILVA, Carlos Aldemir; BRITO, Maria dos Remédios de (Org.). **Cultura e subjetividade**: perspectivas em debate. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2016. p. 17-40. (Coleção Contextos da Ciência).

FARIAS, Carlos Aldemir; MENDES, Iran Abreu. As culturas são as marcas das sociedades humanas. In: MENDES, I. A.; FARIAS, C. A. (Org.). **Práticas Socioculturais e Educação Matemática**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2014. p. 15-48. (Coleção Contextos da Ciência).

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites**. 6. ed. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GUIMARÃES, Henrique; LEVY, Teresa; POMBO, Olga (co-autoria). **A interdisciplinaridade**: reflexão e experiência. Lisboa: Ed. Texto, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALEY, Gail. **O baú das histórias**. Rio de Janeiro: Crianças Criativas, 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone Moyses. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. Tradução de Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth Carlos Cabral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1997.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Epístolas & baladas**. Belém: Grafisa, 1968.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Rio de Janeiro. Record, 2003.
- MOREIRA, Eidorfe. Sertão, a palavra e a imagem. *In*: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Cejup, 1989.
- MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 3. ed. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. São Paulo: Angra, 1999.
- MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksmen. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

ROCHA, Ruth. **Almanaque Ruth Rocha**. São Paulo: Ática, 2005.

SALDANHA, Marília Gabriela. **Tuerarup**: o imaginário nas lendas dos pequenos contadores. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém, IFPA, 2017.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **Ilha**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 47-64, jul. 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses. [et al.]. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses. [et al.]. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SERRES, Michel. **Ramos**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque brasilidades**: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.

SOBRAL, Raymundo Mário. **Dicionário Papachibé**: a língua paraense. vol. I. Belém: FUMBEL, 1996.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BOSSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Tradução de Rosa Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VALE, Maria José. **Paulo Freire, educar para transformar**: Almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

WANG, Catarina; BURRIS, Mary Ann. **Photovoice**: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*. London, v.24, n. 3, p. 369-387, jun. 1997.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

FONTE ORAL

Mestre Simeão, 81 anos. Entrevista realizada na sua residência, na ilha Murutucu, Belém do Pará, 2019, 2020 e 2021.

SITES CONSULTADOS

AGÊNCIA BELÉM. Disponível em: agenciabelem.com.br/Noticia/218883/sesan-reune-com-liderancas-das-ilhas-de-belem-para-debater-colete-e-destinacao-do-lixo

AGROECOLOGIA. Disponível em: <https://agroecologia.org.br>

COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/carta-do-chefe-seattle/>

DICIONÁRIO CRIATIVO. Disponível em: <https://dicionariocriativo.com.br/>

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <https://dicionarioinformal.com.br/raleamento>

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Disponível em: <https://dicionariodesimbolos.com.br/numero-3/>

EMBRAPA. Disponível em: <https://embrapa.br>

EXPEDIÇÃO PARÁ. Disponível em: <https://expedicaopara.com.br>

GRUPO DE PESQUISA PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. Disponível em: <https://gpsem.online>

IGUI ECOLOGIA. Disponível em: <https://iguiecologia.com/samauma>

LETRAS MUSICAIS. Disponível em: <https://letras.mus.br/joao-do-vale/1546761>

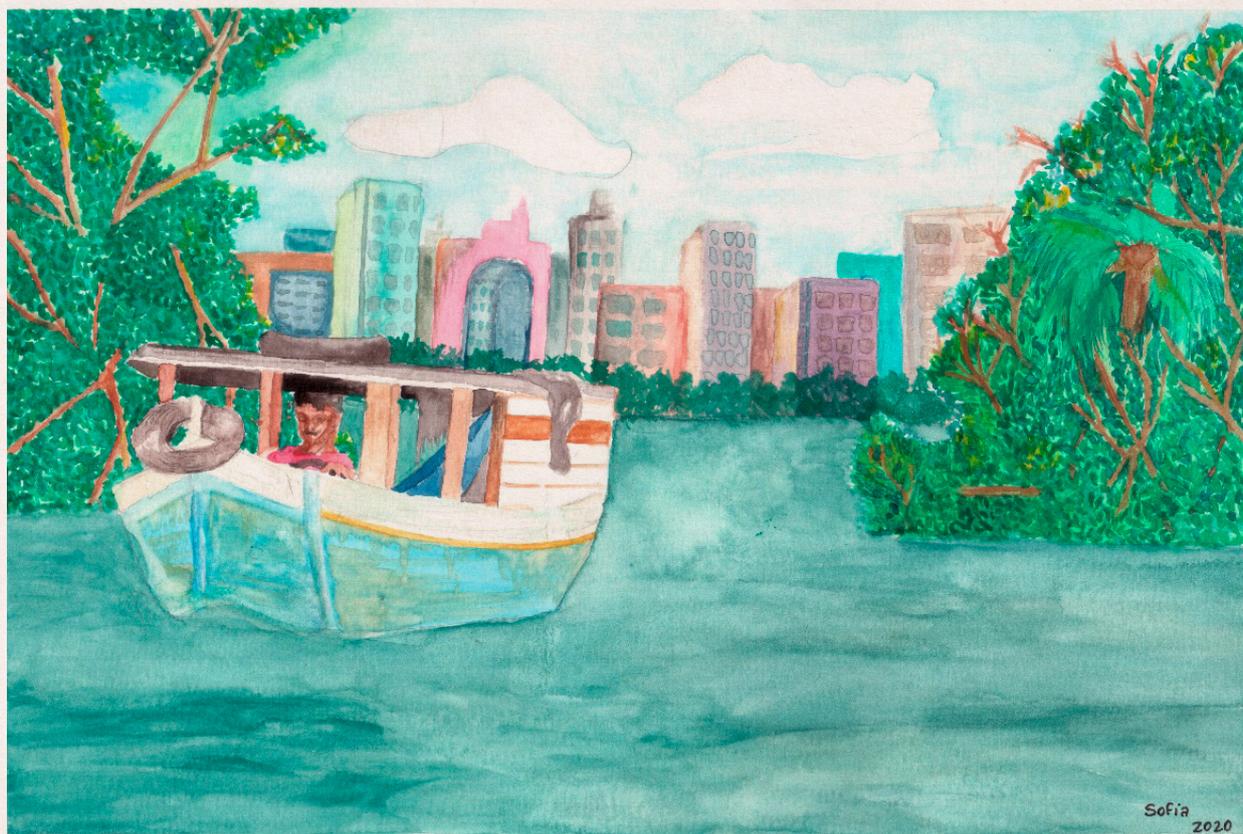
POR LA TIERRA. Disponível em: <https://porlatierra.org/docs/3401810b6b3be81608bcfb-4da89446c9.pdf>

SYSTRA. Disponível em: https://systra.com.br/IMG/pdf/ficha_de_projeto_gerenciamneto_alca.pdf



Apêndices

CADERNOS DE ATIVIDADES



ANDRÉA LIMA DE SOUZA COZZI

Belém
2021

Os Cadernos de atividades foram organizados a partir das observações e pesquisas de situações ligadas a biodiversidade durante a pesquisa. Algumas atividades foram pesquisadas em sites especializados na internet, como os sites que tratavam de notícias científicas atualizadas sobre a covid-19, ao fazer a rota dos barcos para entrega das atividades impressas aos estudantes, constatamos o não uso de máscaras pelos moradores, famílias que estavam vindo da parte continental de Belém e afirmavam não usarem máscaras. Outros cadernos foram produzidos com base nas narrativas do Mestre Simeão, como o *Nas trilhas da Curupira*, por exemplo.

Os objetivos foram sanar a lacuna da pesquisa de campo durante a pandemia, e, propor atividades contextualizadas com as problemáticas e saberes locais, meu desejo é que sirvam de inspiração para a construção de um fazer pedagógico em que os estudantes se reconheçam e se vejam como sujeitos das ações, e o professor capaz de dialogar com a realidade do local onde atua. Os cadernos são:

1. Nas trilhas da Curupira;
2. No combate ao coronavírus;
3. Nas trilhas do meio ambiente;
4. Nas trilhas do Boi-bumbá;
5. Nas trilhas da samaúma.

CADERNO DE ATIVIDADES 1

NAS TRILHAS DA CURUPIRA



Mestre Simeão, contador de histórias da ilha do Murucutu, contou a história da Curupira.



A curupira mora na raiz da samaúma, ela gosta da raiz da samaumeira, pois ali tudo quanto é samaumeira tem curupira, onde tem samaumeira tem a curupira. E para passar tem que ter muito cuidado, que ela olhar para você, ficará pateta.

Elas tinham um negócio comigo, elas mexiam comigo, me experimentavam de tudo quanto é jeito, mas eu levava na brincadeira, conversava com elas. Eu nunca vi uma, vi o vulto passar assim no mato, ouvi ela assoviar, ela assovia, ela assovia forte tipo uma preguiça. Elas batiam palmas para mim, lá no tronco das samaúmas, nas raízes grandes, ela mora na sapopema.

A curupira mundia a pessoa, e se você não souber se virar ela fica lá olhando e você fica rodando só, você perde o caminho, você vai no caminho, o caminho fecha para você, ela fecha o caminho, uma coisa incrível. Agora quando a pessoa sabe que está mundiado por ela, você vai andando pelo caminho direto quando você vê o caminho finda, encerra, aí você volta vai de novo e pensa que vai embora, quando você pensa que vai, descobre que está no mesmo lugar!

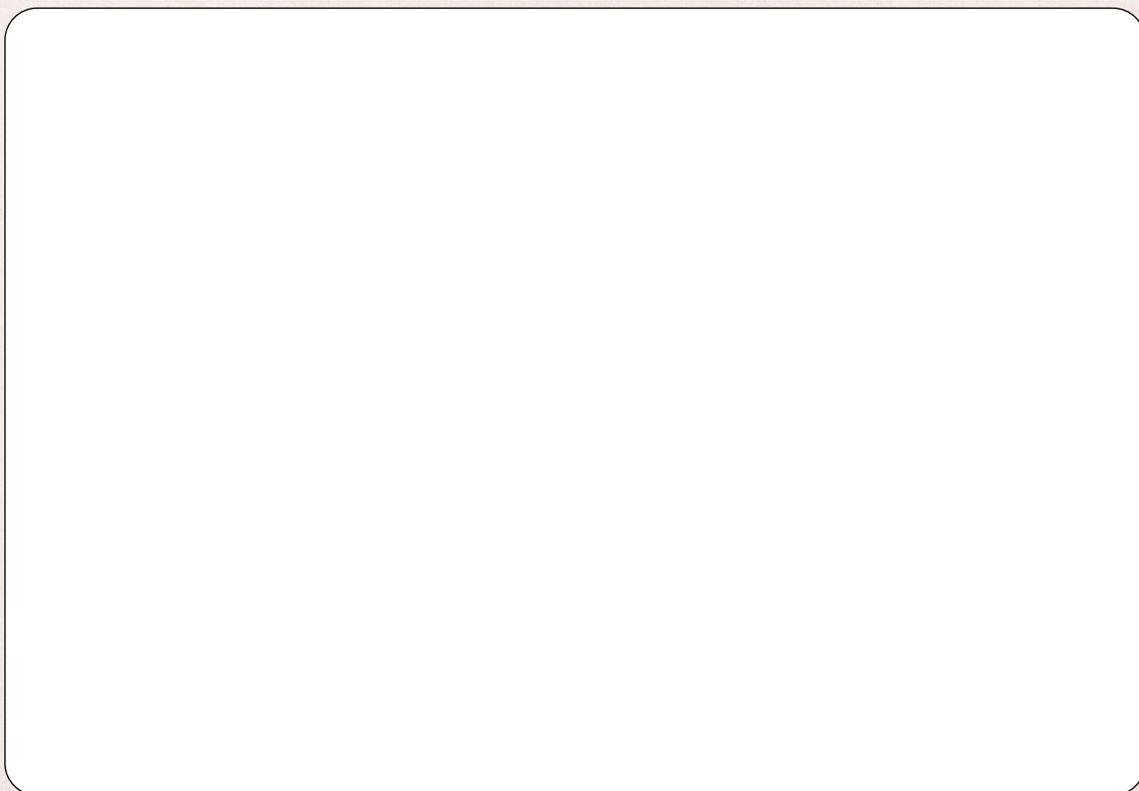
Mestre Simeão

1. Você já deve ter escutado a história da Curupira, ela protege a mata e todos que nela vivem. O que acontece de ruim na ilha que a Curupira precisa cuidar?

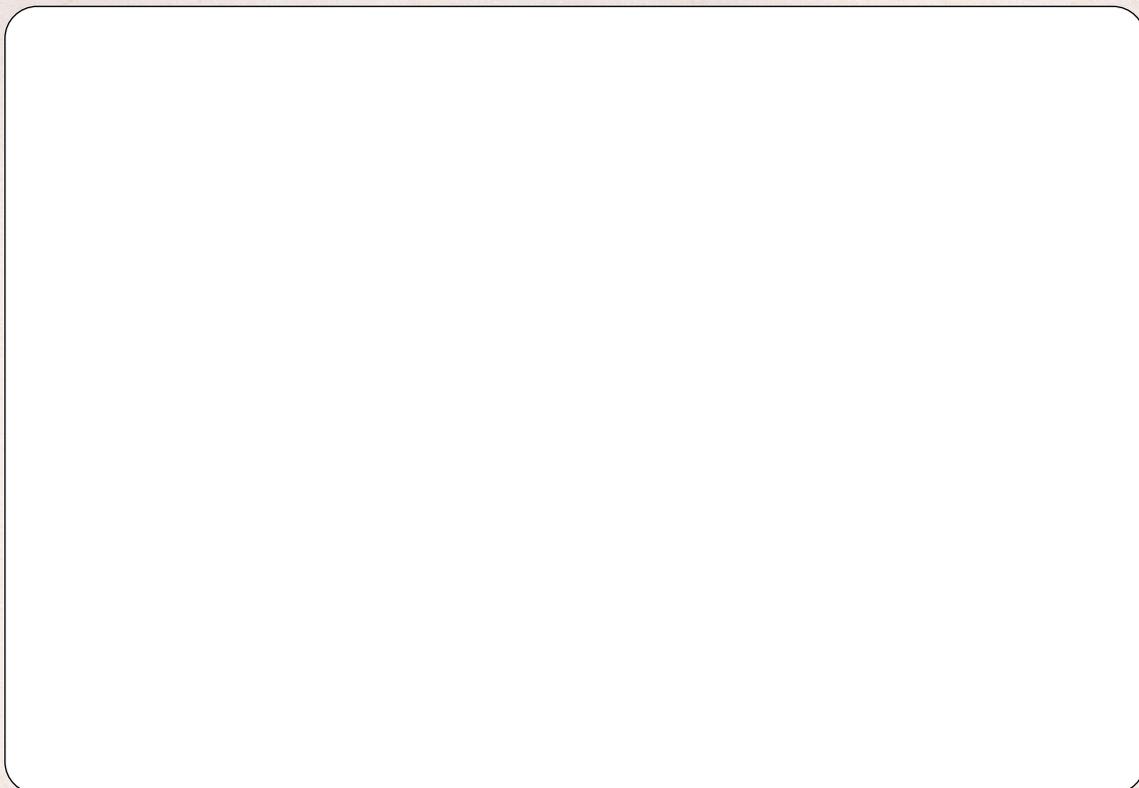
2. O que você pode fazer para ajudar a Curupira na proteção da mata?

3. Agora você vai contar a história do lugar onde mora com palavras e desenhos.

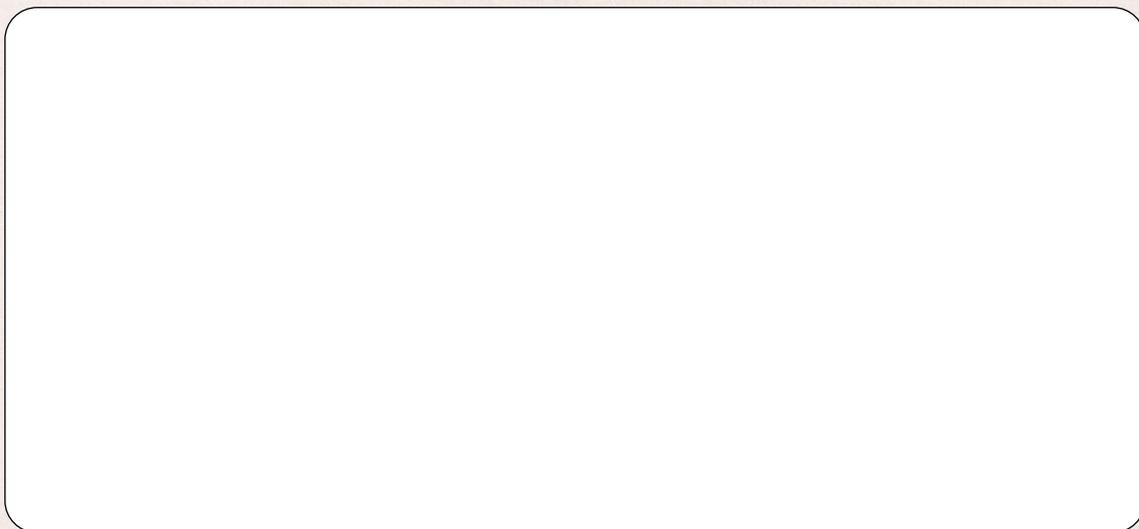
- ❖ Quais os bichos que você encontra na mata perto de onde é sua casa? Nos conte fazendo um desenho deles e escrevendo o nome de cada bicho.



- ❖ Quais são as árvores que você encontra na ilha? Não esqueça de desenhá-las e escrever o nome delas junto ao desenho.



- ❖ Quais os peixes que encontramos no rio que passa perto da sua casa? Não esqueça de desenhá-los e escrever o nome deles junto ao desenho.



Aqui a Mãe d'Água apareceu, isso que aparecia correndo, que chamavam de rabo da maré, era ela que vem trazendo, vem estrondando, ela passa aqui e parece uma “trevoada” e vai limpando tudo e leva, quando você vê, ela some, desaparece, é uma significância.

Mestre Simeão

4. Mestre Simeão contou outra história, a da Mãe d'Água que passa e limpa o rio. O que os homens fazem com o rio que é preciso a Mãe d'Água limpar?

5. Faz de conta que você agora é a Curupira, a protetora e guardiã que mora na samaúma, então mande uma mensagem para aqueles que maltratam os bichos e as plantas da mata.



Escola: _____

Nome: _____

Ciclo: _____ Idade: _____

CADERNO DE ATIVIDADES 2

NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

Leia atentamente o cartaz e a tabela ao lado com os casos de covid-19 no Brasil até a data de 16 de maio de 2021.

O QUE É O CORONAVÍRUS?

- **COVID-19** é uma doença causada por um vírus novo com sintomas semelhantes aos de uma gripe, mas que pode causar complicações respiratórias graves.
- Qualquer pessoa pode se contaminar - **criança, adolescente, adulto ou idoso.**
- A pessoa pode estar contaminada e não ter nenhum sintoma, mas pode, mesmo assim, transmitir o vírus.

Atenção: O vírus é transmitido por gotículas de saliva, espirro, tosse, apertos de mãos e quando pegamos em objetos ou superfícies contaminados.

ESTÁ SENTINDO ALGUM SINTOMA?

- Se estiver com tosse, febre e principalmente dificuldade de respirar: procure imediatamente a unidade de saúde mais próxima.
- Se não tiver dificuldade em respirar, prefira não ir ao médico e tome cuidado para não transmitir o vírus para os demais.
- Evite ao máximo o contato e não compartilhe pratos, copos, talheres ou toalhas.

Qualquer dúvida, **Disque Saúde 136. É grátis!**

COMO SE PREVENIR?

- Lave sempre que possível as mãos com água e sabão. É preciso caprichar: lavar bem cada dedo, a palma e o dorso da mão, os punhos e as unhas!
- Se não tiver água e sabão, pode usar também *álcool gel 70%.
- Quando tossir ou espirrar, cubra o nariz e a boca com um lenço descartável ou com a parte interna do cotovelo, nunca com as mãos.
- Não toque os olhos, o nariz ou a boca sem lavar as mãos antes.
- Cada pessoa deve usar seu próprio copo, talher e prato.
- Mantenha o ambiente limpo e arejado o máximo que puder.
- Qualquer pacote, sacola, caixa ou produto que receber deve ser higienizado.

CUIDE-SE E PROTEJA QUEM VOCÊ AMA.

- Nada de abraços, beijos ou apertos de mãos. Um sorriso é o suficiente para cumprimentar as pessoas!
- Mantenha distância de 2 metros de outras pessoas, sempre que possível.
- Proteja ao máximo os idosos.
- Se ficar com estresse, respire fundo. E busque manter o pensamento positivo: esta fase vai passar!
- Atenção especial às crianças e aos adolescentes. Eles precisam da paciência, carinho e atenção dos adultos.

Atenção: Se você for vítima ou testemunha de violência: **disque 100!** A ligação é anônima e gratuita.

TURMA DA MÔNICA

unicef

Estado	Casos confirmados	Mortes
AC	80.388	1.614
AL	184.394	4.493
AM	378.855	12.831
AP	109.070	1.615
BA	955.350	19.894
CE	744.295	19.117
DF	392.582	8.317
ES	459.032	10.197
GO	579.551	16.098
MA	278.726	7.700
MG	1.463.543	37.508
MT	382.621	10.420
PA	499.176	13.961
PB	309.712	7.219
PE	442.363	14.949
PI	257.554	5.537
PR	1.023.279	24.670
RJ	816.015	48.006
RO	221.387	5.488
RS	1.031.880	26.685
SC	928.160	14.434
SE	217.503	4.718
SP	3.092.844	104.219
MS	265.236	6.202
RN	250.550	5.818
RR	100.000	1.571
TO	168.518	2.720

No mapa a seguir realize o que foi solicitado:

1. Pinte de verde os Estados que fazem parte da Região Norte.
2. Pinte o Estado com maior número de casos confirmados da covid-19 (escolha a cor que deseja pintar).
3. Pinte o estado com maior número de óbitos pela covid-19 (escolha a cor que deseja pintar).
4. Faça um x nos estados que apresentam um número maior que 1.000 casos confirmados.
5. Faça um círculo nos Estados que apresentam um número menor que 10.000 óbitos.



Responda as situações-problema. Para saber as respostas, você precisará calcular (Faça os cálculos nas folhas de rascunho e coloque aqui os resultados).

1. Qual o total de óbitos somando todos os Estados do Norte?
2. Observando o Estado do Pará, qual a diferença entre o número de casos confirmados e o número de óbitos?
3. Qual o número de casos confirmados nos Estados que fazem parte da região sul do Brasil?

CORONAVÍRUS

www.misturadealegria.blogspot.com

No caça palavras, procure as palavras:
máscara – lenço – álcool – água – sabão – contato – beijo

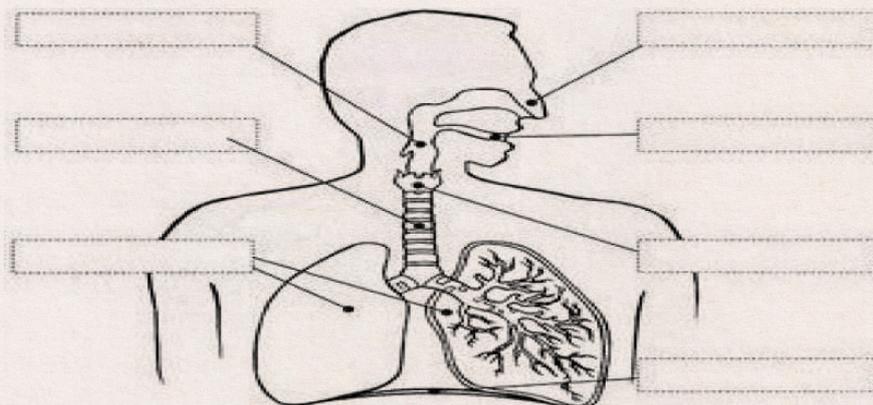
Q	V	U	s	A	B	A	O	1	R	C
E	M	Ç	X	M	W	Ç	R	V	Z	O
T	O	Á	o	R	N	E	B	Á	G	N
W	K	L	s	E	Y	U	T	G	S	T
R	F	O	L	O	N	1	J	U	D	A
S	H	o	T	O	A	R	K	A	J	T
D	C	o	Q	Z	D	R	Ç	L	C	O
F	E	L	M	G	K	V	A	N	A	X
G	L	z	B	E	I	J	O	A	H	V

Palavras que nos ajudam a prevenção da covid-19.

4. Veja o cartaz da Turma da Mônica, ele nos mostra a importância do uso da máscara. Junto com o Caderno de Atividades, vai uma máscara de presente para você, feita com muito carinho. Use sempre que precisar sair ou ter contato com pessoas que não moram na mesma casa que a sua. O distanciamento social e o uso de máscaras ajudam a manter o coronavírus bem longe de você. Não esqueça de falar para seus pais ou responsáveis sobre a importância de também usarem máscaras.



5. Assista ao vídeo e observe como funcionam os nossos pulmões - <https://www.uoutube.com/watch?v=poqKMmSH3NE>
6. Alguns sintomas da covid-19 ocorrem no sistema respiratório. Faça uma pesquisa e coloque cada nome no seu lugar certo.



TRAQUEIA
 FARINGE
 LARINGE
 BOCA
 DIAFRAGMA

PULMÕES
 NARIZ

7. Escreva três palavras iniciadas com as letras da palavra CORONAVÍRUS:

C	_____	_____	_____
O	_____	_____	_____
R	_____	_____	_____
O	_____	_____	_____
N	_____	_____	_____
A	_____	_____	_____
V	_____	_____	_____
I	_____	_____	_____
R	_____	_____	_____
U	_____	_____	_____
S	_____	_____	_____

8. Leia com atenção o trecho da música, depois escreva o que você está sentindo durante a pandemia.

O Dia Em Que a Terra Parou

Raul Seixas

Essa noite

Eu tive um sonho de sonhador

Maluco que sou, eu sonhei

Com o dia em que a Terra parou

Com o dia em que a Terra parou

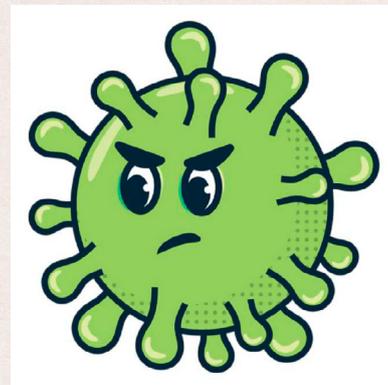
Foi assim

No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro

Resolveram que ninguém ia sair de casa

Como que se fosse combinado, em todo o planeta

Naquele dia ninguém saiu de casa, ninguém...



CADERNO DE ATIVIDADES 3

NAS TRILHAS DO MEIO AMBIENTE

Leia com bastante atenção o poema e o texto informativo:

PARAÍSO

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóvel matar gente,
mas para criança brincar.

Se esta rua fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
eu fazia tantas mudanças
que ele seria um paraíso
de bichos, plantas e crianças.

José Paulo Paes

Texto informativo:

O **Dia Mundial do Meio Ambiente**, comemorado no **dia 5 de junho**, foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), e tem como objetivo principal **chamar a atenção** de todas as esferas da população **para os problemas ambientais e para a importância da preservação** dos recursos naturais, que até então eram considerados, por muitos, inesgotáveis¹.

¹ Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-mundial-do-meio-ambiente-ecologia.htm>.

Vá até a janela da sua casa, feche os olhos e conte até cinco, depois abra os olhos e desenhe o que você vê.



Agora responda:

1. O que você gosta nesse lugar?

2. Do que você não gosta nesse lugar?

3. O lixo é um problema muito sério. Que tipos de lixo são descartados incorretamente na sua comunidade?

Vamos criar o alfabeto do Meio ambiente do lugar onde você mora? O que tem na ilha que começa com as letras do alfabeto?

A _____	N _____
B _____	O _____
C _____	P _____
D _____	Q _____
E _____	R _____
F _____	S _____
G _____	T _____
H _____	U _____
I _____	V _____
J _____	X _____
K _____	W _____
L _____	Y _____
M _____	Z _____

Retire do retângulo, as palavras que estão no poema Paraíso do poeta José Paulo Paes.

ladrilhar – onça - criança – árvores – jacaré - brincar – rio – pássaros - canoa
peixes – bichos – matapi - paraíso – plantas - caderno – rua – mudanças - sol

Observe o tempo que alguns materiais demoram para se decompor.

Tempo de Decomposição		
Papel	→	3 a 6 meses
Panos	→	6 meses a 1 ano
Filtro de cigarro	→	Mais de 5 anos
Madeira pintada	→	Mais de 13 anos
Náilon	→	Mais de 20 anos
Metal	→	Mais de 100 anos
Alumínio	→	Mais de 200 anos
Plástico	→	Mais de 400 anos
Vidro	→	Mais de 1000 anos
Borracha	→	Indeterminado

Fonte: "Manual de Educação - Consumo Sustentável" - MMA, MEC e IDEC

Quando o lixo é descartado de forma incorreta, veja o que acontece.



Fonte: Catraca livre.



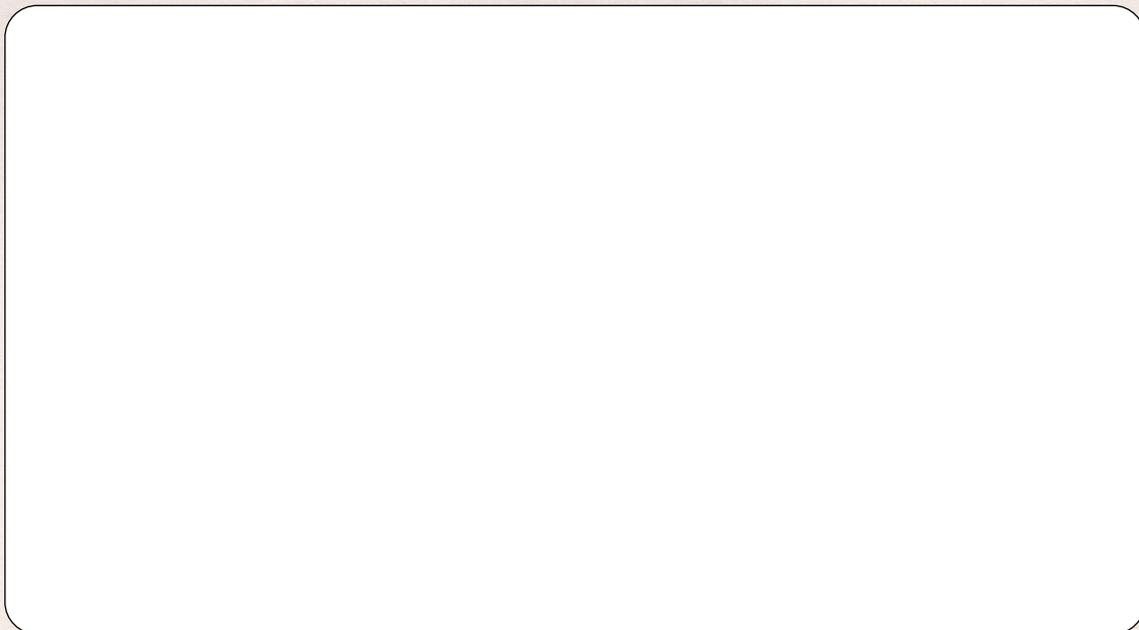
Fonte: <https://www.mother.com.br/>

Leia a tirinha e responda:

XAXADO / Antonio Cedraz



4. Você tem alguma ideia para solucionar o problema do lixo na sua comunidade? Desenhe sua ideia de solução.



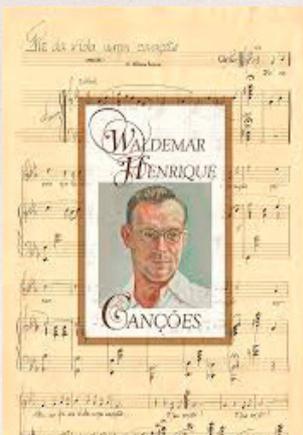
CADERNO DE ATIVIDADES 4

NAS TRILHAS DO BOI-BUMBÁ

Leia com atenção a letra da canção e o texto informativo:

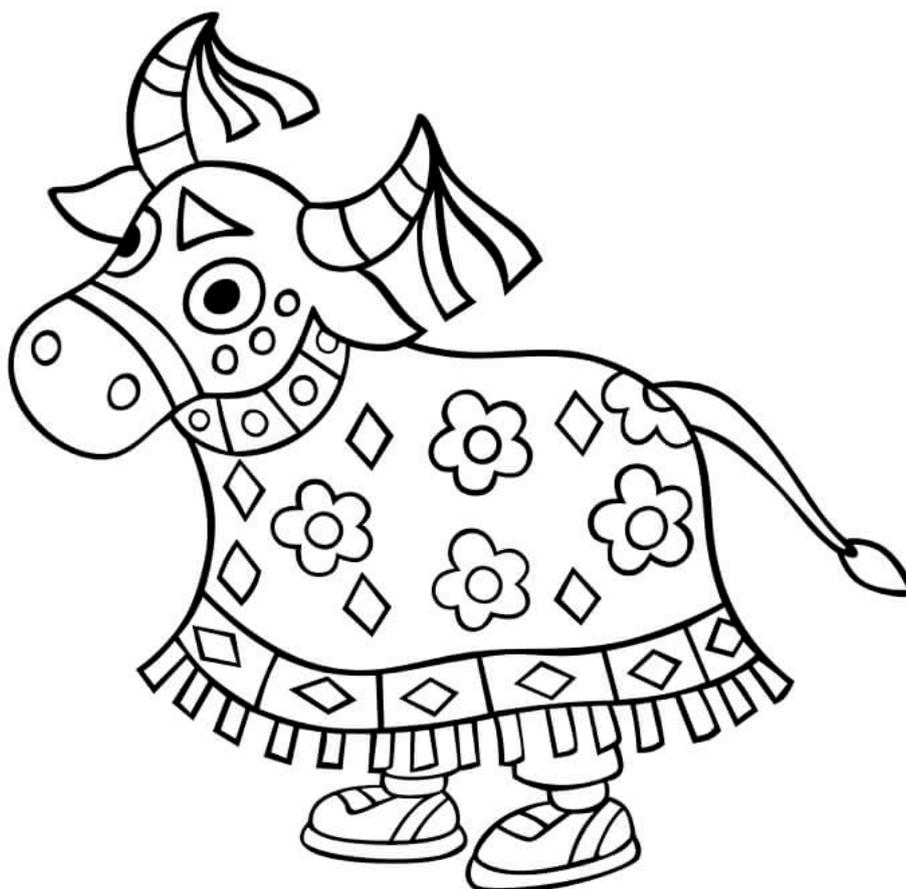
Boi-bumbá
Waldemar Henrique

Ele não sabe que seu dia é hoje
O céu forrado de veludo azul-marinho
Veio ver devagarinho
Onde o Boi ia dançar
Ele pediu pra não fazer muito ruído
Que o Santinho distraído
Foi dormir sem celebrar
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado
Batucando
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado
Batucando
Bumba meu Pai do Campo
Bumba meu boi bumbá

Texto informativo:

O compositor da bela canção que acabou de ler foi o paraense Waldemar Henrique, nascido em Belém do Pará em 15 de fevereiro de 1905. Muitas de suas músicas falam dos mitos, lendas e crenças da Amazônia. Além da música do Boi-bumbá, ele compôs Foi Boto, Sinhá!, Cobra-Grande, Tamba-Tajá, Matinta Perera, Uirapuru, Curupira, entre outras. A obra de Waldemar Henrique é tão importante que até hoje é cantada e contada. Em Belém, o nome de Waldemar foi dado a um teatro, uma praça e escola.

O Boi-bumbá da canção de Waldemar Henrique está precisando de sua criatividade para ficar pronto para a festa. Você pode colorir, colar, pintar com tintas, colar, sementes. Faça como quiser, use sua imaginação.



Um grupo de crianças que moram na Ilha do Maracujá, na Região das ilhas de Belém, criou um Boizinho de fitas para brincarem especialmente no mês de junho. O Boizinho está ficando lindo, mas ainda faltam as fitas coloridas. Vamos ajudá-las a fazer os cálculos das fitas para colocar no boi?

1. Um metro de fita de cetim fina custa R\$ 2,00, as crianças vão precisar de 10 metros de fita. Quanto vão gastar para comprar os 10 metros?
2. Elas têm R\$ 50,00 para comprarem as fitas, mas compraram os 10 metros de fita fina. Quanto restou de dinheiro?

Veja o Boizinho de fitas das crianças da Ilha do Maracujá.



Descubra as cores das fitas que as crianças escolheram para colocarem no Boizinho de fitas.

1. É a cor da mistura do azul com amarelo.

2. É a cor da semente da melancia.

3. Tem a cor da Garça.

4. Tem a cor da flor do jambo.

Leia o trecho da canção feita por Douglas Richard da Ilha do Maracujá

No mês de junho nós temos na nossa região
A festa de Santo Antônio, São Pedro e São João.
E lá no barracão temos muita alegria
para levantar a ramada que alegra nossa folia.

(Trecho do texto **Pout pourri das festividades** de
Douglas Richard – morador da Ilha do Maracujá)

O mês de junho é cheio de festejos. As celebrações dizem respeito à fé, à devoção, a danças, a comidas, a brincadeiras e muita alegria. O texto que você leu foi escrito por Douglas Richard, morador da Ilha do Maracujá, ele nos diz o que acontece na sua comunidade. Conte para nós que festejos acontecem no mês de junho onde você mora.

CADERNO DE ATIVIDADES 5**NAS TRILHAS DA SAMAÚMA**

Nome: _____

Ciclo: _____ Idade: _____

Como é importante conhecer o espaço onde vivemos, afinal é o nosso lar! Então, nos conte das coisas que encontramos no lugar que você mora. O primeiro passo é saber a localização. Desenhe um mapa colocando o que você vê no lugar que mora (rios, casas, árvores, bichos, escolas, igrejas, posto de saúde, etc.). Veja um exemplo. Lembre-se que é apenas um exemplo.



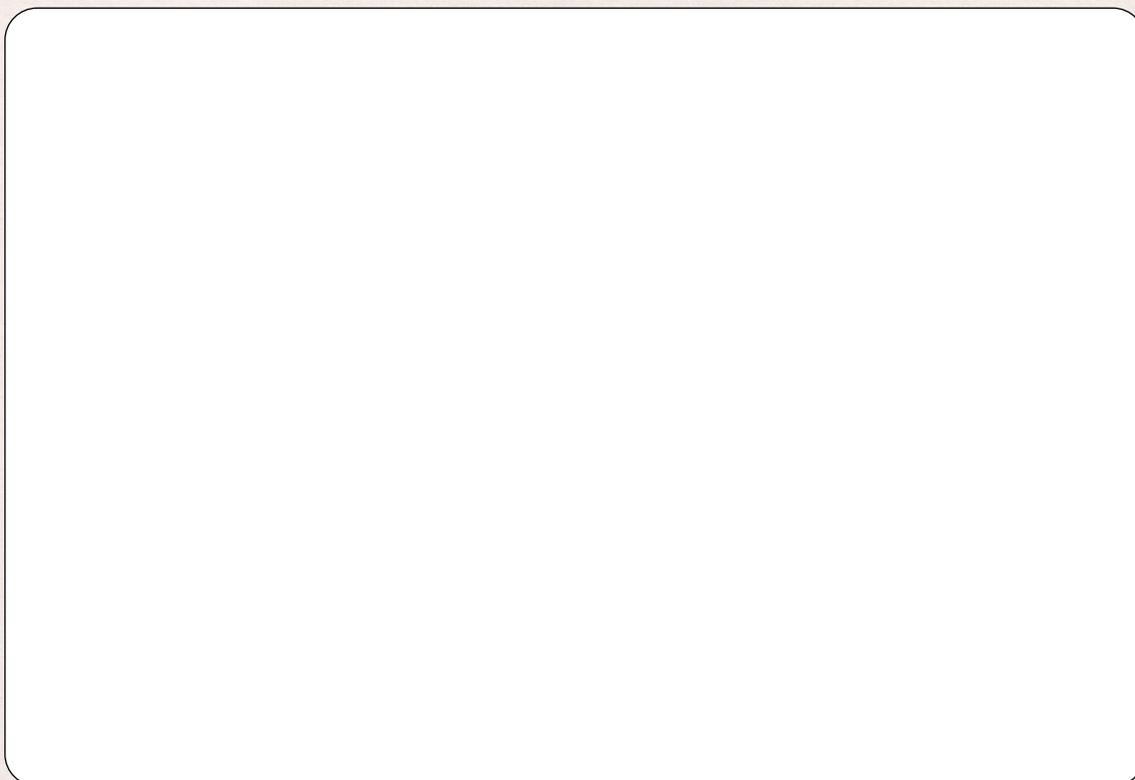
Fonte: maonaterra.blogspot.com/2009/12/o-lugar-onde-eu-vivo.html

1. Agora faça seu mapa. Capriche.

2. Complete a tabela com as frutas que tem na ilha e a época da safra.

MESES DO ANO	FRUTAS
Janeiro	
Fevereiro	
Março	
Abril	
Maio	
Junho	
Julho	
Agosto	
Setembro	
Outubro	
Novembro	
Dezembro	

3. Desenhe bem bonito a sua fruta preferida. (pode ser mais de uma)



4. Quais os brinquedos e brincadeiras as crianças gostam de brincar no lugar onde você mora. Escreva para nós.

5. Complete a tabela com as festas, eventos e celebrações que tem na ilha

MESES DO ANO	FESTAS, EVENTOS E CELEBRAÇÕES (religiosas e populares)
Janeiro	
Fevereiro	
Março	
Abril	
Maio	
Junho	
Julho	
Agosto	
Setembro	
Outubro	
Novembro	
Dezembro	

6. Quem gosta de cozinhar na sua família? Converse com essa pessoa e peça para ela dizer para você uma receita bem gostosa com ingredientes encontrados na ilha. Anote aqui os ingredientes e o modo de fazer.

Nome da receita:

Ingredientes:

Modo de fazer:

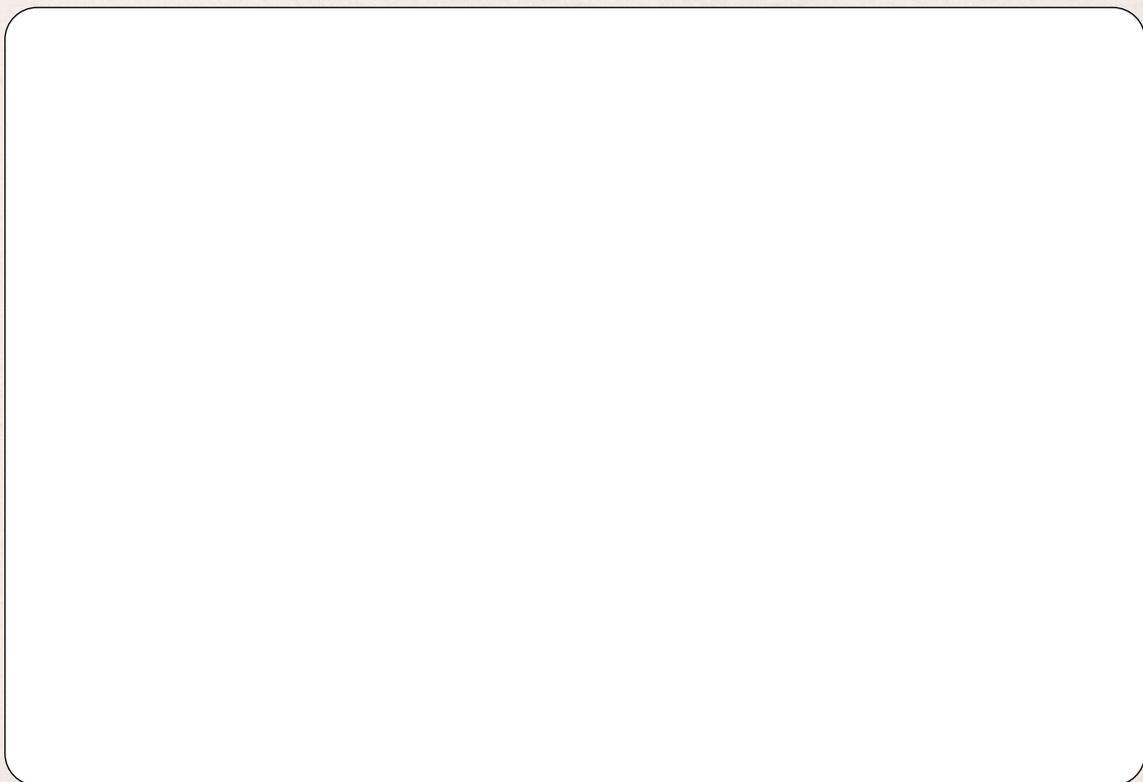
7. Muitos remédios encontramos na floresta. Pergunte para as pessoas da sua família quais plantas usam para cuidar das doenças. Escreva aqui o nome das plantas e para que doenças servem.

8. Vamos fazer o dicionário da ilha? Diga qual o significado das palavras aqui escritas.

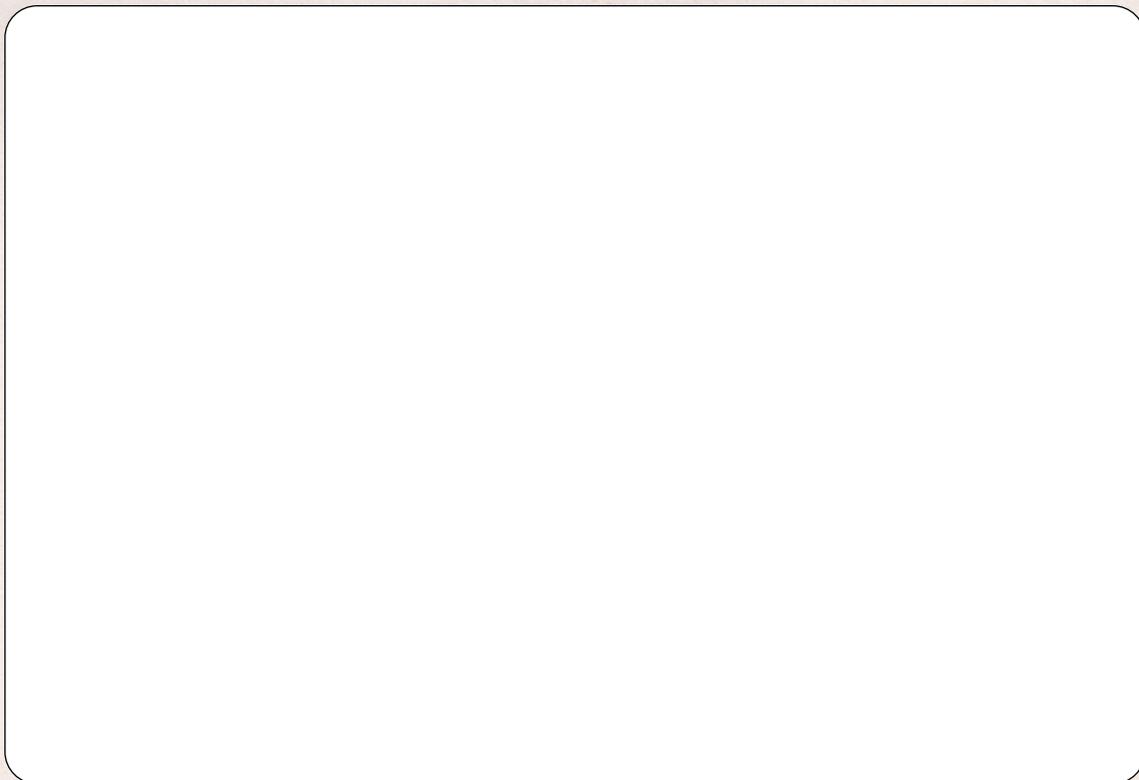
PALAVRA	O QUE É?
Igarapé	
Furo	
Tajá	
Rabeta	
Ver-o-Peso	
Peconha	
Pitiu	
Maruim	
Sepacuema	
Maré lançante	
Pororoca	
Trapiche	
Guarumá	
Paneiro	
Sapopema	

9. Você já observou que os barcos e rabetas recebem um nome pelos seus donos? Quais os nomes dos barcos e rabetas encontrados na ilha?

10. Quais os pássaros você já viu nas proximidades da sua casa? Desenhe e coloque os nomes.



11. Que outros animais você encontra nas proximidades da sua casa? Desenhe e coloque os nomes.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara(o) professora(o), convidamos você a participar da pesquisa de doutoramento de autoria de Andréa Lima de Souza Cozzi intitulada **Vozes do rio e da mata: saberes ambientais em narrativas orais**. A referida pesquisa encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, sob a orientação do professor Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

A pesquisa visa, entre outros objetivos, compreender os diálogos entre os saberes ambientais presentes no repertório das narrativas dos contadores de histórias das ilhas com os conhecimentos específicos das Ciências da Natureza trabalhados na Unidade Pedagógica Santo Antônio.

Esclarecemos que sua participação será por meio de entrevista, e os instrumentos elaborados por nós a respeito do tema em estudo. Para registro das respostas, utilizaremos anotações diretas, gravador de áudio e vídeo. Poderemos utilizar também suas imagens fotográficas, áudios, vídeos, desenhos a fim de evidenciar aspectos das práticas educativas e dos saberes observados na pesquisa.

Serão informados os nomes civis dos sujeitos entrevistados na pesquisa doutoral - tese. Ressaltamos que sua participação poderá ser interrompida a qualquer momento, quando iremos devolver-lhes os depoimentos registrados, sem que haja nenhum prejuízo para si.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador de CPF _____ e RG _____, declaro para os devidos fins que li as informações sobre a pesquisa e que estou esclarecido (a) sobre seu conteúdo. Declaro, ainda, por minha livre vontade, que aceito participar, cooperando com o registro de informações para a mesma, aceitando a publicação na tese de falas e imagens.

Belém, ____/____/2021.

Assinatura da (o) participante voluntária (o)

Andréa Lima de Souza Cozzi CPF:

Carlos Aldemir Farias da Silva CPF:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para seu filho participar voluntariamente da pesquisa de doutorado intitulada: **Vozes do rio e da mata: saberes ambientais em narrativas orais**, desenvolvida por Andréa Lima de Souza Cozzi. Tal pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, sob a orientação do professor Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

A pesquisa visa, entre outros objetivos, compreender os diálogos entre os saberes ambientais presentes no repertório das narrativas dos contadores de histórias das ilhas com os conhecimentos específicos das Ciências da Natureza trabalhados na Unidade Pedagógica Santo Antônio.

Esclarecemos que a participação do seu filho/a será por meio do preenchimento do caderno de atividades intitulado **Nas trilhas da Curupira**. O instrumento foi elaborado por nós a respeito do tema em estudo. Poderemos utilizar também suas imagens fotográficas, áudios, vídeos e desenhos a fim de evidenciar aspectos das práticas educativas e dos saberes observados na referida pesquisa.

Serão informados os nomes civis dos sujeitos entrevistados no relatório da pesquisa – tese doutoral. Ressaltamos que sua participação poderá ser interrompida a qualquer momento, quando iremos devolver-lhes os depoimentos registrados sem que haja nenhum prejuízo para si.

Declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos da presente pesquisa. Autorizo a participação livre e espontânea de meu filho(a) _____

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador de CPF _____ e RG _____, declaro para os devidos fins que li as informações sobre a pesquisa e que estou esclarecido (a) sobre seu conteúdo. Declaro, ainda, por minha livre vontade, que aceito participar, cooperando com o registro de informações para a mesma, aceitando a publicação no trabalho de tese de falas e imagens. Belém, ____/____/2021.

Assinatura do (a) participante voluntário (a)

Andréa Lima de Souza Cozzi CPF:

Carlos Aldemir Farias da Silva CPF:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para você participar voluntariamente da pesquisa de doutorado intitulada: **Vozes do rio e da mata: saberes ambientais em narrativas orais**, desenvolvida por Andréa Lima de Souza Cozzi, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação do professor Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

A pesquisa objetiva conhecer quais os saberes sobre o meio ambiente encontramos na ilha e como aparecem nas histórias contadas pelo Mestre Simeão, contador de histórias da ilha do Murutucu.

Sua participação constitui-se de suma importância, pois seus conhecimentos ajudarão outras pessoas a conhecerem a fauna e a flora da ilha e a pensarem na importância de cuidar do meio ambiente. Assim, sua participação acontecerá por meio das respostas que você vai escrever e desenhar no caderno de atividades chamado **Nas trilhas da Curupira**.

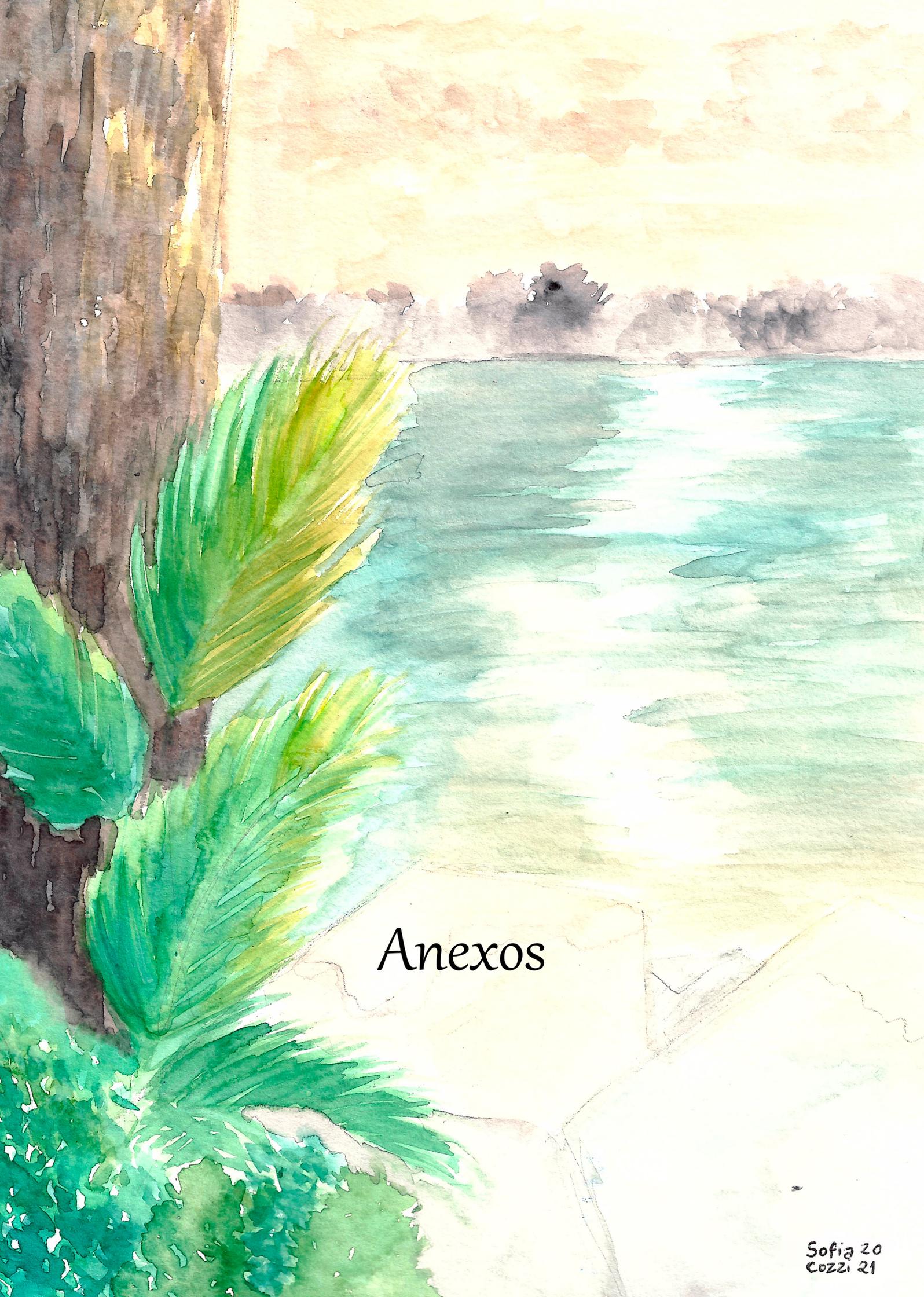
Poderemos utilizar também suas imagens fotográficas, áudios, vídeos, desenhos a fim de evidenciar aspectos das práticas educativas e dos saberes observados na pesquisa. Será informado seu nome civil no relatório da pesquisa – tese doutoral. Ressaltamos que sua participação poderá ser interrompida a qualquer momento, quando iremos devolver-lhes os depoimentos registrados sem que haja nenhum prejuízo para si.

Ao término da pesquisa, iremos mostrar a você, seus professores e pais o resultado, especialmente na forma de um Almanaque dos saberes da ilha, intitulado Samaúma.

Para demonstrar que aceitou e entendeu os passos da pesquisa, peço que escreva seu nome completo e faça um desenho de você para que possamos lhe conhecer. Já estamos felizes em aprender com você sobre o lugar onde você vive.

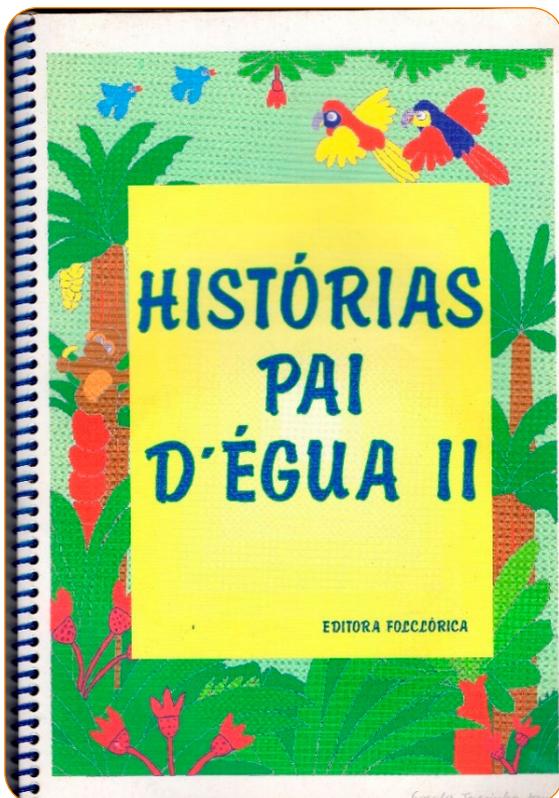
Seu nome: _____ Idade: _____

Eu sou assim



Anexos

**Livro Texto produzido pelos alunos participantes
do Projeto Ciência do Povo na Escola**



ÍNDICE

O TIGRE QUE VIRAVA HOMEM	1
O PACTO	2
A MOCINHA QUE VIROU COBRA	3
A MATINTA PERERA	4
A COBRA GRANDE	5
OS ENCANTOS DA FLORESTA AMAZÔNICA	6
O CASTELO MAL ASSOMBRADO	7
A VISAGEM DO QUINTAL	8
ASSOMBRAÇÕES NA MATA	9
O HOMEM	10
MÃE D'ÁGUA	11
A LENDA DA TARA	12
A CASA MAL ASSOMBRADA	13
MATINTA PERERA	14
CAUSO EM BENEVIDES	15
A LET DAS BORBOLETAS	16

O TIGRE QUE VIRAVA HOMEM

Era uma vez numa cidade bem longe muito distante de Capanema. Morava uma mulher dentro da floresta, ela os dois filhos e o marido. Seu nome era Dalva, e de seu marido Raimundo. Um dia o pai das crianças saiu para trabalhar, só voltando tarde para casa, preocupando Dalva. No outro dia os dois brigaram, Raimundo disse para Dalva que não ia dormir em casa, pegando sua mala, colocou toda sua roupa e foi embora para a floresta. E as crianças perguntavam para dona Dalva:

- Mãe, cadê o papai?
- Nós dois tivemos uma discussão e seu pai falou que nunca mais voltará - respondeu dona Dalva.

Seu Raimundo dormia na floresta, sozinho. Um dia saiu para caçar, só que não pegou nada e voltou para a floresta.

À noite ele ouviu um barulho e foi ver o que era, levou sua espingarda. Viu uma coisa correndo pelo mato, seu Raimundo curioso, saiu correndo também para ver o que era aquilo, porém seu Raimundo não conseguiu mais ver. De repente, aquela coisa estava atrás dele, ele apontou a espingarda para aquela coisa, que somente agora mais próxima ele pôde perceber que era um tigre que havia pulado em cima dele mordendo-o. Seu Raimundo deu um grito que dona Dalva chegou a escutar ficando desesperada.

Pela manhã dona Dalva só pensava naquele grito e se perguntava como estaria seu Raimundo, será que estaria ferido?

Passados alguns dias, chegou à sexta-feira, noite de lua cheia.

Seu Raimundo percebeu que estava acontecendo alguma coisa com ele, estava se transformando em tigre, com garras grandes e muito feroz. Ele saiu correndo pela floresta atrás de sua mulher e os filhos, para levá-los para sua casa, mas quando dona Dalva viu aquilo, correu rapidamente para proteger seus filhos pegando o revólver, ele foi e trouxe, dando para a mãe que imediatamente atirou na patra do tigre. E o tigre atirado saiu mancando.

Chegando em sua casa cheio de sangue, o tigre rapidamente virou homem, tratando de cuidar do ferimento, enrolou um pano nas pernas e dormiu.

No sábado à noite seu Raimundo transformou-se em tigre novamente e foi na casa de dona Dalva, que estava com aquele revólver, quando ela viu o tigre, deu três tiros certeiros, e o tigre virou um homem, para a surpresa de dona Dalva era o seu Raimundo. Ela e seus filhos choraram muito, e mandaram um carro vim buscar o corpo.

Thiago Costa

O PACTO

Aconteceu em Penhalonga, um interiorzinho perto de Vigia. Eram dois meninos, um se chamava João e o outro José, eram super amigos.

Com o passar do tempo João morreu, José e João tinham feito um pacto quem morresse primeiro vinha buscar o outro para não ficarem sozinhos.

José foi para o enterro do seu grande amigo, quando ele voltou do enterro sentiu alguma coisa lhe perseguindo, ele andou mais rápido e aquela pessoa continuava perseguindo. José parou olhou para trás e não viu nada, até que ele conseguiu se esconder e aquela coisa sumiu.

José lembrou-se do pacto que tinha feito com seu amigo João. Foi até o padre e falou do pacto, o padre foi até a casa de José para rezar, mas nada adiantou, depois de dez dias José morreu.

Filipe Arthur

A COBRA GRANDE

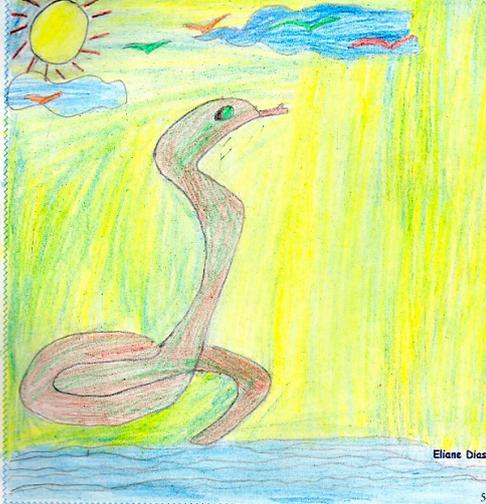
Era uma vez um homem e uma mulher que foram pescar no rio Abaeté, eles viram uma cobra sucuri muito grande, ficaram apavorados. O homem que andava com sua espingarda atirou na cobra, a cobra mergulhou e ele pensou que havia acertado a cobra.

Após fazer o caso foi dormir, pela manhã eles acordaram e a mulher foi puxar água no poço para lavar as louças, quando viu uma coisa se mexendo, ela chamou o marido para ver o que era, ele foi lá e era a mesma cobra que viram no outro dia.

A sucuri pegou o homem levando para o fundo do mar, a mulher ficou a gritar seu nome, mas ele já estava morto. Foi quando ela percebeu sangue na água, ficou muito assustada, ligou o motor do barco e foi pedir ajuda, porém a cobra estava atrás dela, só que ela conseguiu chegar na beira do mar para pedir ajuda as pessoas, falou que tinha uma cobra muito grande no rio Abaeté, esta cobra havia devorado seu marido.

As pessoas pegaram suas espingardas e foram atrás da cobra, mas não a encontraram, somente os ossos do homem, quando a mulher viu os ossos de seu marido chorou muito e foi para casa.

Após muito tempo os pescadores conseguiram matar a cobra grande e nunca mais aconteceu um caso assim.



5

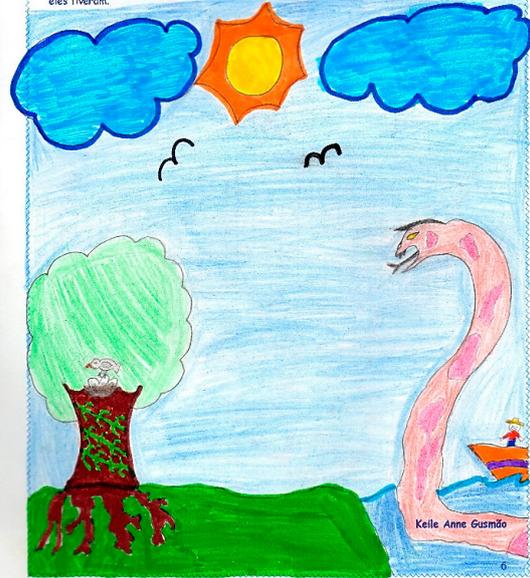
OS ENCANTOS DA FLORESTA AMAZÔNICA

Na floresta Amazônica estão os mais belos animais, começando pela Urupuru o mais belo dos pássaros, ele tem o mais lindo dos cantos, dizem que quando ele canta todos os outros pássaros se calam, dizem também que é um canto muito sofrido, sabe porque? Eu sei, mas outra vez eu conto para vocês!

Agora vamos falar da Curupira, eu pelo menos já ouvi falar e agora falo para vocês, o Curupira é um dos grandes defensores da meio ambiente, dizem que ele tem os pés virados para trás para confundir os caçadores, pôs no Curupira eu boto fé um a mais defendendo a natureza.

A Boiúna, ou melhor, dizendo, a cobra grande, para quem já viu a cobra grande e escapou com vida foi muita sorte! Contando a história, a cobra tem olhos que parecem dois faróis ligados, quando abre a boca parece que vai engolir o barco numa bocanhada só.

Eu confesso, se visse essa cobra juro que chegaria a ponto de desmaiar, mas que sorte que eles tiveram.



6

O HOMEM

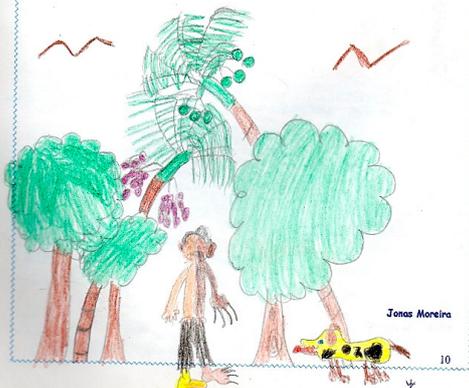
Essa história é real, aconteceu há muito tempo atrás e foi contada de uma pessoa para outra até chegar a minha prima que me contou que num interior havia um barco de um homem que morava apenas com seu cachorro. As pessoas só conseguiam vê-lo às seis horas da manhã quando ele passava com seu cachorro, daquele momento em diante não se via mais o homem, a não ser no outro dia no mesmo horário. Mas tinha uma coisa, quando ele passava de manhã com o cachorro ao chegar as seis da tarde o cachorro voltava sozinho.

Todos ficaram pensando como ele fazia para voltar sem ninguém vê-lo. Porém uma vez após o meio-dia todos começaram ouvir um gemido muito alto, parecia de um boi, ao mesmo tempo dava medo porque o gemido mudava de lugar bem rápido às vezes o gemido seguia as pessoas pelos caminhos. Foi então que todos começaram a dizer que aquele homem que passava sempre às seis horas da manhã virava bicho e era ele que fazia aquele barulho e as pessoas ficaram com medo.

As crianças daquele lugar começaram a sussurrar, as pessoas ficaram aterrorizadas. Mas foi aí que todos do interior suspenderam do homem que virava bicho, e juntaram-se para pegá-lo.

Às seis horas da manhã o homem passou, e as pessoas o cercaram, só que tiveram uma grande surpresa, ele virou diante dos olhos de todos um bicho horrível com cara de lobo, presas enormes e patas de cavalo, parecia um labisomem. Foi quando um dos moradores atirou no bicho e ele saiu correndo mata adentro e muitos dos moradores correram atrás, porém o perderam de vista e voltaram para suas casas, mas o bicho ficou ferido.

Com dois dias revolveram ir até a casa do homem que virava bicho, quando lá chegaram o encontraram morto, metade era gente, metade era bicho. Com ele encontraram os ossos das crianças que ele raptava para comer. O cachorro até hoje não se dele.



10

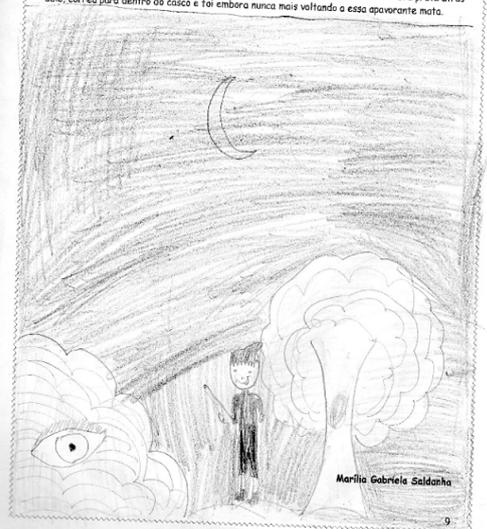
ASSOMBRAÇÕES NA MATA

Essa história é real, aconteceu com o tio da minha mãe!

Numa noite de luar o tio da minha mãe foi caçar, quando ele estava no meio do rio ele ouviu alguém entrar no casquinha dele mas como estava escuro não deu para ver nada, ao chegar no outro lado ele encontrou o casquinha na margem e ouviu alguém entrando no rio e uma voz falando: - obrigadool!

Ao entrar na mata ele viu um olho brilhando atrás de uma moita e pensou que fosse uma falha que estivesse cobrindo o outro olho, ele atirou na fera que deu uma gargalhada: - hã hã hã hã hã hã ele tremeu de medo mas tinha que se preparar para outras coisas estranhas que iriam acontecer com ele.

Continuou andando pela mata até ter a sensação de estar sendo vigiado por alguém. O olho assustado para trás e não viu ninguém, procurou nas plantas e ninguém por lá, continuou andando e novamente teve a sensação de estar sendo seguido, olhou para trás e viu uma sombra preta atrás dele, correu para dentro do casco e foi embora nunca mais voltando a essa aterrorizante mata.



9

CAUSO EM BENEVIDES

Um dia uma moça que caminhava lá na vila do capanga passou em frente de uma casa bem velhinha e na frente da casa uma senhora de mais ou menos 70 anos se balançava em uma cadeira de palha. A moça pediu-lhe um copo de água, a senhora levantou-se e foi pegar água, enquanto isso, chegou um senhor também velhinho e começou a conversar com a moça. Conversa vai, conversa vem, a moça tomou água e saiu.

Ao chegar na casa de sua tia contou que havia bebido água no caminho, na casa de um casal de velhinhos logo no começo da vila, e que tinha convidado a senhora para ir lá na casa da tia tomar aqui.

Todos ficaram apavorados, pois esse casal de velhinhos já havia morrido há muito tempo. Passados alguns dias o pessoal foi amassar aqui para beber, quando batiaram na porta, sabe quem era? Pois é, a velhinha foi tomar aqui! Foi o maior vacilouco.



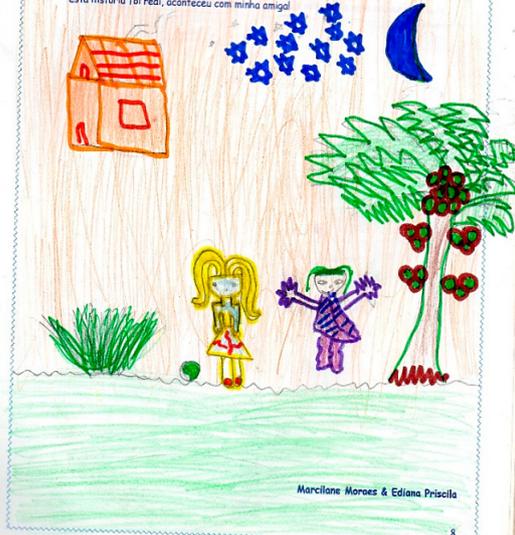
A VISAGEM DO QUINTAL

Era uma vez uma menina que se chamava Priscila, todos os dias ela ia brincar na casa de uma colega, mas quando chegava a noite elas terminavam de brincar e a colega levava Priscila até a porta.

Certo dia sua colega falou que não poderia deixá-la no portão pois teria que dormir cedo, Priscila com medo foi sozinho pelo enorme quintal, quando estava no meio do caminho ouviu um assombração horrível, ela estava tão assustada que não sabia o que fazer, tentou correr mas tropeçou em um coco velho e a visagem foi se abaixando e quase pegou no pé de Priscila, ela deu um chute no peito da visagem e saiu correndo.

Chegando em casa contou para sua mãe o que tinha acontecido que a visagem era toda coberta de ferro, as unhas eram grandes e afiadas, seu rosto era muito feio com olhos vermelhos que mudavam de cor. Desde aquele dia Priscila nunca mais foi à casa de sua colega.

Esta história foi real, aconteceu com minha amiga!



Textos selecionados do Prêmio Escrevendo o Futuro**Bela Belém...**

Belém cidade das mangueiras,
venha sentir a erva que cheira,
venha sentir a harmonia da natureza,
venha conhecer a cidade que é pura beleza.

Belém cidade do Ver-o-Peso,
da feira livre, cidade do tucumã,
do açai,
do rio Guamá.

Cidade do peixe que na rede balança,
cidade das frutas,
das loções de Dona Cheirosa,
o cheiro que transborda na cidade formosa.

Belém cidade dos casarões antigos do século XVIII,
os azulejos de herança portuguesa,
de rara beleza.

Belém das danças,
do carimbó, siriá, do lundu
Belém do arraiá.
Belém do Círio de Nazaré,
que neste dia em Belém arde a fé,
e o asfalto quente arde no pé.

Belém do pato no tucupi,
do bacuri, do tacacá,
e outras comidas que eu posso rimar.

Vem viver bem conhecendo Belém!!!

Marília Gabriela Silva Saldanha – 10 anos

Poesia

O Ver-o-Peso é um dos principais e mais belos pontos turísticos de Belém do Pará. O Ver-o-Peso é uma feira livre que fica no centro comercial de Belém.

Você quer saber um pouco da história do nome do Ver-o-Peso? Então lá vai: no século XVIII, os pescadores embarcavam peixes para a feira, e na hora de pesar havia algumas pessoas que pensavam ser enganadas pelos pescadores. O administrador da feira resolveu então colocar uma balança bem grande no centro da feira, e aquela pessoa que tivesse dúvidas sobre o peso, os empregados do mercado diziam assim: Vem Ver-o-Peso! E os fregueses iam até lá para conferir. E é por isso que até hoje o nome da feira tão “fascinante” é Ver-o-Peso.

Quem vai ao Ver-o-Peso fica totalmente encantado com suas atrações! Uma delas são as frutas. Assim que você entrar no Ver-o-Peso e sentir um cheiro gostoso, forte que te der água na boca, pode ter certeza que é o cupuaçu. Com o cupuaçu, você pode fazer cremes, sorvetes, sucos, bombons e doces, que vão te fazer acreditar que você está saboreando o manjar dos deuses.

Você vai gostar muito do açaí, um mulato gostoso que pode ser misturado com a farinha de tapioca, com a farinha d’água, com o charque, com camarão, hummm! O açaí é usado como refeição de todos os dias para as pessoas de baixa renda. Outras pessoas preferem tomar o açaí naquele final de tarde chuvoso, quando bate a preguiça. Quer coisa mais gostosa que isso?

O Ver-o-Peso tem suas verduras e legumes. Uma bastante popular é o jambu. O jambu são folhas, e são muito usadas no tacacá (comida típica do Pará). Assim que você experimentar o jambu, você vai sentir uma coisa diferente em sua boca: um tremorzinho gostoso e diferente que você nunca vai sentir em lugar nenhum!

Você quer conhecer um pouco do artesanato que você pode adquirir passando no Ver-o-Peso? Tem o brinquedo de miriti, que são os barquinhos, as cobrinhas, os bonequinhos e outros. Os brinquedos de miriti são mais vendidos na época do Círio (a grande festa da fé dos paraenses, uma das maiores festas religiosas do Brasil, que acontece no segundo domingo de outubro atraindo muitos turistas), período em que os artesões produzem mais brinquedos.

O Ver-o-Peso oferece também pra você a cerâmica marajoara, que são os objetos que podem ser feitos de argila (barro), como: pratos, panelas, potes, vasos e brinquedos.

Temos as vendedoras de ervas medicinais. Elas têm ervas medicinais e ervas atrativas. Você sabe quais são as ervas medicinais? Não? Então vou te falar. As ervas medicinais são aquelas que curam doenças. Dentre elas, podemos citar: cidreira, que serve para quem sofre de insônia; a babosa, que dizem servir para combater o câncer; a andiroba serve para inflamações. Tem também as ervas atrativas que são: chora nos meus pés, pega e não me larga, o chama, que segundo as vendedoras de ervas, chama amores, sorte nos negócios e tudo de bom.

De todas as vendedoras, existe uma muito famosa chamada Dona Cheirosa. Ela já deu uma entrevista para Ana Maria Braga, Regina Casé e muita gente famosa. Dona Cheirosa tinha uma mãe chamada Dona Ramira Lopes, mais conhecida como Mãe Velha, que era filha

de índios, e quem ensinou a Dona Cheirosa os segredos das ervas, e que, por sua vez, ensinou para Beth, uma de suas filhas, que vem auxiliando a mãe na venda de ervas.

Farinha, ervas, frutas, tucupi, artesanato e açaí têm no Ver-o-Peso. Ficou com vontade de conhecer? Então corra que as portas desse mercado encantador estão abertas!

Geisiane Flor da Silva – 11 anos

Texto de reportagem turística

A chuva de Belém

Belém é uma das cidades que mais chove no Brasil. A chuva em Belém cai geralmente no início da tarde. É muito difícil um morador da cidade sair sem sombrinha ou guarda-chuva.

Reconheço que a chuva é um dos principais alimentos da planta e vem refrescar as tardes quentes de Belém. Mas, por outro lado, a chuva traz muitos prejuízos em nossa cidade, principalmente para as pessoas que moram no subúrbio, onde as ruas não são asfaltadas e não têm esgotos.

No Castanheira, bairro onde moro, tem apenas uma rua asfaltada. Quando chove, o bairro alaga e, após a chuva, em virtude da lama, as crianças não têm onde brincar.

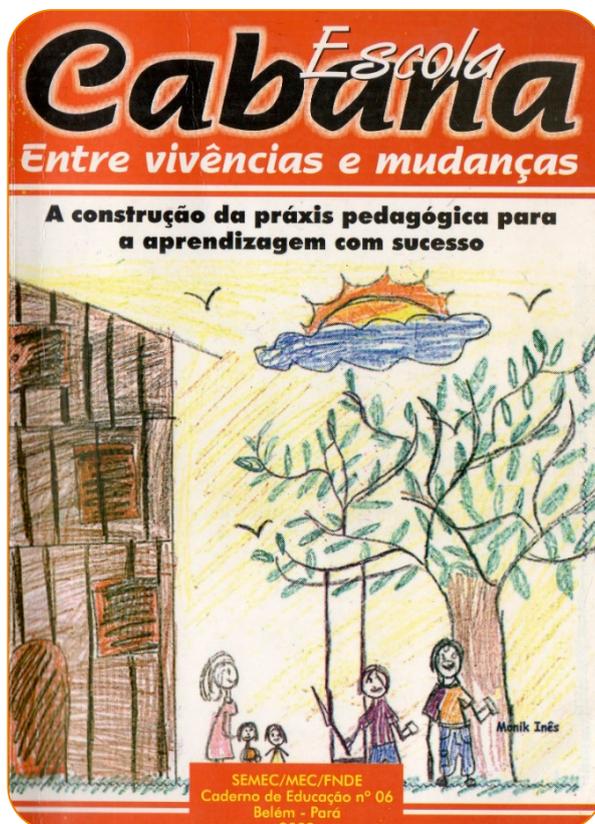
Um certo dia, após uma tarde de chuva, uma moradora do bairro caiu num bueiro e teve que esperar mais de uma hora para ser resgatada.

Seria tão bom se o bairro da Castanheira tivesse pelo menos o mínimo de saneamento básico. Como não temos área de lazer, ruas asfaltadas seriam uma alternativa para as crianças brincarem. Os moradores também estariam menos sujeitos a doenças causadas pela falta de saneamento básico.

Lilian Bruna Lobato Silva – 11 anos

Texto de opinião

Capas com desenhos feitos pelos pequenos contadores TUERARUP



"O mestre Paulo Freire ensina que não é possível esperar que a sociedade solidária e justa se realize para só então por-se em prática a construção de uma educação crítica e libertadora. É na sociedade atual, e por causa dela que individual e coletivamente os educadores devem assumir o papel de sujeitos construtores da escola e da sociedade liberta de opressão".

Edmilson Rodrigues
Extraído do Livro Nave do Futuro. Prefeitura Municipal de Belém : Labor Editorial, 2000



BELEMDOPARA
S E M E C
CARIÓTIPO DO PÓVO

Movimento de Contadoras e Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM) QUEM SOMOS E O QUE FAZEMOS?

Somos o Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia! E dizer-se da Amazônia não é apenas pertencer a um espaço geográfico delimitado por linhas de um mapa. Além de estarmos na Amazônia, somos da Amazônia, pois ser da Amazônia é uma questão de identidade. Ser da Amazônia é compreender que, além da paisagem natural e romanticamente desenhada com muito verde e exuberância, compomos uma paisagem social, construída de contrastes e contradições, mas encharcada de mitos, lendas, encantos, narrativas, oralidade...

Geograficamente falando, deveríamos compor o Estado ou a Região dos contadores de histórias do Brasil e, quem sabe, do mundo. Isso porque, em nível identitário, carregamos e semeamos a cultura oral, o seu fortalecimento através das histórias que contamos. Essa é nossa identidade! Somos da Amazônia pelo fato de permanecermos impregnados da identidade dos nossos mais antigos ancestrais. Não exatamente a tradição de terem vivido às margens de rio, mas por moverem esse rio com a marca forte das poéticas orais. É com nossas histórias que permitimos que o invisível seja revelado! As histórias são reveladoras de práticas sociais e culturais, de crenças, de desejos, de saberes...

Ser contador de histórias da Amazônia é ouvir ou ler uma história e sentir uma cuíra para [re]contá-la! É sentir, no ato de contar histórias, a energia da leitura dos olhos dos ouvintes e perceber que ali somos reconhecidos como um ser que vive a “realidade” contada. É contar a história em primeira pessoa e revelar, naquele momento, que o fato narrado aconteceu com alguém próximo do contador ou até mesmo com quem está narrando a história. E este ser da Amazônia não está cristalizado no tempo, ele recebe influências diversificadas de grupos sociais urbanos, industriais, religiosos, étnicos... influências essas que geram certa descontinuidade que se contrapõe às práticas tradicionais – processo natural e condizente com o desenvolvimento histórico e com os ritmos das mudanças. Isto ocorre porque a identidade não é imutável, é como o rio, líquida, e percorre caminhos diferentes de acordo com as relações de pertencimento e de empoderamento. Nossa identidade, ou nossas identidades, estão em constante processo de refazer e reinventar a própria história.²

Ratificando, somos um Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia não por vivermos na Amazônia, mas por termos um compromisso político e social para além do local em que nascemos ou pertencemos. Nosso interesse, acredito, é [re]inventar os caminhos de nossa história. É nos revelarmos vivos e atuantes através de nossas narrativas. É fortalecer nosso compromisso político e social em formar ouvintes e leitores críticos que possam ser capazes de sempre orgulhar-se e reconhecer-se como um ser da Amazônia.

² Texto elaborado pelos integrantes do Movimento de Contadoras e Contadores de histórias da Amazônia.

Foi por isso que, no dia 18 de abril de 2011, pensou-se em formar o MOCOHAM – Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia, por acreditar que podemos “carregar água na peneira”, enxugar chuvas de tristeza, molhar o sol com a esperança... E quanta experiência já ganhamos!!! Experiências trocadas nas edições do “Nem te Conto” (Encontro de contadores de histórias da Amazônia – III edições realizadas: 2011, 2014, 2016), nas Pororocas de histórias (Festival de Histórias – X edições realizadas, até 2021), no Palavra de poeta (sarau mensal realizado na primeira segunda feira do mês no espaço da livraria Fox), no Sapopema (encontros bimestrais com temáticas específicas sobre o ouvir e contar histórias), nas Samaúmas (bibliotecas comunitárias na região insular de Belém), além das nossas formações, oficinas, sessões de contações, diálogos em redes sociais, ampliação de repertório bibliográfico sobre a arte de contar histórias, trocas de saberes.... E, ainda, na curadoria dos seguintes eventos: I Encontro de Contadores de histórias do Vale do Paraíba/SP, I Feira do livro de Marituba, Feira de literatura infantojuvenil de Belém/FLIBE, I Festa literária de Belém e no Pará Ler: nossa festa literária, realizada pela Fundação Cultural do Pará.

No ano de 2012, o Movimento de Contadores de histórias da Amazônia recebeu o reconhecimento da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, por intermédio da Moção nº 95/2012, de autoria do Deputado Estadual Edmilson Rodrigues.

Em 29 de junho de 2016, foi realizada na Câmara Municipal de Belém uma audiência pública intitulada “A valorização do Contador de histórias da Amazônia”, convocada pelo vereador Wellington Magalhães, visando a criação de ementa que garanta a valorização e profissionalização do contador de histórias. Estiveram presentes na sessão membros do MOCOHAM, o representante da Fundação Cultural do Pará, da Livraria Fox, professores, escritores e demais interessados na temática.

Como Movimento de Contadores de Histórias, temos os seguintes objetivos:

- promover a constituição de uma teia de contadores e contadoras de histórias e mediadores e mediadoras de leitura na/da Amazônia integrando-os para o fortalecimento dessa arte milenar;
- realizar ações formativas itinerantes ou simultâneas nos municípios e estados que tenham membros do MOCOHAM, com as temáticas sobre a arte de contar histórias e mediar leitura, por meio de palestras, mesas-redondas, relatos de experiências, rodas de histórias etc., congregando contadores, arte-educadores, pesquisadores, professores, pais, avós, estudantes e público em geral que se identifiquem com a arte de contar histórias e sua importância, possibilidades e potencialidades para a sensibilização da sociedade contemporânea;
- construir uma cartografia dos múltiplos agentes sociais envolvidos na arte de contar histórias e mediar leitura na Região Amazônica;
- fomentar a formação de uma Associação dos contadores de histórias da Amazônia;
- criar a Semana estadual dos contadores e contadoras de histórias e mediadores e mediadoras de leitura junto ao representante da pauta cultural da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, e demais estados que possuam membros do Movimento;

- promover a troca de experiências no âmbito do trabalho com a contação de histórias entre os educadores, a fim de incorporar e ampliar nos espaços educativos os diálogos, incentivo e apoio às pesquisas e vivências sobre oralidade-leitura-escrita.

Para realizar estes objetivos, algumas ações foram idealizadas – muitas já realizadas, outras a realizar – listadas abaixo:

1. Samaúmas - bibliotecas comunitárias

Objetivo: Democratizar o acesso à leitura, ao livro e as ações de promoção de práticas leitoras em todos os municípios e estados que tenham membros do MOCOHAM.

Meta: Implantar cinco novas bibliotecas comunitárias e fortalecer as três existentes.

Ações:

- Aquisição de acervo, caixa estante para implantar as novas bibliotecas e para a reserva técnica;
- Realização de formações aos Agentes de leitura sobre a organização básica e dinamização de acervo;
- Confecção de estandartes para divulgação das bibliotecas comunitárias;
- Disponibilização de materiais de processamento técnico;
- Locação de transporte rodofluvial para acesso às bibliotecas;
- Divulgação nas comunidades locais da existência das bibliotecas comunitárias;
- Organização do cronograma para formações e ações de incentivo à leitura.

2. Cartografia dos contadores e contadoras de histórias/CH e mediadores e mediadoras de leitura/ML da Amazônia

Objetivo: Realizar cartografia dos contadores de histórias e mediadores de leitura da região amazônica, visando a disponibilização do mapeamento em um ambiente digital (plataforma) que proporcione a valorização, divulgação e a troca de experiências.

Meta: Criar uma plataforma digital com a cartografia, proporcionando o agregamento e a visibilidades dos CH e ML.

Ações:

- Contratar pessoa física ou jurídica para construir o ambiente digital que abrigará a plataforma do MOCOHAM;
- Realizar ações (bazar, oficina etc.) visando a arrecadação de fundos para a criação e manutenção da plataforma;
- Itens da Plataforma:
 - ✓ Campo para cadastro dos CH e ML (nome, foto, localidade, breve currículo, espaço para divulgação de mídias sociais, canal de Youtube, podcast etc.);

- ✓ Ações do MOCOHAM (Nem te conto, Festival Pororoca de histórias, Samaúmas – bibliotecas comunitárias, Sapopemas – encontros formativos, Escutatória, Narrações de histórias);
- ✓ Fórum de discussões;
- ✓ Biblioteca (Teses, dissertações, artigos, referência bibliográfica);
- ✓ Espaço para registros das narrativas coletadas;
- ✓ Espaço MocoHam-gito (histórias, poemas, adivinhas, parlendas, cantigas e roda, trava língua e demais propostas brincantes);
- ✓ Espaço para a divulgação dos projetos parceiros e instituições parceiras.
- Ampla divulgação da Plataforma nas mídias sociais ou outros meios de comunicação para que os CH e ML possam realizar o cadastro;
- Lançamento da Plataforma digital.

3. Ações formativas (Nem te Conto – encontro de contadoras e contadores de histórias da Amazônia, Sapopema)

Objetivo: Fomentar diálogos, pesquisas, vivências e trocas de experiências sobre contar histórias e mediar leitura por intermédio de encontros formativos.

Meta: Realizar anualmente o Nem te conto – encontro de contadoras e contadores de histórias da Amazônia, e trimestralmente o Sapopema, encontro com temáticas específicas voltado para os membros do MOCOHAM.

Ações:

- Planejar a 4ª edição do Nem te conto – encontro de contadores e contadoras de histórias da Amazônia (a proposta é que ocorra em março, durante a semana das celebrações pelo dia internacional do contador de histórias);
- Legalização do MOCOHAM;
- Busca por parcerias e a inscrição em editais de fomento à cultura para a realização do Nem te conto;
- Realizar trimestralmente as Sapopemas - encontros formativos simultâneos nos demais municípios e estados (proposta que ocorram em junho, setembro e dezembro) com temáticas apontadas pelos membros do MOCOHAM.

4. Contações de histórias, mediações de leitura, escutatória e Festival Pororoca de histórias

Objetivo: Disseminar as práticas de contar, ouvir e ler histórias, assim como reunir CH e ML em seu ofício essencial de narrar e ler histórias;

Meta: Realizar anualmente o Festival Pororoca de histórias e construir o calendário de contações de histórias, escutatória e mediações de leitura do MOCOHAM.

Ações:

- Planejamento da 10ª edição do Festival Pororoca de histórias;

- Busca por parcerias e a inscrição em editais de fomento à cultura para a realização do Festival Pororoca de histórias;
- Mobilização dos contadores e contadoras de histórias convidados para o Festival;
- Divulgação do evento;
- Inscrição de escolas públicas e privadas para compor um público de estudantes e acompanhantes (pais e educadores) divididos em sessões com uma hora de duração;
- Transporte para o evento por meio da parceria com as escolas;
- Realizar contações de histórias, escutatória e mediações de leitura em escolas, bibliotecas, hospitais, praças, abrigos, asilos etc., conforme cronograma feito pelo MOCOHAM ou convite;
- Realizar semestralmente, em parceria com a livraria Fox, o Maresia de histórias, sessão de histórias com a narrativa de um autor, em seguida o bate papo com o mesmo, ou com um convidado que discuta a obra do escritor escolhido.

O Baú das Histórias³

Kwaku Ananse, o homem-aranha, queria comprar as histórias de Nyame, o Deus do Céu, para contar ao povo de sua aldeia, então por isso um dia ele teceu uma imensa teia de prata que ia do céu até o chão e por ela subiu. Quando Nyame ouviu Ananse dizer que queria comprar as suas histórias, ele riu muito e falou:

- *O preço de minhas histórias, Ananse, é que você me traga Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo, e Moatia, a fada que nenhum homem viu.*

Ele pensava que com isso faria Ananse desistir da idéia, mas ele apenas respondeu:

- *Pagarei seu preço com prazer, ainda lhe trago Ianysia, minha velha mãe, sexta filha de minha avó.*

Novamente, o Deus do Céu riu muito e falou:

- *Ora Ananse, como pode um velho fraco como você, tão pequeno, tão pequeno, tão pequeno, pagar o meu preço?*

Mas Ananse nada respondeu, apenas desceu por sua teia de prata que ia do Céu até o chão para pegar as coisas que Deus exigia. E correu por toda a selva até que encontrou Osebo, leopardo de dentes terríveis.

- *Aha, Ananse! Você chegou na hora certa para ser o meu almoço.*

O que tiver de ser será, disse Ananse. *Mas primeiro, vamos brincar do jogo de amarrar?*

O leopardo, que adorava jogos, logo se interessou.

- *Como se joga este jogo?*
- *Com cipós, eu amarro você pelo pé e pelo pé com o cipó, depois desamarro, aí, é a sua vez de me amarrar. Ganha quem amarrar e desamarra mais depressa.*
- *Muito bem* – rosnou o leopardo que planejava devorar o homem-aranha assim que o amarrasse.

Ananse, então, amarrou Osebo pelo pé, pelo pé, pelo pé e pelo pé, e quando ele estava bem preso, pendurou-o amarrado a uma árvore dizendo:

- *Agora Osebo, você está pronto para encontrar Nyame, o Deus do Céu.*

Aí, Ananse cortou uma folha de bananeira, encheu uma cabaça com água e atravessou o mato alto até a casa de Mmboro. Lá chegando, colocou a folha de bananeira sobre sua cabeça, derramou um pouco de água sobre si, e o resto sobre a casa de Mmboro dizendo:

³ HALEY, Gail. **O baú das histórias**. Rio de Janeiro: Crianças Criativas, 1991.

- *Está chovendo, chovendo, chovendo, vocês não gostariam de entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas?*
- *Muito obrigado! Muito obrigado!* – zumbiram os marimbondos entrando para dentro da cabaça que Ananse tampou rapidamente.

O homem-aranha, então, pendurou a cabaça na árvore junto a Osebo dizendo:

- *Agora Mmboro, você está pronto para encontrar Nyame, o Deus do Céu.*

Depois, ele esculpiu uma boneca de madeira, cobriu-a de cola da cabeça aos pés, e colocou-a aos pés de um flamboyant onde as fadas costumam dançar. À sua frente, colocou uma tigela de inhame assado, amarrou a ponta de um cipó em sua cabeça, e foi se esconder atrás de um arbusto próximo, segurando outra ponta do cipó, e esperou. Minutos depois, chegou Moatia, a fada que nenhum homem viu. Ela veio dançando, dançando, dançando, como só as fadas africanas sabem dançar, até aos pés do flamboyant. Lá, ela avistou a boneca e a tigela de inhame.

- *Bebê de borracha* – disse a fada – *estou com tanta fome, poderia dar-me um pouco de seu inhame?*

Ananse puxou a sua ponta do cipó para que parecesse que a boneca dizia sim com a cabeça, a fada, então, comeu tudo, depois agradeceu:

- *Muito obrigada, bebê de borracha.*

Mas a boneca nada respondeu, a fada, então, ameaçou:

- *Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou te bater.*

E como a boneca continuasse parada, deu-lhe um tapa ficando com sua mão presa na sua bochecha cheia de cola. Mais irritada ainda, a fada ameaçou de novo:

- *Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou lhe dar outro tapa.*

E como a boneca continuasse parada, deu-lhe um tapa ficando agora, com as duas mãos presas. Mais irritada ainda, a fada tentou livrar-se com os pés, mas eles também ficaram presos. Ananse então, saiu de trás do arbusto, carregou a fada até a árvore onde estavam Osebo e Mmboro dizendo:

- *Agora Moatia, você está pronta para encontrar Nyame, o Deus do Céu.*

Aí, ele foi à casa de Ianysíá sua velha mãe, sexta filha de sua avó e disse:

- *Ianysíá, venha comigo, vou dá-la a Nyame em troca de suas histórias.*

Depois, ele teceu uma imensa teia de prata em volta do leopardo, dos marimbondos e da fada, e uma outra que ia do chão até o Céu e por ela subiu carregando seus tesouros até os pés do trono de Nyame.

Ave Nyame! – disse ele – *aqui está o preço que você pede por suas histórias: Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu. Ainda lhe trouxe Ianysíá, minha velha mãe, sexta filha de minha avó.*

Nyame ficou maravilhado, e chamou todos de sua corte dizendo:

- *O pequeno Ananse trouxe o preço que peço por minhas histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas pertencem a Ananse e serão chamadas de histórias do homem-aranha! Cantem em seu louvor!*

